

Pe. Leão Dehon

Memórias

(Notes sur l'histoire de ma vie)

Vol - VII

Janeiro 1877 - Novembro 1881

Edições Noviciado

Aveiro 2008

Introdução e notas
de
Pe. Giuseppe Manzoni, scj

-

Versão portuguesa
de
Pe. Ângelo Caminati, scj

Apresentação à edição portuguesa

O Pe. Ângelo Caminati, nos seus tempos de vida "semi-anacorética" junto ao Santuário de Nossa Senhora da Rocha, em Carnaxide, ocupou parte do tempo na tradução para português das "*Notes sur l'histoire de ma vie*", escritas pelo nosso Fundador, o Venerável Pe. Leão Dehon. Pedi-lhe que me cedesse o trabalho. Os noviços lançá-lo-iam no computador, em ordem a uma possível e desejável publicação. Ao mesmo tempo aproveitariam para contactar com uma das mais interessantes obras manuscritas do Pe. Dehon. O Pe. Ângelo entregou-me cerca de duzentos cadernos, escritos à mão por ele, com as traduções. De 1996 a 2000, vários grupos de noviços, nos tempos livres, foram lançando os textos no computador. Ainda em 2000, o então noviço Victor Silva fez o tratamento informático do texto e, com a minha colaboração, a revisão do mesmo, uma revisão muito apressada. A 1 de Setembro do mesmo ano, saiu uma edição provisória. Começando a usar o texto, verifiquei que havia muitos erros e que faltava mesmo, aqui e ali, alguma linha ou parágrafo. Em 2005, pedi ao Pe. António Correia que fizesse uma nova revisão do texto, comparando-o com o original editado pelo Centro Geral de Estudos. O Pe. António fez essa revisão que, informaticamente tratada pelo noviço Antonino Gomes de Sousa, é agora publicada, apesar de subsistirem alguns erros ortográficos, que o computador nem sempre detecta, e mesmo outros de tradução de certas palavras e expressões, nem sempre facilmente traduzíveis. À espera que alguém, com mais tempo e melhor capacidade faça a revisão, à espera que o Centro Geral de Estudos faça uma nova edição crítica da obra, já anunciada, sai mais esta edição provisória, em português. Oxalá sirva àqueles que estão interessados em conhecer "pessoalmente" o Pe. Dehon, e não apenas pelas biografias escritas ou a escrever. Oxalá o Conselho Provincial possa incluir, na sua programação para os próximos anos, uma edição mais cuidada. Os religiosos dehonianos portugueses, ou de língua oficial portuguesa, poderão ler, com maior facilidade e proveito, esta obra tão interessante para conhecermos a caminhada humana e espiritual do Pe. Dehon, bem como os inícios da Congregação.

Aveiro, 12 de Agosto de 2008.

Pe. Fernando Fonseca, SCJ

Mestre de Noviços

Introdução

Eis-nos chegados ao volume mais importante das *notas sobre a História da minha vida*, do Padre Dehon.

Começa com o ano da fundação da Congregação e do Colégio São João.

O Padre Dehon escreve; 1877... *Foi o grande ano da minha vida, o ano decisivo. Tudo me sorria na vida secular. Era amado por todos. Tinha sucesso nas minhas obras. Era cônego honorário aos 33 anos. Falava-se em fazer-me vigário geral à primeira vagatura. Todavia, eu não era feliz.* (NHV, XII, 116). Os compromissos do ministério sacerdotal absorviam-no demais; a vida intelectual e mais ainda a vida espiritual esmoreciam: *Não me julgava no meu lugar e queria a vida religiosa* (NHV, XII, 116).

Este desejo era aguçado pelo espectáculo de paz, de fervor, que lhe mostravam continuamente as Irmãs Servas. Em comparação com essas Irmãs, o Padre Dehon considerava-se como um pobre escravo, arrastando as pesadas cadeias das suas múltiplas obrigações e das suas obras (cf. NHV, XII, 119).

Importantíssimas são as páginas relativas à gênese da Congregação, de que o padre Dehon trata longamente sob o título: *O grande problema* (cf. NHV, XII, 151-166) e *Motivos pelos quais a Congregação foi fundada* (cf. NHV, XII, 167-172).

Para uma análise aprofundada dessas horas capitais da vida do Padre Dehon remetemos para o excelente estudo do Padre A. Bourgeois, scj: *O Padre Dehon em S. Quintino 1871-1877. Vocação e Missão. Studia Dehoniana 9*, Rome, 1978, 208 páginas.

As relações entre o Padre Dehon e a *Chère Mère* (a Fundadora das Servas), entre o Padre Dehon e a Ir. Maria de S. Inácio, são complexas e delicadas. Impossível falar delas e expô-las em poucas palavras. Para este assunto, remetemos para os dois estudos (em italiano) anexos à *Vie et Personnalité du P. Dehon* de P. Dorresteyjn: *Le Père Dehon et la Chère Mère* (pp. 604-613): *Le Père Dehon et SR. Marie de St. Ignace* (pp. 615-632).

Não há dúvida nenhuma de que o P. Dehon acreditava na origem divina das luzes de oração da Ir. Maria de S. Inácio. Para ele, eram *revelações*; mas eram-no ainda mais para a enérgica Madre Maria do Coração de Jesus (a “Chère Mère”), que foi até à imprudência de provocar, em plena boa fé, as pretensas “revelações” e exigia com

grande veemência e o mais ardente fervor, que fossem postas em prática na vida, sem medo e sem hesitação.

Notemos que o P. Dehon tinha inclinação para o maravilhoso sobrenatural, procurava-o, como muitos outros faziam no seu tempo. O Padre Dehon tinha uma rica personalidade, mas estava mais inclinado para a bondade e submissão do que para a luta.

Pelo contrário, a Chère Mère” era uma lutadora nata, uma *matriarca*, como a definia Mons. Deramecourt, bispo de Soissons (1898-1906). Ninguém era capaz de dirigi-la.

Era ela que dirigia os seus Directores espirituais, e não lhes poupava os seus sermões. O próprio Papa não teria conseguido levar a melhor sobre a impetuosa Fundadora; ele tivera de escutá-la sem quase proferir uma palavra (a queixa é do próprio Leão XIII, referindo-se a uma audiência concedida à Chère Mère”).

Afirmar que nos primeiros anos do Instituto o P. Dehon esteve bastante sob a influência da “Chère Mère”, é afirmar uma verdade, mesmo que ela seja lamentável.

A sujeição era reforçada pela convicção (no P. Dehon) de dever obedecer às revelações sobrenaturais, para não ofender a Deus. Deus manifestava a sua vontade através das “revelações” da Ir. Maria de S. Inácio e era preciso obedecer.

O próprio clima do Instituto, nos princípios, exprimia-se com uma vida de oração fervorosa, por vezes ardente. Era uma oração sincera, mas com aspectos fictícios, que não podiam durar.

O caso Captier faz transbordar o vaso do maravilhoso não autêntico, que o Padre Dehon condenava e que foi depois condenado globalmente pelo Santo Ofício, com a consequente supressão da Congregação.

O Padre Dehon voltará muitas vezes, e com saudade, às “revelações” da Ir. Maria de S. Inácio, e sentirá a saudade de um maravilhoso muito desaparecido (cf. NHV, XV, 5).

Ele confiava-se então com Mons. Thibaudier, que lhe recordava que o Instituto era uma obra divina, não por causa do maravilhoso da Ir. Maria de S. Inácio, mas por causa da aprovação da Igreja (cf. NHV, XV, 6-9) *Tende confiança; vós estais hoje no caminho que Deus quis. Ele não vos abandonará, se caminhardes nele com sabedoria, coragem e*

perseverança. Nos primeiros encantamentos, nem tudo vinha de Deus (Carta de 21/01/1886, NHV, XV, 45).

Com saudade, o Padre Dehon recordava também os primeiros anos do colégio S. João, logo próspero, pela sua fidelidade ao estudo, à vida cristã, à oração.

Ficamos fortemente impressionados ao ler as *Notas sobre a História da minha Vida*, a partir de 1878 e seguintes, ao ver as cruzes e as provações com que é semeada a vida do Fundador. Realmente Deus tomou a sério o seu voto de vítima.

Referindo-se ao ano lectivo 1878-1879, e falando da Congregação, ele escreve: *“Cada ano terá daqui em diante as suas pesadas cruzes. Neste ano eu estava seriamente doente dos pulmões. Por fora, era um “tolle”¹ que iria ter uma repercussão bastante longa. Nem toda a gente é benévola e caridosa, mesmo dentro do clero. Criticava-se muito: “Padres que querem fundar uma nova congregação! Padres que querem tornar-se reparadores! Padres que dão ouvidos às visões das freiras!”, etc... etc... A cruz é boa, ela expia os nossos pecados (NHV, XIII, 150).*

Durante o ano lectivo 1879-80 morrem quatro jovens Irmãs Servas. Corre o boato de que foram envenenadas para encobrir culpas infamantes. Fala-se em desenterrar os cadáveres. O Padre Dehon sabe que elas se ofereceram como vítimas de amor; contudo, ele passa meses e meses de agonia, até que a tempestade se acalma. Entretanto, os pais do P. Dehon caíram gravemente doentes; os recursos financeiros desfazem-se em fumo devido à anulação do testamento da Ir. Maria das cinco Chagas (cf. NHV, XIV, 17-19).

Para o ano 1881-1882, o P. Dehon aponta: *Também este ano me trazia as suas cruzes, periculum latronum, periculum ex falsis fratribus, etc...² Todos os dias temor de dissolução e de expulsão. Continuação do “tolle” e das calúnias, sem contar tantas outras cruzes (NHV, XIV, 59).*

Durante o ano 1881-82 deu-se o incêndio do S. João, e a morte do pai do Padre Dehon.

Acrescentem-se as preocupações financeiras e as desinteligências com Mons. Thibaudier (cf. NHV, XIV, 97-98).

¹Nt. “Tolle”- palavra latina que significa “tira-o, faz desaparecer”; é o que gritavam os Judeus a Pilatos pedindo a morte de Jesus e a libertação de Barrabás.

A propósito do ano lectivo 1882-83, o P. Dehon escreve: *Foi realmente o ano da via-sacra, ano penoso, inquieto, doloroso. Mons. Thibaudier andava inquieto, tornava-se severo, exigente, muito embora querendo continuar benevolente. Perdi a minha mãe, que eu amava mais do que qualquer pessoa no mundo.*

O P. Captier tornava-se difícil. Sofria de uma influência diabólica, e queria, em nome dos anjos, impor-nos doutrinas suspeitas de quietismo... Um outro padre criava-nos problemas (M. Lecl...) e começava uma campanha de denúncias e de calúnias.

O bispo (Thibaudier) tinha pedido a Roma umas directrizes, e o Santo Padre entregava o assunto ao Santo Ofício. Estava-se preparando o “*consummatum est*”. (NHV, XIV, 129-130).

E eis-nos agora na provação suprema, a supressão da congregação (cf. NHV, XIV, 175-183).

O leitor atento terá notado as frequentes previsões desta provação por parte da Ir. Maria de S. Inácio

Com o *consummatum est* tudo parece destruído e perdido. É o falhanço total de Cristo na cruz. Na realidade, tudo ressuscita. O Instituto do P. Dehon é purificado e renovado. Ele renasce na autenticidade pura e simples da inspiração primitiva. Era uma Sexta-feira Santa de morte que preparava a ressurreição da Páscoa. Curioso também o facto que tenham decorrido só três ou quatro meses entre a supressão dos “Oblatos” e a ressurreição da Congregação com o nome de *Sacerdotes do Coração de Jesus*.

Mesmo depois da reconstituição do Instituto, para o P. Dehon as provas dolorosas continuam. (cf. NHV, XV, 1. 41-42, 55-56, 71). Serão bem sete anos, de 1889 e 1896, que o Pe. Dehon chamará *anos escuros, mais dolorosos do que o consummatum est* (cf. NQ IV, 86v: 1-15 de Julho de 1889); esses anos, as biografias do Pe. Dehon sobrevoam-nos, enquanto pelo contrário são a prova indubitável e comovedora do heroísmo das suas virtudes (cf. *Vie et Personnalité du Pe. Dehon* pelo Pe. H. Dorresteyjn, pp. 661-704, Edição italiana). São anos que estão fora do período das *Notas sobre a História da minha vida*, que terminam com a audiência de Leão XIII ao Padre Dehon (6 Setembro de 1888).

Mais 3 observações antes de concluir. Uma para determinar o tempo em que foi escrito o XIV caderno das *Notas sobre a História da minha vida*. O Pe. Dehon, lembrando

²Nt. - Perigo dos ladrões, perigos vindos de falsos irmãos.

os acontecimentos de 1882, escreve: *É neste ano que se realiza a ocupação do Congo Belga até às Falls por Stanley. Assinalo o facto porque a Providência nos preparava aí uma missão* (NHV, XIV, 96-97).

Agora sabemos que o Pe. Dehon aceitou a missão do Congo a 24-25 de Março de 1897 (cf. NQ. XIII, 40-41). Portanto, o XIV caderno das *Notas sobre a História da minha vida* foi certamente escrito depois de Março de 1897.

Segunda observação: Por vezes o Pe. Dehon nas *Notas sobre a História da minha vida* transcreve duas vezes o mesmo texto com algumas variantes. Por ex: o relatório sobre o Patronato do caderno XI, pp. 74-78 (cf. Vol. VI, pp. 109-115) reproduz o relatório do caderno X, pp. 140-152 (cf. Vol. VI pp. 28-35). Igualmente o texto do caderno XII, pp 137-143 (cf. Volume VII, pp. 14-18) reproduz com alguns acrescentos o texto do caderno XII, pp. 28-33 (cf. Volume VI, pp. 203-207).

A terceira observação está ligada com a primeira. Das *Notas sobre a História da minha vida* pode-se certamente tirar uma verdadeira história (uma autobiografia) da vida do Pe. Dehon. E digo *verdadeira* no sentido mais simples e mais profundo, porque podemos encontrar nelas também a história da sua alma, dos seus sentimentos mais íntimos, dos seus pensamentos mais secretos; encontramos nelas também a orientação providencial dos diversos acontecimentos da sua vida para um mesmo fim: a sua missão de Fundador, de apóstolo social.

Devemos unicamente ter em conta o facto de que é possível encontrar incorrecções, pois que quando se escreve numerosos anos depois dos acontecimentos, estes aproximam-se e enredam-se mesmo, salvo se se escreve com documentos à mão.

Um exemplo típico é o caso do Vigário Geral de Soissons, R. Vincent, que queria entrar no Instituto do Padre Dehon e que, por causa de várias dificuldades, não conseguiu realizar a sua vocação. O Pe. Dehon afirma que ele morreu em 1883 (cf. NHV, XIV, 160), mas nós sabemos pela *Semaine religieuse de Soissons et de Laon* que ele morreu em 1887 (cf. S. R. S. L. (1887) pp. 273-275, 289-298), como de resto o próprio Padre Dehon afirma mais tarde nas *Notas sobre a História da minha vida* (cf. XV, 57), baseando-se no seu *Journal* (Notes Quotidiennes) que é contemporâneo dos factos relatados (cf. NQ, III, 101-102).

As *Notas sobre a História da minha vida* permitem-nos conhecer a vida do nosso Fundador sob pontos de vista diferentes e são preciosas por essa razão. Elas têm o valor

não só duma biografia, do ponto vista exterior, cujos factos, mesmo se por vezes são imprecisos, podem ser corrigidos baseando-nos noutros documentos; mas acima de tudo, temos nelas a riqueza da autobiografia, da história de uma alma, de uma vocação, de uma missão, que unicamente o Padre Dehon podia escrever.

G. Manzoni SCJ

Cronologia da vida do Padre Dehon (para este sétimo volume)

1877

Fevereiro: viagem de Leão Dehon a Roma com Mons. Thibaudeir (NHV, XII, 117-119).

13 de Julho: fundação *jurídica* dos oblatos do Coração de Jesus, em força da carta da aprovação de Mons. Thibaudeir a 13 de Julho de 1877 a L. Dehon (NHV, XII, 165 e D. O.).

16-31 de Julho: exercícios espirituais de L. Dehon junto das Irmãs Servas do Coração de Jesus, e redacção das primeiras Constituições (NHV, XII, 166).

31 de Julho: L. Dehon começa o seu noviciado (NHV, XII, 166).

15 de Agosto : fundação do Colégio S. João (NHV, XII, 182).

1878

7 de Fevereiro: morte de Pio IX

20 de Fevereiro: eleição de Leão XIII

20 de Abril: primeira encíclica de Leão XIII: *Inscrutabili Dei consilo, sobre os males da sociedade nos tempos presentes.*³

³ Por inescrutável desígnio de Deus.

28 de Junho: Leão Dehon faz a sua profissão religiosa. É a festa do Coração de Jesus e o dia da Fundação *religiosa* dos Oblatos do Coração de Jesus (NHV, XIII, 99-100).

12 de Agosto: O R. Adriano Rasset é recebido como primeiro noviço (NHV, XIII, 100).

28 de Dezembro: Encíclica *Quod Apostolici Muneris* de Leão XIII, sobre o socialismo e os erros modernos.

1879

5 de Janeiro: maioria das Republicanos no senado

30 de Janeiro: o Maréchal Mac-Mahon dá as demissões de Presidente da República, sucede-lhe o republicano moderno Jules Grévy.

15 de Março: apresentação das leis escolares de Júlio Grévy, com art. 7 (*Ninguém pode dirigir escolas públicas ou privadas de qualquer grau, nem ensinar, se pertencer a uma Congregação não autorizada*).

9 de Julho: a lei escolar de Júlio Grévy, com o artigo 7, é aprovada pela câmara dos Deputados.

4 de Agosto: Encíclica de Leão XIII *Aeterni Patris*, sobre o Tomismo.

27 de Agosto: morte da Ir. Maria de Jesus (NHV, XIII, 176).

1880

29 de Março: decreto contra os religiosos. Decreto de expulsão dos Jesuítas e obrigação para as congregações não autorizadas de pedir a autorização dentro de três meses, sob pena de dissolução.

1881

16 de Junho: leis de Júlio Ferry sobre a gratuidade do ensino primário.

29 de Junho: Encíclica *Diuturnum illud*, sobre a origem do poder civil.

29 de Dezembro: incêndio do Colégio São João (NHV, XIV, 84-85).

1877: Sexto ano de vicariato

FUNDAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DA CONGREGAÇÃO

Foi este o grande ano da minha vida, o ano decisivo.

Tudo me sorria na minha vida secular. Eu era amado por todos. Tinha sucesso nas minhas obras. Era cónego honorário aos 33 anos. Falava-se em fazer-me vigário geral à primeira vagatura. Todavia eu não era feliz. Parecia-me que a minha vida intelectual e a minha vida sobrenatural enfraqueciam. Já não tinha tempo para ler e estudar. Estava extremamente cansado. Os meus exercícios de piedade sofriam com isso. Eu não me julgava no meu lugar e queria a vida religiosa!

O meu desejo acentuava-se quando via as nossas queridas Irmãs calmas, fervorosas e cumuladas dos dons de Deus.

Mons. Thibaudier tinha ganhado afeição para comigo; ele observava esse trabalho da minha alma. O R. Mathieu era-me também muito devotado.

Mons. Thibaudier ia fazer a sua viagem *ad limina*; aceitou a companhia do R. Mathieu, a do R. Mignot, e a minha. / (116)

VIAGEM A ROMA

A viagem a Roma foi feita em Fevereiro, fomos por Milão e Loreto e voltámos por Florença.

Mons. Thibaudier era um artista, conhecia a fundo a Itália e sabia um pouco de italiano.

Em Milão, não podíamos deixar de venerar os corpos dos santos Gervásio e Protásio, os patronos da diocese de Soissons.

O Rev. Mathier era pouco entusiasta. Para ele nada valia a Colegiada de S. Quintino, nem mesmo a catedral de Milão. É verdade, que a nossa Colegiada é lindíssima. O gótico francês tem uma pureza de linhas e um aspecto de grandeza que o

gótico italiano não tem. Todavia a nave central de Milão tem mais 12 metros de altura do que a de S. Quintino.

Mons. Thibaudier era pequeno e franzino; desaparecia entre o R. Mathieu e eu. Nas sacristias tomavam sempre o R. Mathieu pelo bispo. Monsenhor divertia-se com isso e vingava-se com graça: quando nos pediam esmola pelas ruas, ele mandava os pedintes... ao bispo.

Em Roma, hospedou-nos o seminário francês, ao bispo e a mim. O R. Mathieu / (117) teve de ir para o hotel defronte; ficou um pouco vexado. Não sei porque faltavam quartos no seminário francês.

Mons. Thibaudier mostrou-se extremamente bondoso. Fazia de cicerone e levava o R. Mathieu por toda a parte, mas este não tardou a aborrecer-se e a ter saudades de S. Quintino onde era rei e profeta.

Pio IX concedeu-nos uma audiência e recebeu-nos com extrema bondade. Achei-o envelhecido, mas não previa que o perderíamos dentro de um ano.

O bispo apresentou-lhe para assinar umas folhas de autorizações e de vários favores. O Papa recusou metade com uma palavrinha bastante seca: "Basta".- O R. Mathieu ofereceu ao Papa uma relíquia de S. Quintino e um álbum. Pio IX divertiu-se a folheá-lo. Entregámos-lhe também uma alva de grande valor bordada pela casa Basquin, e o bispo trouxe uma condecoração para o Sr. Basquin.

Pio IX admirava a boa saúde do Rev. Mathieu. Ele chamou-lhe *opulento*; certamente queria dizer *corpulento*.

Esta breve estadia em Roma e em Santa Chiara despertou todos os meus piedosos desejos. / (118) Eu queria a vida de estudo, de oração, de recolhimento. Pedi ao Sr. bispo autorização para ficar no Seminário. Teria feito "direito canônico prático" na chancelaria, *allo studio*. O Sr. Bispo recusou-ma.

Eu trazia de Roma o corpo de S. Clemente. Dei 500 francos de oferta para obtê-lo. Com este acréscimo a viagem custou-me cerca de 1.500 francos.

Em Florença fomos rever o palácio Pitti. O Sr. bispo tinha um culto particular, que eu partilho, à Virgem dita do Grão-Duque.

Voltei a S. Quintino. Retomei as minhas ocupações que me pareceram mais pesadas do que nunca e não pensei em mais nada senão em libertar-me delas.

A OBRA OPERÁRIA

Toda a obra ia seguindo com todas as suas dependências e seus anexos: Círculo, Patronato, Reunião de Patrões, Orfanato.

A reunião dos patrões duraria até 1881. Ela contribuiu para a reforma de algumas fábricas e para o desenvolvimento das casas para operários.

Já não tinha tempo para ir participar na Assembleia da Obra dos Círculos, enviava para lá um relatório / (119) e iria fazer isso regularmente todos os anos, no mês de Abril, até 1884.

Continuava a preparar festas periodicamente. A boa sociedade de S. Quintino assistia. Eu aproveitava para ler um relatório sobre a obra ou um apelo aos benfeitores.

FESTA DE 25 DE JANEIRO

A 25 de janeiro representávamos “*Jeannot et Colin*”, de Florian.

Eu li este pequeno apelo aos patrões:

- “Para que serviria ter fundado, a preço de enormes sacrifícios, Patronatos e Círculos, destinados a oferecer durante o dia do Domingo, um asilo saudável aos operários, se nos dias seguintes, isto é, seis dias por semana, esses mesmos operários e aprendizes se vissem obrigados a enfrentar uma fábrica em que ouvem continuamente palavras blasfemas, conversas irreligiosas, imorais, e em que não encontram senão maus exemplos? -

“Assim falava, alguns dias atrás, um dos meus confrades diante duma imponente assembleia que juntava 200 patrões da cidade de Lião, sob a presidência do seu digno arcebispo, na bela sala dos Irmãos no pensionato de Fourvières. E que / (120) responderam esses patrões? Eis o seu pensamento expresso por um deles: “Façamos fábricas honestas e cristãs. Prometamos uns aos outros de não tolerar nas nossas casas, fábricas, armazéns, escritórios, más palavras, más leituras, maus exemplos; eliminemos a blasfêmia, as canções e as conversas desonestas. Criemos à nossa volta uma atmosfera social cujo ar seja puro e sem inconveniente para a alma dos nossos operários e empregados. Tratemos em todas as coisas os nossos subordinados como nós quereríamos que fossem tratados os nossos próprios filhos.” - Quantas cidades nos passaram assim à frente! A união dos patrões católicos de Lião conta hoje com 1057

sócios. Nantes, Paris, Nancy, Toulouse, Montauban, Roubaix e S. Étienne têm também poderosas associações de patrões cristãos.

“Vós amais a nossa obra e contudo obrigais-nos a tecer a teia de Penélope e a rolar o rochedo de Sísifo. Vós desfazeis, durante a longa e escura noite dos seis dias de trabalho, o que nós tecemos com tanta fadiga nos lindos dias de Domingo. A fábrica / (121) é a perseguidora do bem. Vós não sois suficientemente cristãos na vossa vida de patrões!

“Vós quereríeis ter um ambiente social em que reinem a segurança, a paz, a ordem e a caridade! Nós vo-lo daremos se vós quiserdes, mas é absolutamente necessário que nos ajudeis!

“Porque não podeis vós tocar, como nós, cada dia com a mão a tirania da fábrica e a necessidade da acção cristã dos patrões! Mais de 200 jovens nos deixaram, desde a fundação da nossa obra por causa da tirania das fábricas. Um deles declarava-me ontem claramente essa verdade: se eu continuasse a ir ao Patronato, não poderia ficar nem mais um dia na minha fábrica sem ficar submerso pelas injúrias mais sujas.

“Há entre vós pais e mães de família; só esses me podem aqui compreender. Um director de obras tem, no seu coração, todos os sentimentos de um pai e mesmo de uma mãe para aqueles que ele chama com gosto seus filhos. Vê-los serem-lhe arrancados assim em grande número uns atrás dos outros, é para ele uma dor sempre amarga e sempre renovada, que eu não seria capaz de descrever. / (122)

“Dai-me licença para dar hoje alguma liberdade à minha palavra apostólica. Se para alguns ela tiver o tom de censura, compreenderéis que é com fins de ardente caridade.

“Deixai-me repetir-vos o que vos dizia um patrão cristão no congresso de Outubro último, nesta mesma sala: dai-nos a liberdade do bem!

“O bem, sem que vós repareis nisso, é oprimido nas vossas casas. - É preciso primeiramente que vós admitais comigo que a troça, a risota, o insulto, as insinuações, as arrelias, as alcunhas, o ridículo, constituem uma opressão praticamente invencível, sobretudo quando isso é todo reunido e contínuo, e quando os caracteres são frágeis e a fé é vacilante.

“Posto isto, afirmo que não há quase nenhuma fábrica, armazém, escritório em S. Quintino, em que haja a liberdade do bem para um jovem dos doze aos vinte e cinco anos.

“Ah! Porque não vão elas algumas vezes chorar junto de vós, ó patrões para enternecer o vosso coração, essas mães de família que vêm dar-nos o lancinante espectáculo das suas lágrimas! / (123)

“Para uma mãe, o seu tesouro é o seu filho. Uma mãe heróica da antiguidade pagã dizia ao seu filho que partia para os combates: volta com a tua honra; volta morto ou vencedor⁴.

“A mãe cristã, na qual o heroísmo é normal, diz a seu filho que se vai embora para o trabalho ou para o serviço militar: volta com a tua fé cristã; antes morrer que perder a tua fé e os teus bons costumes.

“Encontrei, senhores, em S. Quintino estes sentimentos até no coração de um pai que me dizia, ousarei repetir-vos as suas palavras? Ele não dizia: gostaria mais de ver morrer os meus cinco filhos que vê-los perder a fé - mas dizia-me, e era a mesma coisa: gostaria mais de ver morrer os meus cinco filhos do que colocá-los a trabalhar numa fábrica ou num armazém de S. Quintino. - E, para evitar esta tirania do mal, senhores, ele trabalha de noite e come pão duro.

“Se uma mãe cristã fosse à vossa casa, como vêm ter convosco tantas vezes, e vos dissessem: “Por favor, indique-me uma fábrica onde o meu filho conservará a sua fé e / (124) os seus costumes, encontraríeis uma resposta fácil?

“Para não dizer excessivo mal duma cidade para a qual tenho um pouco de afeição, geralmente repondo que não há nenhuma.

“As mães contam com a nossa obra para reparar o mal ao Domingo. Nós não conseguimos responder plenamente às suas esperanças. Por favor, senhores, dai a liberdade a Deus ao bem nas vossas fábricas.

“Vós ajudais-nos com o vosso dinheiro. Sereis ainda mais generosos daqui a pouco quando vos serão pedidas as vossas esmolas. Lembrar-vos-eis que engrandecemos os nossos locais em 1876 e que aumentámos o nosso passivo de 14.000 francos cujo

⁴ Nt. Seria isso o que diziam as mães de Esparta, entregando ao filho o escudo com que ia para a guerra: “Ou com isto, ou sobre isto”

vencimento nos ameaça! A vossa generosidade nos envergonha, mas nós esperamos ainda mais, e contamos com o dia em que se dirá de algumas fábricas de S. Quintino, o que um dos antigos sócios me escrevia, ainda há poucos dias, de Rombaix: “Trabalho numa fábrica de têxteis em que todos fazemos parte das associações. Na fábrica faz-se a oração três vezes por dia”. - Meu Deus, que o vosso reino Chegue a S. Quintino!” / (125).

FESTA DE 19 DE ABRIL

Depois de voltar de Roma, o Sr. Bispo, compreendendo que eu estava sobrecarregado, deu-me como auxiliar o Rev. Parmetier. Este bom padre ajudou-me um pouco na obra, mas isso não podia bastar para me fixar à minha situação em S. Quintino. Como tinha dito na reunião de Janeiro, sentia que estava a fazer rolar o rochedo de Sísifo. A fábrica desfazia o que o patronato fazia. Era preciso chegar aos patrões por meio da educação. Era preciso alcançar, com a ajuda de Deus, uma organização social mais cristã. Ficava perplexo.

No mês de Abril, os aprendizes faziam-me sempre uma grande festa por S. Leão. Este ano o Rev. Ciskey passava por S. Quintino; no dia 12 fez uma bonita conferência sobre o descanso do Domingo. A festa de S. Leão Magno foi celebrada só a 19 de Abril, representando “Ivo o pescador”, de M. Baju.

Aproveitei a ocasião para falar mais uma vez bem firmemente aos patrões:

“Graças a Deus, dizia-lhes eu, nós tivemos sempre nesta obra uma finalidade nobre e alta. É uma obra de salvação social, que nós quisemos fazer. / (128)

“Em cada uma das nossas reuniões, constatámos convosco o mal social sempre crescente. O antagonismo das classes acentua-se. A fábrica redobra de impiedade e de imoralidade. O ensino religioso é perseguido. Os patrões, apesar das advertências da Igreja e dos gritos da sua própria consciência, ou não actuam, ou actuam pouco demais, e por conseguinte tornam a sua responsabilidade ainda mais pesada.

“A crise aproxima-se. As vagas crescem. O dique das nossas obras fará parar um pouco a torrente, mas as vagas passarão por cima.

“O nosso ideal é a união cristã do patrão e do operário reconciliados um com o outro pelo sacerdote. Fizemos as nossas provas. Elas são brilhantes nas oficinas

católicas, de Val-des-Bois, Roubaix, Tours, S. Dizier. Nelas reina, com a ordem cristã, a paz social, a prosperidade, a felicidade e o bem-estar.

“As nossas tentativas incompletas não são menos concludentes. As nossas reuniões são um paraíso, pela alegria sincera que nelas reina, sobretudo se comparadas com o estado de mal-estar, de vergonha e de ódio em que se corrompe o operário que arrasta a sua vida fora da fé cristã.

“Eu disse: “as nossas tentativas incompletas”, porque nos faltou / (127) até agora a colaboração dos patrões. Nós pedimo-la há vários anos, e não estamos nada surpreendidos por não a receber, conhecendo o coração humano, a fraqueza dos espíritos e as agressões leoninas do vergonhoso respeito humano.

“ Nós continuamos a nossa tarefa, esperando o Messias que trará esse socorro. Virá ele por meio duma casa de instrução, por meio de conversões, ou pela elevação providencial de operários cristãos? Deus é quem sabe. Nós só podemos rezar, trabalhando numa expectativa confiante”.

Creemos ter-vos convencido, converter-vos pertence a Deus.

“Todavia, queremos repetir-vos hoje sob nova forma o ensino da Igreja relativamente aos vossos deveres”

“E em primeiro lugar deixai-nos aceitar a acusação que vós nos fareis, de não sermos deste mundo. Sendo que este mundo é mau, não arriscamos nada fugindo dele.

“Nós sonhamos portanto uma fábrica ideal, em que patrões e operários entrarão com a graça de Deus no coração. O sinal da salvação, a cruz, brilhará nela. A mãe dos pobres e o padroeiro dos trabalhadores, Maria e José, / (119) terão nela as suas imagens! A oração iniciará o dia, para oferecer o trabalho a Deus. As blasfêmias e as conversas desonestas serão banidas. O descanso do domingo será sagrado, e o trabalho da segunda-feira será vigoroso e regular, depois de o domingo ter reconfortado a alma e descansado o corpo dos trabalhadores.

“O patrão será visto nela frequentes vezes, velando pelos bons costumes tanto como pelo trabalho.

“A bênção de Deus fará crescer nela a prosperidade.

“Aí está, direis vós, a ideal duma outra época e um sonho realizável, ao máximo, num convento. E contudo descrevi somente a fabrica cristã que existe em muitos lugares

das regiões de fé da nossa França, da Itália, da Espanha, da Irlanda e de outras nações. Que digo? É o quadro fiel das grandes fábricas modernas que estão quase à nossa porta e que alcançaram esse resultado em poucos anos. O que foi preciso para isso? Um patrão cristão. Deus queira dar-nos alguns também aqui.

“Ide visitar, peço-vos, a fábrica de Val-des-bois, perto de Reims, a fábrica de fiação do Sr. Screpel em Roubaix, a fundição do Sr. Sepulchre em Maubeuge. Encontrareis essas / (129) maravilhas e julgareis estar na idade do ouro.

“Lanço-vos o desafio, de negar esses resultados.

“Na presença destes factos, que pensais então da vossa responsabilidade? Julgais que Deus tome muito a sério essas palavras que lhe dizeis frequentemente: Venha a nós o vosso reino! - Não seria preciso começar a realizar esse desejo da vossa oração, fazendo reinar Deus na vossa vida de patrões e na vossa fábrica?

“Não reparais que há nela uns deveres que vós descuidais? O patrão deve ser cristão como patrão. Ele exerce uma paternidade que lhe dão a sua posição social e a Providência.

“Tenho a felicidade de conhecer os padrões das fábricas modelo que vos citava há pouco e asseguro-vos que todo o seu segredo está numa palavra só: O dever.

“Queremos esperar, contra todas as previsões. Vós entrareis neste caminho, ajudar-nos-eis na luta, associar-vos-eis entre vós para fazer reinar Cristo na fábrica e na oficina.

“Como fruto, vos prometemos que / (130) saboreareis mais tarde as doces alegrias da paternidade espiritual, quando, percorrendo as vossas fábricas podereis encontrar nelas olhares afectuosos e corações puros como os dos jovens assíduos às nossas obras.”

Eu falava bem claro, mas para reformar em S. Quintino a classe patronal e operária, será preciso tempo e obras complexas e múltiplas

- A nossa obra teve outras festas durante o ano. No mês de Junho representou-se “O jantar do Sr. Pantalão.”

S. CLEMENTE

A 2 de Setembro havia uma festa de um cunho especial. Celebramos solenemente a translação do corpo de S. Clemente que eu tinha trazido de Roma.

A cerimónia era presidida pelo arcebispo, delegado pelo senhor Bispo de Soissons. Os nossos jovens tinham feito maravilhas para enfeitar a capela, o pátio e a sala de festas.

As relíquias, depositadas num gracioso corpo de cera, estavam colocadas sobre um trono na sala grande, enfeitada como capela. O meu amigo R. Désaire fez-nos um lindo discurso; depois o / (131) Corpo santo foi levado em triunfo à volta do grande pátio e deposto debaixo do novo altar da capela. Esta festa deixou uma impressão inesquecível. Grande multidão de piedosos paroquianos tinha vindo para venerar o corpo santo.

A nossa obra completava-se aos poucos. Ela aliava todas as vantagens espirituais ao conforto material.

O orfanato tinha 25 crianças e jovens e tornava-se uma espécie de casa do povo.

LICEU

No mês de Maio, o P. Cardon, capelão do Liceu, convidava-me a pregar o retiro da primeira comunhão aos seus alunos. Mais tarde o provedor do liceu deve ter apanhado um susto quando soube que eu ia fundar o colégio S. João. Ele declarou que o P. Cardon tinha introduzido o lobo no redil! Pobres cordeiros!

Os pequenos liceais fazem a primeira comunhão razoavelmente. Contei-lhes muitas histórias, e eles escutaram-me.

Vigiava-os um professor, entrando e saindo sem tomar a água benta e sem rezar. A sua capela é vasta, mas sem ornamentos. É uma sala caiada e fria. Não se sente nela nem fé nem amor a Jesus Cristo.

JOVENS

As minhas reuniões de jovens da classe dirigente continuavam regularmente. Eram sempre numerosas e animadas. Os meus jovens trabalhavam. Escreviam opúsculos

informativos sobre as obras, que, reunidos, formam a brochura “O operário e os seus verdadeiros interesses”, editado por M. Moureau.

Vários se formavam para falar em público dando conferências no Círculo. Tentámos também algumas disputas políticas e literárias que foram animadíssimas. Um dos oradores defendia a livre troca, outro o proteccionismo.

Imitávamos as reuniões com que Ozanam inaugurou as conferências de S. Vicente de Paulo. Fazíamos sempre o peditório semanal. Os jovens visitavam algumas famílias, interessavam-se por elas, compreendiam as dificuldades da vida operária actual e iniciavam-se nas questões sociais.

Todas estas actividades deviam ser realizadas, mas eu estava demasiado só. A organização das nossas grandes paróquias não permite ao clero fazer apostolado. Quando os nossos / (133) pobres padres fizeram os funerais, o seu tempo e a sua actividade estão quase esgotados. Poderemos viver muitos séculos nesse regime, sem refazer um sociedade cristã.

ORATÓRIO DIOCESANO

A 4ª assembleia-geral tem lugar no mês de Agosto, em Soissons. Havia onze membros presentes: Os PP. Frion, deão de Neuilly; Caros, deão de Coucy; Déjardin, deão de Vailly; Legrain, pároco de Gandelu; Marchal, professor em S. Léger; Petit, pároco de Buironfosse; Luzurier, pároco de Audugny; Lemaire, vigário em S. Quintino; Dufour, pároco de Cuisy-en-Almont; Petit, pároco de Montigny.

Eu assisto só ao terceiro dia. Na verdade eu estava em Soissons, mas absorvido pela preparação das minhas novas obras e em conferências frequentes com o Sr. Bispo.

Escolheram-me de novo para secretário.

Os meus confrades esperavam que a fundação do colégio S. João poderia efectivar uma casa de vida comum para o Oratório; eu tinha outras vistas, que ainda não tornara públicas. Isso iria levar-me a deixar o Oratório diocesano, cuja fundação eu provocara. / (134)

PREGAÇÃO

Não escrevi nenhum sermão em 1877. Não tinha vagar. Tenho apontamentos dum discurso sobre a *Ave-Maria*, na reunião anual da arquiconfraria, no domingo de Quasímodo (Pascoela)⁵.

Para a primeira comunhão no Liceu e para uma outra que preguei no campo, servi-me dos apontamentos do ano anterior. Acrescentei alguns pensamentos sobre a renovação dos votos do Baptismo e sobre a consagração à Santíssima Virgem.

No discurso sobre a *Ave-Maria*, tirei partido da minha recente peregrinação a Loreto, que me deixara tão doces lembranças. Tinha celebrado missa no altar do Anjo, no altar da *Ave-Maria*.

Citei passos bonitos de santo Inácio de Antioquia, de S. Dinis, de St^a Brígida.

S. Inácio dizia: “Os fiéis dirigiam-se a Maria por um instinto sobrenatural. Como os cordeiros entre mil ovelhas procuram a sua mãe e reconhecem-na pela voz, como o pintainho corre para debaixo das asas da mãe, assim os fiéis iam para Maria...” / (135)

S. Dioniso dizia: “ Os fiéis queriam ver a Mãe de Cristo, a árvore modesta da qual se tinha separado esta flor divina, este fruto precioso, que enche o céu e a terra com o seu perfume e o seu sabor...”

Nas revelações de St^a Brígida, aprovadas pelo Concílio de Constança, lemos que ela teve um filho chamado Carlos, jovem de idade e de costumes, dado à guerra e à licenciosidade dos campos de batalha. Morreu na flor da idade. St^a Brígida viu o tribunal celeste onde se sentava o Cristo, com sua Mãe à direita, Satanás queixava-se da injustiça de Maria que lhe roubava essa alma. Dizia ele ter recebido o poder de tentar os homens, porém a Virgem tinha-o afastado do leito de morte de Carlos. Dizia também que ele tinha o direito de apresentar as almas a julgamento e de acusá-las. Mas a Virgem tinha-lhe roubado essa alma e ela mesma a apresentava, proibindo-lhe qualquer acusação, o que levava a um julgamento sem inquirição das partes. Cristo respondeu-lhe que sua Mãe participava da sua realeza, que ela podia dispensar das leis e que era justo que ela o fizesse a favor dessa alma que tinha sempre tido devoção para com Ela. Tal é o fruto da devoção a Maria: Uma morte tranquila nos braços / (136) da mãe de Deus.

⁵ O primeiro domingo depois da Páscoa. O canto de entrada é tomado da 1^a Carta de S. Pedro: “Quasi modo geniti infantes...” (I Ped 2,2).

ESTUDOS E LEITURAS

Durante os dois anos 1876-77 tinha poucos tempos livres. Todavia, lia e estudava para tornar mais úteis e mais instrutivas as minhas instruções e palestras nos encontros dos jovens e nas reuniões do Patronato. Como leitura espiritual, lia Marchant, que é tão rico em citações dos Padres. Li com interesse e proveito Mons. Freppel. Os velhos historiadores de S. Quintino forneciam-me exposições interessantes sobre as antigas corporações, sobre as instituições de caridade, sobre os jovens Cavaleiros da Coroa.

De Mons. Freppel, notei umas belas páginas sobre o carácter e o patriotismo Cristão⁶.

“Já não há homens de carácter, é o grito que se eleva de toda a parte, e com muita razão. Na verdade, onde encontrar hoje, senão em pequeno número, essa firmeza de convicção que não se deixa desmoronar pelo medo nem seduzir pelo sofisma; esse apego aos princípios que impede o homem de flutuar por qualquer vento de doutrina, e de se tornar o joquete dos acontecimentos; essa constância em seguir em todas as coisas a linha recta e invariável da verdade e do bem; esse domínio sobre si próprio que leva a sacrificar o interesse ao dever, e a colocar a honra mais alto do que o sucesso? / (137)

“A história do tempo actual lá estaria para desmentir-nos, se disséssemos que os caracteres não enfraqueceram no meio da apatia geral. O que há então que lhes possa restituir essa energia, essa mola moral sem a qual a vida humana falta de elevação e de

⁶ Freppel, Carlos-Emílio (1827-1894). Sacerdote em 1849, prepara o seu doutoramento em teologia, que defenderá brilhantemente em 1854. Foi pregador eloquente e polemista vigoroso. A publicação da *Vida de Jesus* depois dos *Apóstolos* de Renan, forneceram-lhe a ocasião para valorizar o seu rude talento de polemista, ao mesmo tempo mordaz e seguro. Em 1869, Pio IX nomeou-o teólogo consultor no concílio vaticano. No mês de Dezembro de 1869, foi designado Bispo para a sede de Angers. Foi dos mais vigorosos defensores da infalibilidade. Em 1875, apressou-se a fundar na sua cidade episcopal uma universidade católica. A 6 de Junho de 1880, a terceira circunscrição de Brest elegeu-o deputado. A partir desse momento, faz discursos sobre discursos, não se importando das invectivas que lhe dirigiam. Ele dirá que é Alsaciano e representante dos Bretões! Em 1890, presidiu em Angers a um congresso em que a renovação moral e a iniciativa privada foram preconizadas como remédios essenciais para as carências e os abusos sociais (Escola de Angers, oposta a escola de Liège de Mons. Dutraboux, onde as ideias mais ousadas e mais eficazes de La Tour du Pin eram defendidas). Foi sempre anti-republicano e esforçou-se inutilmente por desviar Leão XIII da República e de qualquer tomada de posição muito clara em matéria social. Mons. Freppel deixou uns 40 volumes em 8º. Citamos entre outros “*Les origines du christianisme*” e uma “*Révolution Française*”.

dignidade? A fé crista, a fé que fazia de S. Ambrósio um grande coração e um grande carácter. Ah, não digais a esse homem de transigir com o dever, de fazer dobrar a justiça diante da paixão, de reter a verdade cativa sobre lábios tímidos, de sacrificar a consciência ao ídolo do momento. Não, essas fraquezas, esses abatimentos, essas molezas, esses compromissos entre a verdade e o erro, ele não os conhece: o seu carácter temperou-se nas fontes da fé; e se ele não chega a fazer triunfar à sua volta a justiça e a verdade, saberá pelo menos retirar do meio dos erros e das contradições humanas uma consciência recta e uma alma não perturbada...”

Sobre o patriotismo: “S. Ambrósio resumia assim os deveres dos cristãos: A justiça, dizia ele, é devida em primeiro lugar a Deus, em segundo à pátria, em terceiro à família, depois à humanidade inteira. - Vós bem o sabeis, os cristãos nunca separaram a religião da pátria; eles associaram sempre estas duas realidades num / (138) affecto comum, e é por isso que também nós devemos tomar a peito os interesses do nosso país e não contar absolutamente os sacrifícios que uma tal causa nos poderia pedir. Há infinitamente mais felicidade, dizia ainda o eloquente Bispo de Milão, em salvar a Pátria da ruína, que a sua própria pessoa do perigo: *multo gratius excidia patriae repulisse quam propria pericula*; e compreende a verdadeira nobreza só aquele que põe a sua actividade ao serviço da pátria, em vez de se conservar escondido e de procurar o descanso e a tranquilidade no meio dos prazeres: *praestantiusque esse existimat quod operam suam patriae impenderet, quam si in otio positus tranquillam vitam voluptatum copiis functus egisset*”⁷⁷

Copiei um longo estudo sobre as eleições segundo o direito canónico. Em toda a parte, os cânones e os concílios impõem um dever grave de votar com conhecimento de causa, e de votar pelos mais dignos, para não causar grave prejuízo à comunidade que viria a ser governada por indignos, Consultar nesse assunto Ferraris. Quantas luzes a vida civil poderia encontrar no estudo dos cânones da Igreja!

Encontrei também curiosas informações sobre as lojas de caridade de outrora, especialmente em Paris e em s. Quintino. Que diferença das instituições de beneficência de agora! Essas lojas que existiam nas paróquias importantes não tinham somente o fim de aliviar os sofrimentos físicos, mas de contribuir para a moralização, a reabilitação, a

⁷⁷ Os dois trechos de Mons. Freppel são transcritos nos “Excerpta” (extractos de leituras), no ano 1876 (pp 89-90) e não 1877. Como afirma P. Dehon nas suas memórias (A.D. , B 14).

educação dos pobres. O regulamento de S. Sulpício de 1777 é extremamente interessante. As normas referentes à distribuição dos socorros marcam um admirável conhecimento da vida social. Copio o resumo. É uma grande lição de sociologia.

“Os socorros consistirão: 1º Em fornecer trabalhos aos pobres em estado de trabalhar. Às mulheres e às raparigas será dado de fiar e de coser...Para os homens, haverá um centro de direcções na paróquia, que indicará onde há trabalho para os que não têm.

2º Em dar o pão a seis reis à libra àqueles cuja pobreza estiver claramente / (140) provada; Duas razões determinaram a supressão do pão gratuito: a) os padeiros escolhiam as piores farinhas; b) os pobres habituados a comer um pão que não tinham ganho, enfastiavam-se do trabalho...

3º Em recuperar o comércio dos que experimentaram desgraças e restabelecê-los no seu estado anterior com um auxílio considerável dado uma vez só, mas tomando as mais sensatas precauções para não ser enganados.

4º Em tratar os doentes e fornecer-lhes tudo o que for necessário: o cirurgião, o médico, as drogas, o caldo e, na sua convalescença, o que se chama a “*porção*”, que consiste num pão molete e num pedaço de carne todos os dias.

5º Em dar o leite e a farinha para os bebés alimentados pelas suas mães, que serão avisadas de que, a não ser por motivos muito sérios, não serão ajudadas a pagar os meses de ama, porque o seu primeiro dever é de alimentar os seus filhos.

6º Em libertar os presos por dívidas, quando for para benefício da sua família...

7º Em colocar as crianças na escola / (141) quando os pais não tenham posse por isso.

8º Em fixar pequenas tenças aos velinhos e aos doentes; mas os que não tiverem ninguém ao pé deles para curá-los, nem parentes nem amigos, serão colocados nos hospitais.

9º Em fornecer enxovais para bebés, camas, roupa, utensílios para o trabalho; mas raramente ajudas em dinheiro. Os pobres quase sempre abusam dele por não saberem economizar ou para se divertirem.

10º Em ajudar com uma quarta ou quinta parte da renda aqueles que, apesar da sua assiduidade ao trabalho e as suas economias, precisarem deste socorro.

O regulamento acrescenta que os que não forem de religião católica serão socorridos como os outros. Aproveitar-se-á desta ocasião para com as adaptações convenientes os instruir sobre a religião.

E como os números do balanço anual são eloquentes! Não resisto ao prazer de os transcrever:

136 Enxovais de bebé	952£
Leite e farinha para 290 crianças	3.450£
Meses de ama de 43 crianças	1.532£
14 Escolas gratuitas para rapazes ou raparigas / (142)	6.000£
Aprendizagem de ofícios	1.500£
Para aprendizes/ as	5.870£
Vestuário para 180 pessoas	3.240£
555 Camisas e roupa interior	2.421£
351 Camas e cobertores	3.849£
Lenha	3.152£
Pequenas pensões mensais a 270 idosos ou doentes	15.000£
Auxílios extraordinários para restabelecer famílias pobres	57.000£
Despesas para os doentes, que são habitualmente uma centena	30.000£

Além disso foram dadas durante o inverno 186.000 libras de pão a 6 reis, e 360 rodas a fiar.

Não falamos nos adiantamentos feitos para as novas instituições, especialmente uma casa de empréstimos gratuitos ...⁸

Que contraste com a assistência pública de hoje, que distribui à bruta uns “bónus” de pão, e com que gastos de administração!

⁸ Esta passagem também se encontra em “Excerpta” (ano 1876, pp. 93-96 A.D, B 14)

Nos tempos idos, a administração das instituições de caridade eram confiadas a algum padre ou a algumas senhoras da paróquia. / (143)

- Estudei também as velhas corporações de S. Quintino. Contavam-se 34, e abrangiam todos os ofícios da cidade. Que admirável vida corporativa! Todas as confrarias assistiam com suas bandeiras à procissão do Corpo de Deus. Algumas tinham um capelão ou um sacerdote. A maior parte tinha uma missa especial ao domingo nalguma igreja ou capela da cidade. Todas celebravam solenemente a sua festa patronal anual. A maior parte tinha um *mealheiro* ou caixa especial de socorro. Todas tinham também regulamentos próprios para a honra e o recrutamento do ofício, para a boa fabricação dos produtos e para impedir o predomínio das grandes fábricas ou armazéns. Foi o esquecimento de todos estes velhos e sábios costumes que produziu o socialismo. Não vou dar aqui mais pormenores; talvez o faça na revista.

- Copiei uma curiosa nota de Lamartine sobre a educação universitária:

“Tal como esses filhos de bárbaros que eram mergulhados sucessivamente na água quente e na água gelada para tornar a sua pele / (144) insensível às variações dos climas, assim a criança foi lançada na incredulidade e na fé; ela sai da casa de um pai, talvez crente, talvez céptico; ela viu o seu pai afirmar e a sua mãe negar; entra num colégio dividido de espírito e de tendências; deveria ter duas almas; mas só tem uma. É abandonada, é rasgada em sentidos contrários; a confusão e a desordem metem-se nas suas ideias; ficam alguns fragmentos para a fé, alguns fragmentos para a razão; a sua fé apaga-se, a sua razão sem ardor arrefece; a sua alma seca, e o seu entusiasmo transforma-se em indiferença ou em desânimo...”

- Finalmente, interessei-me por uma antiga confraria de jovens de S. Quintino, os Cavaleiros da coroa. Um bom cónego doara em 1656 uma coroa de prata a S. Quintino. Como guarda de honra deu-lhe um grupo de jovens de escol. Deviam ser de boa família e possuir um cavalo. A sua festa anual consistia em corridas, tudo como no séc. XX: duas corridas para a honra, ou para agradar às damas, e a terceira para possuir a coroa. O vencedor ou o Rei da confraria, tinha / (145) unicamente a honra de levar a coroa na procissão de 2 de Maio.

Esta confraria tinha, como os nossos círculos de hoje, a vantagem de unir jovens escolhidos, de agrupá-los sob uma finalidade religiosa e com regulamentos que garantiam

a sua dignidade de vida e a moralidade do seu comportamento: proibição da blasfêmia, das brigas, dos excessos de bebida, das conversas desonestas, etc.

CORRESPONDÊNCIA

Do Bispado: - Em *Agosto de 1876*, Mons. Thibaudier ainda não estava instalado, escrevia de Royat: “ O R. Vigário Geral Guyart pede-me que sejais autorizado a representar a diocese de Soissons no Congresso das Obras Católicas de Bordéus, como já a representastes noutras cidades. Com muito prazer delego-vos para esse efeito. Apresentai as minhas melhores homenagens a S. Exc. o Cardeal Donnet, e os meus devotos respeitos a Mons. de Ségur. Ao regressar, vireis dar-me conta da reunião. Vosso muito afectuosamente dedicado em Nosso Senhor”. Odon, Bispo de Soissons e L. - O bispo testemunhou-me logo uma grande amizade, que nunca se desmentiu durante toda a sua permanência em Soissons. Em *Outubro*, preparávamos o Congresso de S. Quintino. Tinha-lhe falado em convidar o Governador Civil à festa / (146) de encerramento; o Governador era de bons sentimentos e estaria em S. Quintino por essa altura. O Sr. Bispo respondeu-me a 11 de Outubro: “Caro Senhor Dehon, não receeis de me importunar, e menos ainda de me aborrecer, fazendo-me as propostas que vos parecem boas. Se depois me acontecesse de não partilhar a vossa opinião, creia que teria pena disso e que não vos amaria menos. Acabo de escrever ao Sr. Governador Civil para o informar. Convidá-lo eu mesmo, poderia parecer mais do que um simples acto de cortesia e por isso seria duma dignidade duvidosa. Mas se o Sr. Arcipreste, que dará uma recepção na Quarta-feira, quiser convidá-lo, isso só poderá ser tomado no bom sentido. Avisei o Sr. Governador da presença do Cardeal e de alguns outros bispos. Creia-me, etc...”

A *30 de Novembro*, a propósito das provas das actas do Congresso: “Meu caro cónego, com muita pena vi-me obrigado a vos responder através do R. Bourse. Encontrando esta tarde um momentinho, faço questão de vos dar um novo testemunho do interesse que me inspiram as vossas obras. – Embora não tenha falado bem no começo do Congresso, contudo não fui nem tão falho de senso nem tão pouco francês como me pintou o bom Sr. Duployé (o estenógrafo). / (147) Dou-vos carta branca para me tornar suportável. – Li em viagem o relatório do Sr. Leconte (o fazendeiro), que é excelente e muito triste. Se Deus nos conceder um pouco de tempo e de liberdade, é preciso absolutamente que façamos alguma coisa... Pensai na organização do Secretariado

diocesano; proponde-me, se o momento vos parecer bom, uma reunião no paço, em Janeiro.

Estamos embaraçados para vos encontrar um auxiliar antes da Trindade. Não poderíeis descobrir um vós mesmo, sem ser o vigário de Sains indispensável no seu lugar? (P. Rasset). Da diocese, eu vos daria quase que qualquer um. Estareis fazendo uma obra realmente sábia e que dá sólidas esperanças anexando um orfanato ao vosso Patronato? Faço uma pergunta, não julgo nada, achando ver aí duas obras distintas, que não se fortaleceriam uma à outra. Para o orfanato, seria impossível ter um Irmão ou um bom leigo^o? (Pouco depois pus lá o Sr. André). - Agora talvez chegue, para um que anda em viagem, meu caro Cónego. Rezai por mim como eu rezo por vós e pelos vossos trabalhos, e crede-me, ...”

- A 30 de Janeiro, antes de partir para Roma:

“Meu caro Cónego, quando se está para / (148) partir, é bom pagar as nossas dívidas. É por isso que vos mando 300 Francos, a minha modesta parte nas despesas do Congresso. Penso que o Sr. Arcipreste terá recebido o meu bilhete de ontem, e que eu não tardarei em saber se o meu plano de partida vos convém...”

- A 31 de Março, ao regresso de Roma:

“Meu caríssimo Cónego, na vigília de Páscoa, é preciso pagar as dívidas, ou pelo menos mostrar um pouco de boa vontade. Respondo então brevemente a várias cartas vossas. Antes de mais nada, ficai sabendo que elas nunca me importunarão e que eu vos ficarei agradecido pelas propostas plausíveis do vosso zelo, mesmo quando me parecer impossível realizá-las. - Quanto às boas Franciscanas, a minha opinião é e será a vossa e a de seu digno superior (o Sr. Arcipreste). Elas poderão ter cometido algum erro em Estrasburgo e não serem, por isso, menos dignas, entre nós, de estima, de respeito e de interesse. A experiência instrui as almas boas e ajuda-as a se tornarem melhores. Gosto delas. Todavia acho que não me é possível oferecer-lhes a casa de Marle, que deve servir, parece, para uma obra mais geral...”

Relativamente aos Padres (eu perguntara-lhe se não se poderia oferecer uma obra em S. Quintino / (149) aos Jesuítas, que iam abandonar S. Vicente de Laon), ainda não se fez luz no meu espírito... Confiar-lhes o Patronato parecer-me-ia quase uma aventura

para eles e para nós. Restam a residência e o Colégio. A residência parece-me duma utilidade limitada, e vós sabeis quais os inconvenientes que ela poderia acarretar. Sob este aspecto, uma casa de Maristas seria talvez mais popular e preferível. Para o colégio ficaremos adiados para bem longe...

Passando a outra ordem de coisas, meu caro Cónego, pergunto a mim mesmo se deveremos fazer um novo Congresso este ano. Talvez faríamos bem em nos limitar a organizar seriamente o nosso Secretariado diocesano, e esperar a resposta que dará o Sr. Arcebispo de Reims à proposta que lhe fiz de tornar provinciais estes congressos. A província parece-me bastante homogénea. Em todo o caso, devemos ocupar-nos do Secretariado. Queira fazer-me propostas, dentro de um mês. Eis alguns dados que tereis a bondade de ter em conta: o Bispo, presidente; o Sr. Vincent, 1º vice-presidente; o R. Mathieu, 2º vice-presidente; vós secretário; os outros membros tomados fora de S. Quintino.

Muito afectuosamente vosso em Nosso Senhor. / (150)

A GRANDE QUESTÃO

O momento providencial para realizar a minha vocação tinha chegado.

Tomei uma decisão a 27 de Junho de 1877, e faria os meus Primeiros votos em 28 de Junho de 1878.

Mas quero repetir aqui toda a preparação desta vocação e os seus motivos.

Desde o seminário que eu tinha um desejo ardente da vida Religiosa com uma grande incerteza sobre a Congregação a escolher.

Abri-me muitas vezes com o Pe. Freyd, meu director. Nesta intenção eu invocava cada dia os principais fundadores de Ordens: São Francisco, São Domingos, S. Inácio, S. Filipe de Néri, o venerável Libermann. Pedia-lhes para que esclarecessem a minha escolha.

No último ano, seduziam-me os projectos do Pe. d' Alzon para a fundação duma Universidade. Fiz o meu retiro de eleição na casa dos Padres Redentoristas, sob a

⁹ São numerosos os Institutos de Irmãos. Na França os "Irmãos são especialmente os Irmãos das escolas Cristãs, fundadas por S. João Baptista de la Salle em 1684.

direcção do Pe. Mauron, seu geral. Mas a luz não se fez no meu espírito. Saí do retiro inclinado para a Assunção, mas sem uma bem clara determinação.

Contudo, ia dirigir-me para a Assunção no mês de Outubro, quando comuniquei de novo / (151) as minhas hesitações ao Pe. Freyd. Este bom Padre telegrafou-me: “A vossa hesitação é legítima; seria melhor libertar-vos dela”. Fiz isso imediatamente. Entreguei-me nas mãos do meu bispo, que me nomeou vigário em S. Quintino.

Eu tinha uma repugnância máxima para esse género de ministério, mas não deixei transparecer nada. Teria preferido o recolhimento, a obediência do claustro, a pobreza, o estudo.

O Pe. Freyd escrevia-me a 21 de Outubro: “Creio que vós fizestes o que *neste momento* é o mais conforme à vontade de Deus. O futuro mostrar-vos-á mais claramente o que o Senhor pede definitivamente de vós. Na expectativa, a experiência que fareis no santo ministério, ser-vos-á preciosa; vereis que com boa vontade vos segurareis perfeitamente.

Quando a nossa alma é levada nas asas da oração e do santo abandono à vontade de Deus, navegamos tranquila e seguramente.”

A 16 de Maio de 1872, esse bom Padre tranquilizava-me ainda: “Por enquanto, escrevia-me ele, vós estais certamente onde Deus vos quer... deixai a Providência conduzir o vosso barco; Ela tem sido tão boa para vós.”

A 25 de Agosto de 1872, ele expressa-me ainda o mesmo pensamento: “Mais tarde, vereis como a divina Providência guia tudo a bom fim e sabe servir-se admiravelmente das mais pequenas coisas que nos parecem insignificantes, para conduzir-nos finalmente para onde somos chamados a fazer a sua obra.”

A mesma direcção a 14 de Dezembro de 1872: “Mons. d’ Outremont bem quererá ter-vos ao pé dele”¹⁰. Eu disse-lhe que tendo vós começado obras em S. Quintino vos seria difícil, senão impossível, abandoná-las. No fundo, confesso-vos que não queria ver-vos neste momento senão em S. Quintino. Trabalhai aí onde estais neste momento; o futuro dir-vos-á o que tereis de fazer mais tarde.”

¹⁰ O Bispo de Laval tinha pedido o Rev. Dehon como secretário

A 3 de Junho 1874, o Pe. Freyd escreve-me: “Vejo com mais viva satisfação as numerosas obras que devem a sua existência à vossa iniciativa e actividade. Concluí desse bem realizado até agora, que vós estais realmente no vosso lugar, esperando que a boa Providência vos tome pela mão e vos conduza para onde Ela sabe, mas para onde eu não sei ainda mais do que vós. Não vos importeis de saber o que o futuro vos reserva. Ficai-vos nas mãos do Senhor como dócil e fiel instrumento / (153) das suas obras e da sua adorável vontade.”

Todavia, e 1874, foram-me feitas repetidas insistências para que eu me tornasse professor na Universidade católica de Lille. A 6 de Agosto desse ano, Mons. Hautcoeur escreve-me: “Vos estais certamente informado do que foi feito para a Universidade. Eu disse a mim mesmo desde há muito tempo que o vosso lugar está preparadinho aqui. Um curso de direito natural e dos povos, ser-vos-ia conveniente? Preferis ensinar Filosofia?”

Consultei o Pe. Freyd, mas inclinava-me a recusar. Eu pensava sempre na vida religiosa e neste momento as minhas obras retinham-me em S. Quintino. O Pe. Freyd confirmou-me nesse sentido, escrevendo-me: “A minha opinião é que fiquéis em S. Quintino. As vossas obras prendem-vos aí e outras considerações de que vos falar de viva voz.”

No fundo, as opiniões do Pe. Freyd baseavam-se em motivos defeituosos. Ele afastara-me da Assunção porque não acreditava no futuro da Assunção; ele afastava-me da Universidade de Lille porque não acreditava no seu futuro e porque via nela uma lamentável concorrência ao seminário Francês de Roma. Seja o que for, ele era o meu director; eu escutava-o. / (154)

Mons. Hautcoeur renovou, em vão, as suas insistências a 29 de Agosto, a 6 de Setembro, a 13 de Setembro. O Sr. Féron-Vrau também fez uma tentativa. Mons. Mournier escrevia-me ainda a 15 de Fevereiro de 1875. Mons. Hautcoeur veio ver-me e ainda me escreveu a 25 de Julho de 1875. Mantive-me firme na minha decisão.

O meu retiro de 1874 tornou mais ardentes os meus desejos de vida religiosa. Comuniquei-os ao Pe. Freyd, e ele respondeu-me a 6 de Outubro: “Estou mais do que nunca convencido que Nosso Senhor guiará os vossos passos e vos conduzirá para onde O deveis servir e glorificar. Se soubésseis como é bom não precipitar nada e desconfiarmos mesmo dos bons desejos que às vezes possamos ter.”

Insisti e em duas cartas de 2 e de 19 de Dezembro de 1874, o meu santo director revelou-me todo o seu pensamento. Foram os seus últimos conselhos. Pouco depois caiu gravemente doente e morreu a 6 de Março de 1875. A 2 de Dezembro, ele escrevia-me: “Um pouco de paciência, meu caro, e o bom Deus vos indicará o que tereis de fazer. *Tempus meum*, diz ele, *nondum advenit, tempus vestrum semper prope est.*¹¹ - De resto, se tende tanta pressa e se desejais realmente a vida religiosa, / (155) vinde para cá. Fareis entre nós um bom ano de noviciado, depois do qual o vosso lugar seria naturalmente aqui em Roma no seminário francês.” Era realmente tentador. Ele acrescentava mesmo, como uma previsão pessoal: “Pela minha autoridade, nomeio-vos meu sucessor, e sabeis por vós mesmo que aqui há muito bem para fazer.” Este bom Padre tinha muita estima por mim.

A 19 de Dezembro, o seu pensamento formula-se com ainda mais exactidão: confessa que a sua ideia-mãe fora sempre de me levar às dignidades eclesiásticas, mas vendo as minhas insistências para a vida religiosa, reconhece nelas uma vocação. E propõe-me a Congregação do Espírito Santo.

O meu estado de espírito era sempre o mesmo. Eu queria a vida religiosa, e o Senhor não me mostrava claramente para onde eu devia ir.

Todavia, comecei a fazer umas tentativas para tentar libertar-me das minhas obras. Escrevi aos Padres da Imaculada Conceição de Rennes, aos Irmãos de S. Vicente de Paulo e a várias outras Congregações, para lhes ceder a direcção das minhas obras operárias. De toda a parte recebi respostas negativas. Estava preso a S. Quintino.

Tinha perdido o meu santo director. No fim de 1875, escrevi ao mesmo tempo ao Pe. Eschbach, o novo superior do seminário francês, e aos / (156) Padres Jenner et Pouplart da Companhia de Jesus, que as circunstâncias me tinham feito conhecer.

O Pe. Eschbach respondeu-me com prudência: “Pedirei ao Bom Deus que se faça luz na vossa alma. Como bem pensareis, eu ficaria contente, a mais não poder, de ver-vos entre os nossos, mas é só a Deus que deveis pedir socorro.”

O Pe. Pouplart, a 26 de Novembro de 1875, aconselha-me um retiro: “Os laços que vos retêm no mundo, diz ele, têm com certeza a sua força mesmo do ponto de vista espiritual. As próprias dívidas contraídas a favor das vossas obras sob a vossa direcção,

¹¹Nt. O meu tempo ainda não chegou, o vosso tempo está sempre perto.

se não directamente por vós e em vosso nome pessoal, podem atrasar igualmente a vossa entrada em religião. Mas, enfim, tudo isso terá de fazer-vos perder de vista essas aspirações que sempre tivestes, esses desejos que se tornam cada dia mais violentos? Creio que não, e só posso concordar plenamente convosco. Todavia, estou longe de vos dizer que seja urgente quebrar os vossos laços. O *dirupisti vincula*¹² não veio ainda. Porque não fareis vós umas breves férias de oito dias e não ireis fazer os exercícios de S. Inácio em S. Vicente de Laon / (157) ou em Liesse?”

A 11 de Março de 1876, o Pe. Pouplart insiste para que eu me decida a fazer um retiro de eleição, e não tem dificuldade em convencer-me: “Eu não tenho, diz ele, a luz para ver nem a graça especial para prever os desígnios de Deus sobre o vosso futuro: menos ainda cometeria eu a imprudência de vos empurrar..., mas parece-me que é preciso chegar a uma conclusão, e que as vossas próprias obras pedem uma solução. Se Deus vos chama para a vida religiosa, será então conveniente descobrir os meios para assegurar as vossas iniciativas de S. Quintino, e para fixar a altura da vossa entrada em religião... Se, depois de tudo pesado na balança do santuário, estiver decidido que vós deveis santificar-vos e santificar os outros no estado eclesiástico secular (o que não me espantaria), tereis então o coração mais livre; vós estareis melhor, e estareis melhor porque o vosso caminho estará perfeitamente traçado.”

Fiz então um bom retiro de 21 a 27 de Março em Laon, na casa do 3º ano dos Padres Jesuítas, sob a direcção do Pe. Dorr. Fiz uma escolha séria. Escrevi os motivos pró e contra. Os meus atractivos, as minhas necessidades espirituais levam-me para a vida religiosa. As minhas obras ainda precisavam de mim, e amarravam-me. Tinha organizado a Associação sacerdotal do Oratório diocesano, o Secretariado diocesano das / (158) Obras, o Círculo, o Patronato, o orfanato. Tinha ajudado na fundação das Franciscanas e à criação do Jornal “Le Conservateur”. Podia bruscamente libertar-me de tudo isso? Concluí que faria o possível para me desligar, que não me comprometeria em novas obras; que procuraria um director especial para o Patronato.

E formulava assim a minha conclusão:

“Portanto, terei em vista a vida religiosa, que abraçarei de preferência à vida secular, para nela praticar melhor os conselhos de perfeição e tudo isso para maior glória de Deus e salvação da minha alma. - Todavia só entrarei nela quando puder deixar as

¹² Nt. Quebraste os vínculos

minhas obras sem escândalo e sem grade prejuízo para as almas...” E acrescentava: “Não daria outro conselho a um homem a quem eu quisesse o maior bem. Se estivesse em ponto de morte, parece-me que aprovaria esta escolha como sendo feita com vistas rectas, para maior glória de Deus.”

Particpei a minha escolha ao Pe. Pouplart e ao Pe. Jenner. Responderam-me ambos imediatamente para me encorajar.

O Pe. Pouplart escrevia-me a 28 de Março: / (159) “Não podeis duvidar da alegria que a recepção da vossa carta me faz experimentar... A minha reserva vos provou quanto eu queria que vós pudésseis dizer que só Deus, com o vosso concurso, tinha realizado a Seu obra. O Senhor dignou-se dizer-vos: “Veni, sequere me”, e vós respondestes perfeitamente à Sua chamada; que o Seu Coração seja mil vezes bendito!” Ele insistia para que eu simplificasse as minhas obras e me preparasse para partir.

O Pe. Jenner respondeu-me a 29 de Março: “Que Deus seja louvado e mil vezes bendito pela misericordiosa bondade que usa para convosco! Chegastes então à conclusão que eu entrevia tão claramente... Esforçar-me-ei o melhor que puder para ajudar-vos a resolver o problema da vossa Obra operária; eu vou já desde agora fazer uma ou outra tentativa ...”

Todavia o Senhor não aplanou as dificuldades que se opunham à minha partida. A 17 de Julho, escrevi ao Pe. Dorr, superior do Terceiro ano em Laon, para anunciar-lhe que ia fazer um novo retiro sob a sua direcção. Respondeu-me a 19: “Deveis sentir realmente a necessidade de vos reencontrardes bastantes vezes na solidão, para conservar bem firme a vossa resolução. Até agora, parece que a Providência não tenha ainda querido afastar os obstáculos, mas será para Ela tão difícil aplanar o caminho que vos conduz ao fim / (160) tão desejado? Conservai a confiança sem limites e não cesseis de importunar a divina misericórdia. A vocação é uma graça tão preciosa que bem merece ser desejada longamente, pedida com perseverança, paga com muitos sacrifícios...”

Esperar, era então sempre para mim a ordem Divina.

Continuei as minhas obras. Organizei o Congresso das Obras em S. Quintino. Mons. Thibaudier nomeou-me cónego honorário no mês de Outubro.

O Pe. Jenner escreveu-me então: “Fareis o obséquo de me deixar expressar-vos toda a alegria que me causa a distinção tão lisonjeira que acabais de receber da parte do vosso Bispo. Quero ver nisso somente um novo meio para alargar a vossa esfera de

acção e para consolidar as vossas obras, que tendem tão directamente à glória de Deus. Estou mesmo a perguntar-me se esta alta benevolência do Sr. Bispo não será uma indicação do céu para pôr fim a certas preocupações.”

Na *Primavera de 1877*, fui a Roma com Mons. Thibaudier, o Rev. Mathieu arcipreste, e o Rev. Mignot. Essa estadia em Roma, relembrando-me todas as graças dos primeiros tempos do meu sacerdócio, não fez que inflamar ainda mais o meu desejo de chegar à vida religiosa. / (161)

Pedi ao Sr. Bispo para ficar em Roma, a fim de fazer um ou dois anos de estudo. Era para sair de S. Quintino, com a secreta esperança de ir de Roma para o noviciado dos Padres do Espírito Santo. O Bispo recusou formalmente.

Todavia a hora da solução aproximava-se. Nosso Senhor preparava tudo sem que eu suspeitasse dos seus desígnios. Eu era desde 2 de Julho de 1875 capelão das nossas queridas Irmãs. Elas estavam unidas à ordem franciscana, mas o seu fim íntimo era a vida de reparação e de amor ao Sagrado Coração de Jesus. A chère Mère Superiora e as almas que lhe estavam mais ligadas, tinham uma aspiração ainda vaga para um agrupamento de padres reparadores. Não ousavam pensar numa nova Congregação. Elas perguntavam a si mesmas como se poderia fazer este agrupamento e quem teria essa iniciativa. Pensava-se um pouco no Pe. Jenner para organizador.

Umhas santas almas tiveram aspirações análogas, mas nada concluíram. Houve tentativas de congregações reparadoras de sacerdotes, tentadas pela venerável Madre Maria Teresa, fundadora da Adoração reparadora, pelo Pe. João do Sagrado Coração em Marselha, pelo Sr. Bispo de Grenoble¹³ e por Mons. Jourdan de la Passardiére.

¹³ É Mons. José Fava (1825-1899) nascido em Évil-Malmaison (diocese de Arras). No Seminário de Cambrai, tinha feito o voto de ir para as missões, voto que realizou primeiro indo ajudar um parente, bispo de SS. Denis, da Reunião, depois como missionário no Zanzibar. Foi nomeado Bispo de Fort-de-France (Martinica) em 1871. Em 1875 foi promovido para Bispo de Grenoble em substituição de Mons. Paulinier. Insistiu junto do Pe. Girand, missionário de La Salette, para que colaborasse na fundação dos *Padres da Adoração Reparadora*, divididos em dois ramos (contemplativos e activos). Queria ele mesmo renunciar ao seu episcopado para essa fundação, mas não obteve o consentimento de Roma.

Teve como Vigário Geral Mons. Jourdan de la Passardiére, do Oratório. Não será inútil recordar que na sua mocidade Mons. Fava fora discípulo de Libermann.

Eu compreendia e gostava das vistas da / (162) chère Mère mas sem ver nisso uma vocação para mim¹⁴. Provoquei as confidências da chère Mère sobre os seus pontos de vista a este respeito; ela expôs-mos. Escrevia-me a 25 de Maio de 1877:

“Suplico todos os dias ao Senhor que dê essas luzes a outros que poderão agir e fazer cumprir a sua vontade, e não vos teria falado nisso nestes últimos tempos se vós, meu Padre, não o tivésseis feito primeiro. Esperemos, acrescentava ela, que o Senhor suscite em tempo oportuno o apóstolo que ele tiver escolhido para este missão difícil. O tempo não pode estar longe, creio eu, e peço-o à sua misericórdia.”

Entretanto, realizava-se um trabalho progressivo na minha alma. Eu queria ser religioso; não podia abandonar as minhas obras de S. Quintino. Sentia uma atracção poderosa para uma congregação ideal de amor e de reparação ao Sagrado Coração de Jesus. Compreendia que esta obra responderia aos desejos expressos por Nosso Senhor em Paray-le-Monial e pela Santíssima Virgem em La Salette e às aspirações de muitas almas santas.

As nossas Irmãs rezavam pela a realização dessa obra e eu encorajava-as nisso.

Havia uma conclusão lógica: Nosso Senhor / (163) pedia talvez que fundasse eu mesmo essa obra em S. Quintino. Como sabê-lo? Um tal projecto não era uma temeridade insensata? Sobre isso, eu não podia consultar facilmente os dois religiosos com os quais me tinha aconselhado desde havia alguns meses, porque ambos me desejavam para a Companhia de Jesus. Apesar da sua virtude, eu podia recear da sua parcialidade. Abri-me com aquele que tinha autoridade para me indicar a vontade de Deus, Mons. Thibaudier. Apresentava-se um meio prático, que eu lhe propunha: o bispo desejava um colégio eclesiástico em S. Quintino; eu disse-lhe: “É talvez esse meio para começar uma congregação reparadora; ela será fundada à sombra do colégio.” Ao mesmo tempo eu expunha ao bispo os meus atractivos e os motivos que militavam pró e contra essa fundação. O Sr. Bispo aceitou; era o sinal da vontade divina.

Foi a 26 de Junho que eu comuniquei à chère Mère os meus projectos, a minha abertura com Sr. Bispo, e o seu consentimento. A chère Mère, completamente

¹⁴ “Querida Mãe”, como “Bom Pai”, “Boa Mãe”..., eram expressões habituais entre os religiosos e religiosas de outrora. O Pe. Dehon era chamado “Trés Bon Père”, para o distinguir do “Bom Père” nome por que era conhecido então o Sr. Leão Hermel. A “Chère Mère”, é a Rev. ma Madre Maria do Coração de Jesus, fundadora das Irmãs Servas do Coração de Jesus, nascida Rosalie Oliva Uhlrich, nascida em Villé (Alsácia) a 25 de Março de 1837, morta no exílio em Soignies (Bélgica) a 17 de Março de 1917.

emocionada e impressionada com o pensamento do pesado fardo que a Providência me confiava, ficou quase muda; mas no dia seguinte escrevia-me: “Não consegui agradecer suficientemente ao Senhor, nem apreciar bastante o caminho que Ele iria tomar / (164) para o cumprimento dos Seus desígnios tão misericordiosos para as almas.”

Mons. Thibaudier dera-me o seu consentimento verbal; teve ocasião de pô-lo por escrito a 13 de Julho. Escrevia-me: “ O projecto de *sociedade* tem toda a minha simpatia; oferecer-lhe-ei a minha colaboração em tudo o que me parecer da vontade de Deus; faço votos para que vós presidais à sua realização.” Esta carta episcopal é verdadeiramente o acto de fundação do nosso Instituto.

A decisão tão clara do Sr. Bispo era para mim a de Deus; já não havia motivos para hesitar. Por outro lado, os dois Padres jesuítas que eu tinha consultado anteriormente como directores, deram também a sua aprovação ao meu projecto. O Pe. Jenner escrevia-me a 6 de Julho:

“Deus seja louvado e mil vezes agradecido por tudo o que Ele fez em vós e à vossa volta. Vós me apareceis realmente como *Virum dexteræ eius*, e eu estou repleto de alegria ao ver-vos desejoso de corresponder tão fielmente a tudo o que Ele pede de vós...”

O Pe. Pouplart escrevia-me mais tarde: “visto que Deus dispõe todas as coisas, eu devo louvá-lo por tudo o que Ele faz de vós...; que o Coração do Senhor seja glorificado!” / (165)

Fiz um acto de fé comprando a casa de Lecompte. A chère Mère tinha pedido a Deus como sinal providencial, uns recursos com que ela pudesse ajudar; ela obteve esse sinal a 14 de Julho: uma irmã viu-se dona, por herança, duma receita de 20.000 francos, o que permitiu à comunidade ajudar-nos durante alguns anos.

A 14 de Julho, o Sr. Lombard, que era o usufruário da fortuna da Ir. Maria das Cinco Chagas, morrera improvisamente.

A chère Mère ajudou-nos desinteressadamente. Durante vários anos, deu-nos uma parte dos rendimentos anuais e de algumas somas recebidas com essa herança¹⁵.

¹⁵ A recordação da morte súbita do Sr. Lombard e a ajuda económica da chère Mère é chamada em nota, p.166, pelo Pe. Dehon.

Recolhi-me em retiro de 16 a 31 de Julho, para escrever as Regras e Constituições do Instituto, que eram imitadas das de S. Inácio.

Comecei o meu noviciado nesse mesmo dia. Iria fazer os meus primeiros votos no dia 28 de Junho seguinte, na festa do Sagrado Coração de Jesus.

MOTIVOS PELOS QUAIS A CONGREGAÇÃO FOI FUNDADA

I - Nosso Senhor manifestou à Bem-aventurada Margarida Maria o Seu desejo de ver almas votadas a amá-lo e a reparar as ofensas que são feitas ao Seu Coração pelos pecados dos homens. O pecado atrai a Sua cólera, irrita a Sua justiça, suspende a Sua misericórdia e impede o triunfo da fé e da Igreja. O Senhor queixou-se particularmente das faltas das almas privilegiadas, das almas consagradas. Eis algumas das suas palavras que me impressionavam profundamente:

“O Meu Coração está tão cheio de amor para com os homens que, não podendo já conter em Si mesmo as chamas da Sua ardente caridade, é preciso que Ele se lhes manifeste, para enriquecê-los com os tesouros que Ele encerra. Descubro-te o valor desses tesouros: eles contêm as graças de santificação e de salvação necessárias para arrancar o mundo da perdição...”

“Eis esse Coração que tanto amou os homens, que não se poupou a nada, até se esgotar e consumir para lhes testemunhar o Seu amor. Como recompensa, Eu recebo da maior parte deles só ingratidões, por causa dos despezos, irreverências, sacrilégios e frieza que eles têm para comigo no sacramento do amor. Mas o que ainda me é mais sensível é que são corações consagrados que me tratam deste modo. / (167)

“Tenho uma sede ardente de ser honrado e amado pelos homens no Santíssimo Sacramento, e todavia não encontro ninguém que se esforce, segundo o meu desejo, a saciar essa sede.

“O grande desejo que tenho de ser amado perfeitamente pelos homens, fez-me tomar a decisão de lhes manifestar o Meu Coração e de lhes dar, nestes últimos tempos, este último esforço do Meu Amor, oferecendo-lhes um objecto e um meio tão apropriado para comprometê-los a amar-Me, e a amar-Me solidamente.

“Dando-lhes o Meu Coração, abro-lhes todos os tesouros de amor, de graças, de santificação e de salvação que este Coração contém, a fim de que todos os que quiserem

prestar-lhe e procurar-lhe todo o amor e toda a honra que lhes for possível fiquem enriquecidos, com abundância, dos tesouros de que este Coração divino é a fonte fecunda e inesgotável.

“Escreverei os seus nomes no Meu Coração e nunca permitirei que sejam daí apagados.

“ Procuro uma vítima para o meu coração, que queira sacrificar-se como hóstia de imolação para o cumprimento dos meus desígnios.

II - N. Senhora de La Salette pediu também a reparação. E se acreditarmos no segredo da Melânia, ela pediu sobretudo a reparação do sacerdote e pelo sacerdote.

III - A reparação era o objecto das aspirações de muitas / (168) almas santas.

A Ven. Ana de Rémusat, de Marselha, chamada a segunda Margarida Maria, teve as mesmas luzes. O Senhor pediu-lhe muitas vezes a reparação. Ela falou muitas vezes na obra dos sacerdotes, desejou-a e anunciou-a. Foi para responder aos anseios de Ana de Rémusat que o P. João do S. Coração, Luís d'Arbaumont, tinha fundado em Marselha a congregação dos Sacerdotes vítimas do S. Coração.

IV - Várias congregações reparadoras femininas foram fundadas nestes últimos tempos, e todas aspiravam à fundação de congregações de homens com o mesmo fim.

Podemos remontar até às Filhas do Salvador, fundadas pela madre Maria de Jesus du Bourg. Esta santa fundadora escreveu lindas páginas sobre um projecto de instituto masculino no espírito de amor e de reparação para com o Salvador e o Seu Coração sagrado. Tentativas de fundação foram feitas.

A Sr.^a Barat desejou e esperou um instituto de homens.

A Madre Maria Teresa, fundadora das Irmãs da Adoração reparadora compreendia e repetia incessantemente que o sacerdote devia / (169) ser o primeiro reparador. Por sua insistência, Mons. Luquet (falecido, creio eu, no Seminário francês) e o P. Francisco tentaram um instituto de sacerdotes que não teve duração.

As Irmãs Vítimas do S. Coração, de Lião e de Avenières, fundadas pela Madre Verónica, de santa memória, desejaram o instituto de sacerdotes. Alguns padres tinham mesmo preparado uma fundação em união com essas piedosas Irmãs; eles vieram unir-se a nós (o P. André Prévot, o P. Charcosset, o P. Galley).

As Filhas do Coração de Jesus de Anvers e de Marselha tiveram as mesmas aspirações.

V - Mons. Fava bispo de Grenoble, tinha projectos análogos, para responder aos pedidos de Nossa Senhora de La Salette. Fez tentativas que não deram resultado, Escrevia-me ele mesmo: “ Esta ideia de reparação é soprada sobre a Igreja pelo Espírito de Deus por toda a parte.”

O R. P. Giraud, autor de belos livros sobre a vida de imolação, escrevia-me: “O Sr. Bispo de Grenoble está inteiramente animado por um zelo ardente para realizar uma santa obra sacerdotal.” O P. Giraud inspirava-se, aliás, para os seus escritos, nas luzes da Madre Verónica.

O bispo de Grenoble mandou-me o seu próprio vigário geral, Mons. Jourdan de la Passardière, para acordar alguma fusão dos diversos projectos de obras reparadoras.

VI - O instituto das Vítimas do S. Coração de Bordéus e de Murat, para a santificação do clero, fora fundado em 1875. Era uma simples associação. Havia lugar para fundar uma congregação de sacerdotes com esse fim, para apressar o resultado desejado.

VII - A bela obra da Guarda de honra de Bourg tinha o mesmo fim, pelo menos no seu terceiro grau: unido à vida de vítima do S. Coração para a santificação do povo escolhido e para a reparação, também essa obra apelava a uma congregação de sacerdotes. A Ir. Maria do S. Coração, que era a alma desta obra, encorajou-nos. - “No terceiro grau, diz o Manual, as Guardas de honra, particularmente as almas religiosas e consagradas oferecem, as suas reparações para suavizar as feridas dolorosas que Jesus Cristo, sacerdote e vítima, recebe no seu sacerdócio, unindo as suas imolações às do Salvador perpetuamente imolado, tornando-se uma única e mesma vítima com Ele... É o amor heróico que sobe até o altar do sacrifício, glorificando o supremo amor e cooperando com Ele para a salvação do mundo.”

VIII - Poderia citar ainda outras almas / (171) privilegiadas, por ex. A venerável Inês Steiner, Louise Lateau, etc..., que tinham as mesmas luzes.¹⁶

¹⁶ A Venerável Inês, Clara do Sagrado Peito, Steiner, no mundo de Teresa, nasceu em 1813 em Tesido (diocese de Bressanone). Após muitas dificuldades, entrou em 1838 na Ordem Terceira de S. Francisco, no convento bávaro de Assis. Mestra de noviças em 1843, procurou sobretudo desenvolver o amor do Divino Crucificado. Foi favorecida com

IX - Finalmente as nossas Irmãs Servas do Coração de Jesus tinham esse fim. Elas rezavam e sacrificavam-se para isso. Era a sua atractiva. Eu mesmo tinha vivido nesse espírito desde alguns anos. Tivera de deixar-me penetrar pelo espírito das Irmãs para poder dirigi-las, pregar-lhes, confessá-las. Por isso quando a chère Mère me comunicou as suas ideias sobre a reparação sacerdotal, particularmente em Abril e Maio de 1877, eu concordava absolutamente.

“Vós sabeis melhor do que eu, escrevia-me a chère Mère a 21 de Abril, quanto a reparação é necessária nos tempos actuais e que o Coração de Jesus a pede para que obtenhamos graça e misericórdia...” E acrescentava: “ Se não me engano, seriam precisas também almas sacerdotais para esta reparação, mas Nosso Senhor fará cumprir a seu tempo a sua vontade sobre isso; espero-o e desejo-o para a sua glória e o triunfo da Igreja...” / (172)

PRIMEIROS PASSOS: SÃO JOÃO

O Instituição S. João devia ser o primeiro abrigo da obra. Ela estaria aí como que no Egipto, no meio da agitação e dos estudos demasiado pagãos de um colégio, mas encontraria a sua Nazaré no ano seguinte na Casa do S. Coração.

Portanto, era preciso preparar o colégio e organizá-lo. A distribuição dos prémios era uma boa ocasião para dar publicidade à fundação. Fazíamos o seu anúncio por meio de uma circular do Sr. Lecompte, nestes termos: “Peço-vos que tenhais a bondade de honrar com a vossa presença a distribuição solene dos prémios aos meus alunos, que será feita no dia 4 de Agosto, às 14 horas, no novo Colégio. Sinto-me feliz por poder anunciar-vos que a Casa vai receber um aumento considerável. O ensino será dado por uma Sociedade de eclesiásticos, sob o patrocínio do Sr. Bispo de Soissons... O edifício será imediatamente ampliado. A cerimónia de distribuição dos prémios será presidida pelo

grandes graças de ordem mística. Em 1844, foi chamada a fundar em Nocera Umbra um convento de Clarissas mitigadas. Morreu com fama de santa em 1862.

Lateau, Luísa. “Estigmatizada” célebre no fim do séc. XIX. Nascida a 24 de Janeiro 1850 em Bois-d’Haine (diocese de Tournai) morta a 25 de Agosto 1883. Na Sexta-feira 24 de Abril de 1868, apareceram-lhe umas chagas nos pés, nas mãos, na testa, e sangraram todas as Sextas-feiras até 1881. Segundo a afirmação de várias pessoas, deixou de tomar qualquer alimentação a partir de 30 de Março 1871, absorvendo unicamente a hóstia da comunhão. Tinha também frequentes êxtases às Sextas-feiras. Luísa Lateau foi estudada por uma comissão de inquérito, composta por eclesiásticos e médicos. Podemos lamentar que L. Lateau tenha sempre recusado submeter-se a um exame médico em clínicas. O inquérito não tomou publicamente nenhuma posição definitiva sobre a autenticidade dos factos, a sua origem, a sua natureza.

Sr. Arcipreste de S. Quintino, vigário geral honorário O discurso da praxe será pronunciado pelo / (173) Sr. Pe. Dehon, Cónego honorário, designado pelo Sr. Bispo para ser o superior da casa...”

Preparei à pressa um discurso. Tomei por tema “ A educação cristã, seu fim, seus meios, seu método, seus frutos.”

Eu era sincero ao exprimir em primeiro lugar a impressão que eu sentia, da gravidade da obra empreendida. “Sentimos, dizia eu, toda a importância da obra que empreendemos. Compreendemos toda a nossa responsabilidade diante dos pais e das mães de família que nos confiarão o que eles têm de mais querido, diante da sociedade da qual vamos formar alguns membros escolhidos, diante de Deus que tanto ama a infância e que exige que seja tratada com soberano respeito...”

Recordarei somente aqui o que já disse do *fim da educação*:

“ O que é então este trabalho da educação e qual é o seu fim?

“ Um homem do mundo, daqueles que vivem fora do nosso ambiente cristão e que não levantam muito ao alto os seus olhares, responder-me-ia: - A educação, é a aquisição de conhecimentos exigidos para enfrentar com sucesso / (174) um exame, para abrir-se uma carreira e criar-se uma reputação de homem instruído. É ainda a formação ao saber viver, ao bom-tom, às boas maneiras, a tudo aquilo que, numa palavra, é preciso para fazer a própria caminhada neste mundo. -

“ Tudo isso é bom, mas será tudo?

“ Eis agora o pensamento cristão, expresso na linguagem elevada e poética de um dos Bispos mais eloquentes deste século (Mons. Berthaud, Bispo de Tulle)¹⁷ : - Todo o cristão baptizado é uma flor divina, ou melhor é um deus em flor; cada um dos seus actos deve ser um passo para a maturidade, para a idade perfeita, para a grandeza e a estatura divina; ó crianças do baptismo, da primeira comunhão, a Igreja vossa mãe sugeriu-vos ideais imensos, mostrou-vos a vossa natureza divina, insuflou em vós ódios sagrados contra o mal, contra a paixão, contra o demónio. Um verdadeiro cristão não está eminentemente acima dum homem que fosse somente rei? Não deve ele ter uma alma maior, fazer acções mais nobres, usar uma coroa mais bela? Instruí-lo então desde a sua mais tenra infância, ou fazei-lo instruir cada dia sobre a grandeza dos seus destinos.

Livrai-vos de permitir que arraste por terra o seu pensamento / (175) e os seus desejos. Revesti-o dessas virtudes evangélicas que serão o seu manto de glória. Não é uma educação real, é uma educação divina que é necessária para elevar a toda a sua altura aquele que deve ver o émulo de Deus no caminho da perfeição e seu comensal no banquete da eterna felicidade. -

“Digamos com mais simplicidade estas grandes verdades.

“Na base de qualquer sistema de educação, há um pensamento dominante e essencial, um fim, um ideal. Este fim está sempre em relação com as doutrinas políticas e religiosas do filósofo que concebe esse sistema de educação, ou da sociedade que o institui. A orientação impressa à educação depende muito especialmente da ideia que se se forma do homem perfeito. A imensa superioridade da educação cristã sobre qualquer outra vem do facto que ela tomou como seu fim e seu ideal a perfeição total e sobrenatural do homem nesta vida e na outra.

“ Entre as Gregos, Platão entrevira este nobre fim. Ele deu a mais bela definição da educação: Eu chamo educação, dizia ele, àquilo que dá ao corpo e à alma toda a beleza e toda a perfeição de que são susceptíveis. Nesta perfeição da alma, ele não tinha em vista só a vida presente. - É uma loucura, para uma criatura mortal, diz ele noutro passo falando da educação, / (176) ter mais cuidado dessa curta existência que da eternidade (no diálogo de Fédon).¹⁸ - Mas estas ideias elevadas de Platão foram totalmente excepcionais no paganismo.

“ Para melhor compreender o ideal cristão, e fazê-lo sobressair mais, demandemos à história o que ela nos oferece por fora dele.

“Houve o ideal dos povos primitivos, o de Esparta, o de Roma antes das guerras púnicas. Para esses povos, o homem perfeito é o soldado valoroso, rijo na fadiga, dócil na disciplina. Para eles a educação reduz-se quase ao desenvolvimento das forças físicas e da habilidade do corpo.

“Houve o ideal político. É o dos poderes implantados pela força e que querem prevenir o seu descrédito nos espíritos. Era o da Convenção de 1792. A política torna-se então a preocupação quase exclusiva dos organizadores da educação nacional. Tudo o resto, religião, delicadeza de costumes, cultura de espírito, nobreza de coração é

¹⁷ No manuscrito, esta informação entre parêntese, encontra-se em nota.

absolutamente desprezado ou relegado para segundo plano. O homem parece não ser mais que um animal político, vindo ao mundo para conhecer, amar e servir a Constituição. A Declaração dos Direitos do Homem era já para Talleyrand o catecismo da infância (Assembleia Nacional 25 de Setembro de 1791)¹⁹ Para Lepelletier de Saint- / (177) Fargeau, Barrère, Danton e para a Convenção que os aprova, a família deve abdicar dos seus direitos diante do Estado. Os filhos pertencem à grande família social, antes de pertencerem à sua família particular. (Moniteur, 22 de Setembro. - 14 de Dezembro de 1793).

“Sobre esta base erguiam-se sistemas educativos que se gosta de reler, nem que fosse só a título de divertimento. Propunha-se, por exemplo, a educação comum de todos as crianças longe das suas famílias, a partir da idade dos 5 anos, educação limitada aos conhecimentos elementares e confundidos com a aprendizagem profissional, sem distinção de sexos, e até com farda idêntica. (Michele acha admirável este projecto na sua intenção, e nada quimérico. (Hist. Da Rev. Franc. t. IV, p. 390).²⁰

“ Não é esse, bem o pensais, o nosso ideal.

“ O ideal político também não foi estranho à primeira organização da Universidade com seu monopólio exclusivo, sob o Consulado e o Império.

“Há ainda o ideal utilitário. É o de uma numerosa escola inglesa contemporânea, o dos positivistas em França. Para eles, todo o desenvolvimento da pessoa humana, se reduz à actividade física e industrial. O homem é simplesmente um ser material. De alma, de moral, de cultura intelectual, de religião, / (178) nem se fala.

“Há finalmente o ideal que chamarei crítico ou da arte pela arte. É o de um grande número de membros do ensino oficial do nosso tempo. Eles cultivam as letras e a filosofia, mas não têm outro culto que o da forma na literatura e na arte. Eles recusam e desdenham qualquer princípio religioso. Para eles, Deus é uma simples ideia e todas as religiões são evoluções progressivas do espírito humano.

“Só o ideal cristão abrange ao mesmo tempo todos os elementos da perfeição humana.

¹⁸ No manuscrito, esta informação entre parênteses, encontra-se em nota.

¹⁹ O texto entre parênteses encontra-se em nota, no manuscrito.

²⁰ O texto entre parêntesis, encontra-se em nota, no manuscrito.

“A educação cristã não descuida o que se refere ao desenvolvimento físico. Ela preocupa-se da higiene e dos exercícios do corpo. Considera as letras e as ciências como necessárias para desenvolver as faculdades do espírito. Forma a inteligência pela Filosofia e a História, o gosto pelo conhecimento dos modelos da literatura e da arte, a vontade e o coração pela religião, os costumes e o carácter pelos procedimentos delicados em uso na melhor sociedade.

“Formar um cristão, não é só dar-lhe noções de ciência humana que o ajudarão a criar-se uma posição na vida... / (179) É também e sobretudo formar nele um carácter nobre e grande, costumes puros, virtudes viris. É fazer crescer na sua alma a fé que obre ao entendimento o mundo invisível, a esperança que fortalece o coração pela perspectiva duma felicidade merecida e pelo amor que torna Deus sensível nas trevas frias da vida.

“Formar um cristão, é ainda construir um homem de coração, um homem de sacrifício e de entrega, um homem que tenha sacudido o jugo do egoísmo. Seja qual for a carreira que ele abraçar um dia, sacerdote, soldado, agricultor, industrial ou magistrado, o discípulo da educação cristã levará para ela essa convicção ardente e profunda, de que tem uma influência regeneradora de palavra e de exemplo a exercer na vida.

“Tudo o que Deus lhe deu de talento ou de génio, tudo o que a educação lhe comunicou de forças intelectuais e morais, tudo isto não será somente para ele um meio para honrar a sua vida; será ainda o instrumento do bem que ele deve cumprir. Na esfera de acção em que a Providência o colocar, ele será o missionário da virtude e a imagem viva de Jesus Cristo.

“Tal é o fim da educação cristã, este é o nosso fim. E se a nossa esperança não for frustrada, os nossos alunos, pelo menos os que responderem plenamente / (180) aos nossos cuidados, encontrarão no espírito que nós iremos dar a esta casa, no culto especial ao Coração de Jesus e na protecção do seu amável discípulo S. João, uma graça especial de pureza, de doçura, de devoção e de zelo pelo bem...”

Tudo isso era bem relevado pelos bons cultivadores que vinham coroar os seus alunos, mas um discurso de distribuição dos prémios vai mais longe do que os seus ouvintes; é publicado nos jornais e alcança o público instruído.

Eu tinha oferecido os grandes princípios da educação cristã; eu devia, nos anos seguintes, numa série de discursos que foram reunidos em volume, falar das virtudes da

infância, do patriotismo cristão, das letras cristãs, das relações entre a ciência e a fé, do estudo da história, do estudo da geografia ...

ORGANIZAÇÃO

Juntamente com a casa Lecompte, eu tinha também comprado um terreno contíguo. Mesmo antes do pagamento, os operários tinham feito cair as barreiras, e começaram as novas construções, uma capela, salas de aula, um muro de cinta. Tudo isso devia custar 25.000 francos.

Eu hipotecava o futuro, dava aos vizinhos grossas esperanças para a venda dos seus imóveis, mas que devia eu fazer? Onde ir para começar a obra? Um local de pensionato não se improvisa.

Vim residir no S. João no dia da Assunção. Devia estar aí para vigiar os trabalhos. As boas Irmãs viriam instalar-se também e dar-me uma ajuda imensa com a sua actividade, a sua dedicação, e sobretudo com as suas orações e o seu espírito religioso²¹

Mandei arranjar um oratório num grande sótão. Seria o oratório das Irmãs durante vários anos.

Eu alojei-me no primeiro andar, sobre a rua, no quarto do Sr. Lecompte.

O Sr. Vinchon, do Patronato, foi o meu primeiro colaborador. Ele devia ser irmão cooperador, mas ficou somente como auxiliar.

O Rev. Mathieu era muito bom para comigo. Todos os dias tinha o meu lugar na sua mesa. Aproveitava muitas vezes.

Continuei como vigário titular durante alguns meses, mas dispensado dos catecismos e duma grande parte do ministério.

Restava-me o Patronato e a capelania / (182) das Irmãs. Elas tinham um capelão. Eu ia lá muitas vezes, mesmo para a missa. Fazia-lhes conferências e atendia-as de confissão.

As matrículas de alunos não se fizeram esperar.

²¹) Havia duas Servas do S. Coração: Ir. Maria Oliva e Ir. Maria Clara que se ocupavam do governo da casa no S. João.: “A sua conversação, escreve P. Dehon, ajudava-me a viver o espírito de fé” (NHV, XIII, 66-67).

Uma circunstância feliz nos favoreceu. A casa de Nossa Senhora de Laon não conseguia continuar, por falta de recursos. Vários dos seus professores e alunos vieram para nós.

Chamo a isto uma circunstância feliz para nós. Mas ela era penosa para os de Laon. Guardaram-nos sempre um pouco de rancor, como se a nossa fundação tivesse sido a causa da destruição da obra deles. Nada disso. O encerramento de Nossa Senhora estava decidido antes da nossa fundação. Creio mesmo que este facto tinha influído sobre a decisão do Sr. Bispo.

Ele escrevera-me a 8 de Julho: “Podeis preparar, pelos meios que vos parecerem convenientes e anunciar quando o julgardes oportuno, a abertura do vosso colégio de jovens. Julguei não dever falar nisso em Laon, mas a saída desses senhores de s. Bertin (que os professores e o próprio Sr. Thévenard ignoram) / (183 r) está definitivamente decidida. Não diga nada; não devemos perturbar o fim do ano dessas crianças, das quais eu fiquei muito satisfeito.”

O encerramento da casa de Laon deu-me alguns professores: os Srs. Bigaut, Lefèvre Emiliano, Lefèvre Arnaldo, Glorian. Para mim, era uma ajuda considerável. Esses senhores traziam tradições e experiência de ensino. S. João tornava-se duma só vez uma casa formada e bem assente.

E isso tanto mais era verdade porque Laon me mandava também alguns bons Alunos, como Geoffroy, Savard, Delloue, Damiens, Baudelot, Petit, os Wirtz. Iam constituir as turmas avançadas, a segunda, a terceira, a quarta. Eles enquadrariam os alunos do Sr. Lecompte e dariam o tom à casa.

A Providência assistia-me

Era preciso um titular legal para a casa. Eu não tinha o estágio exigido. Mas a coisa pôde arranjar-se. O Sr. Lecompte continuou titular por alguns meses. Eu pedi uma dispensa completa de estágio. O Sr. Bispo deu este bilhete amável para acrescentar ao meu processo: “Autorizamos o Rev. Dehon, vigário em S. Quintino, cônego honorário da nossa Sé catedral, provido de diplomas honrosos da / (183) Universidade de França e do estrangeiro, conhecido nesta diocese e fora dela por se ter ocupado com sucesso das obras da juventude, a pedir ao conselho do Departamento do Aisne uma certidão de estágio para a direcção dum estabelecimento de instrução secundária; sendo preciso,

autorizámo-lo a pedir dispensa dessa certidão ao Sr. Ministro da Instrução Pública.” Alguns meses depois, eu recebia a dispensa, assinada por Júlio Simon.

O Sr. Bispo escrevera-me que, em caso de necessidade, ter-me-ia emprestado para titular, o Rev. Lerede, pároco de Ardon.

Arranjar professores não me era fácil mas o Sr. Bispo era tão benevolente! Pedira-lhe um sacerdote que era pároco perto de Vervins. Ele hesitava em dar-mo, não acreditando que ele conseguisse ter sucesso. Escrevia-me: “Estejais certo, meu caro Cónego, que nem as vossas propostas, nem as vossas insistências me cansarão; não deixeis de me pedir o que vos parece útil, contanto que não tomeis por ofensa (o vosso excelente espírito nunca o permitirá) os adiamentos e os actos contrários que a minha consciência me impuser. Apreciarei o vosso zelo, / (184) a vossa actividade, os vossos recursos; esforçar-me-ei para ver nisso graças providenciais de luz; vós desculpareis um bispo, cuja situação não é muito cómoda, de parecer um pouco tímido.”

Ele recebia algumas críticas em Laon e Soissons.

Deu-me outro sacerdote, o Rev. Mulette, e dois padres, os RR. Marchal e Philippot. Com mais dois ou três leigos, eu tinha o pessoal necessário. O Rev. Lefèvre Emiliano hesitou, e só veio no ano seguinte.

A 8 de Setembro, celebrei com grande emoção a primeira missa no oratório do S.. João. Estava tão feliz por dar mais um altar a Nosso Senhor.

PRIMEIRAS SOMBRAS

Entregara-me ao Senhor para uma obra de reparação; bem precisava de contar que Ele aceitaria a minha oferta. Desde agora Ele devia emprestar-me muitas vezes a sua cruz. Seria essa a forma das suas bênçãos.

As novas preocupações com a obra a fundar eram o pão de cada dia. As do Patronato ainda não tinham acabado.

Tive que sofrer muito da parte do meu pai, que não compreendia o caminho em que me embrenhava. Ele sonhava para mim o episcopado; este novo empreendimento desorientava-o.

A minha situação na cidade também mudava. Até aí, eu tinha / (187) sido o homem de todos. Tinha muitos amigos. Agora, todos os amigos do liceu afastavam-se de mim. Duma só vez, eu perdia as simpatias de meia cidade.

Finalmente, donde me viriam os recursos para uma obra tão importante? As despesas para compra dos imóveis contíguos cresciam depressa.

Havia, sim, a ajuda das Irmãs. Elas tinham recebido uma boa herança, mas as inquietações não tardaram a nascer desse lado. O Sr. Bispo pressentiu-o imediatamente. Escrevia-me a 13 de Agosto.

“ De quem e por meio de quem herdaram as Franciscanas em Fourdrain? Não há nenhum perigo de contestação da parte de algum herdeiro?..”

Irámos ter em breve um grosso processo no horizonte...

VII período: S. Quintino-Congregação e Instituição 1877-1893

Ano lectivo 1877 - 1878

NOTA GERAL

Foi este um grande ano para mim.

Tinha de pôr a funcionar o Instituto S. João e a Congregação. Era ainda obra vigário; o Patronato e as obras estavam em plena actividade. Era demais; também iria ser provado por um estado de saúde preocupante no meio do ano. Tinha demasiadas coisas a fazer; estava esgotado.

As impressões também cansam e esgotam, e eu iria provar algumas bem profundas e às vezes bem dolorosas nessas experiências de vida nova.

Apontarei primeiro as minhas recordações relativas ao Instituição; depois as que se, referem às obras e ao ministério; finalmente, as que dizem respeito à Congregação. /

(1)

O RETIRO

O que há de mais importante do que um retiro?

Embora sobrecarregado de ocupações pelas construções, a organização, a matrícula dos alunos, quis dar um retiro eu mesmo aos meus professores, ou melhor quis fazê-lo com eles.

Escrevi somente um rascunho, mas parece-me que corresponde às disposições que Deus nos pedia, e se tivesse de pregar a professores, não encontraria nada de mais prático para dizer-lhes.

1ª meditação: “Ad quid venisti...” (Mt. 26, 50).

Vamos estar aos pés do Senhor durante quatro dias, para recebermos uma missão...

Devemos apresentar-nos puros, atentos, generosos.

1º Puros. É uma condição para recebermos luzes: “Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt” (Mt. 5,8). É uma condição para nos apresentarmos dignamente. O Senhor purifica os seus apóstolos (lava-lhes os pés) antes de lhes dar o sacerdócio e a missão que dele resulta. Quem será suficientemente puro para aparecer diante de Deus? Os Anjos tremem na sua presença.

As almas puras aproximam-se de Deus com simplicidade e confiança.

Adão culpado escondia-se instintivamente.

Samuel inocente dizia com simplicidade: / (2) “Falai, Senhor que o vosso servo escuta” (1 Sam. 3,10).

Maria dizia humildemente ao enviado do Senhor: “Ecce ancilla Domini” (Lc. 1,38).

Oração: “Cor mundum crea in me, Deus... asperges me hyssopo et mundabor... auditui meo dabis gaudium et laetitiam”

Propósitos: humilhar-se confessar-se logo no princípio do retiro.

2º Atentos.

Deus fala às almas que O escutam. *“Loquere, Domine, quia audit servus tuus”* (I Reis, 3,10)²², *“Non in commotione Dominus”* (3 Reis 19,11)²³. Imit. Liv. III, c.1 *“Audiam quid loquatur in me Dominus Deus. Beata anima quae Dominum in se loquentem audit. Beatae aures quae venas divini susurri suscipiunt. Beati oculi qui exterioribus clausi, interioribus sunt intenti.”*²⁴

Deus fala às almas na oração: *“In meditatione mea exardescet ignis”* (Sal. 38,4).²⁵

Devemos falar a Deus antes de agirmos junto dos homens. O Senhor nos dá o exemplo! *“Ascendit in montem orare... et descendit ad turbas”* (Lc. 6, 13-17)²⁶

Propósitos: deixar fora qualquer preocupação alheia ao retiro; *“Praebe, fili mi, cor tuum mihi”* (Prov. 23, 26).

3º- Generosos.

O retiro é um tempo de graça, mas Deus a dá só àqueles que encontra dispostos e generosos: *“Date et dabitur vobis”* (Lc. 6, 38).

Dar-nos-emos totalmente, como S. Paulo depois da sua conversão em Damasco: *“Domine, quid me vis facere?”* (Act, 9, 6).²⁷

Generosidade pronta; Pedro e André, chamados por Nosso Senhor deixam imediatamente as suas redes e seu pai: *“Dixit eis: venite post me... continuo...relictis retibus et patre, secuti sunt eum”* (Mt 4, 19-20. 22).²⁸

Generosidade perseverante, como a de S. João no Calvário...

IIª meditação

Visão de conjunto: espírito de fé.

1º- Abramos os olhos da nossa fé

²² Nt- Falai, Senhor, que o vosso servo escuta.

²³ Nt - Não é na barafunda que Deus está.

²⁴Nt - Ouvirei o que o Senhor Deus fala dentro de mim. Feliz a alma que ouve quando fala dentro dela. Felizes os ouvidos que apanham as vibrações do divino sussurro. Felizes os olhos que, fechados às coisas exteriores, estão fixos nas interiores.

²⁵Nt - Na minha meditação reaviva-se o fogo.

²⁶ - Frequentemente P. Dehon cita de cor o texto da S. Escritura mas acontece-lhe de ser incompleto. O texto de S. Lucas é o seguinte: *“Exiit in montem orare...Et descendens cum illis stetit in loco campestri, et turba discipulorum eius...”* (Lc. 6, 13-17). *Subiu ao monte para orar... E descendo com eles ficou-se num lugar campestre, com a turba dos seus discípulos...*

²⁷Nt - Senhor, que queres que eu faça.

²⁸Nt - Disse-lhes: vinde após Mim...imediatamente...deixando o pai e as redes, seguiram-no.

“Justus ex fide vivit”²⁹ (Rom. 1, 17). “Conversatio nostra in caelis est”³⁰ (Fil. 3, 20).
“Quaerite primum regnum Dei”³¹ (Mt. 6, 33).

Imaginemos todo o céu que nos contempla. Lembremo-nos da visão de S. João:
“Audivi vocem dicentis: scribe quae vides et conversus vidi...viginti quatuor seniores,
etc...” (Ap. Passim).³²

Preciso de ver o presente e o futuro: o meu Deus, a sua vontade, os seus desejos,
as suas promessas, as suas ameaças... / (4) os meus deveres; a grandeza da minha
missão...; o valor dessas jovens almas...; o seu futuro, a sua influência para o bem e para
o mal.

2º- As pessoas no céu:

O salvador no seu trono brilhante; Ele é pai, é salvador, é juiz...

A Santíssima Virgem, minha mãe e mãe dos nossos alunos.

O exército dos Anjos e dos Santos: os nossos padroeiros, e em particular S. João.

Os padroeiros dos nossos alunos, os seus antepassados admitidos na glória dos
céus.

Os seus Anjos da guarda.

3º Os actos:

O Senhor nos abençoa.

Dá-nos uma missão...

Fala-nos da sua Eucaristia, do seu Coração, da sua Cruz.

Ele exorta, promete, ameaça.

Quer que lhe rezemos.

Maria, os Anjos, os Santos nos dirigem sucessivamente as suas exortações
afectuosas mas firmes...

²⁹ Nt - O justo vive da fé.

³⁰ Nt - A nossa convivência é nos céus.

³¹ Nt- Procurai primeiro o reino de Deus.

³² Nt - Ouvi a voz de quem dizia: Escreve o que vês, e virando-me vi...vinte e quatro anciãos...

IIIª Meditação

1º - Missão divina para o ensino.

“Sicut misit me Pater et ego mitto vos.../ (5) euntes docete... (Jo. 20, 21; Mt 28, 19).³³

Devemos ensinar em nome do Senhor.

A nossa missão é mesmo divina: somos “enviados” pelo nosso bispo, que é enviado por Pedro que vive em Pio IX, que é enviado por Jesus Cristo.

Suponhamos então que estamos presentes à primeira missão dos apóstolos, que é a fonte da nossa.

2º - Circunstâncias da missão dos apóstolos.

“ Cum sero esset die illo” (Jo. 20, 19).³⁴ Era de tarde, os apóstolos tinham rezado e esperado o Salvador. “Una sabbatorum”³⁵ (Jo. 20, 19), era o dia do Senhor, dia de oração e de comunhão, certamente. “Et fores essent clausa”³⁶ (Jo. 20, 19), as portas estavam fechadas. Era tudo calmo e silencioso. Não havia distrações nem ocupações estranhas. Era como um retiro.

“Ubi erant discipuli congregati”³⁷, era uma reunião de discípulos na oração e na caridade.

“ Venit Jesus et stetit in medio eorum”³⁸ (Jo. 20, 19): Jesus veio e ficou de pé no meio deles. Ó meu Salvador, eis que viestes também hoje a este nosso modesto santuário, e estais agora no meio de nós. / (6)

“Et dixit illis: pax vobis”³⁹ (Jo. 20, 19). Obrigado, Senhor. Nós nos inclinamos sob a vossa bênção. Possa esta paz reinar sempre nas nossas almas e nas nossas relações!

“ Gavisi sunt ergo discipuli, viso Domino...dixit ergo iterum: pax vobis, sicut misit me Pater et ego mitto vos...”⁴⁰ (Jo. 20, 20-21).

³³ Nt - Como o Pai Me enviou, assim Eu vos envio...; ide e ensinai...

³⁴ Nt - Sendo já tarde nesse dia.

³⁵ Nt - No primeiro dia da semana.

³⁶ Nt - E estando as portas fechadas.

³⁷ Nt - Onde estavam os discípulos reunidos.

³⁸ Nt - Veio Jesus.

³⁹ Nt - E disse-lhes: a paz esteja convosco.

⁴⁰ Nt - Alegraram-se então os discípulos ao ver o Senhor...; disse-lhes de novo: a paz esteja convosco; como o Pai enviou-me a mim, assim Eu vos envio...

3º - Como devemos ensinar

“ Euntis docete...”⁴¹ (Mt. 28, 19). Ensinais em Meu nome, como Eu mesmo ensinaria...

- Com dignidade, gravidade;
- Com zelo, cuidado, assiduidade;
- Com espírito de fé;

Pensando nas consequências do nosso trabalho: a vida cristã destes alunos, a salvação das suas almas, o bem da Igreja.

IV Meditação:

Missão Divina para a educação

1º – Devemos elevar-nos, purificar-nos, santificar-nos. “Docentes eos servare omnia quaecumque mandavi vobis” (Mt. 28, 20).⁴²

“Erunt prava in directa...” (Lc. 3, 5)⁴³. “Instaurare omnia in Christo” (Ef. 1, 10)⁴⁴. “Apparuit gratia Dei, salvatoris nostri, omnibus hominibus, erudiens nos, ut abnegantes impietatem et saecularia desideria, sobrie et juste et pie vivamus in hoc saeculo” (Tt. 2, 11)⁴⁵. / (7)

2º – Nós recebemos um poder sobre as almas análogo àquele dado por Nosso Senhor aos Seus discípulos sobre os corpos:

“Convocatis duodecim dedit eis potestatem spiritum immundorum ut curarent omnem languorem et omnem infirmitatem... (Mt. 10, 1)⁴⁶ “leprosos mundate, mortuos suscite” (Mt. 10, 8)⁴⁷.

O sucesso foi prodigioso:

⁴¹ Nt - Ide e ensinai.

⁴² Nt Ensinando-lhes a observar tudo o que vos ensinei

⁴³ Nt Os caminhos escabrosos tornar-se-ão planos

⁴⁴ Nt Instaurar tudo em Cristo

⁴⁵ Nt Apareceu a graça de Deus, nosso salvador, a todos os homens, ensinando-nos a renunciar à impiedade e aos desejos mundanos, para vivermos no século presente com toda a sobriedade, justiça e piedade.

⁴⁶ Nt Convocados os doze, deu-lhes poder sobre os espíritos imundos para curarem toda a doença e toda a enfermidade...

⁴⁷ Nt limpai os leprosos, ressuscitai os mortos

“Et ait illis: videbam Satanam sicut fulgur de caelo cadentem... In ipsa hora exultavit Spiritu sancto et dixit: Confiteor tibi, Pater, quia abscondisti haec a sapientibus et revelasti parvulis... (Lc. 10, 18-21)⁴⁸ Eis a condição do sucesso: a humildade.

3º Doenças a curar:

O *orgulho*. - Ele gera a desobediência, a inveja, a ingratidão, as injúrias, a vaidade, a susceptibilidade, a mentira, o mau espírito de independência e de crítica. Devemos reprimir os seus desregramentos, e guiar a sua energia.

A *sensualidade*: - preguiça, corrupção dos costumes. Reprimir e sobretudo prevenir.

Concupiscentia oculorum - Nos adultos é a cobiça. Nos jovens, é a curiosidade, a leviandade, a dissipação.

Senhor, abençoi a nossa missão como abençoastes a dos Vossos discípulos./ (8)

Vª Meditação:

A Santificação Pessoal

1º - “Ecce ego vobiscum sum” (Mt. 28, 20)⁴⁹. Dando aos apóstolos a sua Missão, Nosso Senhor promete-lhes que permanecerá unido a eles, se eles forem fiéis.

S. Paulo temia descurar a sua própria santificação, ao trabalhar para a do próximo. “Omnia facio propter Evangelium ut particeps eius efficiar” (1Cor. 9, 23)⁵⁰. Quero participar nas virtudes que ensino, nas graças que imploro. “Castigo corpus meum et in servitute redigo, ne forte cum aliis praedicaverim, ipse reprobus efficiar” (1Cor. 9, 27)⁵¹.

2º - Eu estou convosco e em vós: palavras cheias de estímulo e de afeição.

Convosco e em vós, pela graça... Convosco, para vos abençoar, vos encorajar, vos fortalecer.

⁴⁸ Nt E disse-lhes: eu via Satanás cair do céu como um raio... Nesse mesmo instante, estremeceu de alegria sob a acção do Espírito Santo e disse: Bendigo-Te, ó Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos...

⁴⁹ Nt Eis que Eu estou convosco

⁵⁰ Nt Faço tudo por causa do Evangelho para participar nele

⁵¹ Nt Castigo o meu corpo e mantenho-o em servidão, não aconteça que depois de pregar aos outros, venha eu próprio a perder-me

“Sine me nihil potestis facere” (Jo. 15, 5)⁵². Não façais nada sem mim, nada com intenções naturais. Eu quero estar convosco. É a vossa força, a vossa garantia; é a vossa graça.

3º - Eu estou convosco nas vossas crianças: “Quicumque suscepit puerum unum / (9) in nomine meo, me recipit, et qui me receperit, recepit eum qui misit me” (Mt. 18, 5; 10, 40)⁵³. “Amen dico vobis, quamdiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis” (Mt. 25, 40)⁵⁴. Considero como feito a Mim próprio o bem que fizerdes a estas crianças.

VIª Meditação:

Caridade mútua

1º - Condição para o exercício fecundo do apostolado. É uma força:

Jesus manda os seus discípulos dois a dois: “Frater qui adjuvatur a fratre, quasi civitas firma” (Prov.18, 19)⁵⁵

É um exemplo:

“Ut sint unum sicut et nos” (Jo. 17, 11)⁵⁶.

2º - Mandamento importante, repetido.

“Mandatum novum do vobis ut diligatis invicem, sicut dilexi vos, ut et vos diligatis invicem” (Jo. 13, 34)⁵⁷. É o momento em que o Senhor expande o seu coração depois da Ceia: “Filioli, adhuc modicum vobiscum sum”⁵⁸.

Ele repete-se várias vezes: “Hoc est praeceptum meum ut diligatis invicem sicut dilexi vos” (Jo. 15, 12)⁵⁹.

São João repete muitas vezes o mandamento do Senhor: “Carissimi, diligamus invicem” (1 Jo. 4, 7)⁶⁰.

⁵² Nt Sem Mim, não podeis fazer nada

⁵³ Nt Quem receber uma criança em Meu nome, recebe-me a Mim; e quem recebe Me recebe a Mim recebe Aquele que Me enviou

⁵⁴ Nt Em verdade vos digo, sempre que fizestes isso a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes

⁵⁵ Nt O irmão ajudado pelo irmão é como uma cidade segura (afinal, esta frase tantas vezes citada, na Bíblia da Difusora Bíblica Nacional dos Capuchinhos é traduzida bem diversamente: um irmão ofendido é mais inacessível que uma cidade forte)

⁵⁶ Nt Para que sejam um só, como Nós

⁵⁷ Nt Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei, para que vós também vos ameis

⁵⁸ Nt Filhinhos, ainda por pouco tempo estou convosco

⁵⁹ Nt É este o Meu mandamento, que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei.

3º- Como praticar esta caridade

“Sicut dilexi vos” (Jo. 15, 12)⁶¹.

Amemos a nossa santificação mútua. Exerçamos esta caridade com a oração, com a união e a confiança, com os conselhos caridosos, com os serviços recíprocos.

Que esta caridade inclua o cuidado pelos empregados.

“Si quis domesticorum curam non habet, est infideli deterior” (1Tm. 5, 7)⁶².

VIIª Meditação:

A Eucaristia

1º Jesus fala-nos da Sua Eucaristia. Ele deseja sempre oferecer-se sobre o altar para a glória do Seu Pai e para a nossa salvação.

“Desiderio desideravi manducare hoc pascha vobiscum” (Lc. 22, 15)⁶³. “Ignem veni mittere in terram et quid volo nisi ut accendatur”⁶⁴ (Lc. 12, 49). “Deliciae meae esse cum filiis hominum”⁶⁵ (Pro. 8, 31). Accipite et manducate”⁶⁶ (Mt. 26, 26). Hoc facite in meam commemorationem”⁶⁷ (Lc. 22, 19).

Com estas palavras, Jesus indica os actos e os sentimentos que ele espera de nós.

2º Os actos

“Hoc facite”⁶⁸. Gostai de partir o pão. Gostai de me tornar presente se sois sacerdotes, de me receber se não o sois. / (11) Aplicai o vosso zelo em tornar frequente a comunhão...

3º Os afectos

“In meam commemorationem”⁶⁹. Pensai em mim. Fazei os outros pensar em mim. Visitai-me.

⁶⁰ Nt Caríssimos, amemo-nos uns aos outros.

⁶¹ Nt Como Eu vos amei.

⁶² Nt Se alguém não cuidar da sua casa, é pior do que um infiel.

⁶³ Nt Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco.

⁶⁴ Nt Eu vim trazer o fogo à terra e que quero Eu se não que se ateie.

⁶⁵ Nt A minha delícia é estar com os filhos dos homens.

⁶⁶ Tomai e comei.

⁶⁷ Nt Fazei isto em memória de mim.

⁶⁸ Fazei isto.

⁶⁹ Em minha memória.

Eu espero as vossas visitas, as vossas homenagens e, sobretudo, os vossos corações.

Eu quero estar no meio de vós. E espero não ficar no abandono, no isolamento, no esquecimento, na indiferença.

Espero as vossas consolações, ... as vossas reparações.

VIIIª Meditação

O Sagrado Coração

1º - Jesus fala-nos do Seu Coração.

Nós temos uma graça e uma missão especial para esta devoção.

Esta graça especial é o nosso tesouro e a nossa força. Jesus dirige-nos os desejos e as promessas que Ele exprimia a Margarida Maria.

2º - Os seus desejos

Devemos expandir o amor do Seu Coração e desse modo as Suas graças e os Seus tesouros; devemos procurar-Lhe consolações e reparação.

“O Meu divino Coração está tão cheio de amor para / (12) com os homens e para contigo em especial, que não podendo já conter em Si mesmo as chamas da Sua ardente caridade, é preciso que Ele as espalhe por meio de ti.

“Escolhi-te, apesar da tua indignidade e da tua ignorância, para a realização deste grande desejo, a fim de que se veja melhor que tudo é feito por Mim...”

3º - As promessas

“A ti só faltará ajuda quando ao Meu Coração faltar poder...”

“Abençoarei as casas em que o Meu Coração for honrado.

“Darei aos sacerdotes que O honrarem o talento de comoverem os corações.

“Espalharei abundantes bênçãos sobre todos os empreendimentos daqueles que honrarem o Meu Coração...”

IXª Meditação

A Cruz

1º - Jesus fala-nos da Sua Cruz.

O amor à Cruz é a base do espírito Cristão.

A devoção ao S. Coração não se sustenta sem o amor à Cruz.

“Si quis vult venire post me, abneget semetipsum, tollat crucem suam” (Mt. 16, 24) / (13) “Exemplum dedi vobis ut quemadmodum ego feci, ita et vos faciatis” (Jo. 13, 15)⁷⁰.

O Senhor Salvou o mundo pelo sacrifício; Ele convida-nos a segui-Lo.

Como cristãos, como sacerdotes, como discípulos e apóstolos do S. Coração, devemos levar uma vida de sacrifício e de imolação, para imitar a Nosso Senhor e para segui-Lo.

“Absit mihi gloriari, nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi” (Gál. 6, 14)⁷¹.

2º - O amor à Cruz é necessário para a nossa santificação pessoal, para expiar as nossas faltas, para obter graças...

“Castigo corpus meum et in servitute redigo, ne postquam aliis praedicaverim, ipse reprobus efficiar” (1Cor. 9, 27)⁷².

Propósitos: aceitar os sacrifícios enviados pela Providência, impor-se sacrifícios voluntários.

3º O sacrifício é igualmente necessário para fecundar o nosso ministério junto dos alunos; para que os frutos da Paixão do Salvador lhes sejam aplicados.

“Adimpleo ea quae desunt passionum Christi, in corpore meo, pro corpore ejus, quod est ecclesia” (Col. 1, 24)⁷³. / (14)

Há males dos quais só se alcança a cura com o jejum e a oração.

“Accessit ad Jesum homo (genibus) provolutus ante eum, dicens: Domine, miserere filio meo quia male patitur et obtuli eum discipulis tuis et non potuerunt curare eum. Respondens autem Jesus ait: O generatio incredula et perversa, quousque ero vobiscum? Usquequo patiar vos?... et curatus est puer... Tunc discipuli: Quare non potuimus curare

⁷⁰Nt Se alguém quiser vir atrás de Mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua Cruz / Dei-vos o exemplo, para que, como Eu fiz, vós também façais.

⁷¹ Nt Deus me livre de me gloriar se não na Cruz do Senhor nosso Jesus Cristo.

⁷² Nt Castigo o meu corpo e o reduzo em servidão para que, depois de pregar aos outros, não fique reprovado eu mesmo.

⁷³ Nt Completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu corpo que é a Igreja.

eum? Dixit illis: propter incredulitatem vestram: hoc autem genus non ejicitur nisi per orationem et jejunium” (Mt. 17, 14-20)⁷⁴.

Xª Meditação

Maria

1º - Ela é a nossa Mãe, nossa rainha... “Ecce mater tua” (Jo. 19, 27)⁷⁵.

“Adstitit regina a dextris tuis” (Salmo 44, 10)⁷⁶. Ela é a mãe e a rainha dos nossos alunos.

Acatemos as suas ordens e peçamos a sua protecção materna.

2º - Pedidos de Maria

Essas crianças são minhas, as suas almas são o fruto do sangue do meu Filho. Amai-os como eu os amo. / (15) Levantai-os, como quereria levantá-los eu mesma.

Tende para com eles a solicitude que eu tinha para com Jesus: “Dolentes quaerebamus te”⁷⁷ (Lc. 2, 48). É preciso que eles se pareçam com o seu amado Irmão.

3º - Os nossos pedidos

Nós nada podemos sem Vós. Todas as graças nos vêm através de Vós.

Vós sabeis do que nós precisamos e de que eles precisam.

Vós sereis a rainha da casa. Nós nos consagramos a Vós.

XIª Meditação:

Os Santos

1º - Muitos Santos sentem um vivo interesse por estes alunos, e queriam dizer-no-lo.

S. José, seu pai, ama-os como irmãos de Jesus.

⁷⁴Nt Quando vieram ter com a multidão, um homem aproximou-se de Jesus, lançou-se a Seus pés e disse-lhe: “Senhor, tem piedade do meu filho, porque é lunático e está muito mal. Apresentou-o aos Teus discípulos, mas ele não puderam curá-lo”. “Geração descrente e perversa, disse Jesus, até quando estarei convosco? Até quando estarei convosco? E o jovem ficou curado. Então os discípulos, aproximando-se de Jesus, disseram-lhe em, particular: “Porque é que não fomos capazes de o curar?” “Pela vossa pouca fé, disse-lhes, esta espécie de demónios não se expulsão senão à força de oração e de jejum.”

⁷⁵ Nt Eis a tua mãe.

⁷⁶ Nt À Tua direita, de pé, está a rainha.

⁷⁷ Nt Aflitos te procurávamos.

S. João, o apóstolo e amigo dos jovens. É conhecido o seu zelo para com o moço de Éfeso que se perdia.

Os Santos patronos destas crianças. Os padroeiros das suas igrejas.

Os seus antepassados segundo a fé e a natureza. Os Santos que a Providência e a Igreja encarregaram da protecção da juventude: Luís Gonzaga, Estanislau, Berchmans, etc... / (16)

2º - Os seus pedidos

S. João encarregou-se de os formular na sua Primeira Epístola: “Scribo vobis, infantes, quia cognovistis Patrem”⁷⁸ (1Jo. 2, 14).

Aos mais novos, devemos ensinar a viver como filhos de Deus: “Scribo vobis, adolescentes, quoniam vicistis malignum”⁷⁹ (1Jo. 2, 13).

Aos adolescentes devemos ensinar a vencer as tentações: “Scribo vobis, juvenes, quia fortes estis”⁸⁰ (1Jo. 2, 14).

Devemos formar os maiores à luta e à acção, por um conhecimento sólido da Religião, pela consciência dos seus deveres sociais; pela iniciação às obras.

3º - Os nossos pedidos

Invoquemos os Santos que têm por missão proteger a infância e a juventude, e aqueles que sentem um interesse particular para com os nossos alunos: S. José, S. João, S. Luís Gonzaga, S. João Berchmans, S. Tomás de Aquino.

Os Patronos do nosso instituto. / (17) Os patronos das nossas crianças.

S. Quintino e os protectores da cidade.

XIIª Meditação

Os Santos anjos

1º - Quanto eles amam as nossas crianças que Deus confiou à sua guarda!

⁷⁸ Nt Escrevo a vós, crianças, porque conhecestes o Pai.

⁷⁹ Nt Escrevo a vós, adolescentes, porque vencestes o maligno.

⁸⁰ Nt Escrevo a vós, jovens, porque sois fortes.

“Angelis suis Deus mandavit te”⁸¹ (*Salmo 90, 11*). *Eles não os perdem de vista.*
“Mittam angelum meum, qui praecedat te, te custodiat in via, et introducat...”⁸² (*Ex. 23, 20*).

Eles estão prontos a defendê-los vigorosamente: “Videte ne contemnatis unum ex his pusillis; dico enim vobis quia angeli eorum in caelis semper vident faciem Patris mei qui in caelis est”⁸³ (*Mt. 18, 10*)

2º - Os seus pedidos

Amai essas crianças. Velai sobre elas. Partilhai do nosso ministério junto deles. Tende como fim, antes de tudo, o de fazê-las santas.

Acompanhai-as com os vossos conselhos, com os vossos cuidados. Sede para elas providência.

Que elas sejam puras como nós. Que elas partilhem as nossas orações; os nossos amores. Que elas nos substituam na terra para fazer na terra o que nós fazemos nos céus...

Para isso, é preciso que vós / (18) mesmos estejais cheios do Espírito de Deus.

3º - Os nossos pedidos

Ajudai-nos. Deus vos convida a isso, Ouso dizer que Ele vos ordena isso. “Angelis suis mandavit de te ut custodiant te in omnibus viis tuis”⁸⁴ (*Salmo 90, 11*).

S. Rafael, guardião dos guardiães, mandai os vossos celestes auxiliares em socorro dos nossos jovens...

XIIIª Meditação:

Conclusão

1º - Resoluções

Lembrar-me-ei da minha missão: “Vidi caelum apertum...”⁸⁵ (*Act. 10, 11*)

⁸¹ Nt Deu ordem aos seus anjos a teu respeito.

⁸² Nt Enviarei o meu anjo que irá à tua frente, te guardará no caminho e te introduzirá...

⁸³ Nt Livrai-nos de desprezar um só destes pequeninos, pois digo-vos que os seus anjos nos céus vêem constantemente a face do Meu Pai que está nos céus.

⁸⁴ Deu ordem aos Seus Anjos para que te guardem em todos os teus caminhos.

⁸⁵ Nt Vi o céu aberto.

Conservarei a união com o céu, a presença de Deus, Maria, dos Anjos e dos Santos.

Viverei de fé.

“Justum autem in fide sua vivet”⁸⁶ (Heb. 2, 4). “Dixi: Nunc coepi”⁸⁷ (Salmo 76, 117).

2º - Gratidão

Agradeçamos a Deus as graças do retiro.

Ele o deseja, conta com isso, espera isso de nós. Une a isso promessas de graças.

Lembre-mos da cura dos dez leprosos: / (19) “Occurrerunt ei decem viri leprosi et steterunt a longe clamantes: Jesu, praeceptor, miserere nostri... Dixit eis: ite et ostendite vos sacerdotibus, et factum est, dum irent, mundati sunt. Unus ex illis ut vidit quia mundatus est, regressus est cum magna voce magnificans Deum, et cecidit in faciem ante pedes ejus gratias agens... Respondens autem Jesus dixit: nonne decem mundati sunt? Et novem ubi sunt? Non est inventus qui rediret et daret gloriam dei nisi hic alienigena. Et ait illi: surge, vade, quia fides tua te *salvum* fecit”⁸⁸ (Lc. 1, 12-19).

A gratidão é a salvação.

3º - Perseverança

“Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit”⁸⁹ (Mt. 10, 22)

Conservar pelo ano todo o espírito do retiro, como se conserva durante todo o dia o espírito de oração.

Recolocar-se, para isso, cada dia de manhã na oração, ao meio dia e à noite nos exames de consciência, nas disposições do retiro.

Renovar e reavivar as resoluções. / (20)

⁸⁶ Nt O justo vive da sua fé.

⁸⁷ Nt Eu disse: agora começo.

⁸⁸ Nt Ao entrar numa aldeia, vieram-lhe ao encontro dez leprosos que, mantendo-se à distância ergueram a voz e disseram: “Jesus, Mestre, tem piedade de nós”. Ao vê-los, disse-lhes: “Ide e mostrai-vos aos sacerdotes”. Enquanto iam a caminho, ficaram limpos. Um deles, vendo-se curado, voltou, glorificando a Deus em alta voz: caiu aos pés de Jesus com a face em terra e agradeceu-lhe. Era um samaritano. Tomando a palavra, Jesus disse: “Não foram dez os que ficaram limpos? Onde estão os outros nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?”. E disse-lhe: “Levanta-te e vai. Salvou-te a tua fé”.

⁸⁹ Nt Quem perseverar até ao fim, esse será salvo.

S. JOÃO: COMEÇO DAS AULAS

Os primeiros anos foram particularmente lindos, activos, prósperos, alegres e fecundos para a formação cristã dos jovens.

A abertura das aulas ultrapassou as nossas esperanças.

O refeitório tornou-se demasiado pequeno. Os dormitórios estavam cheios. Tínhamos ânsia de nos engrandecer e começámos a cobiçar as casas vizinhas. A capela ia-se concluindo demasiado lentamente para o nosso gosto.

O grupo de mestres e de alunos vindos de Laon formou a melhor base da casa. Os alunos do Sr. Lecompte precisavam de ser formados.

Várias pessoas pensavam que eu teria feito bem em não continuar essa casa mas comprar um terreno mais vasto. A crítica é fácil. Mas eu não tinha posses para comprar. Começava a obra com 500 francos no bolso. Com o Sr. Lecompte, eu alugava a casa com a promessa de venda, era mais fácil.

As nossas boas Irmãs vieram ajudar-nos para a parte material. Encarregavam-se da cozinha e da rouparia. Foi um grande complemento. Trouxeram / (21) para a casa, a ordem, a limpeza e um tom de caridade e de doçura que fazia dela realmente uma casa cristã, uma casa de Deus.

Devo uma gratidão imensa a duas irmãs em especial que me testemunharam uma dedicação infatigável: a Irmã Maria Oliva e a Irmã Maria Clara. Só Deus pode recompensá-las.

Quero também, de passagem, prestar justiça a uma piedosa mulher, a Sra. Guillaume Irlande, que prestou serviço à casa durante longos anos, testemunhando-me uma grande dedicação.

ESPINHOS

Os primeiros êxitos tinham o seu bom contrapeso. Que empreendimento pesado! E sem recursos certos! Estaria eu de facto dentro da vontade de Deus?

Até aí, tinha tido do meu lado toda a gente de S. Quintino e da diocese. Era amado na cidade. Mas agora iria encontrar uma hostilidade persistente. Metade da cidade tinha ligações com o liceu. Já não podia ser *persona grata* para toda essa gente. Os

pensionatos leigos da cidade tinham também a sua clientela; para eles, eu tornava-me um concorrente. Em Laon, não me perdoavam de albergar / (22) os despojos do Instituto de Nossa Senhora. Acusavam-me toalmente de ser a causa da sua queda. Também em Chauny e em Vervins, esbarrava em concorrências. Isso era muito melindroso para mim. Eu não tinha um temperamento de lutador. A minha natureza levava-me a ser bom para com todos e gostava que todos fossem bons para comigo.

Era também uma grande preocupação a de fazer construir; e os trabalhos em curso atrapalhavam bastante o andamento da casa.

DEVOÇÃO

A capela ia ficando composta. Mons. Mathieu dera-nos gentilmente um antigo altar da basílica a pagara-nos uns vitrais. A querida capela foi inaugurada no Natal. Era para mim uma profunda emoção cada vez que tinha a graça de levantar mais um altar a Nosso Senhor

Esta capelinha viu descer do céu muitas graças. Nela nasceram algumas vocações. Muitas crianças comungaram nela como anjos.

Cada manhã, eu ajudava os nossos alunos a fazer uma breve meditação. Muitos aproveitavam lindamente.

Durante o dia, no início / (23) do estudo da tarde, eu fazia-lhes a leitura espiritual. Este pequeno ministério era abençoado por Deus. A maior parte das nossas crianças confessavam-se todas as semanas. Ao Domingo tínhamos normalmente umas cinquenta comunhões. Aconselhei aos alunos que no recreio do meio-dia fossem fazer uma visitinha ao SS. Sacramento; muitos tomaram esse bom hábito.

CONFERÊNCIA DE S. VICENTE DE PAULO

Uma pequena conferência de S. Vicente de Paulo foi quase logo constituída. Tínhamos já os elementos, nos alunos de Laon. Era uma boa formação ao apostolado. Os responsáveis, sobretudo, podiam desenvolver o seu espírito de iniciativa. A conferência organizou uma lotaria que iria ser renovada todos os anos, e que rendia à volta de mil francos.

Comecei também uma congregação da SS.ma Virgem. Fi-la erigir e agregar em Roma. Tínhamos todos os Domingos uma boa reunião, com prática e Bênção do SS.mo Sacramento.

Geoffroy foi o primeiro presidente da Conferência. Vários dos primeiros membros chegaram a padres: Geoffroy, Wagnet, Delloue. Lecomte morreu seminarista. Savard morreu jovem, com as disposições de um pequeno santo. / (24)

O nosso jornalzinho de família, *l'Aigle de S.Jean*, deu este interessante resumozinho da história da Conferência no seu primeiro ano:

“Quando a 16 de Janeiro nos reunimos em assembleia pela primeira vez em número de dez, pequeno núcleo que se desenvolveria até ao total de 22 membros, foram-nos propostas duas finalidades que deveríamos esforçar-nos por alcançar: a nossa própria santificação e a assistência material e espiritual dos pobres. A graça divina, a protecção do Santo patrono da sociedade e os sábios conselhos dos nossos mestres ajudaram-nos a caminhar para essa dupla finalidade...

“Pensando nas necessidades materiais das nossas famílias pobres, não descuidámos o espiritual: a maior parte dos filhos dos nossos pobres vagabundeavam pelas ruas; fizemo-los entrar nos asilos e nas escolas; rapazes mais crescidos foram admitidos no Patronato; finalmente, conseguimos que em cada família o pai ou a mãe, quando não ambos, vão à Missa ao Domingo. Chegámos a inspirar em muitas pessoas a resignação à sua sorte e o amor do Salvador Jesus, pobre como eles. / (25) Organizámos catecismos para as crianças que iam fazer a sua primeira comunhão...

“As nossas receitas no ano elevaram-se a 658 francos. As entradas vão assim divididas:

Peditórios nas reuniões semanais.....	51,90
Peditórios nas Missas do Domingo.....	138,10
Assinaturas da Águia de S. João.....	287,75
Ofertas particulares.....	36,95
Produto líquido da lotaria.....	120,75
Multas por objectos perdidos.....	16,50
Empréstimo de livros da biblioteca.....	6,50

Total.....658,45

A Conferência fez 22 reuniões:

16 de Janeiro: Primeira reunião: dez membros presentes. Exposição pelo Superior sobre duplo fim da obra; resumo da vida de S. Vicente de Paulo; eleição de um presidente, de um secretário e de um tesoureiro; estudo dos meios para angariar receitas.

20 de Janeiro: Criação dum jornalzinho “La semaine littéraire” que passará de mão em mão. Doze sócios presentes: eleição de um vice-presidente; leitura do regulamento; decisão sobre a maneira como serão visitadas as famílias.

27 de Janeiro: Dezasseis sócios. Três dos membros relatam a sua primeira visita aos pobres: profunda emoção; compra de roupas interiores e de cobertores. / (26)

17 de Fevereiro: Extração da lotaria, alegrada por engraçadas tralfulhices. Reunião dos accionistas da litografia sob a presidência do sr. Arcipreste: fundação de l’Aigle de S. Jean.

24 de Fevereiro: descrição da Lotaria e dos começos do jornal.

31 de Março: Prática do R. Marchal. Programa para as férias da Páscoa. As famílias serão visitadas pelos externos.

12 de Maio: Dezoito sócios. Prática do R. Marchal sobre a necessidade de nos prepararmos a viver num tempo de provações, em que teremos poderosos inimigos a combater. Relato das visitas às famílias.

26 de Maio: Dezoito sócios. Decide-se a assinatura à Colecção das boas leituras.

17 de Julho: Recepção da carta de agregação à Sociedade Geral de S. Vicente de Paulo.

19 de Julho: Festa solene de S. Vicente de Paulo. Comunhão geral dos sócios. Distribuição extraordinária às nossas famílias pobres, de ajudas consistindo em roupa branca, roupa e calçado.

-Também estavam bem organizadas, na casa, as obras da Propagação da Fé e da Santa Infância. Os alunos de dez anos eram encorajados com reuniões especiais. / (27)

CONGREGAÇÃO (DA SS.MA VIRGEM)

A Congregação da SS.ma Virgem foi erigida por Mons. Thibaudier a 21 de Fevereiro.

“Convencido, diz ele no decreto, de que uma pia associação de oração entre os alunos do Instituição S. João é capaz de levá-los à devoção, de fortalecê-los no cumprimento dos seus deveres, nós erigimos e declaramos instituída pelas presentes cartas, no oratório da Instituição S. João, uma confraria sob o título da Imaculada Conceição da SS.ma Virgem. Ela será filiada, pelos cuidados do R. Dehon, a uma Arquiconfraria romana, para que os associados possam usufruir dos privilégios e indulgências concedidas pela Santa Sé...”

A agregação à Prima primária tem a data de 10 de Abril de 1878.

As nossas reuniões realizavam-se ao Domingo. Recitávamos as Vésperas do pequeno Ofício SS. Virgem, eu fazia uma exortação, o secretário lia o resumo da exortação precedente e a acta da reunião. Eu encorajava os nossos jovens associados a darem o bom exemplo, a comungarem frequente e devotamente. Pedia as suas notas da semana. Ensinava-lhes a devoção ao Sagrado Coração e o espírito de reparação. / (28)

Eis os nomes dos 28 primeiros membros:

Eugène Savard	Charles Geoffroy
Charles Mercier	Louis Baudelot
Paul Lesur	Gustave Macon
Georges Lefèvre	Florent Martigny
Gustave Hazard	Julien Lequeux
Emile Black	Pierre Courtois
Auguste Dubois	Cephas Mennechet
Clovis Degois	Edmond Alliot
J.B. Riedmuller	Albert Delloue
Henri Camus	Joseph Heymes
Bernard de Ligonès	Eugène Hadingue

Auguste Waguet

Henri Leduc

André Faroux

Albert Cuvelette

A Congregação sempre fez um bem imenso na casa. Preparou algumas vocações e formou pequenos santos que morreram como Luís Gonzaga, por exemplo, Eugène Savard, Céphas Mennechet, Emile Black, Eugène Lecomte.

MESES DE DEVOÇÃO

Os meses de S. José, da Virgem Maria, fizeram-se devotamente. L'Aigle de St-Jean trazia esta nota no seu número de 2 de Junho:

“Esperamos que os nossos caros alunos, que no mês passado nos deram o espectáculo duma tão grande devoção para com a Mãe de Deus, não se mostrarão / (29) menos fervorosos durante o mês do Coração de Jesus. Eles lembrar-se-ão que a nossa capela e a nossa casa estão colocadas sob o Seu divino patrocínio, e que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus é a devoção favorita dos que rezam pela Igreja e pela França.

Na quaresma, os nossos alunos iam assistir aos sermões na basílica.

ESTUDOS

Os nossos professores estavam cheios de zelo. Utilizavam todos os meios para estimular a emulação, os campos, as sabatinas,⁹⁰ as notas mensais, as provas trimestrais.

Eu entregava as classificações e as notas ao Sábado. As notas eram preparadas no conselho da Sexta-feira. Os alunos recebiam atestações proporcionadas às suas notas. Eram tidas em conta para as saídas do mês.

A “Aigle” relata várias pequenas sessões literárias. Dou aqui um apontamento de 31 de Março.

“As nossas pequenas sessões semanais vão progredindo; apresentam cada vez mais animação e interesse, e deixam prever para o futuro a aurora das sessões académicas. A 23 de Março, os alunos do primeiro curso de Francês nos recitavam uma

série de trechos muito acertadamente escolhidos: uma cena de Britannicus; a história dos três coelhos / (30) que faz sempre rir; dois concursos, um de história natural, outro de literatura; as cenas mais cómicas de Les Plaideurs. Eis uma matéria muito apropriada a interessar.

Sejam-vos permitidos dois pequenos reparos: primeiro, os concursos não tiveram toda a vivacidade desejável...; em segundo lugar, uma pronúncia mais clara e enérgica ter-nos-ia feito saborear melhor as belezas das cenas que nos foram apresentadas..”

Cada semana era a vez de duma classe.

-Todavia, nem tudo era perfeito nas aulas. Um professor fazia demasiadas leituras, outro descuidava-se em corrigir as cópias, outro não conseguia manter a disciplina. Eu ia por vezes assistir às aulas para estimular e para observar.

Exigia que misturassem alguns autores cristãos com os autores pagãos.

Alguns alunos eram trabalhadores admiráveis e preparavam os êxitos dos anos seguintes nos exames de maturidade e nas escolas do Estado.

L'AIGLE (ÁGUIA)

Falemos do nosso “Águia”. Começou em Fevereiro e teve no 1º ano cem assinantes. Não era uma maravilha. Apresentava geralmente uma história edificante, / (31) um trecho literário, algumas notícias gerais e as pequenas notícias da casa.

Ele foi útil sobretudo porque trazia as classificações de honra, e os quadros de honra. Era um instrumento de emulação. As famílias esperavam o jornal para ver nele os nomes dos seus filhos e esses trabalhavam para aparecerem no jornal.

O Rev. Glorian, um dos nossos, gostava de litografia; ocupava-se em fazer imprimir o jornal por um jovem operário.

O Águia tomava uma pequena parte no movimento social. Protestava contra as festas sacrílegas do centenário de Voltaire; instigava para as demonstrações em honra de Joana d'Arc; refutava o socialismo.

⁹⁰ “Sabatinas” é a tese de debate que os alunos de filosofia defendiam um sábado, no fim do primeiro ano do curso. No Colégio S. João, era um torneio literário sobre diversos temas e que tinha lugar todos os sábados

Vamos pedir-lhe uma notazinha sobre os Deveres dos católicos nas circunstâncias actuais:

“Neste momento, há três classes de católicos: os tímidos, os moderados, os militantes:

“Os *tímidos* são cristãos verdadeiros, no seu íntimo, mas têm medo de o serem ostensivamente. Não se se deve comprometer. - Rezar a Deus em nossa casa, concordo! Assistir às cerimónias e cumprir os seus deveres, concordo também; mas não peçam / (32) mais. As obras de apostolado, as peregrinações, os requerimentos a assinar e a fazer assinar, já não entram na conta deles! Têm demasiado medo de se mostrarem católicos. Assim fazia outrora Nicodemos, quando ia visitar Jesus de noite por medo dos Judeus (propter metum Judaeorum). - É preciso ter compaixão desses pobres católicos, que talvez um dia acabarão por ganhar coragem, mas não devemos ser do número deles. Tudo o que lhes pedimos por agora é de não tratarem por fanáticos e exagerados os católicos menos prudentes que não têm medo de se comprometer.

Os *moderados* são mais perigosos. Eles pregam a conciliação, sonham com estranhas transacções..., acima de tudo receiam a luta e estão sempre prontos a assinarem umas pazes duvidosas; enfim só têm palavras de censura contra os católicos militantes que não querem baixar a sua bandeira diante do inimigo. Para com eles, diz o Pe. Martigny, é preciso ser implacáveis. É por culpa deles que todas as batalhas são perdidas.

Os católicos *militantes*, Mons. Mermillod definiu-os com uma palavra: são, disse ele, convicções que se mostram e corações / (33) que se dão. Todas as obras de apostolado encontram-nos prontos; estão sempre na brecha, não se envergonham de Jesus Cristo, mas proclamam ousadamente que Ele é rei dos povos e das almas. - É com estes católicos que nós devemos alinhar, cada um na medida das suas forças, porque é por meio deles que Deus dará a vitória à Sua Igreja...”

MORTE DUM ALUNO

O Colégio tinha apenas quatro meses de vida e já nos morria um dos nossos alunos, no princípio de Março. Era um bom rapazinho do curso elementar, mal chegado ao uso da razão, Eugénio Baudouin. A sua morte impressionou muito os nossos alunos.

Um dos nossos professores escreveu nessa ocasião uma pequena poesia bastante inspirada. Copio-a:

Porque chorar, ó terna mãe,
Quando os Anjos, no céu,
Cantam coros harmoniosos
P'ra receber o novo irmão?
Porque, com os vossos trajes de luto
Ensombrar a sua branca coroa?
Agora que o vosso filho está num trono,
Porque procurá-lo num túmulo? / (34)

Os vossos soluços parecem dizer a Deus:
“Não mo tínheis vós doado?
Para mim não tínheis vós ornado
Os seus lábios rosados dum sorriso?
Não tínheis Vós criado para mim
O seu doce olhar, a sua mão acariciadora,
O seu coração amoroso, a sua voz barulhenta
Os seus jogos e a sua ingénua emoção?”

Ó mãe, conservai a esperança,
Deus não amaldiçoou a vossa sorte;
Ele é Pai, e Seu Filho morreu,
O Seu coração compreende a vossa dor.
O vosso Eugénio, é por bondade
Que Ele parece hoje vo-lo tirar
Para o guardar e vo-lo restituir
À entrada da eternidade.

Na dura caminhada da vida,
Nos vossos perigos e combates,
Este Anjo guiará os vossos passos
Até à Pátria celeste:
Planando sempre na vossa frente,
Companheiro p'ra sempre fiel,

Enxugará com a sua asa branca
As lágrimas dos vossos olhos. / (35)

Se ele tivesse murchado cá na terra
Em vez de se ir p'ra o Céu;
Se os maus vo-lo tivessem dominado
Para o conspurcar longe da sua mãe,
Se Deus não tivesse concedido
O arrependimento aos vossos cuidados? ...
Ó mãe, deveis secar as vossas lágrimas:
O que Deus guarda está bem guardado.

CAPELA

Nas férias da Páscoa, fizeram-se prodígios de actividade para acabar os trabalhos da casa. Três professores com o Rev. Marchal à cabeça, puseram-se a pintar a capela, protegendo as suas batinas com blusas brancas.

Os alunos ficaram admirados ao voltarem ao colégio. Um deles descreveu assim a sua surpresa, na “Águia”:

“A primeira coisa que me saltou aos olhos, quando voltei ao S. João, foram os nossos belos castanheiros em flor. Que ramalhetes esplêndidos! E que boa sombra protectora irão dar-nos as suas largas folhas que se estendem como guarda-sóis por cima das nossas cabeças! Já eles tinham mostrado os seus rebentos e a sua folhagem nascente no dia da partida, quando se começava a cantar o Aleluia da Ressurreição. Todavia, aos nossos olhos estavam reservadas outras surpresas: o renascer não era somente por fora, na natureza; mas a arte tivera o gesto de fazer entrar a Primavera no interior da casa. Entrando no refeitório, vejo a sala aumentada e tornada suficientemente espaçosa para receber duzentos alunos; umas pinturas verde-claras espalham uma luz cheia de alegria; queira Deus enviar-nos o mais breve possível, os novos irmãos que terão de enchê-la! - Depois da ceia, vamos à capela para o mês de Maria; jamais uma transformação como essa tinha encantado os meus olhos. Custava-me a acreditar que me encontrava diante desses mesmos muros que eu deixara tristes e nus, e que reencontrava enriquecidos de artísticas pinturas. Então, quem tinha estendido sobre a abóbada esse céu azul riscado de fiozinhos vermelhos? Quem tinha desenhado essas

grinaldas, semeado sobre os muros essas cruzes, essas águias, esses corações e essas rosas brancas? Os pintores que decoraram a basílica, teriam vindo decorar a capela do S. João? Não tinha vindo nenhum artista, mas tinham ficado alguns. Vários dos nossos professores tinham-se privado das suas férias para se armarem de pincel, e tinham desenvolvido / (37) durante dez dias uma actividade espantosa. No próximo dia da primeira comunhão, Nosso Senhor encontrará todas as moradas bem enfeitadas, não só o santuário das almas, mas também o santuário material.”

SÃO LEÃO

A casa tinha a sua festa patronal no dia de S. João. Nesse dia Mons. Mathieu veio cantar a missa. Fez uma prática aos nossos alunos e almoçou connosco. Ele era muito bom para nós. Eu levava a almoçar com ele, ao domingo, aqueles dos nossos alunos que tivessem sido por quatro vezes os primeiros. Ele vinha ver-nos muitas vezes.

Para a festa de S. João, os nossos alunos maiores tinham preparado uma peça “l’Abbé de l’Epée”, que representaram na sala do patronato.

Mas a festa grande, a festa animada, viva, barulhenta, era a de S. Leão, a 11 de Abril. Nesse dia organizava-se uma grande excursão, de modo a combinar uma peregrinação com uma festa popular. Nos primeiros dois, anos fomos a Noyal onde há um pequeno santuário de Nossa Senhora de la Salette. / (38)

A “Águia” editou um número especial para relatar a festa.

Os nossos jovens professores tinham revolvido o céu e a terra para tornar a festa interessante. Os grandes foram visitar Guise. O Sr. Godet emprestou-nos uma quinta onde as crianças encontraram cavalos de pau e todos os jogos populares imagináveis. Houve um grande banquete, champanhe; voltámos tardíssimo.

Era bom para o espírito de família, mas era uma organização gravosa, com não poucos inconvenientes.

PRIMEIRA COMUNHÃO

O dia da primeira comunhão foi um dos meus bons dias nesse ano; deixo-o descrever pelo “Águia”:

“Como dizia no dia seguinte o Sr. Padre Superior com voz comovida, era a primeira seara recolhida no campo do S. João; é por isso que as quinze crianças, que recebiam o seu Deus pela primeira vez, eram objecto de um interesse particular. Sua Excelência o Sr. Bispo de Soissons quisera dar ele mesmo a essas crianças privilegiadas o Pão que faz os anjos e a unção que faz os soldados de Cristo; seus pais e amigos, em / (39) número de mais de cem, vieram para testemunhar a sua felicidade; os seus condiscípulos e muitos membros das suas famílias acompanhavam-nos ao banquete Sagrado. - Sua Excelência, para preparar os nossos jovens comunicando-lhes o imenso e benéfico valor da Eucaristia, dirigindo-lhes uma instrução sobre o desenvolvimento que as virtudes cristãs deviam tomar nas suas almas; Fez-lhes compreender, antes de lhes dar o sacramento da confirmação, que eles iam ser mais felizes do que os apóstolos, pois estes, por não terem ainda recebido o Espírito Santo, tinham ficado fracos e cambaleantes mesmos depois da primeira comunhão, pelo contrário, vós, meus filhos, dizia-lhes o Sr. Bispo, sereis fortalecidos antecipadamente contra os desfalecimentos da vossa jovem idade. Ao meio dia, S. Excelência deve ter-se apercebido que as suas palavras tinham encontrado eco nos corações, ao ouvir os protestos tão cristãos e tão calorosos que lhe faziam, em nome dos condiscípulos, uma criança da primeira comunhão e um aluno da segunda classe. À noite, duas práticas foram dirigidas aos nossos queridos alunos: a primeira, antes da renovação das promessas baptismas, pelo Rev. Tournemolle, pároco de Fontaine-Notre-Dame; a outra, antes da consagração à Santíssima Virgem pelo R. Superior/ (40) da instituição de Nossa Senhora de Valenciennes. Cabia ao R. Arcipreste fechar uma festa tão comovedora com a sua palavra tão cheia de doçura e de unção. Contou a história do jovem Tarcísio, que morreu mártir para defender contra os pagãos o tesouro da Eucaristia que lhe tinha sido confiado. “ Ó meus meninos, diz ele, guardai com cuidado, como Tarcísio, o precioso depósito que vos foi confiado esta manhã, guardai-o contra o furor dos malvados que queriam roubar-vo-lo”.

“Gostaríamos de repetir palavra por palavra a prática feita pelo Rev. Superior, no dia seguinte, na missa de acção de graças; para relatá-la dignamente, seria preciso escrevê-la com as doces lágrimas que ela nos fez derramar a todos. Era mais que um discurso; era o desafoço dum coração paterno que transbordava de ternura e de alegria. “Meus queridos filhos, diz ele, era meu dever, como pai, dirigir-vos a palavra ontem, mas o meu coração estava demasiado cheio; só teria conseguido chorar e soluçar diante de vós; hoje que a minha emoção é mais calma, embora não menos profunda, não encontro

palavras mais lindas a dirigir-vos, a vós alunos do São João, do que aquelas inspiradas por Nosso Senhor / (41) ao vosso patrono S. João, ao seu apóstolo bem-amado: “*tene quod habes ut nemo accipiat coronam tuam*” (Ap 3,11). “Guardai o que possuís, para que ninguém receba a vossa coroa em vosso lugar. - Eis o que diz o Deus de santidade e de verdade, Aquele que tem a chave de David, a chave dos tesouros celestes; Aquele que vos abriu ontem a porta do seu tabernáculo, a porta do seu coração, aquele que vos promete abrir-vos as portas do seu paraíso sem que ninguém no mundo vo-la possa fechar. “Conheço as vossas obras, diz ele, *scio opera tua* (Ap. 2,2), conheço a vossa entrada e a vossa saída, conheço todos os vossos movimentos; sei que vós sois bons, mas que também sois fracos; sei que sois inocentes e cheios de bons desejos, mas que tendes pouca virtude, *modicam virtutem habes* (Ap. 3,8). Todavia não tendes medo de nada, Eu proteger-vos-ei na hora da tentação, se não renegardes o Meu nome, se Me ficardes fiéis. Eis que virão contra vós homens da sinagoga de Satã, isto é, do mundo perverso, que se dizem judeus ou ortodoxos, e que mentem; eles procurarão seduzir-vos e corromper-vos; mas não tendes medo de nada, Eu farei com que sejam forçados / (42) a respeitar a vossa inocência, a admirar a vossa fidelidade, a inclinar-se diante de vós, se vós quiserdes corresponder às minhas graças: *faciam ut adorent ante pedes tuos* (Ap. 3,9). Virei bem depressa, a vida é tão breve; paciência e coragem; guardai o que possuís, para que ninguém receba a vossa coroa em vosso lugar...”

CORRESPONDÊNCIA DA DIOCESE

Durante todo este ano, a correspondência sempre benévola e afectuosa da diocese refere-se ao S. João e ao congresso regional que queríamos realizar em Soissons.

A 2 de Outubro 1877 o Sr. bispo escrevia a Mons. Mathieu: “Estas linhas serão comuns para vós e, se assim quiserdes, para o Rev. Dehon... Ocupei-me seriamente, desde ontem, para encontrar-vos um bom elemento: Julgo ter o homem idóneo na pessoa dum subdiácono que vós conheceis um pouco, o R. Philippot, que tem bons motivos para examinar, num ambiente novo, que orientação lhe convirá melhor na santa carreira. É muito inteligente e parece muito bem; vo-lo recomendo, se um de vós tiver a direcção da sua alma: *fortiter et suaviter* (forte e suavemente)... A hora do correio pressiona-me. Adeus, eu abençoo o *patrão*, o director, todos os mestres e os / (43) alunos do nosso caro Instituto S. João...”

- O R. Philippot infelizmente acabaria mal, mas esta mesma carta mostra que ele tinha um espírito inquieto e indeciso.⁹¹

- 19 de Nov. "... Estou contente de que o Sr. Branly (antigo professor do liceu) vos traga a sua colaboração...; não me dizeis nada da vossa saúde...; que os nossos pequenos sejam sempre ajuizados, laboriosos e alegres".

- Eu estava já atacado por uma bronquite, e iria ficar sempre enfermiço. Pensei que o Senhor tinha aceitado o meu sacrifício.

- 27 de Nov. "Meu caríssimo cônego, era preciso contar, e vós sem dúvida já contáveis, com provações; às obras nascentes, em especial, nunca faltam. Elas vivem, com a graça de Deus, de longanimidade, isto é, de doçura e de firmeza; os instrumentos da Providência devem praticar, a exemplo do perfeito Operário, o *atingit a fine... fortiter et suaviter*⁹² (Sab.8,1). Não se devia hesitar quanto à expulsão dos vossos dois alunos. Não me admiro, de resto, que, num primeiro ano, se tenha introduzido na vossa casa umas crianças corruptas. Não façais barulho com essa expulsão; mas, chegando a ocasião, faizei conhecer como vós entendeis o vosso dever em questões de moralidade. / (44) Que a vossa severidade seja atribuída unicamente à vossa dedicação... Sede o melhor dos irmãos para todos os vossos cavalheiros, mas ficando firme na regra e em tudo o que interessa a vossa bela obra. Haja alegria entre vós como entre os alunos, mas também devoção, coragem, delicadeza diante do dever. - Se achais que uma cartinha da minha parte, lá por Janeiro, vos possa ser útil, podereis motivá-la com um relatório deste primeiro período, sem que isso traga consequências para o futuro. - Tendes sabedoria em preocupar-vos com a saúde, e Deus é bom ao ajudar-vos. Queirais vós e digne-se ele continuar. Afectuosamente vosso".

- Outros colégios disputavam-nos alguns professores; a 13 de Dezembro, o bispo escrevia-me:

"Se quiserdes, estas linhas ficarão confidenciais, pelo menos entre vós e o Sr. Arcipreste... Com o apoio de Mons. Ginoulhiac, eu tinha posto fim à *caça ao pessoal* entre os oito estabelecimentos diocesanos de Lião; não estou disposto a deixá-la fazer aqui. É

⁹¹ Alfredo Philippot, em religião Paulo Maria, nascido em 1855, entrou na Congregação em Fevereiro de 1880. Emitiu os primeiros votos em Setembro 1881. Por algum tempo foi destinado à Obra dos surdos-mudos, de S. Medardo, em Soissons. Ensinou no S. João, e foi aperfeiçoar-se em Lila. Saiu da Congregação em Maio 1885. Morreu num hospício de alienados, depois de ter dado muitas preocupações a Mons. Thibaudier e ao padre Fundador.

⁹² Nt. Alcança seguir do princípio ao fim... forte e suavemente.

minha firme intenção colocar eu próprio as pessoas, rodeando-me dos conselhos e das luzes que Deus se dignar pôr ao meu alcance... Agradeço a Deus convosco pelas melhoras / (45) da vossa saúde, e vejo com alegria que a cura completa não se fará esperar muito... Para o congresso, penso no mês de Setembro, nos dias que seguirão ao sínodo, se tivermos a felicidade de poder celebrá-lo...”⁹³

20 de Dezembro - “meu caríssimo cônego, recebo esta manhã uma carta do Sr. Harmel (a respeito do congresso): novas insistências; o Sr. arcebispo dará a sua ajuda⁹⁴; mas eu gostaria de assegurar também, a dos outros bispos da província. A sagração do Mons. Obré, prevista para meados de Janeiro, dar-me-á uma boa ocasião para lhes falar nisso; provavelmente esperarei até lá. Mas vós podeis começar o trabalho preparatório de modo a agir prontamente, logo que os Srs. Bispos tiverem aderido e que estiver fixada a data. - Se, como espero, pudermos reunir o sínodo este ano, não deveis contar comigo para os preparativos; mas, fora disso, podeis esperar tudo da minha boa vontade. Não ignorais quanto vós mesmo estareis ocupado; deveis portanto procurar-vos ajudantes válidos. Esboçai e apresentai-me, por favor, um anteprojecto de conjunto...” / (46)

26 de Dezembro. - “Acabo de reflectir sobre o vosso congresso, no meu isolamento da noite... Ofereço o Seminário Maior com todas as suas instalações, a troco duma modesta indemnização. Se não bastar, avisaremos. Aceito, mais uma vez de fornecer o material, contando com a vossa indulgência se for o caso, porque Soissons é pequena. - Mas quanto aos programas, aos convites, distribuição dos trabalhos e outras coisas desse género, parece-me que deveriam ser tarefa duma comissão, nomeada pelos bispos e cujos membros deveriam pôr-se em contacto. Vós sois o meu delegado eclesiástico; talvez seria bom designar também um delegado leigo; se quiserdes, indicai-me dois ou três nomes, ou procurarei eu em Soissons... Espero as vossas comunicações.”

16 de Janeiro - “O Congresso provincial está mais ou menos assente: local, Seminário Maior de Soissons; presidente, o arcebispo; participação de Amiens e de Beauvais; o Arcebispo escreverá a Châlons. Faremos pouco ruído nos jornais. Quereriam deixar-me o mais possível de trabalho; mas eu, de especial, só posso aceitar dar

⁹³ É o congresso de Soissons, pp. 65-66.

⁹⁴ É o arcebispo de Reims, Mons. Langénieux, Bento Maria (nascido em Villefranche, em 1824 e morto em Reims em 1905). Tinha sido bispo de Tarbes em 1873. Foi empossado arcebispo de Reims em Fevereiro 1875 e nomeado cardeal em 1885. Com o Leão Harmel e o Pe. Dehon, preocupou-se dos problemas sociais, multiplicando as obras operárias, o que lhe mereceu o apelido de cardeal dos operários.

hospitalidade. E todavia não nos falta zelo. Dizei-me o que / (47) vos parecer possível e oportuno...”

5 de Fevereiro - “Parecia estar decidido fazer redigir o programa do congresso por uma comissão de alguns membros tomados em todas a dioceses da província. Desejaria que vós fôsseis nela o meu delegado. Em Soissons nomearei uma comissão local, formada pelos Srs. Vincent, Demiselle, Guyenne e Guéneret, que se ocupariam dos preparativos, sobre vossas indicações para a diocese, sobre as dos delegados para o resto da província. Se a certa altura precisardes dum secretário, esforçar-me-ei de o arranjar.”

30 de Março - O P. Rasset estava decidido a unir-se a mim para a obra do S. Coração. O Sr. Bispo escreveu-me: “Estou dispostíssimo a dar-vos o Rev. Rasset, depois da SS. Trindade; mas seria preciso propor-me para ele funções determinadas; temos tão poucos padres... Crede, caro amigo, que serei sempre extremamente feliz em vos ajudar, em tudo o que depender de mim. Abençoo a vossa pessoa, a vossa obra, os vossos colaboradores, os vossos alunos, os vossos projectos.”

22 de Abril - “A data que vós indicais para o Congresso convém-me... Sobre este ponto, como sobre o conjunto da organização, conto / (48) convosco. Tratai de tudo e fazei que os vossos colegas da comissão provincial estejam em contacto com os seus bispos. Nomearei a comissão de Soissons logo que isso parecer ser de utilidade prática. Será nesse momento que renovarei o meu convite pessoal aos bispos. Gostaria que os oradores do Congresso fossem escolhidos na Província e que houvesse para cada dia um orador diferente. O Rev. Tourneur, vigário geral de Reims, fala muito bem. Os Rev. Mathieu, Vincent, Guyenne, Prévost, Dehon (se não estiver demasiado ocupado), Millièrre, Mimil, etc... poderiam ter cada um o seu dia. Querendo nós sermos provinciais, gostaria que o fôssemos completamente.

- Felicito-vos e agradeço-vos pelo bem que se faz no S. João. No regresso volta dos vossos confrades e dos vossos alunos (após as férias de Páscoa), dizei-lhes que os abençoo com a mais paterna afeição. Que ninguém responda a meias à chamada e às graças do Bom Deus. Não peço coisa melhor do que conceder-vos o Rev. Rasset; mas dizei-me o que conta exactamente fazer dele: quando se tem um conselho, é preciso consultá-lo o mais possível / (49) e prestar-lhe regularmente contas exactas das coisas; não quereria que aqui se levantassem objecções plausíveis contra a transferência ou o

novo destino do Rev. Rasset. Abençoo-vos muito particularmente e sou vosso afeiçoado no Senhor...”

Braine, a 3 de Maio - “Sem dúvida alguma, podereis convocar uma reunião preparatória dos delegados diocesano. Sinto muito que a minha ausência inevitável do bispado não me consinta de vos oferecer hospitalidade a todos nele. Mas o Seminário Maior sentir-se-á honrado em oferecer-lhes mesa. Deixarei ordens para que haja no bispado duas camas ao vosso dispor. Nomeareis vós mesmo o presidente. Tende somente a bondade de comunicar as vossas deliberações as Sr. Arcebispo...”

Amiens, a 20 de Junho. - “Encontro ao chegar aqui cartas dos bispos de Reims e de Châlons; converso com o bispo de Amiens, e escrevo-vos imediatamente... Após apreciação, julgamos dever adoptar para o Congresso a 2ª quinzena de Setembro, a 17, se quizerdes... procurai então enviar circulares, e ponde tudo na minha conta... Desculpai a canseira que vos dou.

Paris, 21 de Julho. – “Pediram-me um prémio para o S. Carlos⁹⁵: não podia recusar; / (50) talvez não fiquéis aborrecido por enviar igualmente um em meu nome. Em todo o caso, vai aqui uma pequena quantia a que podereis dar esse destino. Traçai-me, peço-vos, o programa da comissão local que me parece útil nomear o mais breve possível para o Congresso...”

Que grande benevolência o bom santo bispo nos testemunhava!

OS PRÉMIOS.

A distribuição dos prémios realizou-se a 5 de Agosto, na sala de festas do Patronato. Extraio a narração da nossa fiel Águia de S. João...

“O dia da distribuição dos prémios não é o dia da fundação definitiva duma casa? A partir desse momento, já não somos uma experiência, somos uma obra; já temos um passado em que as famílias cristãs encontrarão uma garantia para o futuro. O Sr. Pe. Superior, no dia seguinte à primeira comunhão, dizia: “Eis a primeira seara recolhida por nós no S. João”. Ele poderia dizer agora: “Eis a segunda colheita, colheita geral desta vez, na qual tomam parte todos os que lavraram e semearam... / (51)

⁹⁵ É o colégio S. Carlos de Chauny (Aisne)

Um dos aqui presentes dizia-nos ter ficado impressionado pelas caras boas, francas e abertas dos nossos alunos: quantas coisas concentradas nesta única reflexão! A paz da boa consciência, o sentimento do dever cumprido, a boa harmonia entre os discípulos, o apego à casa, a doce certeza de serem queridos aos seus mestres, aos quais em resposta mostram uma confiança inquebrantável nas suas relações diárias; eis o que o observador deve ter lido nos rostos radiosos, e o que nós constatámos com alegria durante todo o ano...

A cerimónia começou com um coro de Méhul: *Dieu d'Israel*, cantado pelo orfeão do Instituto. Depois o Pe. Superior tomou a palavra e leu um discurso sobre a influência da religião nas letras, nas artes e nas ciências. Na impossibilidade de reproduzir *in extenso* esta tese tão sábia e tão concludente, contentar-nos-emos em citar alguns trechos, e convidamos os nossos leitores que não estiveram presentes na cerimónia, a lê-la no *Conservateur de l'Aisne*, da quarta-feira, dia 7 de Agosto. - A modo de introdução, o orador estabelecia a superioridade das casas religiosas para a *educação*. Ele apoiava-se primeiramente sobre o testemunho dos homens experimentados e dos grandes espíritos. / (52)

Eis em que termos um bispo anglicano fala da educação na América, país onde foram criadas escolas neutras, isto é, sem Deus; "Gostaria mais, diz ele, de ver o muçulmanismo ser ensinado na sua diocese do que nela ver implantadas essas escolas de onde a religião é completamente banida." O presidente da missão francesa na Exposição de Filadélfia, em 1876, no seu relatório sobre o ensino na América, refere a decadência das escolas neutras e a superioridade incontestável, a prosperidade sempre crescente das escolas católicas.

"Se a educação não for restituída aos padres, dizia José de Maistre, os males que nos esperam são incalculáveis; ficaremos embrutecidos pela ciência sem Deus... O Sr. Guizot dizia: "A instrução não é nada sem a educação, e não há educação sem religião. A alma só se forma e se regula na presença e sob o império de Deus que a criou e que a julgará." Finalmente o Sr. Thiers declara que "a escola não será boa se não ficar à sombra da sacristia." "Que será, segundo a observação de um orador moderno, de um povo cuja educação não tiver reprimido já na infância os instintos depravados? Um povo que tem ciência e nenhuma fé; inteligência e nenhum princípio; um / (53) povo que conhece o ódio, não o amor; a revolta, não a obediência; o desprezo, não o respeito; a blasfémia, não a adoração; a luxúria, não a castidade... Ide para um colégio em que a religião é posta de

lado ou desprezada, que visão desoladora! Que fealdade moral na idade em que a vida tem as suas mais belas cintilações! Procurai encontrar aí algumas crianças que domem o seu egoísmo, o seu orgulho, a sua independência, a sua cólera, e sobretudo a sua vontade; não conseguireis encontrá-las; a criança sem religião não doma as suas paixões... a educação que não seja francamente cristã deixa a inteligência sem princípios, sem convicções, sem certezas; deixa os corações sem abertura, sem expansão e sem caridade; falta-lhe força e graça para cultivar a mais bela das virtudes, a pureza... É preciso que o mestre seja um homem de Deus para fazer uma santa defesa à volta do coração da criança em que habita uma pureza ainda ignara e cândida, ou à volta do coração de um adolescente que encerra a tempestade e que já conhece a honra de uma castidade provada"... Em seguida, para provar que nas letras e nas artes tanto como na educação, a religião não é a fraqueza mas a força, o reverendo Superior lançava um rápido / (54) olhar sobre a história inteira da literatura e das ciências. " Comecemos pela literatura. Deixo de lado a gramática: os nossos adversários ceder-nos-iam ainda facilmente a superioridade neste ponto: Lhomond, o bom padre Lhomond, o autor das clássicas elementares, é sempre o seu mestre. Consideremos a literatura francesa. Os nossos velhos poemas caídos no esquecimento juntamente com as nossas esplêndidas catedrais, recuperaram a sua honra nos nossos dias. A Chanson de Roland é a pérola dos nossos duzentos poemas nacionais; é a nossa Ilíada, numa forma menos perfeita, mas com um pensamento mais alto que o de Homero; é o quadro da nobre e cavalheiresca França, filha primogénita da Igreja, e do exército do Sargento de Cristo... A Renascença entusiasmou-se pela antiguidade pagã e fez descarrilar a literatura nacional... Vítor Hugo, tal como Bossuet, lamenta que a literatura do grande século não tenha invocado o cristianismo em vez de adorar os deuses pagãos, e que os poetas não tenham sido, como os dos tempos primitivos, sacerdotes cantando as grandes coisas da sua religião e da sua pátria... Apesar de disso, o século XVII é todo nosso. É Bossuet com o seu génio de historiador / (55) e de orador; é Racine cujas obras se tornam cada vez mais grandiosas, à medida que ele se torna cada vez mais religioso. É Massillon e Bourdaloue, o Cícero e o Demóstenes modernos; é Corneille com o seu Polyeucte. – No séc. XVIII, Voltaire foi devedor dos primeiros desenvolvimentos do seu espírito a dois distintos Jesuítas, e nunca se elevou tanto como quando quis, por um instante, ser cristão. – As poucas páginas de Rousseau que oferecem mais encanto são aquelas em que se deixa levar, quase por distração, a louvar as virtudes cristãs. – O grande movimento literário de Restauração no séc. XIX foi provocado pelo despertar religioso.

Sabe-se que profunda emoção produziu o livro de Chateaubriand sobre o “Génio do Cristianismo”. – O Sr. Bonald atacou de frente, e com tanto sucesso como dignidade, as aberrações do seu tempo. – José de Maistre, nas suas “Considerações sobre a França” deu-nos a filosofia da Revolução Francesa com uma nobreza de vistas e uma lógica admirável. – Também Lamartine veria o seu génio desenvolver-se sob a guarda da fé e a ela iria buscar as suas mais suaves inspirações. - Vítor Hugo dizia em 1824: “A Revolução teve a sua literatura nojenta e imprópria como ela. / (56) A ordem renasce em toda a parte nas instituições, renasce igualmente nas letras... A fé purifica a imaginação, e temos poetas!”

A fé é também o luzeiro e a chave da história. A história do mundo é a história da acção providencial de Deus sobre a terra. A história do mundo, é a história de Cristo: O Cristo preparado, o Cristo revelado e manifestado, o Cristo lutando e reinando. Fora desta luz, qualquer historiador é pequeno, qualquer ensino da história é desprezível. “Ponhamos então, diz Chateaubriand, a eternidade no fundo da história dos tempos; refiramos tudo a Deus como à causa universal.” É esta maneira de escrever a história que eleva Bossuet a uma altura incomparável acima dos mais célebres historiadores da antiguidade...

- A revelação cristã também não é um entrave para as ciências. A narração mosaica traça de modo luminoso as grandes linhas da ciência astronómica e da ciência fisiológica, e os cientistas modernos teriam evitado muitas ilusões, muitos ridículos, se tivessem tomado em conta os dados da revelação...⁹⁶ A religião na arte fez os Rafael, os Miguel Ângelo, os Fra Angélico, os Dominiquin, os Bramante e os artistas / (57) modestos e desconhecidos das catedrais de Reims, de Amiens, de Laon e de S. Quintino...

Aos industriais e aos agricultores, eu poderia mostrar a fonte da riqueza no trabalho e na renúncia cristã, a pacificação de todos os ódios sociais nas instituições de caridade e moralizadoras do catolicismo. Só nas nossas casas de educação, as crianças são iniciadas ao conhecimento e à prática das obras católicas que contêm a solução do tremendo problema social...”

Após este discurso, a distribuição dos prémios começou pelos prémios de honra. Na primeira divisão, o prémio de honra foi merecido por Carlos Geoffroy, de Ribemont; o 2º prémio por Eugénio Savard, de Origny Ste-Benoîte; na segunda divisão, o primeiro

⁹⁶ Na verdade, a Bíblia situa-se fora das preocupações científicas. Antes de mais ela é uma história “religiosa”. A exactidão científica não é um meio necessário à salvação

prémio foi obtido por Pedro Courtois, de Moy; o 2º por Vítor Wirtz, de Montreuil-sous-Laon. - Após a proclamação dos prémios da 1ª turma do quarto ano, o Sr. Arcipreste, presidente da cerimónia, dirigiu aos nossos alunos uma alocução nessa linguagem afectuosa e paterna que todos lhes conhecem. Aliás, quem declara tão amavelmente / (58) que se tem sempre carinhos para os recém nascidos, poderá evitar de falar com ternura aos alunos do S. João? Um dos nossos jovens deve ter ficado agradavelmente surpreendido quando ouviu as suas palavras citadas pelo arcipreste que os tomara como tema da sua alocução: “ Nós queremos tornar-nos, no S. João, homens de virtudes viris e sobretudo bons cristãos.”

A distribuição foi interrompida de tempos a tempos por poemas declamados com entusiasmo e inteligência. Acabou com o coro “les Adieux”, que exprimia ao mesmo tempo a alegria de rever a casa paterna e a saudade de deixar a grande família do São João.

Temos o prazer de dar aqui o testemunho do zelo infatigável do nosso director do coro, que soube tão bem preparar e dirigir os seus jovens músicos... Um Te Deum, seguido pela bênção do Santíssimo Sacramento, concluiu a cerimónia. Esperemos que esta bênção celeste acompanhe durante as férias e reconduza felizmente ao porto mestres e alunos: *Dominus custodiat introitum tuum et exitum tuum (Sal. 120, 8).*

AMPLIAÇÕES.

Durante as férias, havia muitos arranjos materiais a fazer. Tinha comprado ao longo do ano, a 25 / (59) de Fevereiro, duas casa vizinhas, a do tanoeiro Dassonvillers e a das meninas Maury. A casa Dassonvillers era-nos precisa; para a entrada no colégio só tínhamos um longo túnel. Paguei a casa pelo triplo do seu valor. Fui assim levado a fazer sucessivamente no S. João grandes despesas sem nunca chegar a ter um estabelecimento bem organizado; isso pôs-me sobre os ombros dúvidas que foram uma das cruces de toda a minha vida.

OBRAS: PATRONATO.

O Patronato tinha continuado durante todo o ano com um entusiasmo magnífico. Estava cheio de gente, como também o Círculo, todos os domingos. Fazia-se aí um grande bem. Cada sábado confessava muitos jovens. Várias festas se fizeram durante o

ano. Os nossos jovens operários representaram dramas e comédias: Em Outubro, o Albergue da morte; a 6 de Dezembro, os Relógios de Pornic; a 17 de Fevereiro, Cada um o seu ofício; a 11 de Abril, Nathanie ou o filho pródigo.

A festa de São Leão teve o seu esplendor habitual.

Tinha sempre os meus fiéis auxiliares: os Srs. Julien, Guillaume, Santerre, André, Filochet. Eu já não podia ir retomar contacto com os ausentes nas suas casas; eram os Srs. Julien e Santerre que se encarregavam disso e faziam-no com um zelo heróico. O R. Brochard ajudava-me como capelão. Ele tinha um pequeno apartamento numa casa que compráramos na rua S. Martinho.

Cada semana, fazíamos as nossas reuniões de conselho. Era preciso ocupar-se em recolher as subscrições, angariar membros honorários, organizar as festas de caridade.

Houve também ainda este ano algumas reuniões de patrões, onde eu expunha os deveres dos patrões cristãos.

O nosso Conselho fazia as funções de Secretariado diocesano. Eu mantinha correspondência com muitos párocos para encorajá-los a fundar Patronatos. Fornecia-lhes documentos e regulamentos.

CASA DE FAMÍLIA: ORFANATO.

A nossa casa de família estava em plena actividade. Continha pensionistas e órfãos. A Irmã Maria Verónica era aí a providência. O dormitório ficara na rua dos Bouloirs. O refeitório e a cozinha eram na rua S. Martinho, no outro extremo dos nossos locais.

Contávamos, a 1 de Abril de 1878, com 27 crianças e jovens; conservei / (61) a lista deles, com a quantia da pequena pensão paga pelos que trabalhavam. Ei-la:

Pécantet Charles	33 f.	Opsor Bernard	0
Camus Raoul	33	Briey Joseph	25
Brabançon Henri	33	Blot Charles	33
Mennevret	30	Broyon Eugéne	25
Thomas Jules	18	Théry Louis	12
Dabocia Marcel	14	Montagne Louis	0

Wavrans Charles	17	Montagne Léon	0
Gloux Emile	25	Montagne Edouard	0
Ferraille Onésime	30	Leytner Alois	9
Douay Alfred	30	Lucien Georges	5
Brancourt Pierre	22	Brunin Raymond	0
Lombart Maurice	25	François Joseph	0
Massart Albert	25	Déflines Albert	25
Gourdin Paul	25.		

Vários eram realmente bons rapazes. Todos obedeciam bem à Irmã. Era uma obra necessária em S. Quintino; e seria preciso retomá-la.

JOVENS.

A minha associação da Juventude católica continuava também. Não era tão fácil como no Vicariato, já não podia ter os alunos maiores do liceu. Todavia as nossas reuniões realizaram-se durante todo o ano e foram bastante vivas.

As minhas conversas eram um pequeno curso de / (62) Direito natural. Tratei da família, da Sociedade civil, do Culto social, da Igualdade, das Aristocracias, da Propriedade, da Herança, da Autoridade, da Origem do poder, da sua Transmissão, etc...

Sobre o problema que tanto nos atormenta hoje, o *ralliement* (a *aceitação da república*), eu dei esta solução anotada nas actas: “A usurpação pode ser legitimada pela via da prescrição. Se acontecer que o restabelecimento da ordem legítima se torne impossível no presente e no futuro, exigindo o interesse do Estado que se ponha fim à divisão que sem causa razoável reina entre os cidadãos, o soberano despojado do seu direito deve renunciar. Todavia, é preciso observar que muitas vezes é difícil de determinar o momento em que a prescrição política fica adquirida,” Acrescentava que a consciência dos católicos pode ser ajudada a resolver este caso de consciência pelas directrizes da Santa Sé. Foi o que aconteceu frequentemente na nossa história, no tempo de Clóvis, à chegada dos Capetíngios, em 1801 por ocasião da Concordata e nestes últimos anos a propósito da República. / (63)

- A associação tinha simultaneamente o carácter de conferência de caridade. Continuava a visitar os pobres.

Eis os nomes dos jovens de S. Quintino que fizeram a parte dela mais ou menos assiduamente:

Basquin Henri – Basquin Léon – Beaufrère - Black Octave – Blin Jules – Blin Amédée – de Catalan Charles – Delesalle Albert – Hénocq Eugène – Hurstel - Jourdain Maurice – Julien Paul – Lamotte Fernand Poissonnier – Mairesse Léon – Malézieux André – Urion – Maréchal Fernand – Maréchal Henri – Mornard Henri – Moureau Pierre – Moureau Paul – Raffard Adrien – Raffard Jules – Roger Paul – Vitart – Voisin Paul – Basquin Georges – Raffard Maurice – Largillère Henri – Damay Léon – Fournier .

Alguns nada mais fizeram do que aparecer nessas reuniões e nada aproveitaram; mas vários certamente nelas fortaleceram a sua fé.

VICARIATO

Nominalmente eu era ainda vigário. Tinha conservado alguma actividade na basílica: Confissões, assistências, etc. Acrescentado ao resto, era demais. No mês de Maio, eu estava no limite das minhas forças, cuspi sangue; a saúde iria ficar vacilante / (64) para sempre. Era um sacrifício que o Senhor me pedia.

Dei as demissões de vigário para aliviar um pouco a minha carga de trabalho. Conservara também até aí as confissões ordinárias das Agostinhas; deixei-as.

CONGRESSO DE SOISSONS

A nossa linda reunião provincial das obras, realizou-se em Soissons, de 16 à 20 de Setembro. O senhor arcebispo de Reims lá estava com os Bispos de Châlons, Beauvais, Amiens, e Mónaco.

O programa não estava sobrecarregado; havia só poucos relatórios.

1º assunto: Os Secretariados Diocesanos;

Relator, Sr. Mimil, de Reims.

2º assunto: O descanso do domingo nas cidades, nas fábricas, no campo.

Relator, O Sr. Harmel.

3º Práticas de devoção, adoração nocturna.

Relator, R. Lebucquière, de Amiens.

4º A obra dos Círculos:

Relator, Paulo de Hennezel.

5º O ensino e as boas leituras:

Relator, Sr. Anbry, advogado em Amiens.

6º Associações de patrões, indústrias, artes e ofícios, agricultura ...

Relator, Sr. Armel.

7º O papel dos leigos nas obras: / (65)

Relator, Rev. Paunet, Vigário. geral de Châlons.

8º Patronato nas cidades e no campo:

Relator, O Rev. Le Conte, de Châlons.

9º Obras dos surdos-mudos de Medardo.

Relator, Sr. Bourse, de Soissons.

- Vários destes relatórios são pequenas obras-primas. Serão sempre úteis para consulta.

Não tinha guardado nenhum relatório para mim; estava demasiado ocupado e adoentado. Fui muitas vezes durante as sessões vomitar sangue até encher a bacia no meu quarto. Contudo, tomei alguma parte nas discussões, mas com muita moderação.

Estes dias de congresso despertavam o zelo entre os sacerdotes melhor do que um retiro o teria feito.

A OBRA DE SOISSONS

Neste primeiro ano, eu estava quase só, tinha dois Irmãos cooperadores, Vinchon e Heymès, que não perseveraram. Era especialmente nas minhas conversas com as nossas boas Irmãs que eu vivia o espírito da nossa obra. Ia frequentemente celebrar-lhes missa, apesar das minhas ocupações. Eu era o seu confessor, o seu director. Fazia-lhes conferências. Entretinha me muitas vezes com a “Chère Mère”. As nossas ideias sobre a obra eram as mesmas. Era / (66) assim, que eu me ancorava sempre mais nos meus propósitos e na minha confiança na vontade de Deus para a fundação da Congregação.

Pregando o espírito da nossa vocação às Irmãs, pregava-o a mim mesmo.

Também as Irmãs que tínhamos no S. João, a Irmã Maria Oliva em especial, e a Irmã Maria Clara, eram tão virtuosas que a sua conversa ajudava me a viver o espírito de fé.

Terei de falar mais tarde da Irmã Maria de Jesus; vou copiar aqui a saudação que ela me leu pela minha festa. É muito imperfeita como versificação, mas a poesia da alma canta nela devotamente e encontra-se bem nela o espírito que nos esforçávamos por viver;

“Ó Padre venerado, as vossas filhas hoje,
Confiadas por Deus a vosso cuidado e ao vosso amor,
Depositam a vossos pés os votos bem ardentes
Que os seus corações reconhecidos formulam neste dia.
Como oferecemos, ó très-bon Père Padre, os nossos votos
Senão prometendo-vos cumprir sempre
Com fidelidade a palavra divina,
Que por meio de vós, com traços de fogo, Jesus imprime em nós!?
E não será esta a única recompensa,
Se vós vedes que em nós, o amor ao sofrimento,
Diante dum Deus sofredor, se inflama sempre mais?
E não será esta a verdadeira prova
Do respeito, do amor, da gratidão
Que os nossos corações vos devem pela solícitude
Tão fraternal que sempre vós testemunhais?
Mas para vós hoje, que podemos nós então fazer?
Oh! Será oferecermos a nossa ardente oração,
Oração humilde e submissa para que o Senhor
Vos conceda a sua graça e doces favores,
Que sempre e em toda parte em tudo vos abençoe,
Que para sua glória sempre o bem vós consigais,
Mas que Ele se digne, sobretudo, se digne receber
A primeira vítima que em vós devemos ver!
Não vos parece que é sobre os vossos passos
Que devemos ir a Jesus com a sua graça?
É sobre a vossa palavra, é sobre o vosso exemplo
Que devemos viver em paz à sombra do santo templo.
Sim, vós sereis verdadeiramente o sacerdote e a vítima.
Jesus vos marcou com selo puro e sublime!
Vós vos parecereis com Ele, sereis a sua imagem,
E dos nossos devotos corações uma homenagem incessante,

Para Ele subirá a fim de que no curso
Da vossa santa vida Ele vos ajude sempre!
Sim, Jesus assim deseja, quer reviver em vós.
Seu caminho de dores vós deveis seguir. / (68)
Como foi dito dele, assim se dirá de vós:
“Que vem ele neste dia anunciar no meio de nós?”
E vós respondereis: “é a sã doutrina,
É o Verbo de Deus, a palavra divina,
Esquecida em nossos dias mesmo entre os cristãos
Que Deus quer reencontrar no meio do povo santo!”
Sim, Jesus assim o pede, um novo sacerdócio
Deve ainda florescer à sombra do seu Coração,
E se ele escutar a nossa oração e os nossos votos,
Vós mesmos, vós sereis o primeiro reparador.
O mundo não é como um imenso mar
Submergido por uma fria e mole indiferença?
E o padre, o próprio padre, aos pés do santo altar,
é ele tantas vezes, um ministro fiel?
Ah! Triste visão! E Jesus muito mais triste!
Vós vindes a este mundo e não sois já recebido.
Já não sois conhecido e quem vos ama ainda?
O vosso povo eleito, bem pouco vos adora.
Vós sois desprezado, injuriado, atraído
Por aqueles que a vossa mão liberalmente alimentou
Com o vosso sangue divino, com a vossa carne adorável...
Ó Senhor, nosso Deus! Ó salvador admirável!
Para tantas indignidades quer-se reparação...
A nós, vós dirigis vossa amável queixa,
De ver que em todos os corações, a vossa chama está apagada.
E isto não será então uma vã ilusão!
Sim, o vosso santo amor deve voltar à terra / (69)
E deve germinar ainda; o mal deve calar-se.
Tal como noutros tempos do fundo das Catacumbas
O divino louvor se elevava das tumbas,
Assim por sobre o nosso século uma nova aurora

Se levanta, e de repente, com um sublime impulso,
Saia de cada alma, se eleve para os céus
Uma homenagem pura e voto bem solene,
Que a vossa lei, meu Deus, esquecida tanto tempo,
Nos vossos filhos, daqui em diante terá honra completa.
Não pensais vós, ó Padre, que seja este o pedido
Que nos faz o Senhor, para que a todos, ele restitua,
Com o seu doce perdão, uma paz salutar,
E o seu reino reapareça por fim em toda terra?
Sim, é para este fim que as vossas filhas rezarão;
e pela santa causa, como vítimas se oferecerão,
E os seus bens, os seus corpos, todo o seu ser
Possa Jesus consumá-las no seu santo amor!
Oh! Eles serão ouvidos por ele, estou bem certo,
Estes votos que nós ousamos por vós dirigir-lhe...
Dignai-vos então abençoar-nos, ó Padre venerado
Para que Jesus escute a nossa humilde oração
E os votos inflamados que os nossos corações expressam,
Para que nós possamos um dia, na santa pátria,
Junto do Pai celeste, na eternal morada,
Resplandecentes de amor, de esplendor e glória,
Convosco repetir os cantos de vitória,
a Jesus, nosso Deus, o divino salvador!

11 de Abril de 1878.

Estes versos, que nada tem de parnasiano, mostram bem quais eram a elevação de pensamento e a generosidade da alma dessas boas irmãs.

IRMÃ MARIA INÁCIO

Coloca se aqui um dos incidentes mais graves da minha vida.

Tivera a ideia da Obra do S. Coração já havia um ano; tinha-a começado há seis meses, quando uma piedosa Irmã, ousaria dizer uma santa Irmã, julgou ter revelações que encorajavam e confirmavam a nossa fundação.

A irmã Maria Inácio entrara no Postulantado na Alsácia a 2 de Fevereiro de 1871, festa da Purificação da Santíssima Virgem⁹⁷. Viera para a França, para Molain, com as outras Irmãs, no Natal de 1872, soube se mais tarde que nesta data, no momento em que a comunidade passava por várias provações na Alsácia e estava indecisa se viria para a França e se estaria chamada a sobreviver, a piedosa irmã oferecera-se a Deus como vítima para o bem da comunidade.

Recebera o santo hábito com outras postulantes na festa do Sagrado Coração, em Junho de 1873. Fez-se sempre notar pela sua devoção cândida, pelo seu fervor ardente, / (71) por uma modéstia que encantava quantos se aproximavam dela, enfim pela sua obediência e mortificação. Esta última virtude era nela muitas vezes mais admirável que imitável.

Desde a sua oferta como vítima pela obra em 1872, sentia habitualmente vivos sofrimentos na sua alma e no seu corpo. Esses sofrimentos acentuaram-se muito de 1875 a 1878. A boa Irmã definhava e parecia estar frequentemente em perigo de morte. Em 1877, tinha muitas vezes na capela uma espécie de síncope seguida por um longo sono. O Padre Jesuíta (P. Jenner) que pregou o retiro à comunidade em 1877, no mês de Junho, era de opinião que se tratava de um sono mais sobrenatural do que natural. No fim de Janeiro de 1878 a Irmã teve o pressentimento e como que um aviso sobrenatural de que iria morrer. A 2 de Fevereiro teve uma síncope mais demorada e uma espécie de estado de morte. Mandaram me chamar, pois era eu o seu confessor e director; acorri com os santos óleos para lhe dar os últimos sacramentos. Mas ela recuperou de novo. Foi então que ela se abriu com a Chère Mère sobre o seu estado interior e lhe revelou que ouvia a voz do Senhor. / (72)

Pelo menos ela assim pensava. Tinha luzes, parecia-lhe ouvir palavras. As suas angústias mortais tinham sido uma morte mística que preparava estas comunicações.

Essas graças de luzes durariam vários anos, até 1883.

A boa Irmã não misturou nisso a mínima vaidade. Ela só se abriu com a chère Mère e com o confessor quando este a interrogava. Tinha medo de andar iludida.

⁹⁷ Irmã Maria de s. Inácio, no mundo, Jeanne Wernert, nasceu a 24 de Junho de 1847 em Wurtemberg. Foi assistente da “chère mère”. Após a morte desta, governou a Congregação com grande sabedoria. Morreu a 24 de Abril de 1935, aos 87 anos de idade.

As virtudes da Irmã e o carácter piedoso das luzes recebidas pareceram à chère Mère, a mim próprio e ao Padre Jenner, uma garantia da origem divina dessas comunicações.

A Santa Igreja, por meio do Santo Ofício julgaria mais tarde, em 1883-1884, que não eram revelações divinas, embora a doutrina fosse muito pura e elevada.

Em 1883, enviei ara o Santo Ofício o texto de todas essas comunicações. Portanto, já não as tenho. Todavia, algumas páginas voltaram me às mãos, porque o padre Modeste, S.J., que tinha uma cópia, enviou-mas. / (73)

Eis qual foi o assunto dessas comunicações no ano de 1878:

2 de Fevereiro; Eu quero, sim, quero sacerdotes vítimas. Diz-lho. Eu farei tudo. Ele (Pe. Dehon) só terá de mostrar-se dócil à minha voz e à minha graça.

15 de Fevereiro; Parábola do reino; a nossa vocação.

1 de Março; Maria, João e a Madalena, vítimas no Calvário. - O sacerdote, sua dignidade; reparação sacerdotal.

3 de Março: Queixas sobre os sacerdotes. As suas infidelidades. Reparação sacerdotal, especialmente no tempo de Carnaval.

6 de Março; S. José, modelo de união a Jesus e a Maria. A sua vida escondida; a sua oração; o seu descanso; os seus entretenimentos; a sua vida interior; a sua dignidade.

8 de Março; As cinco Chagas. A chaga do Coração, fonte do voto de vítima.

13 de Março; união fraterna entre as almas consagradas, entre os membros da Congregação.

15 de Março; O Precioso sangue. Graça do sofrimento. As efusões do sangue de Jesus. O amor não existe sem dor.

16 de Março; A lança e os cravos. - O santo Sudário.

17 de Março; O amor puro e desinteressado.

18 de Março; O cãozinho. Afeição, fidelidade, / (74) apego, gratidão.

22 de Março; A morte espiritual ou mística. *Nisi granum frumenti*.

25 de Março; Nossa Senhora de La Salette chora sobre o povo escolhido. Maria medianeira e reparadora.

30 de Março; Todos os mistérios de Jesus devem ser reproduzidos por esta Congregação. Esperar para tudo, a hora da providência.

31 de Março ; S. José o seu espírito de fé

1 de Abril: *Tolle, crucifige*. O coração de Jesus pede uma morte.

3 de Abril; Caridade; não existe diferença de línguas.

3 de Abril: Fim da obra: puro amor, sacrifício.

5 de Abril; explicação mística do título da Cruz, espírito da Obra.

6 de Abril; Marta e Maria. A contemplação e a acção. Fidelidade nas provas.

7 de Abril; Mesmo assunto: espírito de vítima de Marta e Maria; da Santíssima Virgem, de São José e de Jesus.

7 de Abril; O véu roxo sobre a cruz; simbolismo.

8 de Abril; Generosidade de Santa Verónica.

8 de Abril: *Commendo spiritum*: abandono.

9 de Abril; A Agonia, os sofrimentos.

10 de Abril; O silêncio de Jesus. O puro / (75) amor, o abandono; Aceitar tudo.

12 de Abril; Sobre o nosso nome de Oblatos.

14 de Abril; O Rei de Sião; doçura e humildade, os Ramos.

14 de Abri: Confiança filial e abandono nos sofrimentos.

15 de Abril: *Pater, dimitte illis*: O perdão das ofensas.

18 de Abril; Quinta-feira Santa: A Santa Eucaristia, o nosso fim: vida interior: Vida particularmente escondida, silenciosa, amante, sofredora.

20 de Abril; Descida ao Limbo; S. José,

20 de Abril: não perca as graças recebidas por causa da distração.

21 de Abril; sentimentos de Jesus, de Maria, de S. João, e das santas Mulheres. Amor de correspondência. Desejo de prová-lo pelo sofrimento.

22 de Abril: Aparição aos discípulos de Emaús. As segundas-feiras das festas. Reparação.

23 de Abril: Aparição a santa Margarida: *Noli me tangere*.

24 de Abril: As graças mais preciosas são os sofrimentos.

25 de Abril; Não temais, vós procurais Jesus crucificado. As santas mulheres; A Madalena, modelo para quem procura Jesus.

26 de Abril; Não procureis o vivente entre / (76) os mortos. - O dia da Páscoa só virá no fim da nossa vida. - Vós só podeis suportar pouco de cada vez; Recitar o *Regina caeli* e ... *Sancta Mater*...

28 de Abril; Formação... Provações... Deixar fazer... Confiança para o futuro... como devemos rezar em todas circunstâncias.

30 de Abril; O bom pastor... O comportamento do bom pastor é adaptado às circunstâncias e às forças de cada um... Mas quantas ovelhas o não conhecem! Reparação.

30 de Abril: Tu me ouves e não me vêes.... *Beati qui non viderunt et crediderunt*. Fé pura, imolação do coração. Sacrifício interior. "Eu sou o Filho do Deus vivo, o esposo das almas puras".

30 de Abril; Procurar Jesus com Maria Madalena (amor solícito). Vai ter com os meus irmãos (servir Jesus na pessoa dos seus irmãos). Nunca mais abandonar Jesus, nem por medo, nem por causa da vida passada, nem por causa das tentações ou perseguições.

1 de Maio; Maria, vida de silêncio e de recolhimento - Prática para o mês de Maio, - Recolhimento de S. José, das vítimas, dos sacerdotes. - Vida de amor, de imolação, de união, de vítima. / (77) Maria, jardim fechado, fonte sigilada. Preparação ao Pentecostes; os exercícios espirituais.

3 de Maio; Invenção da Santa Cruz. A cruz, dom de Jesus. *Per crucem redemisti mundum*. A cruz, meio de reparação. " Tu bem viste, a criança nasceu (a obra), ela deve ser criada à sombra da cruz" Materiais do edifício.

8 de Maio; aviso aos superiores; silêncio, palavras sóbrias e santas.

10 de Maio; a pomba. O seu voo e o seu repouso, pureza, simplicidade, doçura. Ela levanta-se acima da terra. Ela esconde-se, suspira e geme. O seu repouso (eu para vós, vós para mim). O repouso de Jesus: o seio de Maria, o presépio, Nazaré, o Calvário, a Eucaristia, os corações...

12 de Maio; São José, a sua pureza, as suas provações, a sua fé, o seu amor. Pai, patrono, modelo. Ele prepara a manjedoura... Fidelidade nas pequenas coisas.

13 de Maio; Espírito de pobreza, renúncia, obediência perfeita; deixar fazer.

15 de Maio; O olhar fixo em Jesus, ver Jesus em toda parte e sempre.

16 de Maio; O sacerdote, a sua grandeza; o Santo Sacrifício.

22 de Maio; S. João "*Dominus est*". Confiança, / (78) abandono, amor fiel, união...

24 de Maio; *Auxilium christianorum.*

24 de Maio: Amas-me tu mais que os outros? Os nossos protectores: Maria, José, João.

29 de Maio: Provações e angústias, confiança filial.

30 de Maio; Fé viva e verdadeira; S. José, Abraão, os Magos.

1 de Junho; A profissão aos pés da Cruz: abandono, conformidade, resignação.

6 de Junho; A renúncia, condição da união com o Coração de Jesus. O amor puro não se liga nem à alegria nem ao sofrimento. Para ser vítima não é preciso nem saúde nem força

9 de Junho: *Introduxit me in cellaria sua, ordinavit in me charitatem* O verdadeiro amor.

10 de Junho; Não temais, vós procurais Jesus crucificado.

19 de Junho; Corpo de Deus: adoração em espírito. Ofensas a Jesus pelas almas consagradas e no sacramento do seu amor. A paixão renovada. Reparação.

23-24 de Junho; S. João, o seu espírito. Os votos, a profissão, o apóstolo S. João.

24 de Junho: a confissão, sinceridade, franqueza.

21 de Julho; Confiança filial. Carácter / (79) de uma vítima: amor puro e desinteressado.

22 de Julho; Conformidade, abandono.

2-3 de Dezembro; O retiro.

15 de Dezembro; A felicidade da vida religiosa.

.....

Tudo isso era bom, piedoso e de uma elevação de doutrina bem excepcional.

Eu inclinava-me a aceitar tudo como visões de orações, como luzes sobrenaturais. A querida mãe assegurava-me que eram ditadas por Nosso Senhor. A boa Irmã assim acreditava. Eis o que me escrevia a chère Mère, a 8 de Abril:

“Venerado Padre, envio-vos aqui a continuação do que vos enviei ontem, e aqui devo dizer-vos que *tudo o que as páginas aqui incluídas contêm*, não foi repetido, escrito depois de Nosso Senhor o dizer, mas desta vez *sob o seu próprio ditado*. A boa Irmã queria, por pedido que eu lhe tinha feito, escrever-me o que lhe fora dito sobre a casa de Betânia, e em lugar de poder escrever isso, Nosso Senhor começou ele mesmo a ditar-lhe o que encontrareis nestas páginas, e de maneira que quando ela acabara, ou melhor, quando Ele tinha acabado de falar, ela já não sabia nada do que escrevera. / (80) Ela ficou espantada com isso e começou a dizer. “Meu Jesus, que fiz eu? Sois mesmo vós que me fizestes escrever? Ah! Que eu não esteja submetida a uma ilusão, não o permitais, suplico-vos!” E a voz respondeu logo: “Escreve ainda o que Eu te vou dizer”, e então acrescentou o que encontras no fim da comparação respeitante o Evangelho do dia e a sua Oração ao seu Pai. Como Jesus é então maravilhoso nas suas obras! Dir-vos-ei ainda que todas estas últimas instruções foram-lhe ditadas em alemão, e a Irmã Maria de Jesus que as traduziu, disse-me que era lamentável que vós não as pudésseis ler em alemão, tanto as expressões são lindas e escolhidas. Ela disse-me que aquilo de que eu vos envio a cópia hoje é, em alemão, um verdadeiro trecho de literatura de que a Irmã é naturalmente incapaz, embora ela escreva razoavelmente em alemão...”

Cometi o erro de acreditar nisso tudo. Nosso Senhor não dá tão longos sermões nas suas revelações. Eu deveria ter aceitado essas piedosas páginas unicamente pelo seu valor teológico e como *luzes de oração*. Foi isso que iria decidir / (81) o Santo Ofício em 1883.

Tendo aceitado a realidade de revelação, é fácil pensar na impressão que eu provava. Durante vários anos era uma vida um pouco artificial de espera, de desejos, de alegria, de medo, especialmente quando às piedosas visões se misturavam algumas profecias.

Muitas circunstâncias faziam-me perseverar na fé que eu prestava a essas revelações:

A preparação da Irmã parecera-me ter todas as características da acção divina;

As suas virtudes eram realmente excepcionais,

As comunicações eram de uma doutrina puríssima, elevadíssima e bem sustentada pela Sagrada Escritura;

O demónio parecia opor-se a elas. Ele atormentava visivelmente a pequena Irmã copista. Ele fizera ouvir ruídos nocturnos na casa de S. Quintino e na de Fourdrain;

O Rev. Genty parecia sarado da gota pelas orações da Irmã;

A Irmã dava impressão de ler realmente nas almas. Ela tinha consciência das nossas inquietações, das nossas disposições;

Houve este caso particular da oferta dum jardim, na rua Richelieu, pelo Sr. 82) Lecot (Irmão José de Arimateia) na Sexta-Feira Santa às 3 horas. Era uma analogia absolutamente misteriosa com a oferta feita por José de Arimateia do seu jardim e do seu túmulo para nele depositar a Cristo.

Pareceu haver também uns prenúncios que se verificaram:

Para o Sr. Vicent (1880) que hesitava em entregar-se à Obra, “Eu torná-lo-ei inapto”; e ele teve de facto um ano de sofrimentos nervosos antes de morrer.

Para o Pe. Jaques (Abril de 1880), “ele entregar-se-á no dia 1 de Maio”, e isso aconteceu.

Em 1878, anúncio de cruz para a Companhia de Jesus; isso realizou-se em 1880⁹⁸.

Em Fevereiro de 1882, “Ele não o verá morrer”; e por efeito de circunstâncias muito especiais, eu não vi morrer o meu pai. Tinha-me ausentado por um dia para ir a Soissons, apoiado na palavra do médico que me assegurava não haver perigo próximo...

Eu ouvia também testemunhos externos muito favoráveis:

Mons. Gay, o Rev. P. Modeste, o P. Schwindenhammer, o Dr. Didiot, o P. Vicente de Pascal, o Pe. Sebastião / (83) Wiart julgaram reconhecer, como eu, uma verdadeira intervenção divina nessas comunicações.

As próprias revelações levavam o cunho da acção divina. Como a Irmã duvidava, julgou ouvir o Senhor dizer-lhe, a 16 de Junho: “Qual é o Espírito que te fala? Não é o espírito de humildade, de obediência, de sacrifício?”

⁹⁸ Nt Nesse ano, os Jesuítas foram expulsos de toda a França.

A 10 de Junho: “Sou Eu, não temais...; vós procurais Jesus crucificado.” -”Eu quero que tudo seja submetido à obediência.”

- Eu teria devido conformar-me mais plenamente com o parecer de Mons. Thibaudier, que reservava sempre o seu assentimento.

Houve, por outro lado, muitas predições não realizadas, nomeadamente muitas vocações anunciadas, e a promessa de que os recursos perdidos pelo processo referente ao testamento da Irmã Maria das Cinco Chagas voltariam. Eles não voltaram.

Em resumo, após a decisão do Santo Ofício, reconheço plenamente que esses longos ditados não eram *revelações*. Conservo a impressão que houve algo de divino, que houve graças excepcionais e em especial *luzes de oração* duma grande elevação de doutrina. / (84)

VISTAS SOBRE A VIDA RELIGIOSA E SOBRE A NOSSA VOCAÇÃO

As poucas páginas que me voltaram às mãos através do Pe. Modeste tratavam da vida religiosa e da nossa vocação. Copio-as aqui.

I - Espírito e fim da vida religiosa

(No começo dum retiro, a 2 de Dezembro de 1878)

“*Leva, Jerusalem, oculos tuos, et vide potentiam regis: ecce Salvator venit solvere te a vinculo.*”⁹⁹ Estas palavras são usadas no santo tempo do Advento, mas não se adaptam elas de uma maneira toda especial ao tempo actual, tempo de graça para vós? “Levanta os teus olhos, Jerusalém, e vê o poder do rei.” Vós também agora, deveis levantar os olhos do vosso espírito, olhar acima de tudo o que é terreno, ocupar-vos unicamente do que concerne a vossa alma, a vossa perfeição, procurar penetrar mais adentro no espírito da vossa vocação e da vossa finalidade, reconhecer e cumprir sempre mais a vontade e os desígnios de Deus. Vós deveis ver o poder desse rei dos corações, desse rei do amor que quer reinar sobre vós e em vós, e deveis entregar-vos a esse poder, o poder do seu amor, ao qual todavia se resiste tão frequentemente. -”Eis o vosso Redentor que vem libertar-vos dos laços.” Ele vos dá este tempo de graça e com / (85) ele os meios de partir e de despedaçar os laços que prendem ainda os vossos corações no

⁹⁹ Nt “levanta os teus olhos, Jerusalém, e vê o poder do rei; eis que o salvador vem libertar-te das cadeias...”

livre impulso para o Senhor vosso Deus, a fim de viver para Ele, livres e desapegados de tudo o que é terreno, natural e perecível, e para levar os laços do Seu amor e a liberdade dos filhos de Deus, laços que prendem e unem a alma da maneira mais íntima ao seu Deus, a tal ponto que ela possa dizer com o apóstolo S. Paulo: “Vivo, não, já não sou eu que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim, e eu nele”. Ele entregou-se totalmente por mim, e eu me entrego inteiramente e sem reservas a Ele, ao Seu beneplácito, à Sua vontade. Sou a Sua vítima, (a Sua serva), que não procura e não conhece outra coisa que não seja o cumprimento da vontade do Senhor, o Seu contentamento e o Seu interesse, e que está pronta a procurar-lhos à custa da sua vida e da sua honra, das suas forças e da sua saúde, gritando como o profeta: *“Dirupisti vincula mea, tibi sacrificabo hostiam laudis et nomine Domini invocabo”*¹⁰⁰. Vós quebrastes os laços que me tinham afastado de Vós, por isso oferecer-Vos-ei um sacrifício de louvor, quero exaltar a vossa bondade e a vossa misericórdia para comigo que dela era tão pouco digna. / (86) Quero agradecer-Vos e ligar-me unicamente a Vós, o Deus e o Senhor do meu coração; quero prestar homenagem só a Vós, servir-Vos e amar-Vos acima de tudo, sacrificar por amor vosso tudo o que não sois Vós mesmo; e quando esses laços desregrados, essas cadeias de escravidão da natureza corrupta e das criaturas procurarem de novo acorrentar-me, invocarei o vosso santo nome, só no qual se pode encontrar auxílio e protecção; sim, invocarei o nome do meu Redentor que se deixa prender e acorrentar pelas suas criaturas e duma maneira tão cruel, para me dar a liberdade, para arrastar todos os corações com os doces laços do Seu amor, para libertá-los todos das pesadas cadeias e da servidão do pecado; invocarei com fé, com confiança e com amor o nome daquele que se deixou prender e conduzir como um cordeiro levado ao matadouro, sem fazer ouvir a mínima queixa; este cordeiro, eu quero segui-lo pelo mesmo caminho no qual Ele caminhou, esforçar-me-ei por imitar as disposições do Seu Coração, e como Ele e por amor dele quero sofrer e morrer.” / (87)

3 de Dezembro - “Procurai o Senhor enquanto é possível encontrá-lo, invocai-o enquanto está perto de vós”. O tempo do retiro é particularmente um tempo em que Me deixo encontrar por aqueles que Me procuram sinceramente e com verdade, que Me invocam com humildade e confiança, implorando a Minha luz, as Minhas graças, o perdão para o passado, a força e a perseverança para o futuro; mas é igualmente o tempo em

¹⁰⁰ Nt Quebraste as minhas cadeias, oferecer-te-ei um sacrifício de louvor e invocarei o nome do

que eu procuro, e que quero então achar? Corações que Me conheçam, que Me amem, que Me sirvam e que queiram entregar-se inteiramente a Mim. Eu também, Eu chamo, para ser escutado, para ser recebido e acolhido nos corações que amo tão profundamente, que salvei e resgatei, que escolhi para minha morada, minha especialíssima propriedade, para minhas amigas e minhas esposas, às quais Eu peço de ser amado.” Eu estou à porta e bato e chamo: “Abre-Me, Minha amiga, Minha irmã, Minha esposa; abre-Me; os Meus cabelos estão húmidos pelo orvalho da noite: não, eles estão mesmo embebidos pelo Meu sangue que derramei por vós; e ainda agora, é a ingratidão, a infidelidade e a insensibilidade dos Meus amigos, do Meu povo escolhido que Me arranca / (88) o suor de sangue (misticamente, claro!), e é para enxugar esse suor, para Me consolar e compensar dessa dor, dessa falta de amor, que Eu procuro corações prontos a dar-Me essa consolação, que queiram, com a assistência da Minha graça, fazer todos os sacrifícios que Eu pedir.”

15 de Dezembro 1878- *Gaudete in Domino, iterum dico gaudete*. Alegrai-vos no Senhor; de novo vos digo, alegrai-vos. É a vós, especialmente em tempo de provações e de sofrimento, que são dirigidas estas palavras, porque as provações e os sofrimentos são as verdadeiras causas da verdadeira e santa alegria. Elas são agora outros tantos passos que vos conduzem ao fim, aproximando-vos mais do Coração do vosso Deus e tornando-vos mais parecidos com Ele. Elas são inevitáveis, indispensáveis e não deveriam elas levar-vos à alegria, vendo chegado finalmente o tempo que traz consigo tantos favores, tantas graças, porque quanto mais passos à frente se fazem, mais obstáculos se vencem, e mais se se aproxima da meta, e mais cedo se a alcança. O apóstolo diz mais longe estas palavras: “Que a vossa modéstia seja conhecida por todos os homens”, mas Eu vos digo: não somente / (89) a vossa modéstia, mas a vossa paciência, a vossa generosidade, o vosso amor pelo sofrimento e pelo sacrifício, todas essas virtudes que devem marcar e caracterizar as vítimas do Meu amor.

Perseverai na oração, nos louvores e acções de graças para com Deus, na paz de Deus, essa paz que ultrapassa todo o sentimento e que é um fruto da cruz, da renúncia a si próprio, da abnegação e do sacrifício, essa paz que o mundo não pode dar e que ele não conhece, precisamente porque não a quer conhecer e porque não ama a cruz, os

Senhor.

sofrimentos e o sacrifício e, por conseguinte, também não conhece a doçura da paz que aí está contida e que daí deriva.

*6 de Janeiro 1879.*¹⁰¹ - “Abrindo os seus tesouros, ofereceram ouro, incenso e mirra”. Estes três presentes são explicados de diversas maneiras no espírito da Santa Igreja, porque os desígnios de Deus são insondáveis e os Seus caminhos impenetráveis, como se exprime o salmista. O mesmo acontece com as Suas palavras e as Suas obras, elas são inesgotáveis, infinitas, de tal maneira que cada fiel pode crer que elas são reguladas como se Deus as regulasse só para Ele, para a sua condição e o seu estado. É neste sentido que o apóstolo das nações diz: “Jesus Cristo amou-me e entregou-se por mim”.

- Eis os três dons principais que Eu peço agora às vítimas que querem entregar-se totalmente a Mim (às vítimas do Meu Coração). Quando uma virtude está realmente enraizada no coração, todas as outras lá estão forçosamente; e todavia há uma que a mais deslumbrante, que é a marca distintiva, o cunho, o fundamento de todas as outras, é o ouro de um amor puro, verdadeiro, sincero, de um coração cheio de pureza de intenções, animado por uma fé viva, por uma confiança filial e inabalável. Quando o ouro é fino e puro, repara-se logo no mais leve toque; sim, o mais leve sopro ofusca-lhe o brilho, e é essa a perfeição a atingir, com o socorro da minha graça e a fiel cooperação a esta graça.

O incenso usado no sacrifício, é a vontade, o juízo, a razão com todas as faculdades e as forças do espírito imoladas pela obediência. A vontade é assim sacrificada inteiramente e sem partilha, ela é parecida com o perfume do incenso que sobe até ao trono de Deus, ao trono do Cordeiro, e lá é aceite com complacência. / (91) A vontade própria deve deixar-se consumir como o grão de incenso, e desaparecer nas chamas do amor do Meu Coração. Querer só o que Deus quer e conformar-se inteiramente com Ele, sem demora, sem reserva, para o tempo e para a eternidade; estar pronto a tudo, deixar-se moldar, aceitar tudo com amor, como querido e permitido por Deus, eis um sacrifício que Me é agradável. -

A mirra, é o corpo, a natureza que é condenada à morte, são os sofrimentos, qualquer nome eles tenham, de qualquer lado eles venham, suportadas no espírito de puro amor, por amor e com amor, em espírito de reparação e de expiação, em união com

os Meus sofrimentos; eles têm grande valor e grande eficácia, embora não tenham nenhum brilho, por pequenos que sejam em si mesmos.

É portanto, um coração para amar, um corpo para sofrer, uma vontade para sacrificá-la, para renunciar a ela totalmente, e em seu lugar amar acima de tudo a vontade de Deus e procurar cumpri-la. Eis o dom por excelência. -

Não dei Eu, também nisso, o exemplo da mais alta perfeição, duma perfeição infinita? Eu caminhei à frente neste caminho, tornei-o praticável para todos os meus verdadeiros discípulos para os meus amigos e as minhas esposas. Onde se encontra, / (92), de facto, um Coração que tenha amado mais, mais puramente, mais perfeitamente e mais generosamente do que o do vosso Deus e Redentor, do que o Coração de Jesus, o Coração da vítima do amor? Quem mais sofreu e mais dolorosamente? E por quem? E por quê? A minha vontade não era a do Pai Celeste? *Ecce Venio!* Eis me aqui, para fazer a vossa vontade, tinha eu dito...

3 de Março. (A reparação sacerdotal). Nosso Senhor escolheu entre os seus irmãos adotivos, resgatados com o seu sangue, uns irmãos privilegiados (os sacerdotes), para lhes confiar os seus tesouros. Revestiu-os do seu próprio poder, deu-lhes provas sobre provas da sua benevolência, do seu amor, da confiança que tinha neles; Ele pôs todo o povo sob a sua autoridade e, de certo modo, Ele próprio se tornou seu súbdito. Certamente, uma parte desses filhos privilegiados permanece fiel ao encargo confiado; conservam e defendem com todas as suas forças contra as garras do inimigo, os bens confiados aos seus cuidados, alguns até morrem da morte dos heróis na luta pela causa e pelos direitos do seu Pai, do seu Irmão, Salvador e Benfeitor. Mas não há também uma parte deles que passam para o inimigo, que entregam por traição e negra ingratidão os bens do seu Pai e do seu Rei?

Outros não vão tão longe, mas vêem tudo isso com indiferença, ocupam-se dos seus próprios interesses, dão-se às suas comodidades com os bens de que, todavia, são apenas os administradores, não se importam nem da desonra nem do prejuízo que possa sofrer o seu Pai e Irmão tão liberal, contanto que eles próprios não sejam incomodados nem atacados. Uma última parte, finalmente, tomam parte nestes acontecimentos, mas mais para a sua própria glória e por ambição, do que por amor do seu Rei. Eles lutam, mas com isso querem conquistar para si a glória de heróis; querem ser vitoriosos, mas

¹⁰¹ Nt É a Epifania, ou Festa dos Reis.

que a vitória seja atribuída ao seu valor, à sua coragem, à sua habilidade; querem merecer recompensas para si mesmos; a sua intenção, o seu móbil de acção não é desinteressado, não é por puro amor e gratidão como deveria ser. Tudo isso entristece o coração do bom Pai, mas ainda mais o do Filho e do Irmão desses ingratos pelos quais Ele não poupou nada, pelos quais Ele se sacrificou para os tornar felizes e para lhes provar o seu amor. Nestas dores amargas, Ele procura alguém para o consolar, para reparar e sarar as chagas que a ingratidão e a infidelidade Lhe fizeram. Uns irmãos / (94) deveriam pelo seu amor, a sua atenção contínua a todos os seus desejos, pelo seu cuidado incessante em Lhe agradar, em servi-LO, em procurar-Lhe alegria, em fazer-Lhe esquecer de certo modo a injustiça e o ultraje não da parte dos seus inimigos, mas dos seus amigos, dos seus irmãos, dos seus filhos. Eles devem formar um exército que tenha o fim de restituir ao seu Rei, Senhor e Irmão, a honra que Lhe foi roubada, os bens que Lhe foram arrancados, de sarar as chagas que Lhe foram feitas pelos seus irmãos, por aqueles mesmos que Ele tinha elevado a categoria de seus iguais, com os quais tinha partilhado o seu poder e os seus títulos, e mesmo de consagrar tudo para isso, de sacrificar tudo, a sua vida, a sua liberdade, os seus bens, se a realização do seu fim o exigir; em tempo da paz formar uma guarda escolhida; em tempo de guerra e nos perigos, dar prova do valor, do heroísmo que merecem o amor e a confiança depositada neles pelo seu Senhor e Mestre; de ter em vista em todo o tempo, em todas as circunstâncias, unicamente a sua honra, a sua glória, os seus interesses, de procurar como única recompensa o sentimento íntimo de cumprir a vontade de seu bom / (95) e amável rei, e assim consolá-lo.

28 de Fevereiro S. José, patrono e modelo da vida de vítima - Ele foi também vítima e mesmo especialmente pelo coração, porque quantas duras provas não Lhe impunha o seu privilégio de ser ao mesmo tempo o esposo de Maria e o Pai adoptivo de Jesus; mas ele submeteu-se da maneira mais perfeita à vontade e aos desígnios de Deus, fossem para ele compreensíveis ou não, agradáveis ou difíceis de cumprir. Era um instrumento na mão de Deus, para cumprir os seus decretos e, por conseguinte, era um modelo perfeito da vida de vítima.

S. José é um luminoso modelo para o próprio sacerdote-vítima, embora não tenha tido a dignidade sacerdotal no verdadeiro sentido da palavra. Quem de facto recebeu em mãos mais puras, a Mim, cordeiro sem mancha destinado ao sacrifício? Quem me tratou com mais respeito, com mais amor, com intenção mais pura, numa palavra, com todas

essas virtudes que só a verdadeira fé inspira? Na apresentação ao Templo, não era pelas mãos de José e de Maria que Eu ofereci a minha vida ao Pai celeste em expiação pelo mundo pecador e culpado? Essas disposições e esses sentimentos, / (96) nesse dia tão importante no céu e na terra, não eram também as do seu próprio sacrifício em união com o de Maria e com o Meu? Foi assim que toda a sua vida foi verdadeiramente a de uma vítima.

17 de Março. O amor puro e desinteressado. - A imolação das vítimas do Coração de Jesus realiza-se pelo puro amor e pelo abandono. Estas disposições são como a perfeição e a condição do voto de vítima. Oh, como são raras as almas que amam o Senhor com amor puro e desinteressado! Quantas almas há, mesmo consagradas, que Ele cumula continuamente de benefícios e que apesar disso não são gratas, pensam bem pouco nele e passam o tempo a ocupar-se de si mesmas, das suas satisfações corporais ou espirituais, ou então ocupam-se das criaturas, procurando agradar-lhes e comprazê-las?

E mesmo quando se ocupam do Senhor, como fazem por exemplo mais demoradamente ao Domingo, o dia que Lhe é consagrado, estarão mesmo bem ao pé dele com todos os seus pensamentos, com todo o seu coração, com uma intenção pura e sobrenatural? O Esposo poderá então estar plenamente convencido e satisfeito do amor e da fidelidade da sua esposa, / (97) mesmo quando ela cumpre os seus deveres, se com isso ela se comporta para com ele com indiferença, insensibilidade e frieza?

- *Haec est virgo sapiens quem dominus vigilantem invenit.* É então esta disposição de ter em todo o tempo a sua atenção, as suas inclinações, os seus pensamentos e as suas aspirações orientadas para o objecto do seu amor, que nos faz encontrar sempre vigilantes, como está escrito no Cântico dos cânticos: *Dormio, sed cor meum vigilat.* Mesmo quando o corpo está ocupado com outra coisa ou se entrega a um legítimo repouso, ao sono, o coração, o espírito, a vontade devem estar dirigidas para o Senhor, que é o fim último, a meta final, o centro de todas as coisas. É este amor que se move, opera e age unicamente nele, para Ele e por Ele, que Ele pede, mas que tantas vezes Lhe é tirado. *Praebe, fili mi, cor tuum mihi.* Meu filho, dá-me o teu coração, o teu amor, a tua vontade, a tua intenção, pois só ela dá valor aos olhos de Deus, às maiores acções como às mais pequenas. É o que S. Agostinho queria expressar por estas palavras: Ama e faz o que quiseses.

8 de Abril. O santo abandono. Não é próprio de uma vítima colocar-se totalmente, sem reservas, sem resistência ou cuidados para o futuro, à disposição daquele a quem ela é oferecida? O abandono é como um resumo das virtudes de fé, de obediência, de confiança e de caridade. Aquele que acredita na Providência de Deus, que se confia à Sua bondade, que o ama e que obedece a todas as manifestações da Sua vontade, esse pratica a virtude do abandono. É a base de toda a vida de Nosso Senhor, como Ele mesmo atesta, desde a sua primeira palavra: *Ecce venio, ut faciam, Deus, voluntatem tuam*, até este último grito: *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum*. É a disposição do santo Coração de Maria, que estava sempre pronto a bradar: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum*. É até certo ponto a base da vida cristã, como exprime a nossa oração quotidiana: *Fiat voluntas tua sicut in caelo et in terra*. Mas é acima de tudo a disposição essencial duma vítima.

.....

Eram essas, pias *luzes de oração*. Era realmente o espírito de Nosso Senhor, mas não a sua palavra ditada.

28 DE JUNHO: OS MEUS VOTOS.

- A 28 de Junho era a festa do Coração de Jesus. / (99) Fiz os meus votos. Era o meu mais vivo desejo. Mons Thibaudier autorizou-me. Ele sabia que me estava preparando havia mais de um ano. Delegou o Reverendo Arcipreste para recebê-los. A pequena cerimónia fez-se no oratório de S. João. O reverendo Rasset lá estava como postulante, com os dois Irmãos que não perseveraram. Assistiam também duas Irmãs. Entreguei-me sem reservas ao Sagrado Coração de Jesus, e no meu pensamento esses votos eram já perpétuos. A minha emoção foi muito profunda. Sentia que tomava a cruz sobre os meus ombros ao dar-me a Nosso Senhor como sacerdote reparador e como fundador dum novo instituto.

(Ao mesmo tempo que fazia os três votos públicos, fazia também o voto privado de vítima segundo as indicações do Pe. Giraud)¹⁰².

Esta data de 28 de Junho de 1878 será sem dúvida considerada, na Congregação, como data da sua fundação.

¹⁰² O texto entre parêntesis encontra-se em nota no manuscrito.

O Pe. Rasset, que lá estava, entraria definitivamente a 12 de Agosto.

A CASA DO SAGRADO CORAÇÃO.

Foi no mês de Agosto que as nossas Irmãs compraram à família Hibon a casa da rua Richelieu. Primeiramente, tinham pensado de fazer nela uma fundação para si próprias, mas perceberam que essa casa convinha admiravelmente para o nosso noviciado e / (100) cederam-nos o uso dela.

Era suficientemente perto de S. João para que eu pudesse lá ir todos os dias e assim dirigir o noviciado, e era bastante afastada para que nela se pudesse ter calma e paz.

Pudemos entrar nela e celebrar missa a 14 de Setembro, festa da Exaltação da santa Cruz. A divina Providência tem dessas coincidências luminosas. Numa obra reparadora não devia mesmo ser fundada sobre a cruz?

O primeiro noviço, depois do Pe. Rasset, foi o Pe. José Paris, que entrou a 4 de Outubro.

ACONTECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS: MORTE DO PAPA.

O maior acontecimento do ano foi a morte de Pio IX seguida da eleição de Leão XIII.

Pio IX morreu como um santo, tal como tinha vivido. O seu testamento é um acto heróico de humildade. Enquanto outros príncipes se aprontaram túmulos, Pio IX pediu a sepultura mais simples. Lia-se no seu testamento: “O meu corpo, feito cadáver, será sepultado na Igreja de São Lourenço-fora-dos-muros, ao pé da pedra marcada pelo sangue do mártir. A despesa para o monumento não pode exceder 400 escudos.” / (101)

Acrescentava que a inscrição do seu túmulo devia ser a seguinte:

Ossos e cinzas do Papa Pio IX

Sumo Pontífice

Viveu....anos

Passou no pontificado.....anos

Orai por ele.

- O brasão da sua nobreza devia ser substituído por uma cabeça de morto.

Ele queria ficar junto dos mártires, junto das catacumbas, junto dos seus Zuavos, junto dos túmulos do povo romano.¹⁰³

De facto ele foi lá colocado, mas era tão amado que todo o universo cristão quis contribuir para a maravilhosa decoração da capela onde repousa o seu modesto sarcófago.

O povo cristão considerava Pio IX um santo, e falava-se de vários milagres obtidos pela sua intercessão.

Eis como Mons. Mermillod anunciava na sua circular a morte de Pio IX e a eleição de Leão XIII: “A rápida eleição de Leão XIII responde à expectativa universal; há nas almas católicas como que um pressentimento de que o glorioso túmulo de Pio IX é o pórtico da ordem social cristã. / (102) O grande pontífice a quem o universo inteiro prestou homenagem num luto cheio de esperança, parece-nos Moisés guiando o povo de Deus através das dores e das lutas; as suas orações obtiveram-nos Josué, que nos conduzirá à Terra Prometida dos triunfos evangélicos...”

Quanto a mim pessoalmente, eu amava Pio IX que tinha visto de perto, e cujas grandes qualidades de espírito e de coração tinha podido apreciar. Mas conhecera também no concílio, o grande carácter e a ciência de Leão XIII, e esperava dele um grande pontificado.¹⁰⁴

O seu brasão apresentava um arco-íris; um dos nossos jovens professores mostrou o seu simbolismo neste gracioso soneto que a Águia de S. João publicou:

Jeová disse um dia contemplando a terra:
“O homem está corrompido, quero destruí-lo”
E sob enormes ondas lançadas pela sua cólera
Viu-se com terror o universo ser engolido!

¹⁰³ Nt A basílica de S. Lourenço fica rodeado pelo cemitério do campo Verano, que é o enormíssimo cemitério do povo romano.

¹⁰⁴ Pio IX morreu a 7 de Fevereiro, e Leão XIII foi eleito a 20 de Fevereiro

Então Deus se lembrou que Ele era nosso Pai:

“Não temeis mais, diz Ele, algum dilúvio futuro;

“Se o homem de novo me declara guerra,

“Ao ver o arco-íris, esquecerei de o castigar.

Hoje, como então, o crime nos inunda,

E preparando-se já a fulminar o mundo

Deus tem o braço levantado sobre os povos ingratos.

Mas Ele vê resplandecer sobre a arca da Igreja

A certeza da paz que nos tinha prometido:

O arco-íris apareceu, o mundo já está salvo!

Na verdade se Leão XIII não vê ainda o levantamento da Igreja, bem o preparou e assegurou: ele pôs-lhe as bases com as suas directrizes.

- Leão XIII não tardou a manifestar a sua afeição pela França, que deveria ser uma característica do seu pontificado.

Respondendo a uma mensagem das Universidades católicas de França, após ter louvado o zelo dos católicos da França pela fundação dessas Universidades, acrescentava: “É assim que a França, a despeito das suas desgraças, permanece sempre digna de si mesma e mostra que não esqueceu a sua vocação. Ninguém mais que o Vigário de Jesus Cristo tem motivos para partilhar as dores da França, porque é nela que a Santa Sé encontrou sempre um dos seus válidos apoios. Hoje, infelizmente ela perdeu uma parte do seu poder... E todavia, o que não fez ela para a Santa Sé, mesmo depois dos seus desastres? Ela já lhe dera / (104) os rebentos das suas famílias mais ilustres, pois o pequeno exército do Papa era formado em grande parte por filhos da França; e desde o dia em que para eles não foi mais possível servir a causa do Papa com a espada, a França testemunhou de mil outras maneiras o seu apego à Santa Sé: são as ofertas da França que formam sempre uma parte considerável do “Dinheiro de S. Pedro”... Tão grande generosidade não poderá ficar sem recompensa. Deus abençoará uma nação capaz de tão nobres sacrifícios, e a história escreverá ainda belas páginas sobre as *Gesta Dei per Francos*.

MAIO: AVANÇO DAS IDEIAS ANTI-RELIGIOSAS;

O DIA 16 DE MAIO - CENTENÁRIO DE VOLTAIRE.

Uma tática errada dos conservadores e dos católicos aumentava muito a força do partido anti-religioso. Os católicos e os conservadores permaneciam ligados aos velhos partidos políticos, embora fosse evidente que já não havia nenhuma séria esperança de um regresso à monarquia. Era colocar a Igreja em oposição com as massas populares que queriam a República. A Câmara (dos deputados) avançava sempre mais para as ideias republicanas. Cada eleição parcial trazia um incremento para esquerda. Eles eram uns 360 que se mantinham / (105) fortemente unidos e votavam sempre mais contra as ideias religiosas para contra-atacar os conservadores. Nem Mac-Mahon nem os conservadores compreenderam bem a situação. Mac-Mahon decreta a dissolução da Câmara e forma um ministério orleanista, o ministério Broglie; era preparar um sucesso crescente da esquerda. O ministério de 16 de Maio organizou as eleições que levaram à Câmara os 363 republicanos, e mais ainda.

O partido anticatólico provocou grandes demonstrações em honra de Voltaire por ocasião do seu centenário a 30 de Maio. A ideia não era feliz, para a esquerda. A glorificação de Voltaire, cortesão de Frederico II, não podia ter êxito na França, após a guerra de 1870. Para os católicos, houve um sucesso de opinião bastante fácil. Foram procuradas em Voltaire as suas adulações para com a Prússia e as suas expressões de desprezo para a classe operária, e isso foi publicado em todas as formas, jornais, opúsculos, brochuras, conferências, etc... Tomou-se também a ocasião desse malfadado centenário para glorificar Joana d'Arc. Eis como a nossa Águia resumia as demonstrações católicas: / (106)

“ Agradecemos a Deus: a França não perecerá! O acto de fé com que respondeu às provocações e às blasfémias do centenário, basta para segurar a salvação duma nação. Ela passou aos pés dos altares esse dia nefasto do 30 de Maio. Em toda a extensão do seu território, na última igreja do campo como nas gloriosas basílicas, faltava lugar para os fiéis acorridos à voz dos seus bispos para rezar e para reparar. Que importa se, na mesma hora, alguns evadidos de Bade ou de Génova¹⁰⁵, alguns saltimbancos da

¹⁰⁵ Nt Gênês é Génova da Itália, mas parece-me que aqui deveria ser *Géneve* da Suíça, perto da qual Voltaire tinha uma luxuosa casa de campo.

poesia ou da imprensa reuniram num circo ou num teatro dois ou três mil basbaques para ouvirem as suas arengas enfáticas, as suas denegações e *palínódias!*¹⁰⁶ Eles têm com eles a escumalha cosmopolita que as nossas convulsões políticas fizeram subir a superfície; não têm a França! - As coroas destinadas a Joana d'Arc não cessaram ontem de chegar a Paris. Várias delegações eram encarregadas, pelas cidades ou pelas diversas corporações, de acompanhar estas homenagens dos Franceses à memória da virgem de Domrémy. Esses protestos das almas cristãs contra as forças sacrílegas preparadas em honra / (107) de Voltaire por radicais esquecidos da honra e da pátria ...”

ESTUDOS

Tinha pouco vagar nesse ano. Os meus estudos eram determinados pelo curso das minhas obras. Tive de voltar um pouco aos clássicos, literários e científicos, para seguir os trabalhos dos alunos e presidir aos exames nas aulas.

Para preparar as minhas conferências para as reuniões da juventude cristã, servi-me de Monsabré, Conferências de 1872 sobre a família; de Taparelli, Direito natural; das obras de Blanc de S. Bonnet; da obra do Sr. Chesnel sobre o Direito social cristão...

Em vista do meu discurso para a distribuição dos prémios li várias obras sobre literatura cristã. Foi essa uma bem doce ocupação. Encontrei nela tanta edificação como interesse.

Uma publicação impressionou-me durante o ano e dela tomei nota, a das proposições erróneas que a Santa Sé submetera em 1862 aos bispos reunidos para a canonização dos Mártires japoneses. Era a preparação do Syllabus. Cada proposição era qualificada por uma nota oficial. Os liberais precisariam de ler frequentemente este catecismo dos / (108) erros modernos. Copio algumas proposições:

1- Progressus civilis requirit ut humana societas constituatur super fundamentis mere humanis, nullo habito respectu ad religionem, perinde ac si ea non existeret. (O progresso civil requer que a sociedade humana seja constituída sobre fundamentos meramente humanos, sem ter em nenhuma conta a religião, como se ela não existisse).

¹⁰⁶ Nt Palinódias = poesia em que o autor retrata o que tinha dito numa poesia anterior.

- Propositio impia, injuriosa religioni, in atheismum inducens, subversiva ordinis moralis et verbo Dei contraria. (Proposição ímpia, injuriosa da religião, conduzindo ao ateísmo, subversiva da ordem imoral e contrária à Palavra de Deus).

2- Lex moralis, actionum humanorum moderatrix, est a religione radicitus separabilis, nec ulla indiget sanctione divina. (A lei moral, reguladora das ações humanas, pode ser separada radicalmente da religião, e não precisa de nenhuma sanção divina).

- Propositio complexive sumpta falsa, impia, haeresim sapiens et erronea. (Proposição no seu conjunto falsa, ímpia, cheirando a heresia e errônea).

3- Intelligentia humana intra sensationum fines sistit, doctrina moralis in utilitatum supputatione, politices in sola materialum virium conjunctione. (A inteligência humana está limitada dentro dos limites das sensações; a doutrina moral no cálculo das utilidades; a política unicamente na união das forças materiais).

- Propositio complexive sumpta falsa: quoad primam partem, materialismum invehens et haeresi proxima; quoad secundam partem, totius moralitatis eversiva; quoad tertiam, ordinis moralis et socialis destructiva. (Proposição no seu conjunto falsa; quanto à 1ª parte, propõe o materialismo e está próxima da heresia; quanto à 2ª parte, é subversiva de toda a moralidade; quanto à 3ª, é destruidora de toda a ordem moral e social).

4- Ea est intelligentiae humanae spontanea vis, ut omnis divina revelatio sit ordini inutilis. (Tanta é a força inata da inteligência humana, que qualquer revelação divina é inútil para a ordem social).

- Haeretica. (Herética).

5- Dogma de peccato originali ac dogma / (109) de instauratione totius humani generis per Christum nihil confert ad praesentem societatis conditionem ejusque leges agnoscendas. (O dogma do pecado original e o da restauração do género humano feita por Cristo não oferece nada à condição presente da sociedade, nem ao conhecimento das suas leis).

- Falsa, erronea et haeresi proxima... (Falsa, errônea e próxima da heresia...)

7- Christianismus, prout ab Ecclesia catholica traditur, neque exercuit, neque natura sua exercere potest influxum salutarem in jus civile, in jus politicum, neque in jus gentium.

(O cristianismo, tal como é proposto pela Igreja Católica, não exerceu, nem pela sua própria natureza pode exercer influência salutar sobre o direito civil, sobre o direito político, nem sobre o direito dos povos).

- Falsa, erronea, Ecclesiae injuriosa et quatenus supponit christianismum melius tradi posse quam in Ecclesia catholica, haeretica. (Falsa, errónea, ofensiva da Igreja e herética na medida em que supõe que o cristianismo passa a ser apresentado melhor do que na Igreja Católica).

8- Doctrina evangelica de mutuo fratrum auxilio non respicit nisi personas privatas: neque unquam applicari potest relationibus politicis in favorem legitimorum guberniorum, quae injuste hostes sive interni sive externi aggressi sunt (princípio de não-intervenção). (A doutrina evangélica da ajuda mútua dos irmãos, só diz respeito às pessoas particulares: nunca pode ser aplicado às relações políticas em favor dos legítimos governos que forem injustamente agredidos por inimigos internos ou externos (princípio da não-intervenção)

- Perniciosa societati, seditiosa, juris publici et gentium destructiva, haeretica. (Prejudicial à sociedade, sediciosa, destruidora do direito público e dos povos, herética).

9- Bonum societatis christianae postulat ne spiritualis potestas sit a civili potestate distincta et independens. (O bem da sociedade cristã requer que o poder espiritual não siga distinta e independentemente do poder civil).

- Falsa et haerectica. (Falsa e herética).

12- In qualibet recte constituta societate, legislatio actusque regiminis debent tanquam regulam sectari indefferentiam systematicam inter veritatem et errorem in negotio religionis. / (110) (Em qualquer sociedade rectamente constituída, a legislação e os actos de governação, devem seguir como regra, uma indiferença sistemática entre verdade e erro no absoluto da religião).

- Impiam, indifferentismum inducens, rectae rationis et religioni injuriosa. (Ímpia, induzindo ao indiferentismo, ofensiva da recta razão e da religião).

13- Licet theologice verum sit unamquamque nationem christianam debere partem constituere unius ejusdemque Ecclesiae universalis, uni capiti supremo subjectae; politice tamen utile foret ut quaelibet earum constitueret Ecclesiam nationalem sub primatu respective imperantis. (Embora seja teologicamente verdade que cada nação cristã deve

constituir uma parte da única e mesma Igreja universal submetida a uma só autoridade suprema; todavia seria politicamente útil que qualquer delas (nações) constituísse uma Igreja nacional sob o primado do respectivo governo).

- In schisma inducens et haeresi proxima. (Induzindo ao cisma e próxima da heresia).

14- Política gubernia tam clero quam populo imponere possunt ectheses seu formularia theologica, licet ejusmodi sint, quae nequeant ab apostolica Sede aut ab oecumenicis conciliis probari. (Os governos políticos podem impor tanto ao clero como ao povo doutrinas e formulários teológicos, embora sejam de tal feitio que não possam ser aprovados nem pela Sé Apostólica nem por Concílios Ecuménicos).

- Schismatica et haeretica. (Cismática e herética).

15- Ecclesia nihil debet decernere quod obstringere possit fidelium conscientias in ordine ad usum rerum temporalium. (A Igreja não deve decretar nada que possa obrigar as consciências dos fiéis em ordem ao uso dos bens temporais).

- Haeretica. (Herética).

16- Opponitur spiritu Evangelii quod Ecclesia bona temporalia possideat, nec ipsa legitime acceptare potest aut acquirere proprietates seu possessiones ad ministrorum sustentationem, ad cultus exercitium et pauperum levamen. (Opõe-se ao espírito do Evangelho que a Igreja possua bens temporais, e ela não pode legitimamente aceitar ou adquirir propriedades ou bens para o sustento do clero, para o exercício do culto e para a assistência dos pobres).

- Dudum damnata in Concilio Constantiensi et in bulla Martini V, ac haeretica./ (111)
(Claramente condenada no Concílio de Constança e na bula de Martinho V, e herética).

23- Nulla ecclesiastica potestas, neque ipse Summus Pontifex aut Concilium oecumenicum potest excommunicationis sententiam ferre in supremum inperantem. (Nenhuma autoridade eclesiástica, nem o próprio Sumo Pontífice ou Concílio Ecuménico pode lançar a sentença de excomunhão contra o chefe supremo).

- Haeretica. (Herética).

26- Dominatio temporalis Romani Pontificis adversatur doctrinae evangelicae. (O Poder temporal do Romano Pontífice é contrário à doutrina evangélica).

- Haeretica. (Herética).

27- Haec dominatio temporalis non est magni momenti, pro spiritualibus catholicitatis negotiis, neque potest componi cum principiis boni civilis regiminis. (Este poder temporal não tem importância nenhuma para os assuntos espirituais da catolicidade, e não pode estar de acordo com os princípios duma boa governação civil).

- Complective sumpta falsa, haeresim sapiens et erronea. (Falsa no seu conjunto, cheirando a heresia e errônea).

32- Orbis catholicus nullum habet jus ad tuendam conservationem et integritatem domini temporalis Papae. (O mundo católico não tem direito nenhum de defender a integridade do poder temporal do Papa).

- Falsa, temeria, erronea. (Falsa, temerária, errônea).

36- Voluntas populi seu popolare suffragium ejusmodi est per se auctoritatis, ut nulla indigeat ratione ad suorum actorum validitatem. (A vontade do povo, ou seja, o sufrágio popular tem, por si própria, tal autoridade, que não precisa de nenhuma razão para a validade dos seus actos).

- Quatenus constituat voluntatem populi seu suffragium popolare supremam legem independentem a jure naturali et divino, haeretica. (Herética, enquanto faz da vontade popular ou sufrágio universal uma lei suprema independente do direito natural e divino).

38- Principia insurrectionis, quae proclamata sunt in favorem recentium eventuum in Italia, concordant cum sanae theologiae doctrina / (112) circa tyranidem. (Os princípios da insurreição que foram proclamados em favor dos recentes acontecimentos em Itália, concordam com a sã doutrina teológica sobre a tirania).

- Falsa, injuriosa theologiae et seditiosa. (Falsa, ofensiva da Teologia, sediciosa).

42- Societas domestica seu familia a lege tantum civili suae existitiae legitimitatem derivat. (A sociedade, ou seja, a família, recebe a legitimidade da sua existência unicamente da lei civil).

- Falsa, contraria juri naturali et divino; quatenus vero intelligatur de societate seu familia chirstiana, haeretica. (Falsa, contrária ao direito natural e divino; herética, quando se refere à sociedade ou família cristã).

44- Progressus socialis inducere debet abolitionem indissolubilitatis vinculi conjugalis - O progresso social deve induzir à abolição da indissolubilidade do vínculo matrimonial.

- Haeretica (Herética).

47- Proprietas non minus adversatur legi justitiae quam legi charitatis christianae, neque fundatur in jure naturae et gentium, sed unice in jure civili (A propriedade não é menos contrária à lei da justiça do que à lei da caridade cristã, e não tem a sua base no direito da natureza e dos povos, mas unicamente no direito civil.

- Falsa et haeretica (Falsa e herética).

48- Conforme est sanae theologiae ac juris publici doctrinae, quod gubernia sint vera proprietaria bonorum quae obtinent Ecclesiae, familiae religiosae, hospitia aliaque loca pia (É conforme à sã teologia e à doutrina do direito público, que os governos são os verdadeiros proprietários dos bens que as Igrejas, as famílias religiosas, os hospícios e outras pias fundações recebem).

- Falsa, contraria Concilio Tridentino (sess. XXII, C.XI de ref.) et alias damnata in Constitutione cujus initium "licet" juxta Joan. XXII, IV Kal. nov. 1327. (Falsa, contrária ao Concílio de Trento (sessão XXII, c. XI de ref.) e aliás condenada na Constituição que começa "Licet", segundo João, XXII, VI Kalendas novembris, 1327).

50- Proprietates et filii ita ad nationem pertinent ut jura proprietatis et jura parentum in filios eorumque educationem a nationis / (113) concessione dimanent. (As propriedades e os filhos a tal ponto pertencem à nação, que os direitos de propriedade e os direitos dos pais sobre os filhos e a sua educação emanam duma concessão da nação).

- Complexiva sumpta impia, juri naturali ac divino contraria (Ímpia no seu conjunto, contrária ao direito natural e divino).

51- Bona proinde societatis constitutio postulat ut natio quae per Statum repraesentatur, sub una alterave forma, directe aut indirecte monopolium habeat institutionum ac domiciliorum educationis, eorumque proprietatem, sive individualiter sive collective sumantur (A boa constituição da sociedade requer que a nação, representada pelo Estado, sob uma forma ou outra, tenha directa ou indirectamente o monopólio das instituições e casas de educação, e a propriedade delas, consideradas individualmente como colectivamente).

- Erronea, perniciosa, juris divini et ecclesiastici laesiva (Errónea, prejudicial, lesiva do direito divino e eclesiástico).

52- Obligationes speciales quae ordinum religiosorum essentiam constituunt, ex Evangelio originem non trahunt (As obrigações próprias que constituem a essência das ordens religiosas, não têm a sua origem no Evangelho).

- Haeretica (Herética)

54- Communitates religiosae, quae operibus exterioribus charitatis minime devoentur, nullam existentiae egitimam rationem habent (A comunidades religiosas que não se dedicam por nada à obras exteriores de caridade, não têm nenhuma razão legítima de existir)

- Falsa, erronea, perniciosa et haeresi proxima (Falsa, errónea, prejudicial e próxima da heresia).

55- Juxta recta politices principia statui debet ut religiosos ordines a guberniis catholicis a priori tamquam suspecti habeantur (Segundo os princípios da recta política, deve ser estabelecido que as ordens religiosas devem ser tidas “a priori” como suspeitos pelos governos católicos).

- Injuriosa statui religioso, detrahens institutioni ab Ecclesia probatae et fundatae in Verbo Dei, ac de haeresi suspecta (Ofensiva do estado religioso, caluniosa duma instituição aprovada pela Igreja e fundada sobre a Palavra de Deus; suspeita de heresia).

56- Quidquid sit de ultimo uniuscujusque hominis fine in altera vita, finis supremus ad quem / societatis politicae debent leges omnes in actiones dirigere, est cultura et perfectio ordinis materialis (Qualquer que seja o último fim do homem na outra vida, o fim supremo para o qual todas as leis da sociedade política devam dirigir os seus actos, é a cultura e a perfeição da ordem material).

- Impia, materialismo favens, erronea, ordinis moralis ac materialis eversiva (Ímpia, favorecendo o materialismo, errónea, destruidora da ordem moral e material).

57- Principia evangelica eo tendunt ut extenuent et fere extinguant legitimos activitatis humanae progressus in ordine materiali (Os princípios evangélicos têm o fim de atenuar e quase extinguir os legítimos progressos da actividade humana no campo material).

- Falsa, religioni christiana injurosa, calumniosa et haeresi proxima (Falsa, ofensiva da religião cristã, caluniosa e próxima da heresia).

58- Elementum materiale sibi primas partes vindicare debet in juventutis educatione. (O elemento material deve reivindicar para si as primeiras partes na educação da juventude).

- Impietati favens, perniciosa, erronea, verbo Dei contraria (Favorecedora da impiedade, perniciosa, errônea, contrária a Palavra de Deus).

.....

Estas censuras não são oficiais. Era um projecto que foi comunicado pela Santa Sé aos bispos em 1862 sob selo de segredo. O bispo de Montreal que o divulgou em 1878 teve sem dúvida a autorização da Santa Sé.

Todos os erros modernos da sociedade civil, a família, a propriedade, estão aí caracterizados. Os bispos, nas suas cartas pastorais; os pregadores das cidades para as suas conferências, podem encontrar aí um argumento inesgotável. / (115)

CORRESPONDÊNCIA

As relações com os meus antigos discípulos de Roma tornavam-se mais raras. O Rev. Désaire escrevia-me ainda e falava-me das suas veleidades de se juntar a nós.

O Rev. Dartein escrevia de Nancy a 28 de Fevereiro: "Quantos acontecimentos já nestes primeiros dois meses! O nosso grande e caro Pontífice Pio IX deixou-nos para receber no céu a sua coroa. Que emoção causou no mundo inteiro, a morte deste ancião! Que despertar de fé nas homenagens unânimes prestadas à memória desse Papa tão doce e tão firme! Realmente, julgávamos sentir quase um sopro divino. E depois esse conclave, de que nos espantávamos desde há tantos anos, como foi calmo e rápido! Não é afinal a mão de Deus? E não poderemos esperar que do alto do céu Pio IX proteja ainda os seus filhos?

- O Santo Padre impediu-me de vos falar imediatamente duma outra perda para nós irreparável, o nosso excelente Pe. Dugas. Eu sabia, por um irmão meu, comandante dos Zuavos na Argélia, que este caro amigo nos seria arrebatado; esse mal não perdoa, e de resto, não estava ele maduro para o céu? Que espírito e que coração de eleição! Quanto bem teria feito, ficando nesta triste terra! Deus não quis, seja bendito o seu santo

nome! / (116) E que o nosso piedoso amigo nos assista do alto do céu, onde, assim o espero, ele está agora feliz.

Mandei escrever ao Superior de Argel pelo meu irmão, para ter alguns pormenores sobre os seus últimos momentos. Ele adormeceu suavemente, sem agonia, pois o seu mal fizera rapidíssimos progressos nos últimos três dias. Não foi possível trazê-lo a Argel; morreu em Ben-Aknoum (é a casa de campo dos Padres jesuítas). Seu irmão, chamado por telegrama, só pôde levar o seu caixão para Lião...

O meu bom mestre, o Rev. Dehaene, escrevia-me a 1 de Abril:

“Senhor Superior e digníssimo amigo, li com o mais vivo interesse a resposta que amavelmente quisestes dar às duas perguntas que tomara a confiança de submeter à vossa sábia apreciação; agradeço-vos de todo o coração. Sobre o assunto dos clássicos, sou inteiramente da vossa opinião, e eu queria mesmo que dos autores pagãos só se dessem as mais belas passagens, com a análise substancial do resto: as crianças teriam assim uma ideia geral do autor e alimentar-se-iam daquilo que ele tem de mais são e de mais elevado, e creio que assim poderiam / (117) preparar-se facilmente e seriamente para as provas de maturidade, com esse método.

O vosso projecto de congregação agrada-me sob todos os aspectos: há nele S. Francisco e o Sagrado Coração, devoção do fim dos tempos, e o espírito de imolação e de expiação: nada de mais oportuno! Tendes a aprovação do vosso bispo; indicações providenciais e sobrenaturais vos guiam, dizeis vós; pois bem, caro amigo, avançai, com confiança! O vosso antigo mestre será talvez um dos vossos primeiros discípulos. Gostaria de o ser, de todo o coração.

Percorri o 1º número da vossa Semana Literária; é encantador. A dificuldade estará em manter essa publicação e em alimentá-la constantemente. Mas Deus abençoará os vossos esforços, e afinal S. João é tão doce e tão forte.

Eis alguns versos que, num dia destes, me foram inspirados por esse desejo de imolação e de sacrifício ao Espírito de amor, que transportou a Águia de Pathmos:

“Jesus crucificado, sê a minha única riqueza:
Que parecer-me contigo seja o meu único esforço;
Unir-me à tua cruz, perder-me na tua ternura,
Seja do meu coração a incomparável ventura!
Deixai-me, Senhor, a escória das criaturas

Objecto, como um leproso, de desgosto e de horror,
Pisado por quem passa, como se eu fosse lixo, / (118)
Expor o opróbrio e a dor de Jesus.
Deixai-me, para salvar um irmão que se perde,
Transpor com Jesus o rochedo e a ravina,
Arrancar, intrépido, uma alma ao negro tártaro
Para recolocá-la feliz no seu regaço.
Deixai-me, devorado pelas divinas chamas
Saborear a grande lei de João o bem-amado,
Derramar, se for preciso, o meu sangue pelo preço das almas
E morrer consumido pelo amor e pela dor!

Queira fazer-me assinante da vossa *Águia* e, na expectativa de que eu vá ver o que vós fazeis em S. Quintino, creia-me mais do que nunca seu devotíssimo...”

.....

Para completar este ano, devo indicar ainda uma visita à Exposição, e uma presença no Congresso de Chartres com uma visita a meu amigo Palustre em Tours. Nessa ocasião, inscrevi-me na Confraria de S. Martinho. / (119)

Ano Lectivo 1878 - 1879

S. JOÃO: INÍCIO DAS AULAS

Durante as férias fizéramos vários trabalhos de melhorias e adaptámos as duas casas compradas. Eis a impressão dos reentrantes consignada na *Águia*, em forma de metáfora: “Reentrada no S. João, a *Águia* encontra a sua aparência embelezada, aumentada mesmo na medida do possível e do necessário; cores vivas, doces e luminosas, alegam a vista em toda a parte; parece-lhe uma casa nova! Então, para quem são estes preparativos? Pergunta a *Águia*. Respondem-lhe que deverá em breve abrigar sob as suas asas possantes cento e cinquenta jovens aguiazinhas que vêm instruir-se na escola do Discípulo predilecto, e que se vê neste grande aumento uma admirável bênção de Deus...”

Estávamos ainda muito apertados. Havia sobretudo a casa Dubois, ocupada por um comerciante de vinho, cujos armazéns avançavam bastante para dentro dos nossos pátios. Comprei-a a 23 de Dezembro desse ano, mas o comerciante Michel, tinha um longo contrato de renda e foi preciso dar-lhe uma grossa indemnização / (120) para que se decidisse a sair.

O RETIRO

Todos os anos os nossos alunos faziam um retiro. Nesse ano, foi o Pe. Modesto que o pregou. Pouco depois devia pregar o retiro das Irmãs.

Eis como um aluno relatava as suas impressões: “Tivemos nesta semana a rara felicidade de consagrar três dias ao retiro, e de retemperar as nossas almas pela meditação das verdades da religião, principalmente dos fins últimos do homem. Que dias felizes! Quem poderia exprimir as doces impressões que sentimos?! Vós que seguistes pela última vez o retiro no colégio, possais ter bem aproveitado dele! ... Os nossos dias eram divididos entre as instruções do Pe. Modeste e as nossas meditações pessoais. As nossas orações deviam ser agradáveis a Deus, pois saíam de corações unicamente absorvidos pelo Criador, Juiz, Salvador dos homens. Não era possível falar do Filho de Deus sem nos ocupar também da Sua Santa Mãe. O nosso bom pregador compreendia isso e fez-nos sentir que nunca teríamos bastante respeito, veneração e amor para com aquela que é nossa mãe ao mesmo tempo / (121) que Mãe de Deus...

A comunhão geral juntou os nossos corações numa única oração que subiu para o céu, para pedir a Deus a graça de perseverarmos nos propósitos que o retiro nos inspirou.”

Estes retiros transformavam os nossos alunos. Tocava-se com o dedo a acção da graça.

OS NOSSOS MORTOS

Desde o começo das aulas perdemos dois alunos, Paulo Geoffroy, de Guise e Eugénio Savard de Origny. Paulo era um bom rapaz de 14 anos, simples e bem-educado. Apagou-se em Novembro, após alguns meses de doença.

Eugénio Savard era um pequeno santo. A sua vida, edificantíssima, foi escrita pelo Pe. Rigaud e publicada em brochura. Eis como um discípulo narrou o funeral:

“Um dos nossos companheiros iria festejar S. João com os anjos. Sim, porque gostamos de pensar que poucas horas de purgatório foram suficientes para purificar esta alma jovem, que nós conhecêramos tão bela e cândida. Quanta emoção enchia os nossos corações quando entrámos nesta casa, onde o víramos, ainda há pouco, tão cheio de entusiasmo e de franca alegria, tão doce no seu sofrimento! Um só pensamento o preocupava durante a sua longa doença: / (122) voltar o mais cedo possível para o meio de nós para viver esta vida do S. João que ele tanto amava. Como era difícil mantê-lo nessa querida ilusão! Teríamos tido tanta alegria em festejar o seu regresso, em sentir ainda por longo tempo a força das suas virtudes! E agora, aí estava ele, deitado no seu caixão, dormindo o sono dos justos. Era realmente o sono do cristão morto nos braços do seu Deus. Um dos seus amigos vira-o na véspera e dizia-nos que a sua fisionomia nada perdera da sua doçura angélica ... Depositámos sobre o seu féretro uma coroa de flores, símbolo daquela que ele iria em breve receber, ou talvez já tinha recebido no céu. Não era de facto para apressar a sua entrada no Seu reino que Deus o chamara na véspera de Natal, de modo que a notícia da sua morte foi logo seguida de Missas e Comunhões oferecidas pela salvação da sua alma... Uma assistência considerável quis dar à família um novo testemunho de simpatia e ao nosso amigo um último sinal de estima. Era ainda uma criança, mas o ascendente das suas virtudes já lhe tinha granjeado o respeito universal. Reinava / (123) nessa multidão aquela calma que só se encontra nos funerais dos justos...

Depois da Missa, o pároco de Origny¹⁰⁷ subiu ao púlpito e, em termos comovidos, fez-se eco dos sentimentos que se agitavam no fundo de todos os corações. Muitas lágrimas correram na explanação das virtudes do nosso amigo e, contudo, isso era só um esboço a largos traços duma vida tão curta, mas já tão rica em boas obras... Descansa em paz, querido amigo! O teu corpo pode bem ficar gelado nesse frio lençol; mas a tua alma está no céu e lá tu intercedes por todos os que amaste na terra, e pedes a Deus que chame a Si um dia todos os teus discípulos (e professores) de Origny, de Laon e do S. João!”

¹⁰⁷ Nt Origny era a terra onde morava a família

Transcrevo também umas linhas do discurso do Rev. Jardinier: “Na hora dos adeus, ou melhor do “até logo”, eu saúdo os despojos mortais desta criança de 14 anos, com o mesmo respeito devido a um ancião consumado em idade e virtude. Na verdade, oiço o Livro da Sabedoria dizer-nos a todos: o que torna venerável a velhice, não é nem a extensão da vida, nem o número dos anos. É a prudência do homem, mesmo jovem, que toma o lugar dos cabelos brancos; e a vida sem mancha, / (124) mesmo curta, é uma feliz e gloriosa velhice. Vós que conhecestes Eugénio Savard, habitantes desta paróquia, mestres e alunos de Nossa Senhora de Laon, de S. João em S. Quintino, dissei-mo. A pincelada dada pelo próprio Espírito Santo, não coloca sob os nossos olhos a figura pura e radiosa do nosso caro menino? Quem não trocou, encantado, alguma palavra com ele? Quem não se sentiu atraído para ele? Quem não se reconheceu melhor ao deixá-lo? A devoção, isto é, o amor prático de Deus, dos Seus mandamentos e dos Seus sacramentos, era o alicerce desta natureza essencialmente cristã... A devoção, para Eugénio Savard, era um entrave ao estudo? Não, como já disse o grande apóstolo S. Paulo, “a devoção é útil para tudo; ela tem as promessas da vida que passa e dessa outra vida que não passa.” Vede assim Eugénio Savard tanto em Laon como em S. Quintino! Na competição com espíritos de eleição, qual é o seu lugar? O primeiro, invariavelmente! Ele está nos “excelentes” ou no quadro de honra, em lugar fixo. Cada trimestre leva à sua família a nota “*Ótimo*”, cada ano uma colheita de prémios; e quando os seus professores querem citar um / (125) modelo para o trabalho, a obediência, a urbanidade, o bom-tom, dizem aos seus alunos: “Olhai para o Eugénio Savard!”... Prestamos as nossas últimas homenagens ao nosso defunto na véspera da festa patronal desta casa que ele amava tanto; na véspera também dos Santos Inocentes, cujo gracioso cortejo à volta do Cordeiro divino ele vai aumentar...”

CARTAS DA DIOCESE

O Sr. Bispo era sempre muito benévolo para conosco. As suas cartas reflectem toda a história do ano. Confiou-nos como aluno um jovem parente, Edgar Thibaudier, de Haiti, pelo qual se preocupava muito.

29 de Setembro - “Felicito-vos pelo início escolar que se anuncia, e peço-vos que vos façais ajudar o mais possível em todas as coisas, para não tentardes a Deus e para que a vossa saúde resista.

Mandar-vos-ei Edgar no dia 7...tenho o prazer de vos comunicar que ele se tornou visivelmente disciplinado; a doce calma e grave firmeza do Sr. Labitte teve sucesso. Creio que nele a ambição será um motivo bastante forte...”

A 4 de Novembro ele fala da boa Irmã Inácio: “A vossa boa Irmã é para mim o objecto de um exame respeitoso e interessante. A minha opinião é que se continue a observá-la com muita / (126) deferência, mas sem dar seguimentos práticos às suas indicações quando pareça produzir o bem que mínimo inconveniente. É preciso evitar com o máximo cuidado que ela se apegue às suas inspirações; se elas vierem de Deus, Deus saberá fazer-se discernir claramente a uma atenção sincera e sem preconceitos. Uma ilusão do demónio não me parece conciliável com tanta devoção, com vistas justas e úteis, com um modesto candor. Resta a hipótese das ilusões duma natureza bela, casta mas frágil e ardente. O Bom Deus não nos pede para julgar, mas ao contrário, para sermos cautelosos até que Ele não nos permita de alcançar a certeza moral.”

Lião, 15 de Novembro - “Respeitarei profundamente a obra de Deus na boa Irmã, enquanto a acção divina me pareça provável. Mas, até chegarmos à luz duma verdadeira certeza moral, Deus não nos pede mais; antes, pelo contrário. Esperar, observar, agir só na medida indicada claramente ou claramente inofensiva.”

-Várias cartas referem-se ao Edgar e ao Rev. Marchal.

3 de Janeiro de 1879 - Fizestes bem em tratar-vos. Por enquanto, evitai o mais possível os incidentes aos quais a / (127) estação vos expõe mais que a qualquer outro... Eu desejava ver-vos, para vos recomendar uma grande reserva em relação às vossas ideias e às vossas obras acerca das pessoas das quais não estais *absolutamente seguro* (começava-se a criticar-nos)¹⁰⁸; e para vos empenhar a me fazer, apoiado em graves motivos, o pedido de um ou dois seminaristas auxiliares, o menos possível, mas o necessário. Sei agora quem posso dar-vos. Somente estou decidido a não deixar os nossos alunos do Seminário fora de casa mais de um ano.”

8 de Janeiro - “Mando-vos o Sr. Carbonnier, aluno do último ano do seminário, subdiácono, de 22 anos de idade e um dos nossos dois ou três melhores elementos. -Tereis a bondade de não lhe dar senão os encargos de que me falastes e que, acho eu, lhe custarão leves esforços. Desejo que ele tenha tempo, 1º- para se pôr em condição de

¹⁰⁸ O texto entre parêntesis encontra-se em nota no manuscrito.

fazer no fim do ano um bom exame sobre o tratado da Igreja; 2º- para se preparar para o bacharelato em Letras; gostaria que pudesse alcançar este grau em Novembro. É minha intenção firme de enviá-lo no próximo ano para a Universidade de Paris.”

No fim de Janeiro o Sr. Bispo ia a Roma e nós dávamos-lhe uma mensagem das nossas comunidades para o Santo Padre. / (128)

14 de Abril. O Rev. Mathieu e eu tínhamos pedido a Roma para o Sr. Bispo os títulos de Conde romano e de Assistente ao Trono Pontifício; ele escreve-me: “Meu caro cónego, agradeço-vos os sentimentos que me testemunhais, por motivo da graça que o Santo Padre se dignou fazer-me; eu supunha já que não éreis indiferente a uma coisa de que vós deveis ser um pouco o autor. Seja como seja, *Deo dicamus gratias*¹⁰⁹. - Pelas notícias dadas pela *Semaine* e pelo *Conservateur*, as Páscoas devem ter sido boas em São Quintino. As de Soissons, pela bondade divina, são relativamente muito edificantes... Agradeço-vos, meu caro cónego, todas as vossas amizades. É melhor, parece-me, mesmo para os vossos alunos, administrar o Crisma no S. João só cada dois anos. Podereis mesmo apresentá-los somente um ano depois da sua primeira comunhão. Mas eu tenho interesse em visitar-vos e celebrar-vos a Santa Missa todos os anos. A alta imparcialidade do nosso mundo oficial, não exigirá certamente mais do que isso da minha (imparcialidade)” (Ele sabia que tinham inveja de nós).

Vervins, a 5 de Junho - ... “Rezai por um bispo fisicamente um pouco cansado pelas prolongadas / (129) andanças, contristado por muitas coisas, mas, no fim de contas, bastante feliz por ver quanto sobra ainda de fé no nosso povo. Estou cada vez mais convencido que, se a França só tivesse sacerdotes santos, laboriosos e sábios, com a graça de Deus, tornar-se-ia novamente cristã em dez anos. - Mas devemos começar a reforma por nós próprios.”

5 de Julho - ...Podeis pôr o *Imprimatur* com a minha assinatura na acta do Congresso. Deveis ter pressa em fixar a dia da vossa distribuição dos prémios. Mas sinto-me obrigado a perguntar se serei capaz de fazer todas as viagens e suportar todas as sessões que ainda tenho em perspectiva. A 19, devo benzer o Hospital de Chateau-Thierry, crismar no dia seguinte na paróquia, visitar depois Charly. A 5 de Agosto, cerimónia em Châlons. Aqui, S. Medardo, S. Léger, Liesse, S. Carlos, S. João; bênção de

S. Elói; logo depois, 15 dias de retiros pastorais, sem contar os imprevistos. Estou fraco demais, neste momento, para enfrentar tudo isso sem inquietações. - Se quiserdes fixar a vossa distribuição dos prémios fora dos dias 4,5 e 6 de Agosto, farei todo o possível para estar presente. Mas tenho ainda mais empenho, confesso-o, em benzer S. Elói: é a Igreja dos pobres. / (130) Estou contente com as boas notícias que me dais do Edgar. O Rev. Lamour, capelão da Cruz de Chauny, pede-me para entrar no vosso noviciado. Suponho que o conheceis e que se tenha primeiro dirigido a vós. Em todo o caso, é um sacerdote muito piedoso... Farei o que desejardes... Muito afectuosamente vosso.”

19 de Setembro (Após algumas arrelias por causa do pessoal dos professores e de alguns religiosos). “Coragem, meu caro Superior! Não se funda uma obra como a vossa caminhando sobre um tapete de rosas sem espinhos. Colhestes, este ano, flores magníficas: admirava-me que Deus parecesse dá-las grátis; vejo que Ele vo-las fez pagar, e não demasiado caras, afinal. O importante não é que a mão do jardineiro fique sem arranhões, mas que o jardim seja bem cultivado. Abençoo o jardineiro e o seu recinto, afectuosamente, no seu comum Mestre e no meu”.

CONFERÊNCIA - LOTARIA

As associações e actividades internas estavam bem vivas. A Congregação edificava-me. As colectas para a Propagação da Fé e a Santa Infância, funcionavam bem. / (131) A conferência tinha as suas reuniões semanais nas quais eu fazia sempre uma palestra sobre o zelo, as obras, a acção social, etc. Neste ano, ela fez uma bonita lotaria, que foi extraída alegremente a 8 de Dezembro e que rendeu 200 francos. Os nossos jovens ofereciam cautelas aos nossos fornecedores e eles compravam algumas. Os externos vendiam cautelas na cidade. Em certos anos a receita subia até 800 e 1000 francos.

AS NOSSAS FESTAS

A primeira do ano (lectivo) foi a de S. Nicolau, a 6 de Dezembro. Os nossos jovens fizeram uma representação dramática a benefício do Patronato. Representaram

¹⁰⁹ Por um Breve datado de 14 de Março de 1879, Leão XIII tinha conferido a Mons. Thibaudier os títulos de Prelado da Casa de Sua Santidade, de Assistente ao Trono pontifício e de Conde romano (Cf. *Semaine Religieuse de Soissons et Laon*, 1879, p.235).

graciosamente duas peças: “*O surdo ou o Hotel Cheio*” e o “*Tocador ou os Dois Irmãos*”...Durante um intervalo, o Sr. Lefèvre, vestido de S. Nicolau e montado num burro espantadíssimo, atravessava a sala lançando bombons: grande alegria para os nossos pequenos.

A 27 de Dezembro, na linda festa de S. João, os alunos representaram *Vildoc* e *O Exame*. - Em Fevereiro, para o Carnaval, representaram: *As tribulações do Marquês de La Grenouillère* e *O Senhor Deschalumeaux*.

Duas vezes por ano levávamos o grupo / (132) dos primeiros das classes a casa do Sr. Arcipreste: antes das férias do Ano Novo, para desejar-lhe um Bom Ano, e em Fevereiro para os parabéns por ocasião da sua festa, S. Adolfo. Recebia-nos sempre paternamente. Dava bolos às nossas crianças, e exortava-os a permanecerem mais tarde cristãos íntegros e activos.

No mês de Junho, a primeira Missa de um dos nossos jovens professores fez uma grandíssima impressão nos alunos. Um deles escrevia: “Há certas emoções que se renuncia a descrever, como diante de certas paisagens o pincel para e cai vencido. É nas lágrimas que deveríamos molhar a nossa pena, nas lágrimas de alegria, lágrimas bem doces que sentimos correr com delícia e cujos traços benditos nunca se apagam do fundo do nosso coração. Este jovem sacerdote viveu no meio de nós, humilde e dedicado; vim-lo subir sucessivamente todos os degraus que o separavam do altar; e eis que após ter-se prostrado uma última vez no chão do templo, após ter curvado a cabeça sob a mão do pontífice e apresentado as suas mãos à unção do óleo santo, ele volta para nós revestido / (133) de misteriosos poderes, como a voz eloquente de um dos nossos mestres bem soube lembrar-nos...Bendigamos a Deus por nos ter feito assistir a este espectáculo comovedor, cuja lembrança ficará gravada nos nossos corações...”

Mas a grande festa do ano, era a de S. Leão. Pensava-se nela já um mês antes. A *Águia* apresentava um belo programa todo dourado, e publicava o seu relato num suplemento ilustrado.

Nesse ano ainda fazíamos, como no ano passado, a peregrinação a Noyal. Partindo cedo, estávamos lá às 9 horas, no santuário de Nossa Senhora-de-la-Salette. Eu celebrava a Santa Missa. Terminávamos lá uma novena a favor da escola cristã que era combatida por todas as maneiras pela maioria da Parlamento. Era a festa de Nossa

Senhora Auxiliadora. Fazíamos essa novena em união com todos os católicos da França. A Águia resumia assim a prática que eu fiz na Missa:

“Meus queridos meninos, um grande acontecimento se passa agora em França. Dois campos estão frente a frente, o campo dos católicos, e um campo que nós consideramos como inimigo, mas que bem queríamos reconduzir a nós e a Deus. A França cristã, prostrada aos pés dos / (134) altares de Nossa Senhora Auxiliadora, termina hoje uma novena de orações para obter o triunfo da escola cristã. Vós sois ainda muito jovens para compreender bem o alcance desta luta; todavia, unistes-vos a este concerto de súplicas, recitastes cada dia esta oração onipotente do “Lembrai-vos”, que faz uma doce violência ao Coração de Maria. Jesus não deixará reinar na França as escolas sem Deus; Ele não permitirá que se arranquem aos seus mestres 20.000 crianças formadas pelos seus sacerdotes e 300.000 crianças instruídas pelos seus Irmãos e suas Irmãs nas escolas primárias. O Triunfo será próximo, não sabemos, e talvez a nossa fé demasiado lânguida não o mereça; mas esse triunfo é certo... E esses homens que querem assim lançar mão sacrílega sobre a infância cristã, esqueceram eles então as ameaças do Salvador contra aqueles que escandalizam as criancinhas? Não ouvem Jesus que lhes diz: Deixai vir a Mim essas crianças que eu vou formando pelas mãos dos Meus sacerdotes, dos Meus Irmãos e das Minhas Irmãs e não tenhais / (135) a ousadia de afastá-los de Mim. Os Anjos da Guarda dessas crianças poderiam gritar vingança contra vós e atrair sobre vós as maldições do Céu. ...”

Depois da Missa e do pequeno-almoço, é um dia inteiro de jogos no parque do Sr. Ravenau, almoço na estufa, ao qual veio assistir o Sr. Bispo que crismava nessa zona, depois ainda jogos populares, corridas, etc...; à noite, bênção, jantar, representação da peçazinha “A Gramática”, fogo-de-artifício, regresso. Só chegámos a casa depois da meia-noite. Os nossos pequenos estavam felizes, mas cansados. Os nossos jovens professores tinham realmente carregado muito o programa.

OS PRÉMIOS

A distribuição dos prémios foi a 2 de Agosto. Estávamos contentes por proclamar os nossos dois primeiros êxitos na maturidade. Alberto Belloue d’Hirson, e Jorge Lefèvre de Laon tinham sido aprovados na primeira parte de Letras.

Eis o relato da “Águia”:

“Mais de sessenta sacerdotes vindos de todos os pontos da diocese honraram com a sua presença esta cerimônia, apesar das dificuldades do Sábado e das canseiras de um calor excessivo. - A vasta sala de festas do Patronato estava apinhada; / (136) a multidão dos pais e amigos dos alunos apertava-se nela desde cedo, felizes por testemunhar a sua viva simpatia para este estabelecimento cujos sucessos se afirmam e que a divina Providência destina a fazer tanto bem. Mal a sessão começara, o senhor. Arcipreste que a presidia recebia o telegrama seguinte que mostra toda a ternura do Sr. Bispo para com o colégio: “Votos de boas férias e exortações paternas de bom juízo aos queridos alunos do São João. Odon, bispo de Soissons”. Vê-se bem claramente por esta amável atenção que, retido pelas exigências do seu pesado cargo episcopal, Sua Excelência estava realmente presente em espírito no meio desta festa de família”. - Os intervalos da distribuição foram muito felizes e agradavelmente preenchidos... Os alunos interpretaram muito bem quatro coros: *O mês das férias*, *Os três dias de Colombo*, *A manhã* e *a Canção do caçador*. - A cerimônia concluiu-se, como de costume, na capela do Patronato com o canto do Te Deum e a bênção do Santíssimo Sacramento; e a imensa assistência retirou-se deliciosamente impressionada pelas emoções doces e salutares experimentadas / (137) durante estas três horas que tão depressa passaram.”

Eu li um discurso sobre o Patriotismo cristão; o vosso bom jornalzinho apresentava este resumo:

“...O Patriotismo recebe da fé o seu brilho mais vivo e o seu impulso mais forte. - O que é a pátria? Para o comum dos homens, a pátria é o campo que a charrua rasga e que dá ao ceifeiro o grão de que ele se alimenta; é a casa que abriga a família, os bosques que limitam o horizonte, o rio que rega a planície, as aldeias espalhadas nas encostas vizinhas. A pátria vai mais longe, estende-se até às fronteiras e abrange no seu seio grandes cidades, ricos estabelecimentos industriais, sábias escolas e brilhantes academias. A pátria tem a sua história e as suas gloriosas recordações. Nela se concentram todas as nossas lembranças de alegrias, de honra e de prosperidade. Todos os homens que não sejam desnaturados amam a pátria, como graciosamente disse o poeta Ovídio:

Nescio qua natale solum dulcedine cunctos

*Ducit, et inmemores non sinit esse sui.*¹¹⁰

Para o Cristão é mais do que isso. Para ele, o campo traz a bênção de Deus; o laço da família é o efeito dum sacramento; o lar é um santuário de oração; lá está o templo que une os membros da cidade na / (138) caridade; o solo da pátria foi embebido pelo sangue dos Mártires; ele encerra os monumentos das obras dos seus pais; a sua raça tem junto de Deus uns embaixadores que são os seus Santos, a sua história tem feitos de armas que são a luta da pátria pelo seu Deus. - Não, a fé não apaga o amor da Pátria, ilumina-o e fortalece-o, como cria e engrandece tudo o que é nobre e bom na Natureza.

“O homem religioso ama a sua pátria em Deus. Se ela não tiver a verdadeira fé que ele tem consciência de possuir, esforçar-se-á por conduzi-la a ela pela sua palavra, pelas suas obras, pelas suas orações e pelas suas lágrimas; e estará pronto a dar o seu sangue por ela...”

“O Romano de hoje está orgulhoso do seu sangue que é também um dom de Deus e da sua fé que lhe trouxeram os apóstolos; a sua pátria é, com as suas colinas ricas de tradições e as ruínas da sua arte antiga que ele não despreza, a cátedra e o sepulcro de Pedro, as catacumbas, as basílicas e todos os tesouros sagrados da religião.

“A Polónia não separa do amor das suas planícies e da altivez da sua raça, a recordação de Miéscilas, seu primeiro rei cristão, de Jagellon, do Bispo Estanislau, seu glorioso mártir, de Sobieski, o herói de que Deus se serviu para / (139) conter a invasão muçulmana.

“Para a Irlanda, a pátria não é somente as suas pradarias húmidas e as suas montanhas basálticas, é o grande Patrício, seu apóstolo, são os velhos mosteiros que fizeram dela a ilha dos Santos, são os antepassados que lutaram contra a escravização, é o ardente orador O’Connel que alcançou com a força da sua palavra, o Decreto de emancipação.

“Ó França, nossa pátria, o que és tu para nós? A terra dos nossos avós, Francos ou Galo-romanos; a terra que eles escolheram, a terra que eles escolheram, a terra para

¹¹⁰ *‘Não sei com qual doçura o solo natal nos prende a todos e não permite que nos esqueçamos dele.* Citação do 1º (54, 35) livro de Elegias - Epístolas “EX PONTO”, escritas por Ovídio em Tomi, na costa ocidental do mar Negro (actual Constança, no estuário do Danúbio), para onde o poeta foi exilado por Augusto, no ano 8 d.C., e onde ele morreu em 18.

a qual os conduziu a Providência. -Tu és o solo que nos alimentou, o lugar onde encontrámos o lar e o vestuário, o campo das lutas e das vitórias dos nossos antigos. Tu tens bem outros encantos, que os de uma pátria comum. Se tu não fosses o meu país de nascimento, serias o meu país de adopção.

“Eu visitei os três continentes do velho mundo. Percorri a Europa de Constantinopla a Dublino, vi o Bósforo e o Corno de Ouro, os grandes rios da Alemanha, o Danúbio e o Reno, os fiordes e as grandes florestas da Noruega, os canais da Holanda, as cidades industriais da Inglaterra, as paisagens da Escócia, a Espanha e as suas Igrejas, a Itália, o seu lindo céu, as suas ruínas e os seus museus, e proclamo / (140) que tu continuas a ser para mim o mais bonito dos reinos depois do Reino dos Céus.

“Não tens tu as grandes paisagens dos Alpes e dos Pirenéus, o Oceano a Oeste e o Mediterrâneo ao Sul, as ricas culturas e as indústrias das Flandres, as pradarias e as praias da Normandia, a Bretanha de aspecto severo e de costumes primitivos, a Turena e os seus monumentos, a Borgonha e a sua Costa de Ouro¹¹¹, a Provença e suas baías sempre embalsamadas onde reina uma Primavera perpétua?

“Eu amo tudo isso em ti. Tudo isso encanta os meus olhos, mas eu vou subir mais alto, abro a história e descubro uma aliança indissolúvel entre este solo e os homens da nossa raça que o lavraram, defenderam, enriqueceram, enfeitaram, e marcaram com o seu cunho, e por assim dizer animaram com a sua vida.

“Fico comovido à vista de centenas de perigos corridos, e saúdo os teus defensores gloriosos: Vercingetórix, Clóvis e Carlos Magno, Luís IX, Carlos V, Bayard, Duguesclin, Joana d’Arc, Francisco I, Luís XIV e o seu incomparável cortejo.

“Admiro a tua riqueza e saúdo os grandes monges que te arroteram; as abadias que foram as primeiras a proteger os agricultores, e os grandes ministros da paz, Suger, Sully, Colbert. / (141)

“Eu subo ainda mais e vejo-te brilhar em primeiro plano em todas as glórias do espírito, em todos os ramos da arte e em todos os géneros da literatura. Encontro em ti como que dois génios e dois povos. O curso da tua história tem dois apogeus, um no séc. XIII e outro no XVII. Confesso mesmo que o primeiro faz vibrar em mim a fibra patriótica ainda mais que o segundo. É, de facto, o génio franco na sua pureza, que produziu as

nossas gigantescas catedrais, esse tipo arquitectónico da grandeza e da poesia: Chartres, Reims, Amiens, Beauvais, Saint-Quentin e Notre-Dame de Paris; as grandes abadias filhas de Cister e de Cluny; e essas filas de anjos e de santos, estátuas tão graves e tão devotas que ornaram os portais; e os sarcófagos dos mártires, obras-primas de ourivesaria, e as miniaturas dos missais e das lendas.

“É bem o espírito francês que faz fluir a prosa jocosa e fina de Villehardouin e de Joinville, e a poesia cavalheiresca e nobremente altiva do Romance de Roncesvaux e das epopeias do tempo.

“ A glória do século XVII é menos puramente nacional. Será um despertar da raça galo-romana / (142) e uma predominância desse primeiro elemento da população? Será o resultado dos estudos do humanismo e da influência dos Médicis e como uma conquista intelectual da França pela Itália? Sempre é bem verdade que Roma e a Grécia têm a sua parte na honra que gloria o grande século francês. Digo "a sua parte", porque Corneille e La Fontaine, Bossuet, Racine, Boileau, Molière, Cláudio Perrault, Lesueur, Poussin, Mensard et Le Nôtre, não são simples copistas, mas também gloriosos criadores.

" Sim, ó França, amo a tua bela natureza, as tuas artes, o teu génio e a tua glória... Mas o meu olhar sobe ainda mais alto. Tu tens outros encantos que me prendem muito mais. Tu és uma nação baptizada. Tu és uma nação escolhida entre as nações cristãs. Eu vi de perto povos que não receberam esse dom de Deus, e vi reinar neles ao lado de algumas manifestações da razão e mesmo da arte, a escravidão, o roubo e a corrupção.

"Tu, ó França, tu foste das primeiras entre as nações que responderam à chamada de Cristo, foste daquelas que Ele cumulou de benefícios, daquelas a quem Ele deu a civilização, a justiça, a paz e a honra, pedindo-lhe / (143) em resposta e para seu próprio bem, que recebessem a lei evangélica, que a aceitassem, a abraçassem, a fizessem entrar nas suas leis, nos seus costumes, que a defendessem em caso de necessidade e assegurassem a sua liberdade.

"E entre todas as nações amadas por Cristo e abençoadas em Cristo, não foste tu a mais amada e especialmente abençoada? - O sangue dos mártires é como o baptismo de uma terra; não foste tu regada pelo sangue de Dinis de Paris, de Fotino de Lião, de Sinfiriano de Autun, de Quentin e de tantos outros?

¹¹¹ NT - A Borgonha é toda interior, no Leste da França a centenas de Km do mar. Não sei o que significa essa “Costa

"Amo numa nação a sabedoria dos bispos, a ciência dos doutores, santidade das virgens; não és tu a pátria de Hilário e de Ireneu, de Martinho e de Remígio, de Genoveva e de Joana d'Arc, de Francisco de Sales e de Vicente de Paulo?

"Três grandes provas afrouxaram no curso dos séculos a marcha triunfal da Igreja: o arianismo que negava a divindade de Jesus Cristo e que dominava metade da cristandade; o maometismo que pela cimitarra impunha a superstição e o fanatismo e que avançou até às portas de Roma; finalmente, o protestantismo que, descido do Norte, / (144) ameaçava invadir toda a Europa cristã. Sinto-me inclinado a amar a cavalheiresca nação que eu verei à frente de todas a defender o reino de Cristo nestas lutas supremas. Abro a história e encontro a França à cabeça dos defensores da Igreja. Com Clóvis, ela repele as povoações arianas. Com Carlos Martel, ela esmaga o maometismo em Poitiers. Não contente de o ter expulsado do seu solo, ela vai golpeá-lo no coração. As cruzadas nascem nos campos de Vézelay e de Clermont. Elas são tão francesas pelo seu espírito e pelo seu carácter, que em todo o Oriente o nome de Francos ficou para designar os filhos da Europa...

"Ah" Queridos filhos, sede sempre devotos à vossa pátria e à Igreja que a formou e a enobreceu... A pátria francesa sem a Igreja não teria um passado nem história, nem honra, nem esperança. Restar-nos-iam Vercingetórix, os dólmenes e os druidas, ou talvez Mercúrio, Vénus, Bruto, Séneca e Nero. Obrigado! Prefiro a França de Carlos Magno, de Luís IX e de Luís XIV. A França de Racine e de Bossuet, / (145) a França de Martinho de Tours e de Vicente de Paulo, a França da Virgem Maria e de Cristo.¹¹²

AS OUTRAS OBRAS - ACONTECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS

Eu desligava-me pouco a pouco do Patronato. O Pe. Rasset ajudava-me. Pouco a pouco, ele punha-se na direcção, que iria conservar até 1885. Primeiro eu partilhava com ele o trabalho, depois deixei-o só. Mas eu tinha sempre a grande preocupação e a responsabilidade dos recursos. O R. Arcipreste começou a ajudar-me nisso, ele via que já me chegava o São João. Eu continuava a fazer as reuniões semanais do Conselho. Os Srs. Julien, Guillaume, Santerre, Filachet edificavam-me com o seu zelo e a sua

de Ouro” que ela tem. Devem faltar algumas palavras, é propriamente a Aquitânia que tem a Costa de Ouro.

dedicação constante. O Sr. Santerre era um apóstolo para toda a população operária. O Sr. Arrachart trazia uma grande ajuda para as receitas; ele procurava benfeitores.

O Círculo consolidava-se, mas o Patronato das crianças ia perdendo terreno. Teriam sido precisos dois capelães distintos. Eu não encontrava ajuda suficiente. Eu via bem que a Igreja em França só se poderia levantar com o apostolado operário. É indispensável que o clero da França chegue a perceber / (146) isso.

Também tinha ainda este ano as reuniões com jovens, com conferências apologéticas e sociais.

Os católicos não compreenderam as aspirações populares e obstinaram-se nas suas esperanças e intrigas monárquicas. Tiveram eleições desastrosas para a Câmara, em Outubro de 1878. Os 363 foram reeleitos e para consolidar a república, começaram o Kulturkampf, que iria durar tantos anos. Mac-Mahon foi obrigado a dar as demissões a 28 de Janeiro. Foi eleito Grévy. O Parlamento começou a desfazer todas as boas leis votadas de há seis anos para cá. O privilégio das Universidades livres foi diminuído; e trabalhou-se para laicizar o ensino primário. Jules Ferry procurou atingir o ensino secundário com o seu famoso artigo 7.

Ainda se fizeram as orações públicas em Versalhes, na abertura das Câmaras. Um bom número de deputados e de senadores assistiram a elas. Mons. Goux falou-lhes com uma santa liberdade. "Honra, dizia ele, seja feita a quem primeiro encontrou no seu coração essa grande ideia realmente patriótica. / (147) Os que votaram esta lei fizeram um acto de sabedoria; a sua decisão honrou a França e restituiu-lhe a confiança das nações. A vossa missão, grandiosa, importante entre todas, é de fazer essa grande coisa que se chama a lei. A lei é a regra das acções humanas; ela impõe-se à consciência, com a condição de ser justa. Ora, a justiça não é algo de individual e mutável, a justiça é eterna, ela é regulada pela sabedoria divina e pela razão das coisas. Para interpretá-la, vós precisais da ajuda do alto..."

A Câmara, continuando as suas façanhas, escolheu como festa nacional o 14 de Julho, para separar-se claramente de qualquer ideia religiosa.

¹¹² Nt - Confesso que já estava cansado de traduzir tanta retórica altissonante, de tantas afirmações simplesmente erradas e outras muito discutíveis. Mas já sabemos que o Pe. Dehon é francês a 200%!!!... Para rectificar as muitas irregularidades históricas e geográficas..., precisaria dum *caderno inteiro!*

NA IGREJA

Mons. Dupanloup morreu a 15 de Outubro. Tinha sido bom para comigo. Era uma natureza ardente. Os seus primeiros êxitos talvez lhe tenham dado um pouco de vaidade. Teve demasiada confiança nas suas opiniões, no Conselho, e lutou sem cortesia e sem medida. Teve sempre uma actividade excessiva, e mostrou um grande zelo pela educação cristã da juventude.

Mons. Pie foi nomeado cardeal no consistório de Março. Para comigo ele foi sempre / (148) extremamente benévolo. Infelizmente, iria morrer já no ano seguinte. Senão, ter-me-ia ajudado muito nas circunstâncias difíceis pelas quais eu iria passar.

Leão XIII começava a revelar o seu grande carácter e a sua missão providencial. A sua primeira carta apostólica, de 28 de Março 1878, é dirigida aos Cardeais. Testemunha-lhes confiança. Alegra-se pelo restabelecimento da hierarquia na Escócia.

A sua primeira encíclica *Inscrutabili* de 21 de Abril de 1878 é sublime; é já o programa de todo o seu pontificado. Ele verifica o mal-estar social: O esquecimento dos verdadeiros princípios sociais, a opressão capitalista, a utopia socialista. Relembra que a civilização cristã era a obra da Igreja; afastando-se dela, volta-se à barbárie. - Ele faz pressentir o espírito do seu pontificado indicando os Papas que ele tomará como modelos: *Leão Magno, Alexandre III, Inocêncio III, Pio V, Leão X*. Com eles, defenderá os direitos de Deus e da Igreja, encorajará as letras e as artes. Reclama a independência do Sumo Pontífice, anuncia a sua intenção de favorecer o estudo da Filosofia cristã. Recomenda as associações / (149) recentemente constituídas em diversos lugares para favorecer os interesses católicos.

A 4 de Agosto, ele dá-nos a sua bela encíclica *Aeterni Patris* que deve ser o ponto de partida da renovação da Filosofia cristã arruinada em seus fundamentos pelo Cartesianismo e pelo Kantismo.

A OBRA DO S. CORAÇÃO

Cada ano terá daqui em diante as suas pesadas cruces. Neste ano, eu estava seriamente doente dos pulmões. Tive ainda escarros de sangue, e uma dor contínua ao pé do ombro anunciava-me que havia uma chaga no pulmão.

Por fora, era um *Tolle* que iria ter uma repercussão bastante longa. Nem toda a gente é benevolente e caridosa, mesmo no clero. Criticava-se muito: "Padres que querem fundar uma nova congregação! Padres que querem fazer-se reparadores! Padres que dão ouvidos às visões das religiosas! etc., etc..."

A cruz é boa, ela expia os nossos pecados.

Quanto à minha vida interior, não tinha tempo para escrever as minhas impressões. Eu seguia o espírito das piedosas luzes de oração da Ir. Inácio.

Preparavam-se e revelavam-se algumas vocações. / (150) O Pe. José e o Pe. Estanislau vieram pela reabertura das aulas de Outubro 1879.¹¹³

IRMÃ MARIA DE JESUS

Esta piedosa irmã copiava as luzes da Ir. Inácio. Ela santificava-se. Era dedicada à obra corpo e alma. Quando nos viu doentes, a chère Mère e eu, ofereceu a sua vida para prolongar as nossas.¹¹⁴

Enquanto ela copiava, o demónio torturava-a, tentava-a, atormentava-a. Quando eu ia celebrar ao convento, abençoava-a, e isso a aliviava por algumas horas. Muitas vezes as penas estilhaçaram-se nas suas mãos; uma vez uma caneta de ferro foi retorcida em forma de serpente. Nós atribuíamos isso ao demónio.

Nas horas vagas, ela punha alguns piedosos pensamentos em verso.

9 de Dez 1878: *Sítio! Tenho sede!*

Vinde, meus filhos, tenho sede do vosso amor,
Eu prodigalizo-vos o Meu a todos, cada dia;
Eu peço sempre; continuamente me repelem;
Não ouvireis a minha súplica humilde e doce?

.....

¹¹³ São os Padres Eugénio (José Maria) Paris, e Teodoro (Estanislau Maria) Falleur, entrados no Instituto respectivamente a 4 de Outubro de 1878 e 4 de Outubro de 1879.

NT - O Pe. Dehon chama-lhes com o nome de religião, que agora já não se usa.

¹¹⁴ A Irmã Maria de Jesus, no mundo Madalena Uhlrich nasceu em Barr (Alsácia) a 22 de Julho de 1856. Era a irmã mais nova da Chère Mère, a fundadora das Irmãs Servas do Coração de Jesus. Entrou nesse Instituto a 16 de Março de 1877; morreu a 27 de Agosto de 1879.

27 de Dez. S. João¹¹⁵

Sobre o Coração do seu Deus repousa docemente
O Apóstolo amável e puro, que agarra por um momento
Na nascente divina, no Coração do Deus Omnisciente,
Força para o futuro, puro amor e coragem. / (151)

O *Consummatum est!* - Alusão às provações pelas quais a Obra devia passar.

Sim, está tudo consumado e a obra acabada!
O momento solene predito pelo Senhor,
Eis que chegou! É preciso, com coragem,
Com a fé dos santos, pronunciar a palavra
Que o Mestre nos ensinou, na divina escola,
Este Mestre que quis delinear a Sua imagem!
Mas não o esqueçamos: da morte nasce a vida.
Se ao Pai eterno, a glória que Lhe foi roubada
É de novo restituída pelos corações dos homens
Se Ele pode de novo realizar neles os seus desígnios,
Então se espalhará sobre toda a criatura
A onda de amor saída da fonte puríssima
Do Coração Sagrado dum Deus cujo derradeiro suspiro
Foi de amor, de piedade, de paz e de desejo;
Mas quem bebeu a amargura e o fel do cálice,
Fez disso toda a sua felicidade, a sua alegria, a sua delícia.
O Salvador teve de sofrer, teve de morrer na Cruz;
A natureza e a morte exerceram os seus direitos,
E tudo foi consumado, mas do seio da morte
Jesus ressuscitado como explosão se levanta
E deixando atrás d'Ele a Sua Igreja na Terra
Sobe aos Céus para o Seu Celeste Pai.

.....

¹¹⁵ NT Seguem-se dez páginas de versos dodecassilábicos (316 versos).

10 de Outubro de 1878 - A sua conversão e os seus pesares

“Senhor, por tanto amor, que entregarei eu ao Vosso Coração? / (152)

O meu é só fraqueza e miséria e languidez,

Mas ele une-se ao Vosso e nele reencontra a sua força:

O passado diz-mo, o presente prova-mo.

Sim, eu quero amar-Vos, quero-o firmemente;

Quero repetir incessantemente ao Vosso Coração

Que Vós sois o meu tudo, meu único bem na terra,

Meu único tesouro no divino santuário,

No qual, por nós, Vós viveis desconhecido e escondido.

Todavia houve um tempo em que o meu coração relaxado

SE mostrou indolente, ingrato, e Vos foi infiel,

Indócil e rebelde à Vossa vontade,

Nele, para Vós, só havia uma fria indiferença.

Ele viveu sem amor, sem fé, sem esperança,

Ele esqueceu que um Deus queria possuí-lo,

Um Deus que por amor para com ele condescendia

Em reclamar dele esse pobre coração ingrato,

Em segui-lo por toda a parte em cada um dos seus passos,

Chamando-o sem cessar e pedindo o amor

Para Aquele que no altar se imola cada dia!

Os seus acentos repetidos não tenham nenhum eco

Numa alma entregue ao mundo, e aos seus caprichos.

Mas para esta alma, a paz, tal nome augusto,

Não podia existir porque ela é o dom do justo.

Um remorso contínuo roía este coração sem calma;

Uma inquietação sem saída dominava nesta alma

Que não podia encontrar nem prazer nem doçura,

Sentindo um vazio horroroso no fundo do coração... / (153)

Esquecendo o que um Deus por ela se dignou fazer.

Ela amarrou o seu coração a um mundo efémero...

Triste época na minha vida! Deplorável momento!

Em que pensavas tu, então, ó pobre alma, nesse instante?

... Ó prodígio de amor! Mistério inconcebível!

Jesus, meu bem-amado, Vós sois admirável!

Esta alma tinha recebido o dom imerecido
De Vos conhecer a Vós, ó augusta Verdade,
De ser, por privilégio, chamada ao banquete
Que ao povo eleito de Deus Vós preparastes.
Ela tinha rejeitado este favor insigne;
Sim, ela era culpada, ela era muito indigna,
Ela tinha desprezado a escolha do seu Senhor,
Ela tinha rechaçado todo o amor do Seu Coração.
Ela tinha permitido a entrada na sua alma
Do inimigo de Deus: o seu coração e pensamento
Estavam ambos cheios de imagens mentirosas
Que sempre mais se acentuavam, tornavam-se-lhe mais queridas...
... Mas lá longe no templo, junto do Tabernáculo,
Vivia um coração piedoso admitido no Cenáculo
Do próprio Coração de Deus. Sem descanso ele rezava,
E Jesus ternamente a esta alma dizia
O perigo tão premente da sua irmã infiel;
Ele mostrava-lhe frequentemente quanto esse coração rebelde
Expunha-se aos rigores da sua divina cólera.
Cansava-se, enfim, de conter os golpes
Da Sua justiça, e cansado Ele teria permitido ao crime / (154)
De possuir esta alma à qual a Sua mão divina
Tinha feito favores assinalados e inumeráveis.
O céu estava bem negro e o futuro bem sombrio.
... As duas irmãs sentiam-no: uma aos pés do Senhor
Implorava o perdão, rezava com fervor,
Suplicava, gemia, esconjurava com lágrimas,
E expandia o seu coração em justas preocupações
Para com a pobre tresmalhada...

Três anos tinham passado!

Triste e fatal período nos meus jovens anos!
Enfim, assaltada pelos remorsos e pela dúvida
Decidi subitamente emendar a minha vida.
Cem vezes na borda do precipício com um pé já no abismo,
Eu provava em mim mesma um sentimento íntimo,

Como um secreto instinto que me dizia: "Olha,
Vê este Coração tão ardente, eis a tua salvaguarda!
A sua oração aos Meus olhos vale o teu arrependimento.
Nunca é demasiado tarde, vem, tu podes servir-me;
Tu ainda podes amar este Deus justo e clemente;
Ele não recusa nada ao amor arrependido.
Sim, tu podes provar-lhe com oração humilde
Que a tua dor é verdadeira e o teu desgosto é sincero.
Vem, sofre, ama e repara, e tudo está perdoado.
O teu trono ao pé de Mim te é dado novamente."

Éreis Vós, meu Jesus, a Vossa voz divina!

Eu era culpada, oh! sim, mas um raio de fé
Sempre tinha ficado no fundo de mim mesma, / (155)
E me tinha sustentado no meio de próprio perigo,
... Enfim rendi-me; desde então eu pude renascer
Para a vida verdadeira... Eu senti no meu ser
Um impulso poderoso, um invencível atractivo
Para com tudo aquilo de que outrora eu fugia com terror.
Sim, eu era chamada. Já não era em vão
Que Jesus tinha estendido a Sua mão à minha alma
Eu deixava para sempre esses lugares em que a escravidão
Do mundo tinha feito em mim tão grande destruição!
... E desde que eu habito nos Vosso santos tabernáculos,
Eu oiço cada dia os vossos misteriosos oráculos,
Eu digo a mim mesma: Ó Senhor, podíeis Vós realmente escolher
Um instrumento mais pobre do que eu, para Vos servir?
... Sim, eu quero amar-Vos por este amor imenso,
E que o meu ser inteiro votado ao sofrimento
Se consuma a Vossos pés no humilde arrependimento,
Cujos poderosos efeitos se farão sentir
Por um amor mais puro, mais ardente, mais sincero,
Por um total abandono, uma oblação inteira.
Sim, eu quero submeter-me à Vossa vontade
Sempre cheia para mim duma augusta bondade,
Viver de Vós, para Vós, em Vós unicamente,

E morrer a Vossos pés, amando-Vos para sempre!

.....

21 Nov. 1878 - Hino de Gratidão a S. José

(Nesta poesia, a piedosa Irmã indica já a oferta que ela fez da sua vida, e que / (156) *sente que foi aceite*, por um pai muito amado cujos dias pareciam contados).

José, meu protector e meu amado pai,
Oh! Tu sabes quanto te amo e te venero,
Tu quiseste adoptar-me, eu tornei-me filha tua,
E o meu coração te guardará eterna gratidão.
Foste tu que me conduziste à minha doce pátria;
Tu dirigiste os meus passos para a cerca sagrada.
Foste tu que me recebeste aqui nesse bonito dia
Em que se cantava o teu nome, a tua glória e o teu amor.
Mas eu ignorava ainda o desconhecido benfeitor,
E admirando-me às vezes de descobrir no meu coração
Algun bom sentimento, um desejo de fazer bem,
Eu ignorava até então que tinha um pai no céu
Que queria tomar conta duma tão pobre criança,
E que velava sobre ela como vigilante guardião.
Sim, era por sua graça, por sua intercessão,
Que Deus tinha querido deixar-me a vocação.
Devia-lhe também a força e a coragem
De ter quebrado com um só golpe o jugo da escravidão,
De ter rasgado de repente esses nós com que a natureza
Tinha entregado todo o meu coração às criaturas.
Essa mão invisível que apoiando os meus passos
Me impedia de cair, ó José, era o teu braço...
... O meu divino protector foi-me sempre fiel;
Jesus tinha-me confiado à sua terna tutela.
É a ele que eu devo o facto de habitar nestes lugares. / (157)
Ele ensinou-me a conhecer, a amar melhor o meu Deus,
Esse Jesus ao pé do qual habitou ele mesmo,

Que viveu, fraca criança, Ele, o Salvador supremo,
E nos braços do qual em paz ele morreu.
Que semelhante graça ele se digne alcançar-me...
... Um ano tinha passado desde o dia feliz
Em que o Coração de Jesus, tão terno e generoso,
Me fizera ser recebida sob os sagrados auspícios
Do meu doce benfeitor neste lugar de delícias.
Sim, um ano tinha passado e eu ignorava ainda
Que tinha em José um amigo, um tesouro;
Quando durante o bonito mês que nos traz a sua festa,
Alguma coisa no meu coração me diz e me repete:
Vai a José, sim, vai e por meio dele, minha filha,
Dirige a tua oração a Jesus todo-poderoso.
Cem vezes durante o dia este mesmo pensamento
Sucessivamente apresentado aos meus olhos, ao meu coração,
Não me deixa em descanso nem de dia nem de noite,
Me aperta, me persegue, convidando-me ao amor
Daquele que Jesus chamou Seu terno pai,
Que Ele amou, que acariciou, que venerou sobre a terra.
Neste momento bendito, eu faço um rápido regresso
Ao tempo já passado, e vejo que sempre
Eu lhe devia a força e o apoio na luta,
Uma coragem nova, a esperança após a queda,
Para reconduzir o meu coração para o Coração de Jesus,
Ao qual unicamente é devido toda a honra e homenagem. / (158)
É a José que é devida a minha felicidade de hoje.
Sim, reconheço-o e é verdadeiramente a Ele
Que eu devo expressar toda a minha gratidão.
Ele fez ver em meu favor o poder do seu braço;
Alcançou-me a amável protecção de Maria,
E o olhar favorável do divino Salvador...
E Maria, por sua vez, tomando-me pela mão
Levou-me até aos pés de Jesus três vezes santo,
E lhe diz: "Aceitai por vossa noiva
Uma criança que José sempre protegeu,

Nada nela pode encantar o Vosso olhar,
Mas o seu coração é sincero; ela quer tomar parte
Na dor, nos males, na tristeza amarga
Que vos enche quando olhando para a terra
Vós encontrais em toda a parte só desprezo e frieza
Para com o ardente amor do Vosso Sagrado Coração.
E pelo sentimento que a alma nesta hora,
Descei a esta alma, à sua humilde morada,
E formai com ela uma estreita união,
Para que no coração dela em cada dia se acenda sempre mais
O desejo da Vossa glória e do Vosso domínio,
E para que a divina herança do Céu
Esteja presente a Seus olhos como um fim seguro
Para todo aquele que neste mundo cumpre a Vossa vontade,
Essa vontade que é toda de amor e misericórdia,
Que quererá repor a paz e a concórdia
Em toda a parte em que a bandeira hasteada da Cruz / (159)

Será ornada com o Vosso amantíssimo Coração”
... À Sua augusta mãe ele não recusa nada
O Salvador nosso Deus, nosso supremo Bem.
Ele quer unir-se à minha pobre alma, à sua oração.
Oh! Possa eu por todo o sempre procurar só a Ele agradar!
... José, tu me guiaste quando eu ignorava
O que eu devia à tua protecção ao teu amor.
E agora que finalmente começo a compreender
Este amor ao qual eu nunca poderei corresponder,
Será que tu me abandonarás? Oh! não, porque o meu desejo,
Tu bem o sabes, é amar-te, viver e morrer
Por Jesus, pelo Seu nome, pela Sua obra bendita,
Que demanda no divino Coração a sua nascente e a sua vida.
... Foste tu que apresentaste aos meus olhos espantados
Um limite de três anos marcados à minha alma,
E se tu me convidas às bodas eternas
Convidando-me a sentar-me nas festas imortais,

Seria uma ilusão quando eu penso continuamente
Que Deus tem piedade da minha indigna existência,
Que Ele aceita a *oferta* e que recebe o dom
Que eu fiz de mim mesma em completo abandono,
Nesse momento doloroso em que os nossos corações aflitos
Julgavam *já acabados os dias dum pai amado*.
És tu que em cada dia, a todo o momento e hora,
Apresentas aos meus olhos a minha última morada
Como uma recompensa de um dever cumprido.
Ah! até agora como o tenho eu cumprido? / (160)
Oh! porque não tenho eu cem corações para amar e sofrer,
E para imolá-los a Jesus, oferecê-los,
Para que a Sua dor se torne menos amarga,
Para que, também, a sua obra se afirme e prospere!
Oh! que pelo menos o meu coração se consuma de amor,
Que se ofereça constantemente, que ele morra cada dia.
... E passado o termo fixado, se eu deva viver ainda
Uma nova vida deve começar então,

Vida cujo noviciado feito durante o sofrimento
Terá mais motivos mais penhores de esperança...
Mas não, *o meu sacrifício foi aceite, eu sinto-o*,
Na calma e na paz, aguardo o feliz momento
Que deve reunir-me ao meu augusto Pai,
A Jesus meu esposo, à Sua divina Mãe.
E é a ti, José, a Ti meu protector.
Que eu serei devedora do Céu e do eterno gozo.

12 Dez. 1978 Ecce Venio. (Por ocasião da sua profissão)

"Ele chamou o meu coração, Jesus o Rei do céu.
Ele veio à minha pobre alma, o Filho do Eterno;
Ele disse-lhe: Vem a Mim, servi-me no meu templo,
Vem imitar a minha vida e seguir o meu exemplo.

Vem aceitar a minha cruz, vem consolar o meu Coração
Vem sofrer, vem amar, aliviar a minha dor;
E quem então te criou? E quem te colocou no mundo?
Foi o autor de todos os bens que superabunda de amor. / (161)

Quem te deu a vida, o ser e o movimento,
E quem tos conserva ainda em cada momento,
Senão esse mesmo Deus autor da natureza
Que espalha os seus dons sobre toda a criatura.

Não é portanto coisa realmente digna e realmente justa
Prestar honra e glória ao Deus santo e augusto
Com hinos sagrados de incessantes louvores
Repetidos no céu pelos nove coros dos anjos?

E se Ele quer que nós vamos com Ele para a cruz,
Não tem Ele o direito de nos pedir isso?
Poderei então eu queixar-me, se Ele próprio a tomou,
Que Ele a tenha colocado, por minha vez, nos meus braços?

Eis-me aqui, ó meu Deus, e a Vossa vontade
Eu quero cumpri-la com docilidade.
Eu cá estou, eu me entrego e quero somente uma coisa:
Que o Vosso Coração disponha do meu com toda a liberdade.

Eis-me aqui, pronta para tudo o que Jesus ordenar;
Ao gosto dos seus desejos, o meu ser abandono;
Em qualquer circunstância, em qualquer tempo e lugar,
Eu venho para cumprir os desígnios os meu Deus.

Eis-me, ó meu Jesus, e seguindo todos os Vossos passos
Ao pé do mundo ingrato que não vos conhece, / (182)
Eis-me aqui a consolar os pobres atormentados,
E a procurar orientar para Vós todos os corações.

Eis-me aqui no meio de almas ainda jovens
Que vêm ao pé de nós procurar o verdadeiro tesouro
Do Vosso santo amor, que lhes é necessário
Para dele obter coragem no amargo sofrimento.

Eis-me aqui ao pé da cama do pobre e do doente
Narrando-lhes a vida da augusta Vítima,
Falando-lhes na Sua Cruz, nas Suas dores, na Sua morte,
Fazendo-lhes aceitar e mesmo estimar a sua sorte.

Eis-me a Vossos pés, pois aí está a morada
Preferida do meu coração para mostrar o seu amor;
Eis-me a repousar e a descansar a minha alma
Aí renovando as forças e reanimando a chama.

Nas fontes do Salvador eu bebo até à embriaguez,
E bebo em longos tragos o ardor e a alegria
Que me fazem viver em Jesus e repetir com Ele
Ao Seu Pai Eterno: Ó meu Deus, eis-me aqui!

Eis-me aqui imolando-me na prática das vossas leis,
Imitando o Vosso exemplo, escutando a Vossa voz;
Eis-me aqui submetendo toda a minha vontade
E não recusando nada a Jesus nosso irmão. / (163)

Eis-me aqui sempre pronta e sempre aceitando
A alegria e a dor e sempre Vos amando,
Porque sofrer no amor, amar no sofrimento
É para uma vítima uma doce esperança

Eis-me aqui, ó Senhor, fazei o que Vos agrada,
Eu já não resisto mais aos Vossos desígnios de paz;
Eu me abandono a Vós, à Vossa santa Mãe,
E tomo como apoio a José meu terno pai.

Estas poesias, incorrectas na forma, exprimem os sentimentos mais elevados e mais generosos!

A sua morte

Esta piedosa irmã tinha então oferecido a sua vida para salvar e prolongar a de *um pai amado cujos dias pareciam contados*, e sentia que o seu sacrifício fora aceite.

Oferecera-se no mês de Novembro de 1878. Pedia a Deus quinze meses para se preparar em união com os mistérios do Rosário. Pensava que isso a levaria até Março de 1880. Contava os quinze meses a partir de 25 de Novembro de 1878, festa de S. Catarina. Escrevera esta lista:

25 de Novembro de 1878	- Incarnação
25 de Dezembro	- Visitação / (164)
25 de Janeiro de 1879	- Nascimento de N. S.
25 de Fevereiro	- Purificação
25 de Março	- Jesus encontrado no Templo
<hr/>	
25 de Abril	- Agonia de Jesus no Horto
25 de Maio	- Flagelação
25 de Junho	- Coroação de espinhos
25 de Julho	- Jesus carregando a cruz
25 de Agosto	- A crucifixão
<hr/>	
25 de Setembro	- Ressurreição
25 de Outubro	- Ascensão
25 de Novembro	- Descida do Espírito Santo
25 de Dezembro	- Assunção
25 de Janeiro de 1880	- Coroação da Virgem Santíssima
Março de 1880!	

Ela pensava de ir ao céu em Março de 1880. Mas o seu cálculo não era lógico. O Senhor não quis deixar-lhe passar os mistérios gloriosos na terra: levou-a no fim de Agosto, no mistério da crucifixão.

Durante todos estes meses, ela anotava as suas impressões num livrinho. Não conheço nada de mais comovedor e de mais edificante. Reproduzo aqui essas notas

Tudo me leva a crer que a piedosa irmã morria por mim. Eu teria / (165) morrido certamente no mês de Agosto sem o sacrifício que ela fez da sua vida. Foi uma segunda vida que Deus me deu, e como eu a uso mal! Quão grande é a minha confusão!...
Miserere mei Deus!!!

Apontamentos do livrinho da Irmã

“Dezembro de 78 - Meus Deus, agradeço-Vos por baterdes em mim, eu vo-lo pedi, dou-Vos graças por isso, mas poupai, aliviad os outros (o seu Padre espiritual e a sua madre superiora). Que sofra eu no lugar deles!

Um pensamento me impressionou sempre: São José, foi dito nas palavras de Jesus a sua serva, foi poupado; não viu os maiores derramamentos de sangue do seu Filho, do seu Jesus. O seu coração paterno ficou emocionado desde a primeira gota de sangue no momento da circuncisão, e a dor de ver a paixão e o sofrimento do divino Mestre foi-lhe evitada.

Esse divino Mestre, cuja morte é necessária para a ressurreição, para a vida de reparação pedida, não seria a própria obra, que deve morrer e perecer para reviver? O menino é entregue a José e a Maria (a Irmã via nisso a Obra entregue a ela própria e à sua Superiora. Ela era a criança privilegiada de S. José). Isso às vezes parece-me tão claro. O futuro / (166) desenrola-se diante de mim como um quadro, quadro que eu já não verei na realidade, pois que, após o cumprimento do meu dever, é-me reservada a morte, se eu souber imitar S. José, que se deixou usar como instrumento fiel para os desígnios de Deus; e como ele então eu morrerei nos braços de Maria, da minha mãe, de Jesus, na pessoa que ele escolheu para se comunicar totalmente com os tesouros de incomparável riqueza do Seu Coração. (Ela morreu nos braços da sua Madre Superiora e da irmã Inácio). O mês de Março de 1880 será memorável! Será, por assim dizer, a primeira gota de sangue derramado, mas Jesus lá estará até ao fim (Nosso Senhor abreviou os seus sofrimentos e levou-a no fim dos mistérios dolorosos).

Se todos estes pressentimentos, Ó meu Jesus, que me mostram tão claramente o termo da minha vida após 15 meses de profissão, mostrando-me esta pobre e inútil existência aceite em favor da obra de Deus, para salvar dois seres mais necessários, um deles sobretudo indispensável, se nós respondermos à graça divina, se o sofrimento não nos encontrar receosos; se estes pressentimentos me enganam tão pouco como aquele que me mostrara a cruz nos três longos dias de agonia / (167) anteriores à minha

profissão, fazendo-me tremer, recear essa expiação que ia começar, hesitar em tomar sobre mim um fardo que não seria capaz de levar e que mais não era que tuberculose que serve de véu exterior ao mal real que porá fim aos meus dias, então eles vêm mesmo de Vós...

Porque é que eu quase não sou capaz de me submeter, quando bem sei que isto não durará, que é o Inverno da provação, e que S. José no mês de Março assinalará o seu poder em meu favor, mas unicamente se eu for fiel e se aguentar a provação até lá apesar de toda a humilhação, embora isso me force por vezes a viver excluída da companhia das minhas irmãs, como um pobre pária inútil e incómodo! Mas por outro lado, se para mim lá estiver a humilhação e o desprezo aos olhos dos homens, não é essa mais uma graça que me permite viver assim, sozinha, com e por Jesus? Se Ele não quer para mim nem recreio, nem prazer, nem satisfação de espécie alguma; se quer, Ele, ser a única minha alegria e a minha consolação nas lágrimas do amor e do arrependimento aos Seus pés, / (168) sempre perto d'Ele, quanta gratidão, mesmo assim, não Lhe devo eu? E contudo, quantas vezes eu sou relaxada! Penso mim em vez de pensar só na Sua vontade. Se Ele pede de mim, por vezes, o que eu creio não Lhe poder dar, o sacrifício deste íntimo eu em tudo e por tudo, se me parece que Ele exige isso mais imperiosamente, mais prontamente que dos outros, é porque Ele perdoou a mim uma dívida maior do que aos outros; como a Madalena, Ele perdoou-me mais, e por conseguinte Ele tem mais direitos sobre este fraco e triste coração...

Eu vivo demasiado depressa e demasiado violentamente, para viver muito tempo. As existências tão violentas, de que cada passo é delineado por um relâmpago, seja de graça divina, seja de pesada queda, de amargo arrependimento, ou de dura expiação, nunca são longas. Deus mostra nelas o Seu poder, assinala nelas a Sua força, prova nelas a Sua misericórdia e o Seu amor; o Seu poder no instrumento de que se serve para tão grande obra, a Sua força na ajuda do Seu braço, a Sua misericórdia e o Seu amor nas graças infinitas com que o cumula... / (169)

Meu Deus, imponde-me os sacrifícios que Vós solicitais de mim, força-me a fazê-los do modo a não me permitir de esquivar-me deles; é o único meio para que eu não seja infiel a todas estas graças. A minha vontade livre me perde, eu procuro sempre esquivar-me a tudo o que custa ao meu amor-próprio; colocai-me na impossibilidade de fugir ao sofrimento seja ele qual for, isto Vos peço de joelhos.

...Sinto o avanço do meu mal; Jesus é bom; Ele manda-me sempre algum sofrimento visível para esconder o verdadeiro mal que avança e que, creio eu, se tornará visível no mês de Março, nesse momento supremo que dará realmente início à aceitação duma vítima. Para quê essa longa preparação de cada hora, de cada instante já tanto tempo antes, se não fosse realmente a minha morte que Jesus queria, quando estiver cumprido o dever que Ele me confiou? Porque deveria eu cumprir cada acto como se fosse o último da minha vida e esforçar-me continuamente por amontoar riquezas para o céu? Se fosse unicamente para realizar uma morte espiritual, ó Jesus, eu abençoaria mesmo assim os Vossos desígnios; eles seriam cheios de misericórdia, e se verdadeiramente / (170) Vós tomardes esta mísera existência, sede bendito sempre por salvardes aqueles que escolhestes para realizar a Vossa obra...

Dar-se-ão conta do meu mal quando será demasiado tarde...

A vida de S. José foi um contínuo acto de união com Jesus. Possa eu ter continuamente debaixo dos olhos este modelo! A cada momento eu penso em não perdê-lo de vista e todavia quantas faltas!...

Será possível que tudo isto seja um engano? Como prova, eu só pedi sofrimentos; tenho-os; Março aproxima-se; sinto a aceitação...

Satanás troça de mim: como posso eu imaginar, eu, de ser aceite como vítima? (Tentação)... Pouco me importa, se já imaginei isso, se eu não tiver com isso perdido o meu tempo; e de resto, não foi um carneiro que foi imolado em lugar do filho da promessa?... Eu aceito tudo, uma vida longa e de trabalhos e sofrimentos incessantes, se Vós o quiserdes, ó Jesus. Nada, nada e nunca, se não a Vossa vontade e o Vosso amor.

- *Fevereiro* – “No silêncio e na esperança estará a vossa força” Ó meu Deus, amparai-me. / (171)

1ª Sexta-feira de Fevereiro 1879

A Chère Mère acaba de me prometer que, se eu for fiel, S. José virá buscar-me quando eu morrer, e isso disse-me ela hoje, em que eu sinto tão distintamente que só tenho pouco tempo para viver. Oh Jesus, que cada respiração do meu coração seja um acto de puro amor!

Sábado – Eu não mereço todas essas provas que me dais, ó Jesus, sem que eu quase ouse vo-las pedir. Ontem, este sentimento da minha morte era, se possível, ainda

mais vivo que de costume; e eu pensava: “se contudo Jesus me desse algum sinal dela, em sonho ou de qualquer outra maneira”, e esta noite eu vi o nosso Pai (S. José), como frequentemente me acontece desde que eu acredito nos meus pressentimentos. Esta manhã, nos meus lábios encontravam-se estas palavras: “Quero, com os acentos da gratidão, publicar por toda a parte, os seus benefícios, etc.” Sim, é a Ele que devo tudo de Jesus. Eu creio, apesar de todas as dúvidas. José esteve também muito aflito e atormentado com elas. Que a minha vida seja, como a dele, um acto de fé numa união perpétua com Jesus, continuada no seu amor – Sim, contudo e apesar de tudo eu creio.

Quarta-feira, 12 de Fevereiro – Ó Jesus, os vossos juízos / (172) são então tão terríveis, que só o temor deles seja tão horrível e tão pungente? Sereis então para mim um juiz inflexível? Não, dar-me-eis o perdão, sinto-o, sei-o, creio-o. Sim, fazei-me expiar desde este mundo, fazei-me sofrer, assim o quero. Sim, tudo o que quiserdes, mas a Vossa graça, ser Vossa vítima, vista e conhecida só por Vós, é a minha única ambição.

Ó meu Jesus! E nunca uma pessoa a quem pedir um conselho! Trabalhar, eu quero; quereria trabalhar fielmente, mas sozinha, sempre só com a minha impotência e incapacidade! Tenho a Vossa ajuda, bem sei, mas a minha fraqueza, a minha miséria é tão grande, e a minha fé por vezes tão frouxa e tão fraca!

E não é ainda uma grande felicidade, um favor, poder eu viver assim escondida, sofrer unicamente sob o Vosso olhar, ó Jesus! Era a sorte de S. José. *Ó meu Pai*, dai-me a graça de vos imitar, de ser fiel e de deixar fazer tudo o que Jesus quiser...

Uma vida em preparação para a morte!... Esse grande momento incessantemente diante dos olhos!...

O meu mal progride; será então uma ilusão?

Estes terrores, estas angústias horrendas diante da morte e dos juízos de Deus e das penas / (173) da vida futura, tudo isso será ainda ilusão?...

Pedi a Jesus que me escondesse mesmo a certeza da minha aceitação, se eu devesse ter a desgraça de procurar nisso a menor satisfação, fora do Seu só e único agrado; Ele escuta-me e sinto que a dúvida será o meu quinhão até ao último dia.

Sim, o silêncio e a esperança, são a única garantia certa da perseverança. Oh! Porque não sou eu mais pura, para amar-Vos mais, ó Jesus!...

É preciso que eu mereça morrer, como outros compram a vida à custa de todos os sacrifícios, de tudo o que lhes custa mais. Pouco importa, se assim for preciso, se a obra de Deus o pedir. Serei eu cobarde até ao fim? A oração sem o sofrimento e o sacrifício não tem nenhum valor. Batei então, Senhor, e poupei os outros. É a única graça que Vos peço pela intercessão de S. José, se tal for a Vossa vontade.

31 de Março – Se quereis de mim, tal como a vejo diante dos meus olhos, esta longa vida de trabalho num sofrimento perpétuo, escondida aos olhos dos homens, vista só por Deus, eu aceito assim, com a Vossa graça. / (174)

Abril – Mal passou este mês de Março, o pensamento da morte, que durante este mês tinha deixado o lugar ao de uma vida sem fim, morte de cada dia, de cada hora, de cada instante, volta como que naturalmente, e no início desta grande semana de dor, semana da Paixão, considero-o como uma graça especial; possa tornar-me eu digna dela!

Mai – Obrigado, ó minha mãe, amparai-me na luta, oh! sempre, sempre, porque sem vós eu sucumbo, estou sem força e sem coragem. E contudo, eu quero, mas tenho medo, medo de sofrer, de expiar. E todavia, é preciso *tudo* expiar, *tudo*. Deus é inflexível para com as Suas servas. Eu agradeço-Lhe, mas estou com todas as angústias e terrores da agonia.

18 de Junho – Eis então passo a passo a realização. Estou seriamente doente, bem o sinto. Desde 31 de Maio, começaram a medicar-me. Jesus é bom, Ele alivia-me um pouco o sofrimento.

Querem dar-me todos os confortos, mas ninguém sonha em me dar aqueles que seria preciso dar-me. É então assim que eu sempre pensei. / (175) Dar-se-ão conta do meu verdadeiro mal quando será tarde demais para lhe dar remédio. E agora que eu tenho, ao que me parece, provas certas, eu duvido de tudo!... Se pelo menos eu soubesse sofrer em silêncio! Eu esforço-me para me calar, mas lamento-me sempre...”

No último mês, a pequena vítima já não tinha forças para escrever. Ela morria a 27 de Agosto, numa quarta-feira, dia dedicado a S. José. / (176)

Ano lectivo 1879 - 1880

S. JOÃO: REABERTURA E RETIRO.

Era a nossa terceira reabertura. Como número de alunos, era lindíssima mas trazia-me uma experiência dolorosa, isto é, as férias destruíam em grande parte as práticas religiosas aprendidas pelos nossos rapazes durante o ano. A maior parte abandonava, nestes dois meses, a confissão e a comunhão. Motivos: as nossas famílias já não são cristãs, e muitos párocos já não sabem como lidar com as pessoas e não são nada simpáticos com os jovens. E assim os nossos colégios obtêm o seu pleno resultado só com algumas naturezas de eleição, alguns jovens de carácter bem temperado, e com os raros jovens cujas famílias são realmente cristãs. Todavia, para os outros, o nosso trabalho não é completamente inútil; fica-lhes um fundo de fé e um hábito de conviver com o sacerdote que serão de ajuda à sua salvação e à educação cristã dos seus filhos. / (177).

Um dos nossos alunos dava assim conta do retiro:

As nossas almas retemperaram-se durante três dias de retiro, desde Quarta-feira à noite até Domingo de manhã. As instruções foram dadas pelo R. P. Conrad, da ordem dos capuchinhos, com grande subtileza de análise e um exacto conhecimento do coração humano, ensinou-nos o estudo de nós mesmos e forneceu-nos os meios para perseverar na virtude. - Certas pessoas poderiam crer que este tempo de paragem é um tempo perdido para os estudos; nada disso. Além das bênçãos de Deus que descem mais abundantes sobre as almas e contribuem para o desenvolvimento de todas as faculdades, o retiro assegura em grande parte os progressos de todo o ano. A calma que se estabelece no coração, a ordem que se cria nas ideias, as resoluções que reanimam a vontade, a providência que procura de antemão os meios para vencer os obstáculos e reparar os falhanços futuros, e finalmente a inefável doçura que se prova em fazer bem, eis os frutos do retiro e essas são preciosas garantias para todo o resto do ano. / (178)

A PEREGRINAÇÃO.

Eram os belos anos da peregrinação de S. Quintino. Estava na sua plena beleza, as pessoas vinham para cá durante vários dias, vinham por paróquias, confessavam-se e comungavam.

Eu tinha sempre a honra e o prazer de ver os bispos em casa do R. Arcipreste.

Os nossos jovens deram no seu jornal este gracioso relato:

Era deveras um lindo espectáculo ver, Domingo e Segunda-feira, essas vagas de povo que se apinhavam sob as abóbadas da velha basílica. Não, a fé ainda não morreu; os caminhos de Sião ainda não choram, visto que o povo vem em massa às suas solenidades, muitos com certeza vêm atraídos pela curiosidade, pela fama de um grande orador; porém, mais do que um, mesmo entre esses, retira-se emocionado e fortemente abalado. Quem resistiria a esta corrente de orações que vos leva até aos pés de Deus? Os cantos sagrados com a sua máscula harmonia, repetem as súplicas insistentes, as lágrimas, as alegrias, os temores, os gritos de triunfo do santo rei David que fala em nome de Cristo e da Igreja. / (179) O hino celebra numa toada lírica, os combates e a vitória do glorioso padroeiro da cidade. Por um instante, os cantos ficam suspensos e uma voz eloquente nos recorda os grandes ensinamentos deste dia. É Mons. Mermillod, bispo de Hédron, que para suavizar as tristezas do seu exílio semeia por toda a França essa palavra evangélica que um governo perseguidor lhe proíbe de disseminar na sua diocese. Não podendo reproduzir todo o seu discurso, consideraremos só algumas passagens:

«O catolicismo traz a solução de todos os problemas sociais, o grande perigo do nosso século é o antagonismo entre o capital e o trabalho, entre o operário e o patrão... Um Deus! grita o operário que a inveja atormenta e a miséria irrita, eu não o vejo. Não tenho pão, os meus filhos morrem e eu estou sem trabalho; onde está então o vosso Deus? - Uma rapariga aproxima-se dele, toma-lhe a mão e diz-lhe com um sorriso: - Bem, esse Deus disse-me quando eu tinha vinte anos e era feliz e rica: deixa a tua mãe, renuncia às suas carícias, toma um vestido de pobre, uma túnica cinzenta e vai para a rua; tu irás procurar os desgraçados, os abandonados, / (180) e quando os encontrares, dir-lhes-ás: Eu deixei a minha mãe, os meus irmãos e minhas irmãs para me fazer tua irmã, ó pobre abandonado, tua irmã por amor, tua irmã de caridade. - E o homem que sofre tem lágrimas nos olhos, olha para o céu e diz: agora creio que tenho um pai no céu, visto que Ele me mandou uma irmã cá na terra.»

«O cristianismo dá a solução dos problemas patrióticos. Rica de todos os bens da terra, a vossa pátria recebeu em herança a generosidade cavalheiresca, a necessidade de sacrifício e de entrega; ela foi sempre a campeã das causas nobres; encontram-se os seus missionários e as suas religiosas em todas as terras; os seus soldados, por toda a

parte onde haja uma injustiça a reprimir. Por isso quanto parece que o Senhor a tenha amado! Deixou-lhe em herança Lázaro e a sua família; fez dela a Betânia da sua Igreja; S. João manda-lhe os seus discípulos, S. Pedro escolhe apóstolos zelosos para a evangelizar; S. Remy tempera-a no baptistério de Clóvis; nas épocas difíceis da sua história, Deus dá-lhe Carlos Martel e Joana d'Arc; a Santa Virgem / (181) visita-a em La Salette e em Lourdes, como para lhe levar a garantia de salvação. Estas peregrinações, cujo despertar faz lembrar os belos séculos da fé, são muito válidas para nos inspirar confiança nos seus destinos. Como outrora S^a Eusébia, os povos ajoelharam-se nas margens do rio e pelas suas orações as ossadas dos mártires reapareceram à superfície das ondas, e o seu culto reencontrou o antigo esplendor. Os Santos voltam, a França será salva. A Igreja vencerá. O seu barco é agitado pela tempestade, mas ela pode dizer ao timoneiro que a governa: Tu levas Jesus Cristo e a sua riqueza.»

Para confirmar as palavras do orador, o canto do credo eleva-se como um testemunho solene da vitória desta fé que desperta... As relíquias dos Santos são levadas triunfalmente no meio de um cortejo de honra. Para lhes prestar homenagem, a basílica vestiu os seus mais lindos ornamentos; uma iluminação maravilhosa faz cintilar as pinturas do coro e os vitrais da ábside. A estátua de S. Quintino parece repousar sobre um trono de luz e sob uma coroa de fogo. / (182)

MONS. MERMILLOD

«O pontífice exilado não quis deixar a cidade de S. Quintino sem vir dar uma bênção especial aos alunos do S. João. Vimos com que nobreza e simplicidade um bispo sabe suportar a perseguição; pareceu-nos ver a auréola dos confessores rodear a fronte daquele que comparávamos a S. Atanásio.

- Inclinação sob a sua bênção, sentimos e compreendemos melhor do que nunca, a comunhão dos santos e a catolicidade da Igreja. Afastado para longe dos seus filhos, este pastor perseguido encontra filhos por toda a parte... Os ímpios impediram a sua voz de ecoar na cidade de Genebra, e eis que esta voz se espalha por toda a terra: *“In omnem terram exivit sonus eorum”* (salmo 18, 5).

Há um encanto especial a saborear na conversa familiar dum orador que pouco antes nos subjugou com a sua eloquência... citemos um trecho da sua alocução:

«Meus meninos, disse-nos ele, perguntámo-nos às vezes com inquietação se fazemos a vontade de Deus na posição que ocupamos. Ora, um belo dia, chegam dois polícias que vos tiram dessa inquietação: eles conduzem-vos à fronteira com ordem de / (183) tomar o caminho do exílio. Eis como eu estou certo de cumprir a vontade de Deus fazendo o meu ofício de exilado...” E Mons. Mermillod acrescentou: “Meus meninos, há três posições das quais nenhum polícia poderá arrancar-vos, nem a vós nem a mim, “o Coração de Jesus, o coração da Igreja e o coração da França...”

- Encontrámo-lo de novo na Assembleia-geral das Conferências de S. Vicente de Paulo, onde ele nos falou de novo com grande encanto. Dizia ele: “ Qual foi o plano de Deus na fundação das conferências? Elas são chamadas a unir todos os membros da sociedade e a santificar a chegada da democracia. Hoje a tática dos inimigos da Igreja é de mostrar nela o sacerdote isolado, e de acusar a actividade cristã de clericalismo, como se só o sacerdote estivesse interessado nela. A Providência responde-lhes mostrando que a fé e o apostolado não são o apanágio exclusivo da milícia sacerdotal, mas que o leigo é chamado, ele também, a salvar as almas, a servir a Igreja e a defendê-la com os seus actos. Esta resposta é dada nas vossas conferências que têm como fim ajudar a salvar a alma do pobre, levando / (184) auxílio ao seu corpo... Suspeitava-se que a Igreja se atrasasse em estéreis saudades do passado; dizia-se ser enfeudada a uma forma de sociedade destruída para sempre pela chegada da democracia; mas os seus filhos ergueram-se e vingaram-na deste novo insulto multiplicando as obras de caridade; eles mostraram que ela tem remédios e recursos para todas as épocas e que somente eles trabalharam eficazmente para a aproximação das classes sociais...”.

CARTAS DA CÚRIA EPISCOPAL:

As cartas de Mons. Thibaudier reflectem toda a história do ano. Muitas vezes referem-se ao S. João e por vezes à obra do S. Coração. Cito aqui as que dizem respeito ao S. João.

26 de Nov. 79 - Alegro-me pelos bons resultados do vosso retiro. Possa o nosso caro Edgar cultivar os seus frutos até à primeira comunhão...¹¹⁶. Conservo uma certa

¹¹⁶ Edgar é o sobrinho de Mons. Thibaudier, filho do seu irmão e de uma creoula. Como se pode ver seguindo a correspondência entre o P. Dehon e Mons. Thibaudier, Edgar era um rapaz resmungão, que não suportava a disciplina

tristeza do meu último encontro com o R. Philippot, não porque o caro padre voltou a falar-me do seu desejo de entrar numa ordem religiosa, mas porque o encontrei constrangido, artificial e longe daquela abertura filial que tivera comigo anteriormente¹¹⁷. Teria ele / (185) participado mais do que eu supunha nos arrebatamentos de que me falastes (espírito de imprudência e de leviandade de um ou dois professores)?... Abençoo-vos, e às vossas obras e ao pequeno crioulo...”

2 de Dez. - ... Não responderei à carta do Edgar porque ela não vem nem da sua razão nem do seu coração. Quando fala no liceu, o pobre pequeno fala do que ignora. Mas quem de nós está interessado em conservá-lo entre nós, por outro motivo que não seja a nossa afeição para com ele? Eu conheço os liceus, e conheço o Edgar; e sei que ele não seria feliz lá; infelizmente tenho motivos para recear que lá ele não somente não seria bom, mas que se tornaria mau. Que lhe faltaria no S. João se ele fosse ajuizado? Quase não seria mais amado na sua família do que entre nós. É obrigação dele ver se quer aproveitar as oportunidades que a Providência lhe concedeu e que nós lhe damos...

1 de Janeiro de 1880 - Que o Senhor se digne abençoar a vossa pessoa, os vossos colaboradores, os vossos alunos, os vossos Irmãos no seu divino Coração, e todas as vossas obras... quanto amo o meu querido Edgar, quando me dizeis, como hoje, que ele é / (186) sensato, atinado e bom. O mais breve possível, farei alguma coisa por ele...

20 de Março - Recebei as minhas felicitações pelas boas disposições dos vossos queridos meninos. Espero que a sua devoção e a sua coragem, com a santa graça de Deus, sempre conseguirão triunfar das influências amolecedoras da estação em que vamos entrar, não menos que dos rigores do Inverno...

12 de Julho - Toda a minha ajuda *possível* quanto ao vosso pessoal é coisa decidida. Se não vos for deixado o R. Desmaret, será substituído. Podeis contar com o R. Glorian. Examinaremos o assunto do Rev. Labitte...

(cf. carta seguinte, de 2 de Dezembro de 1879). Ficou no S. João pouco mais de um ano. Durante o segundo ano lectivo (Páscoa de 1880), o pai levou o filho para casa (cf. NHV, XIV, 49).

¹¹⁷ Philippot Paulo-Maria, no século Alfredo, nasceu a 20/ 10/ 1855, em Assis s/ Serret. Entrou nos Oblatos, a 20/ 2/ 1880. Fez a primeira profissão a 14/ 9/ 1881. Trabalhou no instituto dos surdo mudos de S. Medardo (Soissons) e ensinou Filosofia no S. João. Deixou a Congregação em Maio de 1855, após ter causado muitos aborrecimentos a Mons. Thibaudier e ao P. Dehon. Morreu num hospício de alienados mentais. (cf. Registo dos votos do P. Dehon, p. 1, M. Denis, O Projecto do P. Dehon, p. 44, nota 1; p. 73, nota 1).

AS NOSSAS FESTAS

Pelo S. Nicolau, os nossos alunos representaram uma bonita peça comicíssima sobre D. Quixote de Bouly de Lendain: a peça relembra muito agradavelmente as principais cenas do romance de D. Quixote de Cervantes. Os actores eram: Vénière, Triquet, Lesur, Flinois, Martigny, Courtois, Vilfort, Gamard, Martin, Lecas. Três destes jovens tiveram uma carreira curta e morreram muito novos...

Pelo S. João, 27 de Dezembro, / (187) a peça foi representada pelos jovens do Círculo.

No Carnaval, 8 de Fevereiro, "Sonho e Despertar", comédia representada pelos alunos. Actores: Martigny, Courtois, Triquet, Hermance, Vilfort, Lamour- Damez, Lesur, Paille, Cornibus, Guesnon, Lecointe, Boucquey, Alliot, Gagneux, Gamard, Humbert, Fournier, Tampigny, Herbert- - Estes nomes abrangem toda a sociedade: advogados, médicos, agricultores, comerciantes, professores, alguns bafejados pela fortuna, outros arrastando penosamente a vida, um ou outro tentando as colónias ou a América. Graças a Deus, vimos pouquíssimos alunos nossos passar para o campo anticatólico.

A grande festa do ano era sempre a de S. Leão. Desta vez fomos a Marteville; visita a Vermand, aos baluartes do seu acampamento romano, jogo na bela propriedade do Sr. Mauduit...

A Águia publicava os programas e as crónicas. Cito algumas linhas relativas ao serão dos votos de boas. Festas: "com algumas palavras comovidas, o Sr. P. Superior agradeceu-nos os votos que / (188) lhe formulávamos. Depois, elevando os nossos pensamentos, mostrou-nos como tudo no S. João se unia para levar as nossas almas a grandes e belas coisas. Hoje a festa de família, em que o pai e os filhos expandiam os seus sentimentos de mútua afeição numa doce intimidade. À noite, a festa literária tão cheia de atracções para o espírito, e de consolações para o nosso coração de Franceses. (Ia ser representada a bela peça de Henrique Bornier, a Filha de Rolando). No dia seguinte, a festa religiosa, a união das almas no banquete divino, para nos retemperarmos no amor do Senhor e da sua santa Igreja. Finalmente, terça-feira, a festa no campo, em que poderíamos admirar num belo parque as maravilhas que a arte faz produzir à natureza. Assim o corpo e a alma, o espírito e o coração encontrarão, cada um, nobres alegrias.

Virando-se então para vários parentes cuja simpatia pela casa tinha trazido a esta festa, o Sr. P. Superior congratulou-se pela sua presença. Eles eram testemunhas da doçura das nossas alegrias e, como representantes das famílias ausentes, / (189) acabavam por formar um círculo de solicitude e de affectos que rodeia aqui a nossa infância. Enfim a sua generosa e a sua nobre dedicação amparariam os nossos mestres na luta que eles virão em breve a sustentar em prol da liberdade do ensino cristão...”

Em Vermand, a festa teve toda a animação do costume. Após a visita às velhas muralhas e ao Castelo de Caulaincourt, fizeram-se os jogos populares, jogos ao ar livre, balões de ar quente, corridas, tiro com a carabina, tômbola, recolher à luz das tochas, etc., etc. / (190)

A ACADEMIA NO COLÉGIO S. JOÃO

Como em muitos colégios eclesiásticos, quisemos formar uma pequena Academia de alunos particularmente entregues às Letras. Era um estímulo para o trabalho. Para os grandes, é também uma defesa e um escape para as paixões da sua idade, ocupando-lhes o espírito com ideias elevadas.

A Águia de 29 de Fevereiro de 1880 trazia esta nota: “ Na Terça-feira, 24, foi fundada sem barulho a Academia do Colégio. Além do fim comum a todas as Academias, o estímulo ao trabalho e a recompensa do mérito, a de S. João terá a iniciativa de tudo o que afecta o nosso jornalzinho. Os seus membros formarão / (1) o conselho de redacção e caberá a eles o cuidado de escrever artigos ou de pedi-los aos seus colegas. Eis as condições exigidas para ser admitido a fazer parte da Academia: 1º pertencer ao grand quartier; 2º ocupar na sua classe um lugar bastante distinto; 3º não ter tido nos últimos três meses notas inferiores a *três* (bom); 4º apresentar um trabalho que os membros actuais serão livres de aceitar ou recusar. Este trabalho, deixado à escolha de cada um, deverá ser uma composição francesa, ou uma peça de versos latinos, ou a tradução duma página interessante das literaturas grega, latina, inglesa ou alemã. – Membros fundadores: os srs. Cornilus, Delloue, G. Lefèvre, Lamour-Damey, Damiens, Hazard, Mercier, Baudelot. – 14 de Março: a Academia elegeu para Presidente o Sr. Alberto

Delloue¹¹⁸, e para assistentes Gustavo Lamour-Damey e Jorge Lefèvre. Na sua última sessão aceitou os srs. Pedro Courtois, Luís Vilfort e Florêncio Martigny.

- Na festa de S. Leão, são os membros da Academia que interpretam / (2) e com verdadeiro sucesso o drama de Henrique de Bornier: A Filha de Rolando.

O Águia de 16 de Maio dizia: “A Academia do Instituto ia traçar as suas primeiras armas. Era muita ousadia da sua parte, inaugurar as suas modestas sessões com a representação dum drama tão justamente célebre como a Filha de Rolando. Como é que, jovens pouco treinados na declamação, obrigados a roubar aos seus bem curtos vagares o tempo de aprender e ensaiar um papel, podiam esperar algum sucesso junto dum público, simpático sem dúvida, mas diante do qual eles ousavam apresentar-se em condições tão desfavoráveis? Por outro lado, vai-se repetindo que a França morre por causa do enfraquecimento do carácter e do desfalecimento das vontades; diz-se que sempre a ambição e a cupidez levaram a cometer mais deslealdades e felonias. Recordar a uma geração que a esquece, a lei muito desprezada do sacrifício e da expiação, brandi-la contra essa almofada do egoísmo em que a adormecem tão complacentemente o orgulho e a moleza, para reconduzi-la às suas tradições de / (3) valentia e de honra, para lhe ensinar que há no mundo deveres dos quais nada nos pode libertar..., sim, lembrar todas essas coisas era muito oportuno na hora actual, e para lembrá-las não podíamos achar nada mais impressionante do que o drama “ A Filha de Rolando “.

Der facto, a maior parte dos actores trabalharam *muito bem*.

Para mostrar como os nossos jovens académicos aproveitavam dos seus trabalhos e recreios literários, citarei um poema de Gustavo Lamour-Damey, em que se sente a influência do estilo de Henrique Bornier e dos seus pensamentos cavaleirescos. O poema era dedicado à Senhora Mauduit de Fay, na festa de São Leão:

Ah! se eu fosse poeta!

Nos antigos festins, quando, pondo de lado o ferro,
cada um molhava os lábios na taça da festança

¹¹⁸ Delloue Alberto, nascido em Hirson (Aisne), a 23-11-1863, entrou na Congregação do P. Dehon a 15/4/1889; tomou o nome de Paulino. Fez a primeira Profissão a 6/ 9/ 1890 e foi ordenado sacerdote a 11/ 6/ 1892. No mesmo ano é nomeado prefeito dos estudos no Colégio S. João e, em 1896, sucede ao P. Dehon como superior do S. João (cf. NQ, 65vº - 29 de Julho de 1896). Em 1901, depois da lei sobre as Associações, de Waldeck-Rousseau – que proibia o ensino a quem pertencesse a uma congregação não autorizada – o Colégio S. João passou para a diocese de Soissons. O P.

e narrava suas façanhas de ultramar;
Quando se esvaziava o hanapo¹¹⁹ de cerveja
e quando para mais sonhar
Desembainhavam-se essas espadas de uma toesa¹²⁰
que as mãos de hoje nem poderiam levantar,
um hurrah sacudia as abóbadas da sala,
o ferro chocava no ferro e do seu branco cadeirão / (4)
um homem, um cavaleiro se levantava por sua vez.
Tudo se calava na sala barulhenta
para melhor escutar o sirventês¹²¹
que o nobre trovador finalmente iria cantar.
Em versos harmoniosos
ele celebrava a festa da hospitalidade.
E toda a gente chorava quando ele acabava o canto!
Porque não sou eu poeta?
Ah! se eu fosse poeta!
Esses belos dias já não existem, essa idade foi-se p'ra sempre.
Já não há combates, por isso já não há festas.
Tudo hoje é triste!
E todavia, de longe em longe, neste século de prosa,
em que a Musa já não tem abrigo,
no longo caminho dos dias, a alma faz uma pausa

Paulino Delloue deixou então a Congregação para entrar no clero diocesano (cf. NQ, XVII, 3-4; registo dos votos do P. Dehon, p. 16).

¹¹⁹ N T hanap – “hanapo (taça antiga)”, diz o dicionário francês. Mas o dicionário português não traz essa palavra “hanapo”.

¹²⁰ N T toise = toesa = medida antiga correspondente a 6 pés. Pé = unidade de comprimento do sistema inglês = 30,479 cm. Uma toesa: 30,479* 6 = 182,74 = Quase 2 metros!!!...

¹²¹ N T sirventês = poesia satírica do género poético provençal.

e da grande Idade Média admira os destroços.

Esses destroços encontram-se nessas velhas famílias
de antepassados cheios de honra, e santas e nobres filhas,

e que, puras como o seu nome,

sem mancha, souberam guardar o seu antigo brasão

no fundo do seu sepulcro, e graças a vós, Senhora,

nós pudemos vê-lo ressuscitado.

Vós no-lo mostrastes poético e cheio de alma

enfeitado, como outrora, dia da hospitalidade!

Filha de cavaleiros, filha da Idade Média,

vós os mostrastes na sua verdadeira luz; / (5)

Só nos falta, ai tristeza!, para acabar esta página

os contos de um verdadeiro trovador.

Ah! se a santa poesia

Pudesse fazer vibrar a minha voz!

Mas não: o frio deste século sufocou-a;

Já não existem os Bardos¹²² de outrora!

Obrigado, obrigado, contudo, por esta amável festa,

que vós, filha de Heróis, acabais de nos dar;

Se eu não cantei dignamente, dignai-vos perdoar-me!

... Porque não sou eu poeta!

¹²² N T Bardos = trovadores da Escócia, que passavam de castelo em castelo, cantando as façanhas nacionais.

MISSAS NOVAS

Este ano tivemos duas vezes as piedosas emoções duma Missa Nova: a 24 de Fevereiro e a 1 de Julho. A segunda era a do P. Jaime (Ernesto Herr)¹²³ - - O Águia dizia: “Nosso Senhor tem umas ternuras especiais para os alunos de S. João, pois que lhes concede duas vezes no mesmo ano o espectáculo augusto duma Missa Nova. Às impressões, religiosas que uma tal cerimónia deixa geralmente no fundo dos corações, acrescentaram-se desta vez emoções particulares. Gostaria de ter visto lá um desses indiferentes que duvidam da vitalidade da Igreja, ou um desses ímpios que procuram destruí-la. Que teriam eles pensado à vista deste jovem sacerdote que subia / (6) em triunfo o altar, numa época em que o Tabor está tão perto do calvário? Que teriam dito à vista deste seu irmão, também sacerdote, austero religioso, que desde longos anos já não conhece a família, mas que hoje vem contrair uma nova fraternidade, a do sacrifício? – E diante desta mãe cristã, que dá assim a Deus todos os seus mais caros tesouros, teriam eles gritado ao fanatismo!! E estes meninos que ajoelham sob a mão abençoante do novo padre, esperais de podê-los arrancar facilmente do seu coração? Sim, a Igreja vive sempre, visto que os filhos se apartam dos braços das suas mães para voar sobre os passos de Jesus; e quantas mães cultivam com mil cuidados a flor saída da sua planta, para oferecê-la toda embalsamada ao Celeste Esposo. Quantas vezes a impiedade arranca os filhos às mães para fazê-los entrar nas sinagogas de Satanás; mas que diferença! Nelas é o vício ou o ódio que separam corações desnaturados; aqui, é o amor humano que se inclina com adoração diante de um amor mais forte, o amor de Deus. - Esta primeira Missa tinha um cunho especial de grandeza que deve ter impressionado todos os espíritos empenhados. / (7)

Na própria hora em que Jesus Cristo é tão ultrajado em França, o que é que se propõe este jovem padre? Quer ele só saborear no êxtase as alegrias da Ceia? Não! Novo S. João, ele leva consolação ao Coração do seu Mestre; e todo o seu pensamento,

¹²³ O P. Jcques-Marie Herr, no século Ernesto, nasceu em Ettelbrück (Gr. Ducado de Luxemburgo), a 23/10/1856; entrou nos oblatos a 7/5/1880. Fez a primeira Profissão a 14/9/1881 e a Perpétua a 17/9/1886. Foi superior de Clairefontaine de 1889 a 1902 e do Escolasticado de Lovaina de 1902 a 1905. Foi também Conselheiro Geral de 1902 a 1905. A sua rica personalidade fez nascer grandes esperanças no P. Dehon. Era um intelectual; infelizmente, não conseguiu libertar-se totalmente dum certo naturalismo que lhe foi fatal durante o seu reitorado em Lovaina. Em Fevereiro de 1905, abandonou o Escolasticado e, em Março do mesmo ano, deu a sua demissão de Conselheiro Geral. Fez um ano de retiro, e em 1906 decidiu deixar a Congregação. Foi capelão em Bonsecours, vigário em Paris, depois pároco em Hébuterne (Pas-de-Calais). Morreu pouco antes da segunda Guerra Mundial (cf. Registo dos votos do P. Dehon, p. 2; “Lugdunensia”, nº 42, pp. 56 – 58; P. Denis, O Projecto do P. Dehon, p. 75, nota 1).

ao subir o altar, é o de levantar a Vítima reparadora entre o céu e a terra... Por isso quantas bênçãos devem ter caído sobre nós! Indo beijar as mãos consagradas do novo padre, sentíamos que Deus esquecia as nossas ofensas passadas e nos recebia na Sua amizade...

OS PRÉMIOS

Para este ano ainda tenho apontamentos do Águia, e uso-os:

“ Um grade favor estava reservado este ano ao Instituto de S. João. S. Excelência, o bispo de Soissons, que acarinhou esta obra desde a sua fundação, que sorriu às primeiras flores desabrochadas neste novo campo, dignou-se vir contemplar hoje a 3ª seara. E essa seara, foi bem enriquecida pela bênção episcopal; cada ano, com o número dos alunos, aumenta a feliz presença de pais e de amigos que vêm apinhar-se na sala S. José, no Patronato...

O orfeão do Instituto executou três coros: O coro de Édipo foi despachado com um ardor / (8) todo marcial. “Joana d’Arc “, a bela ópera musical do Pe. Planque, foi vivamente aplaudida.

O quadro de honra anunciava 5 bacharéis, 5 vencedores sobre 6 candidatos apresentados.

O discurso tinha por tema: a educação cristã e as virtudes da infância. (Eu tinha escolhido factos graciosos e interessantes nas vidas de pios alunos, publicadas por diversos colégios eclesiásticos ou congregacionais, de Besançon, Nîmes, Toulouse, St. Acheul, Poitiers, etc... - O discurso está no meu volume sobre a Educação cristã).

Sua Excelência coroou a cerimónia com palavras de felicitação e estímulo:

“ Aparecendo pela primeira vez nesta Assembleia, nós temos de agradecer à Divina Providência, que se dignou erguer este Instituto São João no meio desta cidade de S. Quintino, tão nobre, tão valente, tão laboriosa; temos de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a criação deste estabelecimento e que unem os seus esforços para ajudá-lo a alcançar desenvolvimentos tão vastos e tão altos quanto possível: em particular o Sr. Arcipreste, cujas obras são demasiado conhecidas nesta cidade para que / (9) eu faça o seu elogio; o Sr. Cónego Dehon, que pôs nos alicerces... que digo? que se pôs neles toda a sua pessoa, com todos os seus talentos e todo o seu zelo. Nós sabemos

todavia, e outros sabem, mesmo ao longe, que obras mais brilhantes e mais dignas dos seus trabalhos tinham sido propostas à sua actividade. Agradecemos também aos pais e mães da família, nos quais o Instituto S. João encontra tantas simpatias. E a vós, queridos meninos, damo-vos os parabéns por terdes sido escolhidos por Deus para serdes os primeiros a recolher nesta casa os benefícios da educação cristã.”

S. Excelência lembrou em seguida aos pais as graves obrigações que resultam para eles deste benefício assinalado: “Encontrareis nos professores cristãos substitutos que não têm, é bem verdade, uma ternura tão viva, que não têm os mesmos cuidados minuciosos para as pequenas coisas da vida dos vossos filhos, mas que têm tanta clarividência para descobrir os seus verdadeiros interesses e também zelo para realizar o seu progresso e a sua felicidade.

Durante estes meses de férias, nos quais os vossos filhos são exclusivamente vossos, sede dignos auxiliares daqueles que são vossos ajudantes durante todo o ano; pelas vossas exortações e pela prática / (10) fiel dos deveres do cristão, continuai a desenvolver neles as belas virtudes que os seus mestres cultivaram no seu coração...”

OUTRAS OBRAS

As obras continuavam: Patronato, Círculo, Lar Familiar.

Eu ia sempre cada vez menos ao Patronato; o P. Rasset habituava-se a substituir-me. A boa Irmã Verónica era a providência do Lar Familiar. Um dos seus rapazinhos descobriu nele a vocação eclesiástica.

Um bom número dos jovens do Patronato vinham ainda confessar-se comigo, ao Sábado.

Eu ainda presidia à Mesa do Patronato, e a algumas reuniões de patrões.

Presidia todas as semanas ao Círculo, um verdadeiro grupo de estudos sociais, e fazia uma conferência sobre as principais questões de economia social. Explicava a economia sob o ponto de vista integral: progresso moral, intelectual, económico. Gostaria de ter tempo para retomar e completar esse trabalho.

Nesse ano ainda se festejou S. Leão, no Patronato. / (11) Os jovens do Círculo representaram-nos “ *Le Revenant* “ (O Fantasma) na festa de S. João; mas para o S. Leão cederam o lugar aos alunos do S. João que representavam: “A Filha de Rolando”.

ACONTECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS - ROMA

O nosso glorioso Pontífice continua a série das suas encíclicas sociais. É um tratado completo sobre o *Matrimónio* que ele nos dá na sua bela encíclica *Arcanum divinae Sapientiae*, de 10 de Fevereiro de 1880, O Concílio Vaticano tinha preparado este ensinamento doutrinal. Leão XIII completa-o e publica-o. O casamento é a base da família. É um acto sagrado por sua natureza, elevado por Cristo à dignidade de sacramento. Não é ao Estado, mas à Igreja que pertence legislar sobre o matrimónio cristão.

Infelizmente as sociedades modernas que estão sob a alçada dos Judeus, tendem todas a destruir as condições do casamento cristão.

Outro acto do Santo Padre é o seu Breve de 4 de Agosto que proclama S. Tomás de Aquino patrono das escolas católicas¹²⁴.

Oh! É bem tempo que voltemos ao método cerrado de S. Tomás, à sua filosofia do bom senso, se não queremos / (12) ver o caos das ideias preparar o caos das sociedades modernas.

FRANÇA - O KULTURKAMPF

As más leis multiplicam-se. A franco-maçonaria reina soberana.

A lei de 1814 sobre o Descanso do Domingo nas repartições do Estado é restabelecida, apesar dos belos discursos pronunciados na Câmara. A capelania militar é suprimida. O Conselho Superior da Instrução Pública é completamente laicizado. Júlio Ferry, numa lei sobre o ensino primário, propõe o seu famoso artigo 7 para tirar aos Jesuítas a liberdade de ensino. Não consegue fazê-lo aprovar. Então volta a pôr em vigor umas pretensas leis existentes, uns decretos da Revolução para dispersar os religiosos¹²⁵. Daí uma série de discursos eloquentes na Câmara, e em toda a França

¹²⁴ O P. Dehon refere-se à encíclica, “*Aeterni Patris*” de Leão XIII, sobre a filosofia de S. Tomás de Aquino, de 4 de Agosto de 1879 (não de 1880).

¹²⁵ Os decretos de Março (aprovados a 29 de Março de 1880) de Júlio Ferry decretavam a expulsão dos Jesuítas dentro de três meses; mais, as Congregações não autorizadas deviam pedir a autorização nesses três meses, sob pena de dissolução e de expulsão. O famoso artigo 7 era assim formulado: “ninguém pode dirigir escolas públicas ou particulares de qualquer espécie, nem nelas ensinar, se pertencer a uma Congregação não autorizada.” Passados os três meses (29 de Junho de 1880) foram fechadas 261 casas religiosas e expulsos 5643 religiosos.

expulsões violentas que fazem uma impressão favorável em todos os que não são sectários.

Muitos magistrados honestos preferiram dar as demissões a prestar-se a estas expulsões.

Ninguém se importou connosco e deixaram-nos em paz; nós éramos tão recentes, tão poucos e tão pouco conhecidos / (13) como religiosos! Não foram porém meses de menos angústia e confusão para nós, e resolvemos levar na primeira ocasião o nosso noviciado para o estrangeiro.

MONSENHOR PIE

Mons. Pie envelhecia, e pouco a pouco desapareciam os bispos que quiseram testemunhar-me benevolência ou amizade no Concílio¹²⁶.

O último acto público de Mons. Pie foi a sua carta pastoral por ocasião das perseguições religiosas. Como sempre, ele applicava inteligente e espiritualmente aos acontecimentos contemporâneos alguns textos da Escritura. "Um dia, dizia ele, em que o rei de Israel interpelara o profeta Elias com estas palavras: Não sois vós que criais perturbação em Israel! - o profeta respondeu com segurança: Não fui eu que perturbei Israel, mas sois vós e a casa do vosso pai, desde que abandonastes os mandamentos do Senhor e seguistes Baal. - Hoje também nos censuram de perturbar o país. A prova que disso dão, é a incompatibilidade das doutrinas da Igreja com os princípios fundamentais da nova era, e por conseguinte a nossa opposição aos poderes públicos tais como estão constituídos agora / (14) na sociedade civil. Quanto ao primeiro ponto, não temos nada que defender-nos. Se os nossos adversários são daqueles que aceitam e proclamam dogmas sociais em contradição formal com os direitos de Deus e com os ensinamentos do Evangelho, e que visam introduzir nas leis e nas práticas administrativas do seu país todas as consequências desse dogmatismo, não nos resta nada para lhes dizer, senão que a condenação lançada contra o Estado moderno não deriva de nós, mas deles próprios. Porque, por tanto tempo quanto Deus será Deus, e o homem não será senão homem, toda a pretensão humana inconciliável com os direitos e as declarações de Deus, ficará sem valor algum que não seja o da força brutal, e o seu reino terá como duração a

simples duração mais ou menos curta da violência e da mentira. - Quanto ao segundo ponto, a Igreja aceita todas as formas de governo, reclamando de todas elas a sua liberdade e os seus direitos...”

O santo prelado morria no mês de Maio em Angoulême. Na própria véspera da sua morte, ao voltar duma viagem a Roma, tinha dominado cansaço e sofrimentos para presidir a uma reunião geral / (15) dos católicos da diocese de Angoulême. Lembrara como S. Hilário já ensinava aos católicos de Poitier, no século IV, a servir-se decididamente das leis existentes para defender a sua fé e os direitos da Igreja. “Foi, dizia ele, graças ao respeito religioso com que os Romanos rodeavam as sepulturas e as associações a elas relacionadas que os cristãos puderam ficar 300 anos no meio dos sepulcros, sem serem expulsos pela polícia de então...” Depois, afirmando uma vez mais com a sua alta autoridade, a importância das obras operárias, o ilustre orador mostrara a ignorância daqueles que lançavam contra as obras que tinham por fim a aproximação das classes, a acusação de serem novidades. Era na verdade um costume universal entre os Judeus, saudar, ao passar, todos os grupos de trabalhadores; e o Rei-profeta indica como sinal da perversidade dos maus, o facto deles passarem sem dizer aos operários: ” A bênção do Senhor esteja convosco!” Desgraçado de mim, desgraçados de vós, escrevia S. Agostinho comentando este salmo diante do seu clero, se omitirmos também nós de desejar a bênção aos trabalhadores...(Sal. 128,8).

O santo prelado morreu na noite seguinte, após ter-se devotamente confessado. Fiel a / (16) todas as directrizes da sua vida, morria professando as doutrinas e conselhos dados pela Santa Sé.

A OBRA DO S. CORAÇÃO - AS CRUZES DO ANO

Cada ano devia ser marcado pela cruz. Nesse aspecto, a cruz foi bem distribuída neste ano. Eu estava menos adoentado, mas tinha frequentes indisposições. Minha mãe tivera no Verão último um ataque de paralisia. Meu pai, entristecido, tinha contraído uma doença de estômago que ia preparar a sua morte.

Em poucos meses tínhamos perdido quatro nossas Irmãs: a Ir. Maria de Jesus a 27 de Agosto (1879), a Ir. Maria de S. Francisco Xavier a 11 de Outubro, a Ir. Maria Gonzaga

¹²⁶ Mons. Luís Pie, bispo de Poitiers, foi feito cardeal a 12 de Maio de 1879; morreu em Angoulême a 18 de Maio de

a 15 de Março (1880), a Ir. Maria das Cinco Chagas a 12 de Abril. - Era um grande luto, mas o povo procurou explicações. Os boatos espalhavam-se. Falava-se de envenenamentos para encobrir crimes. Pensava-se em exumações. Era um *Tolle*. Repórteres da imprensa maçónica de Paris tinham vindo para montar um grande escândalo. Passei muitos meses nessas angústias.

- Outra provação - Quando a Ir. Maria das Cinco Chagas morreu, a família contestou o testamento. Era a / (17) ruína para as Irmãs e para mim a perda dos recursos sobre os quais eu contara para fundar o S. João. Mais ainda, este processo dava motivo aos maçónicos para gritarem contra a caça aos testamentos. Era ainda sobre mim que pesava esta cruz. Foi um ano riquíssimo em reparações.

AS VÍTIMAS VOLUNTÁRIAS

As nossas quatro queridas irmãs mortas nesse ano foram vítimas puras do amor ao Senhor. Tinham-se oferecido com toda a sinceridade como vítimas de reparação. Era o seu pensamento de cada instante. Elas aceitaram os seus longos sofrimentos com esse espírito. Morreram nessa disposição dando exemplos admiráveis de paciência, de sacrifício, de abandono à vontade divina. A Ir. Maria Xavier morreu lançando um grande grito de amor.

No momento do odioso *Tolle*, o jornal "Le Conservateur de l'Aisne" fez esta observação: "Pela quarta vez, de alguns meses para cá, as religiosas Servas do Coração de Jesus levavam na quinta-feira à sua última morada os despojos mortais duma das suas irmãs. Nós seguíamos esse cortejo, íamos dizer essa marcha triunfal, e ao longo do percurso recolhemos diversas apreciações. Todas eram / (18) simpáticas, algumas mostravam um pouco de inquietação. Admiravam-se dos golpes repetidos que a morte descarrega sobre este convento do bairro S. Martinho, e davam a esses multiplicados óbitos explicações diferentes. Mas há só uma realmente exacta. As humildes Servas do Coração de Jesus são vítimas voluntárias; elas oferecem as suas orações, os seus trabalhos, os seus sofrimentos e, acima de tudo, a sua vida para a glória de Deus, a perseverança dos justos e a conversão dos pecadores. Deus toma a sério essa imolação quotidiana, e as pobres Irmãs tornam-se assim benfeitoras da Igreja e especialmente da

cidade. Por esse motivo, em resposta aos serviços que essa reparação incessante nos presta e aos males que ela afasta de nós, nós devemos a essas religiosas a homenagem da nossa gratidão e a expressão da nossa veneração. Oferecemos-lhas em nome de todos aqueles que apreciam, como nós, a sua missão sobrenatural e as suas consequências protectoras.»

O *Tolle* não teve seguimento. O médico das Irmãs, o Dr. Cordier, apaziguou a opinião pública, certificando a morte absolutamente natural de todas as Irmãs.

O JARDIM DE JOSÉ DE ARIMATEIA DOADO NA SEXTA-FEIRA SANTA.

Este é um facto providencial realmente extraordinário.

O sr. Lecot era agregado à obra com / (19) o nome de José de Arimateia.¹²⁷ A nossa pia Irmã (Maria de S. Inácio) tinha o pressentimento de que havia qualquer mistério providencial escondido sob este nome. Ora, havia junto à Casa do Sagrado Coração um vasto jardim; só esse jardim podia oferecer o espaço necessário para uma comunidade. O proprietário não queria vender e, por outro lado, não tínhamos dinheiro. O Sr. Lecot decidiu-se, inesperadamente, a comprá-lo para nós, se isso fosse possível. Na Sexta-feira santa, o proprietário ficou de repente decidido a vender, mas a um alto preço, 90 000 francos. Mandou dizer ao notário que queria resolver tudo de vez, e que se não estivesse tudo concluído às três horas, já não venderia. O Sr. Lecot aceitou essas condições e o contrato foi assinado às três da tarde. Era o dia e a hora em que José de Arimateia dera o seu jardim para a sepultura de Cristo.

VOCAÇÕES

As vocações chegavam. As deste ano foram vocações boas e sólidas.

O P. Matias Legrand e o P. Estanislau Falleur entraram a 4 de Outubro de 1879.

¹²⁷ Estes “agregados” à Congregação do P. Dehon, nas “Notas sobre a História da Minha Vida” são apresentados como segue: “Entre os amigos do S. Coração que se uniram a nós pelos laços da agregação, cito os primeiros; dávamos-lhes um nome de religião. Recebiam a cruz ornada do S. Coração como a que nós levamos. Pronunciavam um acto de oblação de si mesmos ao S. Coração, em união connosco e com as Irmãs Servas do Coração de Jesus.” (NHV, XIV, 61). Entre estes agregados não se encontra o nome deste senhor Lecot, mas sim o da senhora Lecot (cf. NHV, XIV, 62).

O P. Francisco Xavier Lamour entrou a 21 de Novembro. - O P. Paulo Philippot entrou a 20 de Fevereiro de 1880. Este último teve um fim infeliz. Que Deus tenha a sua alma!

O P. Jacques Herr entrou a 7 de Maio.¹²⁸

LUZES DE ORAÇÃO

As luzes de oração da Ir. Maria de Santo Inácio foram frequentes também este ano. A pequena Ir. Maria de Jesus já lá não estava para traduzi-las; a própria Chère Mère as traduzia. Eis os assuntos:

15 de Outubro: - Os três santos Corações modelos das vítimas. O mais das vezes é à Sexta-feira, Sábado e Quarta-feira, que a Sagrada Família virá procurar as suas vítimas.

18 de Outubro: - A pureza, virtude própria das vítimas.

29 de Outubro: - A Escritura compreendida pelos humildes.

1 de Novembro: - Pastor e jardineiro, é a característica dos Padres do S. Coração.

9 de Novembro: A consagração.

Duas moradas de Deus: a Igreja, as almas.

O altar é o objecto essencial.

A comunhão é o alimento das almas.

Felicidade de habitar na casa de Deus. Abusos que nela se podem fazer.

Também Deus faz as suas delícias em habitar nelas.

Perfeição que os materiais e os ornamentos devem ter...

¹²⁸ O P. Matias Legrand, no mundo Orfila José, nasceu em Caumont (Aisne) a 9 de Julho de 1849; entrou nos Oblatos a 4 de Outubro de 1879, fez a primeira profissão a 21 de Novembro de 1881. Foi ordenado sacerdote, em Soissons, a 29 de Junho de 1884. De 1884 a 1903 foi superior da casa de Fayet, e de 1888 a 1919 foi Conselheiro Geral. Morreu em Blaugies a 13 de Agosto de 1925.

O P. Estanislaou Falleur, no mundo Teodoro, nasceu em Effry (Aisne), a 17 de Junho de 1857; entrou nos Oblatos a 4 de Outubro de 1879 e fez a primeira profissão a 21 de Novembro de 1881. Foi ordenado em Soissons a 29 de Setembro de 1882. Ecónomo Geral de 1888 a 1934, foi também superior da casa de S. Quintino (S. Coração) de 1908 a 1913, e de 1926 a 1929. Morreu em S. Quintino a 1 de Maio de 1934.

O P. Lamour Francisco Xavier, no mundo Filipe, nasceu em Landracies, departamento do Nord (França), a 29 de Agosto de 1843; ordenado em Soissons em 1868, entrou nos Oblatos a 21 de Novembro de 1879 e fez a primeira profissão a 7 de Janeiro de 1881. Foi superior e Mestre dos noviços em Sittard de 1883 a 1886, depois Conselheiro Geral de 1886 a 1896. Morreu em Quévy (Bélgica), a 3 de Maio de 1921. (cf. Registo dos votos do P. Dehon, p. 1 e Necrológio, I, 1878-1978).

Quanto ao P. Philippot, cf. Nota 2, cahier XIII, p.185.

Para Jacques-Marie Herr, cf. Nota 1, cahier XIV, p.6.

Este lugar é santo e terrível. É a porta do céu.

O sacrifício de Jesus Cristo na Eucaristia. O seu amor..., os seus convites a visitá-lo, / (21) a honrá-lo, a amá-lo, a recebê-lo.

As nossas disposições para comungar: fé, confiança, abandono, amor.

Zelo pela casa de Deus. O nosso desejo de construir templos ao S. Coração. Jesus não será ingrato.

17 de Novembro: - Abuso das graças, perda da vocação.

19 de Novembro: - Submissão à Igreja.

2-3 de Janeiro de 1880: - Zelo na recitação do ofício.

13 de Janeiro: - Confiança em Deus nas contradições.

Providência de Deus na nossa vocação.

Os dons dos Magos simbolizam os nossos sacrifícios.

26 de Janeiro. - Os mistérios de Nosso Senhor.

Visita diária a Nazaré, ao Calvário, à Agonia.

8 de Fevereiro: - Não ir beber a uma fonte estranha; a congregação tem o seu próprio espírito.

15 de Fevereiro: - O Senhor no deserto reza pelos seus apóstolos. Nós devemos rezar pela a santificação do sacerdote.

24 de Fevereiro: - Nove dias de preparação para a exposição diária do SS. Sacramento.

28 de Fevereiro: - Nosso Senhor quer um lugar de repouso e de consolação.

29 de Fevereiro: - As Missas reparadoras.

Hoc est praeceptum meum (Este é o meu mandamento). As características da mútua caridade; os seus frutos. *Beati pacifici* - Prática da caridade que se imola: *in patientia*. / (22)

1 de Abril: - Confiança durante as perseguições e provações. Amor à Cruz.

3 de Abril: - As santas mulheres junto ao Sepulcro.

4 de Abril: - Visitas aos pais: (raras, curtas, edificantes).

25 de Abril: - Contra as almas fingidas, indiferentes, túbias.

29 de Abril: - A confiança e a fidelidade são a nossa defesa.

14 de Julho: - O sacrifício do Moriah é pedido frequentemente. (As irmãs tinham receio ser expulsas)¹²⁹

3 de Outubro: - Da preocupação de ganhar as indulgências.

CARTAS EPISCOPAIS

25 de Outubro de 1879. - (Tínhamos pedido ao sr. bispo a licença para cunhar uma medalha com os três santos Corações).

- O lado da vossa medalha que apresenta a imagem de Nosso Senhor não causa nenhuma dificuldade. No outro lado, reconheço que o coração florido de S. José é um símbolo cheio de graça e de devoção, mas pergunto-me se será teologicamente lícito colocar esses três corações como objectos dum culto análogo, na mesma linha horizontal... Certamente não tenho a mínima sombra de dúvida sobre a exactidão do vosso pensamento. Também não ignoro que a Igreja aceita ou tolera certos símbolos imperfeitos; essa é uma questão de grau e de oportunidade. Todavia, / (23) eu não ousaria inovar, nem permitir a inovação, no objecto que me apresentais...

P.S. Li com interesse, e muitas vezes com edificação, uma parte notável dos dois cadernos que me fizestes chegar. Creio não ter mais nada a dizer-vos. Sabeis já que a minha opinião e as minhas instruções são que, em matéria tão grave, nos guiemos independentemente das indicações que nos chegam dessa fonte.¹³⁰ Nosso Senhor não pede outra coisa, e Ele pede isso até que Ele mesmo não me tenha dado mais luz de que ainda não me apercebo».

2 de Dezembro de 1879: “As duas páginas que me comunicais são duma natureza edificante, e reconheço com prazer que a voz ouvida pela Ir. Maria Inácio na solidão, está perfeitamente de acordo com aquela que se fez ouvir no princípio e que continua a falar pela boca da Igreja...”

3 de Dezembro de 1879: Não tenho nenhuma censura a fazer-vos em relação ao pobre jovem (um noviço) que se torna para vós a causa duma dolorosa decepção e cujo

¹²⁹ Cf. nota 1, cahier XIV, p.13

¹³⁰ Os dois cadernos continham certamente as “Luzes de oração” da Ir. Maria de S. Inácio.

comportamento aflige-me também a mim (ele fazia-nos toda espécie de partidas). Ao que parece, *non erat ex vobis* (não era dos vossos). - Que é feito dele agora?...

24 de Março de 1880: (em relação à morte das Irmãs). / (24) “O Senhor continuará ainda por longo tempo a transplantar assim as jovens plantas do S. Coração”. Talvez seja hora de começar a nos queixarmos. Pelo menos, não ajudemos materialmente a desenraizá-las, recusando-lhes a terra vegetal de que esse viveiro precisa para se tornar um pomar já neste mundo. Para falar sem metáforas, tenham o cuidado suficiente para a saúde das nossas boas Irmãs. De resto, eu estou muito edificado pelo que me dizeis da Ir. Maria Gonzaga, e espero que ela diga agora de maneira mais convincente do que nunca: *adveniat regnum tuum!* Sejamos muitos a repetir, as suas Irmãs e todos: *Ámen!...*»

5 de Abril 80 – (A propósito das expulsões) “As nossas boas Irmãs estão de facto muito ameaçadas; mas espero que, mesmo supondo que os decretos sejam executados, haverá acomodatamentos possíveis. Eu não me inclino mais do que vós, para um pedido de autorização; pensa-se, aliás geralmente, que não será apresentado nenhum. Eu não poderia recusar, se fosse caso disso, a algumas das nossas Filhas de se retirarem para a Inglaterra. Conversaremos sobre tudo isso, e talvez com melhor conhecimento de causa, aí em S. Quintino. / (25) Na espera, é preciso ser prudente para não espicaçar os malignos. As boas Irmãs crescem em dedicação aos pobres da zona. - Quanto ao S. Coração (a nossa casa) defendê-la-ei energicamente. Vós não sois ainda uma Congregação... vós sois na verdade apenas uma Congregação em formação num grupo de eclesiásticos e de leigos que o bispo de Soissons destina e prepara para particulares ministérios na sua Diocese...

12 de Julho 80 - (por ocasião do *Tolle*) – “Não tenho o costume, graças a Deus, de escolher o momento em que os que os que estimo e que amo se encontram na aflição, para afligi-los ainda mais . Não veja portanto nenhuma repreensão grave ou amarga no apelo à prudência que julguei poder fazer-vos ao escrever ao R. Mathieu.

Eis agora as minhas pequenas queixas que não mudam nada à minha afectuosa dedicação para convosco e para com as boas Irmãs. Parece-me que foram demasiado divulgadas certas comunicações talvez sobrenaturais, mas que não reclamavam uma tal difusão. Receio que não se tenha suficientemente prevenido o mal pela visita de médicos, e que se tenha espicaçado ainda mais, / (26) os espíritos com explicações públicas que

foram dadas (a notícia do jornal), as miseráveis suposições que foram feitas sobre a morte de duas ou três santas jovens...”

Charly, 18 de Setembro 80. (A respeito de alguns alunos seminaristas que já tínhamos reunido e que passavam as suas férias na Casa das Irmãs em Fourdrain na expectativa da compra de Fayet). - Se quiserdes acreditar-me, tomareis algumas medidas para que o vosso pequeno seminário apostólico não vos atraía algum reparo da parte da Academia. Vós não poderíeis apresentar os rapazes que a compõem, da maneira que ficou combinada para os eclesiásticos do S. Coração, isto é, como um grupo de clérigos destinados por mim a obras especiais e que para elas se preparam. Creio que sois obrigado, ou a agregá-los ao S. João, ou de formar com eles uma instituição à parte a qual precisa de um director que satisfaça os requisitos legais... (Seguindo o conselho do Sr. Bispo, agregámos esses rapazes ao S. João enquanto esperávamos a fundação da escola apostólica de Fayet.)

O MEU RETIRO: 14-19 SETEMBRO 1880

Fiz um retiro de fim de ano na Casa dos Padres Jesuítas de Nossa Senhora de Liesse. / (27) Anotei as minhas impressões e resoluções, parte em latim, parte em francês¹³¹ que reproduzo;

I . Erravi sicut ovis quae periit (Sl 118, 176). *Ovis, ovis electa et dilecta –sacerdos et victima!*

Sensus enim et cogitatio hominis in malum prona sunt... (cf. Gn. 8,21) .

Undequaque diffluimus. In me nihil sedet (S. Bern.). *Nec Phantasma, nec cogitatio, nec sensus, nec cor sedent.* - Pax! Pax!

Defecit spiritus meus (Sl 76, 4).

Quantum mutatus! Ubi fervor initii? Ubi pax? Ubi charitas?

Olim digne, attente ac devote officium recitabam. Nunc autem qua ratione?

Olim ex Missae sacrificio gaudium cum pace, gratiam et consolationem obtinebam. Nunc autem quid?

É a primeira vez que P. Dehon se alonga em escrever em latim os apontamentos dos seus exercícios espirituais. É fácil reconhecer as numerosas citações da Bíblia.

*Olim in receptione sacramenti paenitentiae vere sitiebam et esuriebam justitiam.
Nunc autem iners et tepidus evasi. Neque raro scandalum evasi.*

*Quam vero longaminis fuit misericors et miserator Dominus! Quomodo
sustinuit me justus judex? Infitatae offensiones meae. Ingratum cor meum semper. Debita
mea / (28) quomodo exsolvam?*

Virtutis firmae et vitae interioris et regulae conabor.

Paratum cor meum, Deus!

*In te, Cor Jesu, speravi, non confundar in aeternum.*¹³²

II- Ipse fecit nos et non ipsi nos.

Ele fez a terra para o homem e o homem para Ele. Como a flor se vira para o sol, assim a inteligência humana deve virar-se para Deus que é o seu sol.

O homem, vendo a beleza das criaturas, eleva o seu olhar para o sol que as alumia. Do mesmo modo, vendo a acção da inteligência divina na criação e a sua providência, ele eleva a sua alma para esse sol dos espíritos.

Domine, Dominus noster, quam admirabile est nomen tuum in universa terra!
(Senhor, Senhor nosso, como é admirável o vosso nome em toda a terra!)

A nossa faculdade de louvar e de admirar, deve ser absorvida principalmente pela divindade. *Repleatur os meum laude, ut cantem gloriam tuam, tota die magnitudinem tuam.*(Encha-se a minha boca de louvor para cantar a Vossa glória, durante todo o dia a vossa grandeza).

¹³² Andei errando como a ovelha perdida, ovelha, ovelha escolhida e amada – sacerdote e vítima.

O sentido e o pensamento do homem estão inclinados para o mal.

Por todos os lados nos dispersamos. Em mim nada se assenta (S. Bernardo). Nem a fantasia, nem a meditação, nem o sentido, nem o coração assentam – Paz! Paz!

O meu espírito desfaleceu.

Quanto estou mudado! Onde está o fervor do início? Onde está a paz? Onde está a caridade?

Outrora eu rezava o ofício, digna, atenta e devotamente. E agora, por que motivo?

Outrora recebia do sacrifício da missa alegria e paz, graça e consolação. Mas agora, que recebo?

Outrora na recepção do sacramento da penitência eu tinha verdadeira sede e fome de justiça. Agora tornei-me inerte e tépido. E não raramente dei escândalo.

Mas quanto foi longânime o misericordioso e piedoso Senhor! Como foi que me suportou o justo juiz? e as minhas infinitas ofensas. E o meu coração sempre ingrato. Como pagarei as minhas dívidas.

Esforçar-me-ei para alcançar uma virtude firme, a vida interior e a observância da regra.

O meu coração está pronto ó Deus!

Coração de Jesus, espero em Ti, não serei confundido eternamente.

Senhor, que devo fazer destas faculdades, desta vida que me destes? *“Quid me vis facere? Eduxisti me de nihilo. Servus tuus ego sum. Ecce venio ut faciam, Deus, voluntatem tuam./ (29)*

Quid me vis facere hodie? Quid cras?

Quid quotidie? Quid hac hora?

Quid me vis cogitare? Quid dicere? Quid agere?

Viam tuam demonstra mihi.

Dilata cor meum.

Da mihi intellectum. Inclina cor meum.

Dilexit anima mea testimonia tua vehementer.

Mirabilia testimonia tua vehementer.

*Mirabilia testimonia tua, ideo scrutata est ea anima mea.*¹³³

III- As criaturas para o homem; o homem para Deus.

As criaturas: não somente as coisas materiais, mas também os acontecimentos, as acções, os acidentes de cada dia, tudo o que Deus quer ou permite.

Deus quer que de cada criatura, entendida neste sentido, nos elevemos a Ele para reconhecer a sua autoridade divina, para praticar a virtude, para amá-lo sempre.

Omnia cooperantur in bonum. (Tudo coopera para o bem)

Deus está nas suas criaturas: nelas se lê a sua sabedoria nas maravilhas da ordem, da variedade, da unidade; a sua bondade nas maravilhas da sua providência, na finalidade da criação e da redenção; a sua beleza na harmonia, na imensidade, na ordem, na graça das suas obras.

Invisibilia ejus per ea quae facta sunt intellecta conspiciuntur. (As realidades invisíveis de Deus são vistas percebendo-as por meio das coisas que foram criadas¹)

¹³³ Que quereis que eu faça? Tiraste-me do nada. Eu sou vosso servo. Eis que venho, ó Deus, para fazer a vossa vontade. Que quereis que eu faça hoje? E amanhã? E em cada dia? E nesta hora? Que quereis que eu pense? Que eu diga? Que eu faça? Indicai-me o vosso caminho. Dilatai o meu coração. Dai-me inteligência. Inclinaí o meu coração. A minha alma amou com veemência as vossas declarações. Admiráveis são as vossas declarações, por isso a minha alma meditou sobre elas.

IV- Quanto abusa o homem das criaturas! Em vez de se preocupar com a necessidade, a utilidade ou pelo menos com o honesto divertimento, com o exercício das suas faculdades, ele segue as suas concupiscências.

Si praestes animae tuae concupiscentias ejus, faciat te in gaudium inimicitiis tuis. (Se concederes à tua alma todas as concupiscências fará de ti o gozo para os teus inimigos.)

Não é essa muitas vezes a minha maneira de fazer?!

Nosso Senhor chama-me à reparação; devo aceitar humildemente, pacientemente, generosamente as cruces que a divina Providência me manda.

A mortificação é a condição de todas as graças.

V- *Abneget semetipsum.*

Qui non odit animam suam non potest meus esse discipulus. (Renegue-se a si mesmo. Quem não odeia a sua alma não pode ser meu discípulo).

Quero ser indiferente perante as minhas satisfações naturais e procurar unicamente a Deus e a Sua vontade.

Omnia vanitas praeter amare Deum et illi soli servire.

Stude cor tuum ab amore visibilium abstrahere et ad invisibilia te transferre.

Quid te magis impedit et molestat quam tua immortificata affectio cordis.

Vere bene doctus est qui Dei voluntatem facit et suam relinquit (De Imitatione Christi). *Non est pax in corde hominis carnalis .*

Si essemus nobis perfecte mortui, tunc / (31) possemus etiam divina sapere.

Quis est qui melius habet? Utique qui pro Deo aliquid pati valet.

(Tudo é vaidade, excepto amar a Deus e servir só a Ele. Procura abstrair o teu coração do amor das coisas visíveis e transferi-lo para as coisas invisíveis. O que é que te faz obstáculo e te molesta mais do que os desenfreados afectos do coração. É verdadeiramente sábio aquele que faz a vontade de Deus e abandona a sua própria (Da Imitação de Cristo). Não há paz no coração do homem carnal. Se estivéssemos totalmente mortos para nós próprios, então poderíamos também saborear as coisas divinas. Quem é que possui o que é melhor? Por certo, aquele que é capaz de sofrer alguma coisa por Deus!)

Sendo a reparação a minha vocação especial, preferirei sempre, enquanto Deus quiser e for útil a Sua obra, que Ele me conduza pelo sofrimento antes do que pela saúde, pela pobreza antes do que pelas riquezas, pelos desprezos antes do que pelas honras.

Aut pati, aut mori.

Cupio anathema esse pro fratribus meis.

Potius pati cum Christo quam laetari cum mundo.

(Sofrer ou morrer.

Suspiro ser anátema pelos meus irmãos.

Antes sofrer com Cristo do que alegrar-me com o mundo).

VI- o pecado, que mal odioso!

Como era linda a harmonia dos céus depois da criação dos Anjos!

Todos louvavam a Deus, e com quanta elevação!

Todos O adoravam, e com quanta humildade!

Todos O amavam, e com quanto ardor!

Todos Lhe obedeciam, e com quanta submissão!

Deus descobre diante deles os planos da sua providência, mostra-lhes o Verbo Incarnado e Maria sua rainha e os homens que se tornariam seus irmãos. Satanás revolta-se: oh, mistério profundo da liberdade! Era preciso então que Satanás / (32) fosse maldito e que toda a criação se lhe tornasse inimiga.

Que imensa desordem e que tristes consequências!

- E o pecado de Adão!

Deus ama Adão e conversa com ele. Todas as criaturas lhe sorriem. Os Anjos são seus familiares. Ele irá ser irmão deles, se for fiel; mas desobedece!

Desfazer a harmonia do plano divino, resistir à autoridade infinita, ser ingrato ao amor sem limites de Deus, que desordem! E que tremenda maldição merecida! E que dilúvio de males que desencadeou! A ignorância, a concupiscência, o sofrimento, a morte! Todas as desordens que devastam a terra são a consequência deste pecado.

Ó pecado! Quanto horror deverias inspirar a todos os homens!

Todo o sofrimento é obra tua..., até Jesus na cruz!

Antes morrer que cometer ainda um pecado voluntário e deliberado!

VII- Confusão e arrependimento

Domine, ne in furore tuo arguas me!

Anima mea, turbata est valde.

Miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum.

Ne derelinquas me, Domine Deus meus, ne / (33) discesseris a me.

Afflictus sum et humiliatus sum nimis.

Domine, ante te omne desiderium meum.

Domine, clamavi ad te , sana me...

(Senhor, não me condeneis na vossa ira!

A minha alma, está muito turvada.

Tende piedade de mim, Senhor, porque estou enfermo.

Não me abandoneis, Senhor meu Deus, não vos afasteis de mim.

Estou aflito e demasiado humilhado.

Senhor, estão diante de vós todos os meus desejos.

Senhor, clamei por vós, sarai-me...)

VIII. Ó Maria, vós que tivestes tanto horror a todo o pecado, a toda a ofensa contra Deus, mesmo a toda a negligência, ajudai-me a ter esse mesmo horror!

Alcançai-me uma grande delicadeza de consciência, um grande amor à pureza, o ódio às minhas faltas passadas...

Ó Jesus, suplico-vos por Maria que não permitais mais que eu vos ofenda. Vós, tão grande, tão santo, tão bom, eu já vos ofendi tanto! Eu deveria morrer de dor e de vergonha.

Perdoai-me! De hoje em diante quero, com a ajuda da vossa graça, amar-vos e consolar-vos.

IX- *Dissipavit omnem substantiam suam.*

(Dissipou toda a sua riqueza).

Que foi feito das graças do meu baptismo, da minha primeira comunhão, da minha conversão, dos meus retiros, da minha vocação, das minhas ordenações?

Nemo tam prodigus fuit. Nonne immensam substantiam iterum atque iterum dissipavi? "Cupiebat pasci siliquis" - Nonne ego quoque saepe-saepe usque huc deveni ut anima mea miserrimis alimentis pasceretur? / (34) "Surgam et ibo ad patrem". Surgam citius et ibo confidenter ad amatissimum Patrem et confitebor peccatum meum.

Redde mihi, pater amantissime, stolam primam et annulum et calceamenta.

(Ninguém foi tão esbanjador. Não dissipei eu uma riqueza imensa mais e mais vezes.

"Ansiava alimentar-se das alfarrobas." Não cheguei eu também muitas e muitas vezes ao ponto de me alimentar de misérrimas comidas? "Levantar-me-ei e irei ter com o pai."

Levantar-me-ei rapidamente e voltarei confiante ao Pai muito amado e confessarei o meu pecado.

Restitui-me, ó Pai muito amado, a estola primeira e o anel e as sandálias

X. *"Dilexi te, ideo attraxi te miserans."*

Dilexisti me amore gratuito, licet nihilo amorem sim meritis, imo cum odium plane merebar.

Dilexisti me generose, dilexisti me vehementer.

Dilexisti me quotidie amore illo quo Lazaram amicum tuum suscitasti, amore quo Joannem apostolum tuum diligebas, cui permisisti in coena super pectus tuum recumbere.

Attraxisti me miserans, ita vere miseratus super miserias meas infinitas. Attraxisti me gratia, attraxisti Eucharistia, attraxisti vocatione.

Attraxisti me quum toties intus mihi dicebas: Sequere me.

Attraxisti me et attrahis me ut Cordi tuo amantissimo et moestissimo amorem et consolationem exhibeam.

("Amei-te, por isso atraí-te, cheio de compaixão").

Amaste-me com amor gratuito, embora eu não tenha merecido por nada esse amor, antes pelo contrário merecia todo o ódio.

Amaste-me generosamente, amaste-me veementemente.

Amaste-me cada dia com aquele amor com que ressuscitastes Lázaro vosso amigo, com o amor com que amavas o apóstolo João ao qual permitistes, na Ceia, descansar a cabeça no vosso peito.

Atraístes-me cheio de piedade, e realmente tiveste misericórdia das minhas misérias infinitas. Atraístes-me com a graça, atraístes-me com a Eucaristia, atraístes-me com a vocação.

Atraístes todas as vezes que dizíeis dentro de mim: segue-me.

Atraístes-me e atraís-me para que ofereça amor e consolação ao vosso Coração amantíssimo e aflitíssimo).

XI. Ó Jesus, ó meu Rei, eis-me ao vosso serviço. Quero caminhar ao vosso lado, para o trabalho, para a luta, para o sofrimento. / (35)

Alguns dos vossos ministros combatem frouxamente, ou vos atraíam. Eu quero compensar-vos e consolar-vos com o meu amor, com o meu zelo e com uma reparação constante, com a ajuda da vossa graça, sem a qual nada posso.

Vós tendes por trono uma cruz e por coroa uns espinhos. Quero seguir-vos até aí, espalhar o vosso reino pela cruz e pelo sacrifício.

Ofereço-me todo a vós.

Vós abraçastes a pobreza e o desprezo; eu quero abraçá-los também como vós.

Quero combater os vossos inimigos até ao mais íntimo de mim e submeter em mim a sensualidade, os afectos naturais e todas as vaidades.

Aceitai o meu sacrifício, ajudai-me a torná-lo perfeito.

XII- *Ecce venio- Ecce ancilla*

A Trindade augusta contemplava a terra, já não era a hora do dilúvio, era a hora da redenção. A iniquidade chegara ao seu máximo. O Reino de Deus parecia estar destruído sobre a terra. O Verbo pronuncia o *Ecce Venio*.

Maria contemplava igualmente a terra. Num êxtase de amor e de sofrimento, ela dizia: "*Veni, Domine, et salva populum tuum* (Vem, Senhor, e salva o teu povo). Ela evocava o Deus-vítima, o rei anunciado por Isaías e Jeremias. / (36) Ela amava-o antecipadamente, prometia ser-lhe fiel; o seu coração desfazia-se de amor por esse instrumento divino da glória de Javé, por esse reparador supremo, por esse salvador dos homens.

Ela dizia; *Ecce ancilla*, eu serei a serva do Senhor para amá-lo, imitá-lo, dedicar-me a Ele.

E o anjo lhe diz: "Vós sereis a Sua mãe,

Ecce venio, ecce ancilla, é a vocação dos oblatos, das vítimas: oferecer-se para amar, reparar, imolar-se; oferecer a própria vontade, o próprio coração e todo o ser.

Ecce venio, ecce servus Domini.

XIII- Ó Jesus, por Maria, fortalecei no meu coração o espírito de paz e de santa alegria. Que esse seja o fruto desta contemplação do Nascimento!

Pax hominibus bonae voluntatis! (Paz aos homens de boa vontade).

Deus realizava nos corações de Maria e de José o que Ele anunciava pelos Seus anjos.

Maria contempla na paz e no amor.

Ela compreende sempre melhor o *Ecce venio*.

Ela repete o *Ecce ancilla* e une-se ao Cordeiro divino, à divina vítima reparadora que acaba de nascer.

Ó Maria, pela vossa poderosa intercessão, amamentai com o leite da graça a obra reparadora que acaba de nascer. É mais uma vez Jesus / (37) que renasce nas Suas obras. Ele quer ser-vos ainda devedor do crescimento e dos cuidados maternos. Eis que esta obra estende avidamente os braços para vós. Ajudai-a, alimentai-a, amai-a.

XIV. O mistério da Santa Ceia é todo amor e sacrifício. É o Coração de Jesus todo inteiro que age: as últimas conversas em Betânia, a separação de Maria, Marta e Madalena; o transporte do cordeiro; pelo caminho, as recomendações dadas a João para o momento do sacrifício; a última preparação dos apóstolos para o sacerdócio, para a sua primeira comunhão; o lava-pés, última purificação; a instituição do sacramento do amor, o *desiderio desideravi* (Desejei ardentemente), o hino de acção de graças; o último discurso, efusão do Divino Coração; Jesus a caminho da agonia renovando o Seu *Ecce venio...* É realmente o cúmulo do amor, esta vigília sagrada. É a obra-prima do amor infinito que se sacrifica por nós.

Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos. (Tendo amado os Seus, amou-os até ao fim).

XV. No Getsémani, Jesus não tem nem um só dos Seus apóstolos para rezar com Ele. Um dia como esse!... Depois da Ceia! Depois do Lava-pés! Depois da Eucaristia! Depois da instituição do sacerdócio! Depois do discurso em que lhes manifestou todo o Seu amor e lhes predisse / (38) todos os Seus sofrimentos.

Ele pensa nos apóstolos do futuro, nos sacerdotes. Ele pensa na sua frieza, na sua ingratidão, na sua indiferença.

Se Ele achasse ainda outros São João, que voltassem para Ele após alguns momentos de sono e de fraqueza e que O seguissem depois até ao Calvário, até à cruz!

Fiat! Fiat!

XVI- *Ecce mater tua !* (Eis a tua mãe)

Como é suave este pensamento!

Como isto é inebriante, na verdade!

A mãe de Jesus torna-se a minha mãe!

Ela permite-me amá-la e sou amado por ela!

Ela adopta-me, ela vela sobre mim, protege-me, ama-me, ela é a minha mãe.

Quid retribuam! Que farei eu por ela, pela sua honra pelo seu culto?

Amá-la-ei como mãe.

Serei fiel em prestar-lhe homenagem.

Trabalharei para espalhar o seu culto, para fazê-la conhecer e amar

Ecce mater! Ecce filius!

Tota est mihi, totus tibi esse volo!

Tibi laus, honor, reverentia, dilectio,/ (39) devotio.

Totum Cordi tuo me trado, ut totum me Cordi Jesu trades.

(Eis a mãe! Eis o filho!

És tudo para mim, quero ser tudo para ti

A ti o louvor, a honra, a reverência, o amor, a devoção.

Entrego-me todo ao Teu Coração, para que me entregues todo ao Coração de Jesus.)

.....

CORRESPONDÊNCIA

Algumas cartas para completar o quadro deste ano lectivo.

O Rev. Demiselle encoraja-me. Escreve-me de Val-des-bois, 26 de set. 79:

“Também este ano passo algumas semanas na casa do Sr. Harmel. É um retiro encantador na casa de uma família da qual eu agora já faço parte. O R. P. Cornaille, Reitor do pensionato S. José de Reims, falou-me da vossa casa. Ele julga-a chamada a um belo futuro; ele sabe que tendes um bom pessoal. O senhor Harmel gostaria sempre de vos ver noutra cenário, numa Universidade católica, por exemplo. Eu digo-lhe que a obra por vós formada em S. Quintino é de uma importância capital e ele acaba por se render às minhas razões. Está-se imprimindo a 3ª edição do seu manual ¹³⁴

O meu antigo superior, o Rev. Dehaene escrevia-me as suas últimas cartas; morreria no ano seguinte¹³⁵.

27 de Agosto de 80 - “querido P. Superior e digno amigo, muito vos agradeço a vossa carta do outro dia e o convite que tendes a bondade de fazer-me. Conservo / (40)

¹³⁴ Leão Harmel escreveu o Manual duma corporação cristã (1877).

¹³⁵ O R. Pedro Dehaene morreu em Hazebrouck a 15 de Julho de 1882 (e não 1881).

sempre por vós uma dedicação especial e tenho o mais vivo interesse pela vossa obra que apenas vislumbrei e que a Providência, como eu lhe suplico, parece querer que leveis a bom fim. Ouço às vezes uns padres de real valor e de oração dizer à minha volta: Para quê essas novas congregações? - E todavia, que se poderá fazer de sério e duradouro sem esse laço? A palavra de Jesus: “ *Ubi duo vel tres congregati sunt in nomine meo ibi sum in medio eorum*” será sempre verdadeira e verifica-se todos os dias. Coragem, portanto! Quando poderei eu ir-vos ver no meio da vossa obra? Desde algum tempo, sofro muito de nervos. Os médicos proíbem-me de falar em público, e de qualquer cansaço grave no confessionário. Tenho de me habituar a não fazer nada ou antes a fazer uns nada, o que não é *uma pequena punição*. Peço a Deus, e rogo-vos que peçais por mim, uma perfeita paciência e ousa acrescentar: a calma, a alegria no sofrimento. Por este ano ainda, adeus à minha visita a S. Quintino e ainda mais ao breve retiro que vós desejais. / (41) Sinto-me absolutamente incapaz fisicamente para tal. E vós, quando vos vermos de novo no S. Francisco¹³⁶? Amemo-nos sempre a torto e a direito, em Cristo...”

29 de Set. 80 “Caríssimo amigo e Padre: agradeço-vos por me dizerdes algumas palavras sobre a vossa obra. Vós colocais S. Francisco no Coração sagrado de Jesus...O vosso fim é fazer penetrar com S. Francisco os mestres da juventude no Coração Sagrado do Salvador que diz: Deixai vir a mim as criancinhas. Coragem! Espero que Jesus e Francisco estejam convosco. Agradeço-vos mais uma vez por me ter relembrado a amizade da vossa excelente família que eu nunca poderia esquecer. Lembrar-me-ei sempre da amabilidade do vosso tão bom pai, da doce e digna devoção da vossa terna mãe, a bondade do vosso irmão Henrique. Quando houver ocasião, as minhas melhores saudações a todas essas pessoas queridas.

A minha saúde fortaleceu-se; consigo domar com melhor resultado a bizzarria dos meus nervos, e guardo a firme esperança de poder ir ver-vos algum dia em S: Quintino, no meio das vossas obras, para passar depois de novo em La Capelle. Mantende-me informado do andamento da vossa congregação. Rezemos enormemente uns pelos outros!...”

-Este santo sacerdote, que fora meu director durante quatro anos, já não devia escrever-me mais; iria / (42) para o céu no ano seguinte.

¹³⁶ O R. Pedro Dehaene abriu, em 1865 em Hazebrouck um colégio livre para a instrução secundária: o Instituto S. Francisco de Assis. Em 1873 foi transformado em seminário menor. Ao mesmo tempo, o R. Dehaene projectava uma

Uma carta do Rev. Bougouin (de Poitiers), de 16 de Março de 80, confirmava-me o que eu já sabia, que o mesmo espírito de reparação ao S. Coração pela santificação do clero soprava também noutras partes: - “ A vossa carta interessou-me muito. Eu desconhecia os pormenores comovedores que nela me dais; fazeis-me lamentar ainda mais o meu afastamento de vós. Deixai que vos diga toda a parte de viva simpatia que eu sinto por essa generosa tentativa de vida religiosa. O vosso fim é nobre, digno de ser patrocinado, pois trata-se da honra de Jesus, Sumo-sacerdote, e da honra da nossa classe sacerdotal. Vós retomais, a favor deste nosso pobre século amesquinhado, o pensamento do R. Olier, do P. Condren e da sua escola sobre a santificação do clero, e dais à vossa obra uma forma especial atribuindo-lhe como fim a reparação pelas ofensas que mais afligem o Coração do Senhor.

Talvez vós não sabeis ainda que, além dos Padres de Nossa Senhora do S. Coração de Issoudun, que entram também, dizem-me, nessa mesma corrente de ideias, mas talvez menos exclusivamente, está a ser fundada em Tours uma Congregação da Santa Face cujo fim é igualmente a reparação, sob a direcção do deão do cabido, Rev. Janvier, e para / (43) continuar o apostolado do R. Dupont. - Eu sei que, por seu lado, o P. De la Passardière, superior do oratório de S. Filipe Néri em França, e residente em Draguignan, religioso ainda jovem, de um grande talento e todo inflamado, dá à sua obra um fim paralelo se não idêntico ao vosso... Li com emoção a vossa carta, procurando imaginar as vossas alegrias e esperanças, mas também as vossas preocupações e cuidados inseparáveis de uma obra dessa importância nos seus começos...Senti que tendes coragem e uma vontade decidida. Tendes os encorajamentos do vosso bispo e o apoio da sua aprovação junto do Papa; essa é uma força preciosa... Falei na vossa obra e referi as vossas esperanças ao nosso Cardeal: a sua simpatia para com a vossa pessoa é segura ; quanto do resto, vós conheceis a sua prudência... ¹³⁷ Tende a certeza, querido amigo, da minha ajuda por pequena e fraca que seja. Partilharei com o coração e a oração das intenções que nos interessam a todos em tão alto grau...” / (44)

congregação sacerdotal dedicada ao ensino e à educação da mocidade.

¹³⁷ É o Card. Luís pie, que morreu a 18-05 1880.

Ano Lectivo 1880 - 1881

S. JOÃO – REABERTURA

Leio no *Águia* de 24 de Outubro: “ A nossa cara comunidade retomou o caminho. É interessante a visita às cinco salas de estudo e às quinze aulas, em que todos se disputam com afimco entusiasta, mas com perfeita cortesia, os louros desses novos jogos Olímpicos, não menos dignos de serem celebrados do que aqueles que foram exaltados por Sófocles, Eurípedes e Horácio.

“Olhai agora para esses lutadores divertindo-se nos dois campos de jogo, onde se encontram reunidos e apertados sob os olhos dos seus professores digamos melhor, dos seus pais; e dissei-nos se, na animação geral, vos é possível distinguir os novatos dos antigos alunos da casa...”

As construções da nova ala continuavam, demasiado lentas para os nossos desejos. Tivéramos dificuldade em alojar o nosso excedente de trinta novatos.

“ Quarta-feira à noite, acrescentava o *Águia*, para valorizar, com o brilho da tua presença, / (45) a novena de S. Quintino, chegou o nosso senhor bispo. Ele quer dar-nos uma nova prova da sua paterna bondade, bem conhecida e apreciada pela nossa família, celebrando no Sábado próximo a Missa do Espírito Santo pela nossa intenção. No dia seguinte, assistiremos à grande solenidade da tarde: Vésperas pontificais, sermão do R. Lemann. - Estarão presentes cinco Bispos...”

O ano segue o seu curso normal, com o seu trabalho regular, as suas festas, os seus exames.

Encarregara-me eu da instrução religiosa dos grandes. Fazia-lhes a meditação de manhã, a leitura espiritual no estudo da tarde. Dava as notas ao Sábado e presidia ao conselho dos professores. Podia assim exercer sobre os alunos uma acção bastante contínua. Confessava um bom número deles.

O REV. JOSÉ MARCHAL

No mês de Março perdíamos um dos nossos jovens professores, o Rev. José Marchal, irmão do Sr. Eugénio Marchal. Era um pequeno Luís Gonzaga. Morreu

tuberculoso. Fui ao seu funeral, em Douilly, com um grupo de alunos. Foi-me fácil dirigir aos assistentes algumas palavras edificantes, por ocasião desta morte: - "*videbunt finem sapientis et non intelligent quid cogitaverit de / (46) illo Deus*" (Sab. 4,17): os homens verão a morte do sábio e perguntar-se-ão em que é que Deus estava pensando. - Não é este o grito que sai dos nossos lábios, vendo o golpe que a morte acaba de descarregar? Uma inteligência de eleição, um coração rico dos mais nobres afectos, uma vontade firme e enérgica para o bem, e todos esses dons na idade em que o homem entra na vida, cheio de ardor e de generosidade; que tesouro perdido para o mundo! Que bom operário arrancado à obra de Deus sobre a terra! Em que pensou Deus, e qual foi pode ser o seu segredo? Antes de salientar esse segredo divino, unamo-nos ao pesar desta família tão cruelmente provada... Mas para esta dor há uma poderosa consolação que encontramos no próprio texto inspirado pelo Espírito Santo. Ah! O segredo destas mortes que nos espantam, é que Deus, Ele também, ama essas almas: Ele que colocou no fundo do coração do homem os mais santos afectos não quis privar-se do direito de amar. Eis porque, quando Ele encontra uma bela alma, se apressa por vezes, em levá-la para o céu para fazer-lhe gozar mais cedo a felicidade dos eleitos. (*Placens Deo factus est dilectus, et vivens inter peccatores translatus est... Placita enim / (47) erat Deo anima illius: propter quod properavit educere illum de medio iniquitatum*) (Ele agradou a Deus e foi por Ele amado, e transferiu-o do meio dos pecadores, onde vivia...a sua alma era agradável ao Senhor; por isso Ele apressou-se a retirá-la do meio da perversidade) (Sab. 4, 10-14). Como era bela, na verdade, essa alma do jovem sacerdote cândido e puro, e como o Nosso Senhor devia amá-la. Ele pertencia a essa casta geração de virgens para as quais o Senhor mostrou sempre tanta predilecção...

AS NOSSAS FESTAS

A 27 de Dezembro, os nossos alunos representaram *Le Revenant* (O fantasma). S João era sempre uma grande festa; convidávamos o sr. Arcipreste e alguns amigos.

No Carnaval, foi o Círculo que representou *M. de Pourceaugnac*.

A grande festa de S. Leão levou-nos este ano até Coucy-le-Château. Tínhamos alugado umas viaturas. O programa, como sempre, era imponente; Missa em Folembray,

visita do parque e da fábrica de vidros. Em Coucy, jogos, almoço entre as ruínas, mongolfieras, etc...¹³⁸

Para os nossos alunos eram dias inesquecíveis. Eles mereciam-nos pelo afecto filial que testemunhavam aos seus superiores. O dia da excursão era sempre precedido por um dia de oração e de comunhão.

Na Quinta-feira santa também, tínhamos sempre um bom encontro. O sr. Arcipreste vinha almoçar connosco e anunciava os prémios de excelência.

A 12 de Junho, lindo dia de primeira / (48) comunhão. Tomaram parte nela 22 jovens. O Sr. bispo fez questão de presidir pessoalmente à primeira comunhão, depois administrou o crisma aos nossos alunos. O Rev. Labitte preparava admiravelmente os rapazinhos para este grande acto.

CARTAS DO SR. BISPO

O Sr. Bispo escreveu-me frequentemente este ano a respeito de Edgar Thibaudier, que nos foi retirado pela Páscoa. O Sr. Bispo nas suas correspondências mostrou uma bondade e sabedoria heróicas, mas não obtive nenhum resultado com esse pequeno crioulo.

Escreveu-me também a respeito dos professores. Na reabertura deu-me o R. Vaillant, e mais tarde o Rev. Leclair e o Rev. Bray.

A 2 de Janeiro, escrevia: “ fiquei sensibilizado, mais do que possa dizer-vos, com a expressão dos vossos sentimentos e dos vossos votos: crede que o meu coração responde ao vosso, e considerai como bem expresso o que me vejo condenado a dizer tão mal...”

A 24 de Fevereiro – “... Receio não poder acrescentar no próximo ano, nenhum professor aos que já tendes da diocese. Não vos inquieteis por causa disso; eu continuo sendo o que fui no passado; mas receio vir-me a encontrar muito em apuros. - / (49) Conto passar em Liesse os dias 7 e 8 de Março; não vos esquecerei...”

¹³⁸ N T Estas “mongolfieras” são balões que sobem por força de ar quente. Os nomes vêm dos irmãos Montgolfier que foram os primeiros a subir num balão desses.

21 de Abril - (Edgar é tirado do colégio e confiado a seu tio que o colocará no liceu de Montpellier). “Meu caro superior, a vontade do pai do Edgar é formal; as poucas linhas que me escreveu não contêm nem uma linha de agradecimento. Portanto, não fiz a mínima objecção; recebi com benevolência o Sr. Lachapelle (seu tio) que se apresentava (213) educadamente. A visita do Edgar ser-me-á dolorosa; mas não podia recusá-la. Façamos o bem até ao fim; o essencial é que o coração não sangre de remorsos. Deus fará talvez sem nós o que não se dignou fazer por meio de nós. Em todo o caso Ele não nos pede aquilo que não depende de nós. Todo vosso em N. Senhor.”

12 de Junho (após a 1ª comunhão). “ Tencionava anunciar no pátio, antes de partir, aos vossos caros alunos, o feriado que tínhamos combinado: a visita à vosso novo edifício fez-me perder de vista essa boa pretensão. Peço-vos, que tenhais a bondade de reparar esse esquecimento, se não o fizestes ainda, e assegurai a grandes e pequenos que os abençoe todos os dias do fundo do coração...”

OS PRÉMIOS

Era 3 de Agosto. Uma linda festa, como / (50) sempre. Mons. Hautcoeur, Reitor das faculdades católicas de Lila, preside em traje de cerimónia. O Sr. Rigaut faz o discurso de praxe sobre a educação cristã. Mons. Hautcoeur fala da universidade católica de Lila. Desta vez, descanso.

Tínhamos cinco bachareís a nomear:

Gustave Hazard, de la Fère,

Charles Mercier, de Bone;

Paul Cornilus, de St-Quentin;

Georges Lefèvre, de Laon;

Jules Damiens, d’Hirson.

ALUNOS

Fazia-se um grande bem no s. João, sobretudo nos primeiros anos. Poderia mostrá-lo pelas centenas de cartas em que os alunos exprimiam sentimentos cristãos e

delicados, tanto durante as férias, como depois de acabar os estudos. Algumas amostras bastarão.

Gustavo D. escrevia-me em 1880: “ Sr. P. Superior, venho agradecer-vos as benevolências especialíssimas que tendes por mim (havia condições de favor na mensalidade). Compreendo o que fazeis por mim, e vós não acolhestes um ingrato. O ano que vai começar dá-me a ocasião de vos dizer que eu vos amo como um filho ama o seu pai, e que nunca esquecerei / (51) nem a nobreza nem a delicadeza do vosso coração. Vós dais-me os meios para conseguir as minhas mais ardentes aspirações. Não será com palavras, mas será com factos que provarei a minha gratidão, mas visto que me será impossível compensar tudo o que recebi de vós, tenho a certeza que o S Coração se encarregará de completar o que eu não poderei fazer. - Desde que estou convosco, já vos causei muitas inquietações e mágoas, com o meu carácter leviano; Oh peço-vos sinceramente perdão e prometo-vos que me dominarei tão bem que ninguém terá nada mais a criticar no meu comportamento. Não sou bom cristão, sê-lo-ei; eu não trabalho bastante, trabalharei e com a graça do S. Coração, passarei os exames, por vós e pelo s. João. - Os meus votos, vós os conheceis: que o S. Coração conserve a saúde de todos os que vós amais, que cumule das suas bênçãos o S. João e a vossa congregação, que a vós restitua a saúde, que vos dê uma multidão das alegrias que o padre e o superior desejam, e que a provação, se tiver de vir, passe de pressa...!”

O mesmo escrevia durante as férias: “ Obrigado pelas boas palavras que me mandastes; se soubésseis quanto bem elas me fizeram!... / (52) Sabeis bem que tendes toda a minha confiança e a minha afeição filial...”

Ele conservou-se bom.

- O bom Carlos G. encontrou connosco a vocação sacerdotal, seu pai, que suspeita disso, retira-o da nossa casa depois da Retórica, e coloca-o, para fazê-lo esperar, como professor no colégio de Rethel. Escreve-me frequentemente.

Janeiro 80 – “ Venho pedir-vos alguns conselhos e abrir-me um pouco convosco. Desde que mandei a minha última carta, estudei a casa, perguntei a mim mesmo se deveria ficar aqui e o que deveria fazer. Eu não estou nada edificado... seguirei todos os conselhos que me derdes. Fui túbio de alguns dias para cá, mas vou armar-me de coragem e cumprirei todos os meus deveres. Escreva-me, faça-me esse favor.

Maio 80 – (Ele deixou Rethel e obteve do pai a autorização para ir estudar filosofia no seminário menor de Charleville). Estou no seminário menor de Charleville desde terça-feira à tarde, os começos foram um pouco duros, porque o regulamento é severo, mas já me habituei. O espírito dos alunos é excelente. Aqui reza-se e trabalha-se muito. Já fui recebido / (53) na congregação dos Filhos de Maria... Pensei muito no S. João, no dia 11¹³⁹. Lamentava-me por já não estar aí, e consolava-me rezando por essa querida casa.”

Junho 80. “ Há dias, recebi notícias do S. João através de M. G. Disse-me que vós estais longe de vos sentir tranquilo e que esses dias negros que se prevê deverem chegar em breve, tinham já, por assim dizer, começado para vós (pelo medo de expulsão). Querem privar-vos de professores. Mas ficarão por aí? Asseguro-vos que essas notícias me causaram muita pena. Eu amo sempre o S. João, e todo o mal que vierem a fazer-vos, eu o sentirei como se eu fosse ainda vosso aluno...”

Agosto 80 – “ Meu pai consente em deixar-me entrar no seminário no próximo mês de Outubro. Sinto-me feliz, mas não sei ainda para onde irei, se para Issy ou para Soissons...”

- Pedro C. era uma natureza de eleição. Foi duramente provado... Nas suas férias de Páscoa escrevia-me: “ Sr. Superior e venerado Padre, estais vendo que o Pedro não vos esquece e que vem confiar-vos as suas penas. Cheguei a M. às 10,00 horas do sábado, e imediatamente apanhei uma reprimenda pelas minhas notas, porque / (54) tive um “ quase óptimo”. Por causa disso não irei a Paris... Temo de não voltar a ver-vos na Páscoa, porque a mãe perguntou-me se vos tinha dito *adeus*, a vós e ao Rev. Rigaut. Perguntei-lhe porque me fazia essa pergunta; respondeu: “ Nunca se sabe o que pode acontecer”. Se eu vos deixar, ficai certo que se não estou no S. João com o corpo, lá estarei sempre em espírito. A cruz que eu carrego neste momento é pesada; pedi a Deus que me ajude a levá-la. Todas as vezes que eu rezo, peço isso ao Senhor. Não sei porquê, mas nestas férias sinto-me mais disposto a rezar. A verdade é que durante a Semana Santa tinha obtido graças que me dão força agora. Estou resolvido a guardar-me todo para Deus, especialmente de algum tempo para cá. Não sei como poderei dar-me a Ele da melhor maneira. Espero chegar a sabê-lo. Rezai por mim; se soubésseis quanta necessidade tenho de orações!...”

¹³⁹ Nt O dia 11 (de Abril) é a festa de s. Leão Magno.

- Paulo L. foi para férias com boas disposições. “ Aproveito um momento de vagar para escrever-vos algumas linhas. Ocupo-me com trabalhos manuais para / (55) descansar bem a cabeça a fim de trabalhar melhor quando voltar para junto dos meus bons mestres... Farei todos os esforços para agradar a Deus e também ao meu Superior... – Os meus pais não estão dispostos a cumprir o preceito pascal. Não chegarão lá este ano, não têm ainda convicções suficientes para isso. Meu pai falou-me da minha vocação; respondi-lhe, como estava combinado, que pensarei nisso quando tiver obtido o meu diploma...”

OBRAS

Este ano deixei quase completamente o Círculo e o Patronato nas mãos do P. Rasset. Já, praticamente, nem lá ia. Mas o bem era feito na mesma.

Os jovens do Circulo representaram-nos uma comédia pelo Carnaval. O colégio assistiu.

S. João e a congregação absorviam o meu tempo. Ia com mais frequência ao Convento onde a vida sobrenatural era intensa. Ir lá, era para mim uma grande alegria e uma graça.

Já não podia assistir às reuniões anuais da Obra dos Círculos em Paris; mandava um relatório sobre a nossa obra, / (56) neste ano e nos seguintes.

Tivemos este ano o sínodo diocesano em Soissons, de 29 Agosto a 1 de Setembro, para a preparação dos Estatutos. O Sr. Bispo nomeou-me secretário, com o R. Mignot; ajudei na redacção das actas...

ACONTECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS – ROMA

O santo Padre leva por diante a sua grande acção doutrinal, isto é, a teologia da vida social cristã; e as actividades accidentais que respondem às necessidades actuais.

Quanto ao trabalho doutrinal, já nos deu nos anos anteriores as suas encíclicas:

. *Inscrutabili*: sobre o mal-estar social (21-4-1878);

. *Quod apostolici*: sobre os erros contemporâneos (28-12-1878);

. *Aeterni Patris*: sobre a filosofia cristã (4-8-1879);

. *Arcanum divinae sapientiae*: sobre o matrimónio e a família (10-2-1880).

Começa agora os seus ensinamentos sobre a vida social cristã propriamente ditacom a encíclica *Diuturnum*, sobre a origem do poder civil (29-6-1881).

“ Todas as comunidades precisam de chefes. A natureza e a razão exigem-no, e Deus é o autor da natureza e da razão. A fonte do poder, no Estado, vem portanto / (57) de Deus; só a escolha do detentor desse poder é feita pelos homens. Os príncipes exercem a autoridade em nome de Deus e devem prestar contas a Deus. Eles têm direito à obediência, salvo em caso duma ordem manifestamente contrária ao Direito natural ou divino. Os príncipes e os povos encontrarão nesta doutrina um amparo poderoso. Os príncipes verão a sua autoridade fortalecida, os povos verão os seus direitos respeitados.”

Concomitantemente aos seus grandes ensinamentos, o Papa, este ano, recomendava as obras da Propagação da Fé, da Santa Infância e das Escolas do Oriente, com a encíclica *Sancta Dei civitas*¹⁴⁰. Com a encíclica *Militans* (12-3-1881) proclama um jubileu extraordinário, por causa da grande necessidade de graças que a Igreja e os povos cristãos têm,...

FRANÇA

As maravilhas de Lourdes multiplicam-se. É como um arco-íris no meio da tempestade que se abate por toda a parte.

Nas congregações religiosas, por toda a parte é a expulsão ou ameaças de expulsão. Que os sofrimentos dos justos possam alcançar o perdão dos tiranos.

As lojas maçónicas tornam-se / (58) donas do poder, as Câmaras e o mistério são-lhes submissos. Elas preparam nas suas reuniões o programa do Kulturkampf.

A França está em guerra na China e em Tonquim; esperemos que isso venha a servir para o desenvolvimento da fé católica.

Um valente lutador morre a 21 de Novembro, o P. d'Alzon, cujo carácter valoroso e intrépido apreciei muito.

¹⁴⁰ - É uma alocução consistorial sobre as Igrejas do Oriente, de 13-12-1880. P. Dehon confunde talvez esta alocução com a encíclica de Leão XIII de 30-9-1880: *Grande Munus* sobre os santos Cirilo e Metódio e sobre a evangelização dos Eslavos.

A CASA DO S. CORAÇÃO. CRUZES E CONSOLAÇÕES

Este ano trazia também as suas cruces: *periculum ex latronibus, periculum ex falsis fratribus, etc...* – Dia-a-dia, medo de dissolução e de expulsão. - Continuação do *Tolle* e das calúnias - Processo intentado à Chère Mère, e ganho em primeira instância e em apelo pelo herdeiro da Irmã Maria das cinco Chagas, e por conseguinte perda de todos os nossos recursos. - Dificuldades interiores: o diabo serve-se de dois caracteres fracos que temos entre os nossos para suscitar muitas aflições e dificuldades.

As novas vocações são uma consolação. São bastante numerosas, neste ano, e algumas são mesmo boas. / (59) As agregações de piedosos leigos trazem-nos também uma grande profusão de orações, de boas obras e por vezes também de ajuda material.

VOCAÇÕES

Recebemos este ano:

- A 23 Out. O P. Barthélemy Dessons;
- A 21 Nov. O P. Thadée Captier;
- A 25 Dez. O Ir. Martin Waguet e o Ir. Marc Stempfel;
- A 7 Jan. O Ir. Augustin Herr et Michel Venet¹⁴¹;
- Em Fev: O Ir. André Ozenfant et Paul Delgoffe;
- Em Mar: O P. Ignace Lefèvre;
- Em Abr: O Ir. Léonard Flament - Bernardin Blanqueniaux et Clément Defuida;
- Em Maio: O Ir. Patrice Boulanger;
- Em Jun: O Ir. Pierre Bertrand.

Muitos não perseveraram. Outros iriam trazer-nos grandes cruces¹⁴²

¹⁴¹ - Pelo registo dos votos do P. Dehon, Venet entrou nos Oblatos a 4-2-1881.

¹⁴² - Perseveraram na congregação: o P. Barthélemy Dessons que foi procurador-geral junto da S. Sé de 1891 a 1919 e superior da casa de Roma (1894-1907, 1908-1914). Morreu a 15-6-1923. “P. Dessons não tinha um carácter fácil” (P. Denis, *La projet du P. Dehon*, p. 212).

O P. Paulo Maria Delgoffe foi superior da casa de Quévy (1910-1913) depois conselheiro provincial da província Belgo-Luxemburguesa (1930-1937). Morreu a 18-5-1944. Era um grande pregador, que sabia pôr a serviço da sua

O P. Captier vinha-nos de Issoudum. Era um homem original, um pouco estranho e convencido de ter já recebido graças extraordinárias. Tinha qualidades que falavam em seu favor, nomeadamente ideias por vezes muito lindas sobre a devoção ao S. Coração.

Teve ele a maior responsabilidade nas provações que cedo nos assaltaram. Após ter-se primeiro conservado ortodoxo na sua doutrina, meteu-se depois a defender com obstinação uma espécie de quietismo. / (60) Já não obedecia e queria afastar-nos da obediência simples e humilde ao Sr. Bispo.

Porque o tinha eu recebido? Eu tinha uma confiança grandíssima nas luzes da Ir. Inácio e ela era-lhe favorável. Tinha vindo visitar-nos e pedira à Irmã alguma luz sobre a sua vocação. Desejava saber se a nossa congregação era de facto a Ordem do S. Coração que ele tinha sonhado. As vozes do Senhor responderam-lhe com a palavra de Jesus aos enviados de João Baptista: *Renuntiate Johanni quid vidistis...*(Mt. 11, 4)¹⁴³. O P. Captier chamava-se exactamente João Baptista; era dizer-lhe que a Obra por ele vira era mesmo a obra divina. Veio Deus assim permitiu...

AGREGADOS

Entre os amigos do S. Coração que se uniram a nós pelos laços da agregação, cito os primeiros; dávamos-lhe um nome de religião. Eles recebiam a cruz decorada com o S. Coração, como a que nós usamos. Proferiam um acto de oblação de si mesmos ao S. Coração em união connosco e com as Irmãs Servas do Coração de Jesus.

Eis os seus nomes: / (61)

M. Mathieu, arcepreste: Jean-Marie Quentin;

M. Genty, vigário Siméon;

palavra um temperamento apaixonado e uma voz penetrante que mexia nos ouvintes. A sua devoção era profunda. Como um apaixonado que era, tomava por vezes decisões estranhas e carecia de equilíbrio. Mandou duas cartas ao bispo de Soissons (12 e 30 de Julho 1896), violentas e pouco equilibradas, contra o P. Fundador. Mais tarde, a 6 de Janeiro 1920, ele enviará uma carta ao P. Dehon na qual lhe pede perdão pelo seu comportamento anterior (M. Denis, *Le Project du P. Dehon*, p. 179-180, nota 6).

O P. Pedro Bertrand, exerceu muitos cargos na congregação, entre outros o de secretário-geral (1919-1926), e de conselheiro geral (1926-1931). Morreu a 31-5-1946 (cf. *Necrologium congregationis*, I, 1878-1978, p. 24). O P. Bertrand tinha também um carácter difícil, hipercrítico e pessimista

- Quanto ao P. Tadeu Captier e às suas maluqueiras, cf. M. Denis, *Le project du P. Dehon*, nota 3. Para um estudo mais completo, cf. H. Dorrestijn, *Vie et personnalité du P. Dehon*, notas e estudos: "Père Thaddée Captier" (p. 593-601). O P. Captier deixou a congregação a 11 de Janeiro 1884 (cf. Registo dos votos do P. Dehon, p. 2)

¹⁴³ - Nt Ide dizer a João o que vistes.

M. Leleu, vigário	François;
M. Petit, pároco	Joseph;
M. Quentin, aumônie	Jean de Dieu;
M. Vilfort	Simon de Cyrène;
M. Lhermitte, pároco	François du S. -Coeur;
M. Charle de Montenon	Generosus;
M. Ruandel (de Paris)	Pierre;
Melle de Clisson	Marie du S. -Coeur;
Mme Lecot	Ste-Chantal;
Melle Martin	St-Joseph;
Mme Demont (minha parente)	St-François;
Mme Agombart	St-Antoine de Padoue;
Mme Thiébaud	St-Thomas;
Melle E. Caplain	Ste-Thérèse;
Melle Bocquillon	St-Jean;
Mme Baudouin	Ste-Félicité;
Mme B. de Clacy	Marie de L'Incarnation;
Mme Herr	Ste Monique;
Melle Joncourt	Ste-Madeleine;
Mme Penant (minha tia)	Marie de L'Imm.-Conc. ;
Mme Malézieux	Marie de L'Epiphanie;
Mme Nivoit	S. François de sales;
M. L'abbé Deseille	St-Joseph;
M. L'abbé Beckerhoff	Claude-Marie;
Mme Dehon (minha mãe)	Stéphanie.../ (62)

Muitas destas pessoas viram realmente a sua oferta aceite, e a sua imolação realizada mediante cruzes da Providência. Várias eram contadas entre as pessoas mais edificantes da cidade.

S. MEDARDO

O Sr. Bispo tivera dificuldades com os Irmãos que dirigiam a obra de S. Medardo. Chamou-nos para substituí-los pelo menos provisoriamente. Mandeí os padres Philippot e Falleur a Nantes para se formarem um pouco na prática de professores para surdos-mudos.

A 1 de Outubro o Sr. Bispo escrevia-me: “sinto-me extremamente comovido por aquilo que, vós e os vossos, aceitais fazer para S. Medardo; muito espero que o vosso querido grupinho será recompensado pelo divino Mestre pelo sacrifício considerável e múltiplo que estais dispostos a oferecer ao Coração divino, a bem desses *pobres pequenos* que acreditam nele. - É desejável que os Srs. Lamour, Philippot e Falleur cheguem na Sexta-feira próxima. Conto desde já não somente com a sua coragem e a sua mortificação, mas com a sua humildade e docilidade. Sob a direcção geral do Sr. Cónego Bourse, será o P. Donat, de Citeaux que dirigirá a casa. É um homem experimentado e de um bom senso superior, mas que nunca se ocupou de surdos-mudos nem de cegos.

A 8 de Outubro – “A vossa cara “trindadezinha” está estabelecida em s. Medardo; ela mesma vos dirá quanto modestamente, mas com quanta relativa conveniência pode conservar o essencial da vida comum. Espero que em breve funcionaremos nada mal; mas antes de podermos nadar convenientemente, com certeza teremos de engolir mais do que uma gota de água salgada...”

CARTAS DO SR. BISPO

Várias cartas do Sr. Bispo diziam respeito à obra do Sagrado Coração.

No mês de Dezembro, tinha-lhe pedido que tivesse a bondade de assinar, com outros bispos, uma súplica ao Santo Padre para que a festa do Sagrado Coração fosse elevada ao rito de 1ª classe. Respondeu-me: “Estava mesmo decidido a pedir a elevação

da festa do Sagrado Coração ao rito duplo de 2ª classe¹⁴⁴. Irei ainda mais longe? Não sei. Com certeza, pela dignidade do seu objecto que é o amor divino e o seu órgão especial, esta festa merece a mais alta solenidade; mas pergunto-me se, pela sua abstracção, a ideia deste objecto não deverá ceder às concepções mais concretas da divindade e de Nosso Senhor, que a Igreja nos apresenta / (64) noutras festas. Quando pensamos que a própria festa da SS.ma Trindade é só um duplo de 2ª classe! ...Suponho que a razão disso seja a abstracção do seu objecto preciso e especial. Para os eleitos do céu, eu penso que a maior festa cristã é o 25 de Março; mas cá na terra provavelmente nunca o será. Parece-me portanto, até agora, que mesmo depois do favor providencial e milagrosamente dado à devoção ao Coração de Jesus nos nossos tempos, o seu lugar lógico na hierarquia das festas cristãs fica ainda depois das primeiras... Mas eu percebo bem que esta festa seja elevada à primeira classe não somente em certas comunidades e paróquias, mas até nalgumas dioceses: em Autun, por exemplo, que é a fornalha de onde partiram novos e brilhantes raios de luz; em Marselha...em Paris, onde o universo cristão se está esforçando por erguer a fortaleza de Montmartre...”

A 22 de Janeiro: (tinha-lhe falado de algumas vocações de Lião). “Em Lião, talvez mais que noutras partes, devo abster-me de qualquer propaganda: creio que imediatamente alguém ficaria melindrado. Mas / (65) receberei com grande alegria tudo o que de bom vier de lá: e para vós, de resto, não pode vir nada que não seja excelente. - O Prado é a obra dum santo, é uma obra santa, continuada ainda hoje, creio eu, por homens de grande oração e de grande entrega¹⁴⁵. Todavia, nem todos são homens cómodos...Olhai vós mesmo, meu caro Superior, o que deveis fazer; mas não percais de vista a crise que estamos atravessando; procurai ter pouca gente junta no Sagrado Coração. - Sendo preciso, dar-vos-ei com gosto um sacerdote ou dois para o vosso “super-completo”, com os títulos de coadjutores que não lhes imporiam demasiadas ocupações exteriores...”

A 27 de Fevereiro: “Parece que estais ameaçado por uma nova *linha de ataque*. Vede se há alguma coisa a fazer entre vós...” (o Sr. Bispo era interrogado acerca do nossa congregação)

¹⁴⁴ Nt: As festas litúrgicas até ao Vaticano II eram distribuídas assim

¹⁴⁵ *António Chévrier* (1826-1879) é o fundador do “Prado”. Em 1859 A. Chévrier instala-se no “Prado”, antiga sala de dança que ele converte em “Providência do Prado”. Recolhe aí crianças e pobres. Procura fixar a seu lado alguns padres e forma uma escola clerical. Morre no Prado, a 2-10-1879. A sua casa foi introduzida em Roma em 1903; foi declarado venerável em 1913.

A 16 de Maio – “Estou muito contente com as excelentes provas do P. Captier. Trataremos do assunto do seu ordinário em S. Quintino. Enquanto espera, podeis fazer-lhe e confiar-lhe o que quiserdes!”

A 5 de Julho: - (O Rev. Didiot escrevera-me uma carta animadora quanto ao sobrenatural de S. Quintino, mas parece que noutras circunstâncias era menos positivo). O Sr. Bispo escreve ao Rev. Mathieu: / (66) “Meu caro vigário geral, o Rev. Demiselle acaba de me fazer visita para me informar do que se passou no Congresso Eucarístico, em que se fizeram e disseram coisas muito edificantes. Acrescentou que o Rev. Dehon lhe pedira que se pusesse em contacto com o Rev. Didiot e para pô-lo ao corrente do que passa em S. Quintino: o que o digno cónego não deixou de fazer. A única coisa que eu sublinho da nossa conversa é a opinião emitida pelo Rev. Didiot sobre as revelações da Ir. Maria Inácio. Segundo uma das suas óptimas cartas, o Rev. Dehon julgava esta opinião absolutamente favorável; ora, o Rev. Demiselle disse-me e repetiu-me que o Rev. Didiot está *muito desconfiado* quanto a esse sobrenatural; que ele crê o Rev. Dehon num caminho errado; que ele não quereria que o Rev. Dehon ligasse qualquer parte da sua obra a essas manifestações. A minha atitude e a minha linguagem foram tais que o caro cónego Demiselle não ficou a conhecer nada do meu pensamento... Quanto a mim, que nunca fiquei tranquilizado senão pela reserva e o segredo sobre os quais eu contava enquanto esperava maiores luzes, a minha inquietação cresce de dia para dia vendo, por um lado, uma verdadeira publicidade e o uso já adquirido de apoiar / (67) uma tão grande obra sobre bases tão incertas e, por outro lado, essas mesmas bases perderem a sua aparente consistência.

Continuarei a ser, Deus querendo, pai e pai dedicado até ao fim. Aliás, merecem isso; seria injustiça e ingratidão desconhecê-lo. Não tenho que me queixar da docilidade voluntária, tenho a louvar grandes virtudes, por vezes levadas até ao heroísmo, tenho que dar graças a Deus por uma grande obra, o Instituto de S. João; pelos progressos na oração e mortificação de uma bonita pequena família religiosa, enfim pelo germe já possante duma associação sacerdotal, à qual Deus poderá dar um grande cunho. Um bispo, e com mais razão um amigo, nunca poderá esquecer isso tudo. Mas é preciso que, ao menos por algum tempo, nos guardemos numa grande reserva e num grande silêncio. O Rev. Dehon (não lhe faltarão motivos a alegar para isso) irá raramente, ao máximo de

quinze em quinze dias, ao bairro¹⁴⁶. O serviço às boas Irmãs será feito constantemente pelo próprio capelão e pelo confessor ordinário. Não será comunicada nenhuma revelação ao capelão. Não se enviará ninguém ao convento com intenção de que seja visto pela Ir. Maria Inácio. - A preocupação principal deste momento deve / (68) ser a instituição: essa é a missão que eu entrego. Se Nosso Senhor assim quiser, as outras (obras) terão a sua vez nos nossos cuidados; que Ele se digne suprir, na expectativa, o que nós não podemos fazer por elas. Aliás, elas têm ao menos os elementos para a vida ordinária. Elas estão actualmente no Inverno; que durmam um pouco, enquanto o seu campo (o colégio) receberá o cultivo próprio da época...”

6 de Julho: - “...Enquanto não tivermos sinais muito bem mais evidentes, faço empenho absoluto que sejam observadas as duas normas que sempre tracei: 1º, o segredo; 2º, abstenção de qualquer referência aos escritos ou palavras da Ir. Maria Inácio na conduta administrativa. Todavia reconheço sempre, nos escritos da Irmã, umas coisas muito belas e uma doutrina irrepreensível...”

10 de Agosto: “Os meus melhores votos para a viagem a Lião. Gosto muito do Prado. Permitti-me que vos obrigue em não tentar nada que possa trazer uma situação financeira mais difícil, ou atrasar o desembaraço da vossa situação actual. Não percais de vista que o colégio é neste período de luta que atravessamos, o vosso acampamento entrincheirado. Dedicai-vos / (69) antes de mais nada e acima de tudo a fortalecê-lo.”

19 de Agosto '81: “Recebi do Rev. Didiot uma boa carta a respeito do *Sagrado Coração*. A conclusão dele é que é preciso uma grande circunspecção... O Rev. Dehon quereria obter de mim uma carta para apresentar ao Bispo de Lausana e Friburgo com o fim de obter nessa diocese a autorização duma fundação de refúgio. (Eu fui de facto a Friburgo com o P. Captier; procurávamos um refúgio para o noviciado). Claro que eu estava pronto a certificar o grande mérito e as altas virtudes do nosso caro Superior; mas recearia, confesso-o, que a nova fundação se tornasse algo totalmente diferente de um meio de segurança, isto é, um pretexto para facultar ao Sagrado Coração umas afiliações estrangeiras, que teriam para o grande público e, dado que os dias se tornam cada vez piores, diante da autoridade, um efeito desastrosíssimo. Portanto, se uma fundação dessas viesse a fazer-se, eu gostaria de ignorá-la e de poder dizer que eu não aprovo nada senão para a minha diocese. Creio, aliás, dever repetir que, nos maus dias que

¹⁴⁶ Nt Bairro de S. Martinho onde moravam as Irmãs.

estamos atravessando, a conservação, a boa direcção, o progresso indispensável do S. João, impõem obrigações que devem deixar no espírito e na vida do Rev. Dehon bem pouco espaço / (70) para outras preocupações e para outros trabalhos. O P. D'Alzon durante muito tempo limitou-se, se não me engano, e em melhores condições, a ser o superior da Assunção. Que desgraça se, após termos tão felizmente começado, viéssemos a falhar ou a recuar! Ora, quase certamente grandes dificuldades nos esperam...”

O MEU RETIRO

Também este ano fiz o meu retiro em N^a Senhora de Liesse, na casa dos Padres Jesuítas, de 16 a 24 de Setembro.

Os Meus Apontamentos:

I – Importância deste retiro: todos os cristãos deveriam fazer santamente o seu retiro anual! E os sacerdotes! E os religiosos! E eu, que tenho uma tão grave missão! ...
Reparação ao Coração de Jesus pelos retiros omitidos ou mal feitos...

Exemplos: Moisés no Monte Sinai, S. Francisco de Assis no Alverna; Inácio em Manresa.

Não tenho eu monte de infidelidades e de ingratidões para reparar? Que tenho sido eu na oração, no breviário, no Santo Sacrifício, de há um ano para cá? Que grande graça me é oferecida: uma semana de arrependimento e de lágrimas.

E para o futuro: devo fazer-me santo. O Coração de Jesus espera isso de mim. A missão o exige. Devo tomar desde já desde esta semana uns hábitos de santo. / (71) A natureza deve morrer! ...

II – Fim do homem. - O meu próprio fim: louvar e servir a Deus - exactamente, totalmente, atentamente - louvá-lo na paz, na alegria, no fervor - amar e consolar o Coração de Jesus.

Fazer louvar e servir a Deus - fazer amar e consolar o Coração de Jesus por todos os que me são confiados, as minhas Irmãs, os meus filhos no Coração de Jesus...

Quanto aos mestres e alunos da instituição: zelo em relação a eles; deveres de estado; certificar-me de que cumprem os seus deveres; velar por isso.

Tudo isso para salvar a minha alma, para que eu possa gozar eternamente do amor de Jesus, mas também e antes de tudo, por amor do Seu Coração e para Sua consolação...

III – O fim das criaturas: ajudar o homem a alcançar o seu fim.

Elas proclamam a glória de Deus: protestemos contra os materialistas e os ímpios.

Elas só nos devem servir para o nosso fim, segundo as nossas necessidades, conveniências e honestos divertimentos: reparemos, por todos os abusos que delas se fazem.

Em todo o lado, gostaria de ver consagrar à glória do Coração de Jesus o que a criação oferece de mais rico e de mais belo. / (72)

De um ano para cá, tenho-me eu servido das criaturas para a minha vocação específica? das almas para conquistá-las para o Coração de Jesus, das cruces para reparar, do meu pensamento, tempo e palavra, para o serviço e o amor do Coração de Jesus?

Quantas omissões! Quantas infidelidades! ...

IV – Conclusão Prática

Tornar-nos indiferentes a todas as coisas criadas consideradas em si mesmas. Ver nelas unicamente meios para alcançar o nosso fim.

Servir-me-ei das criaturas para crescer no amor do Coração de Jesus. Todas me falam da Sua bondade e dos Seus sofrimentos.

Por quanto não depende da minha vontade, procurarei ficar indiferente. O Senhor sabe melhor do que eu se é a saúde ou a doença, a riqueza ou a pobreza, o sucesso ou a derrota, que me melhor conduzirão ao meu fim.

Quero por isso viver no abandono habitual à vontade divina, considerando-me mesmo feliz quando o Senhor me sobrecarregar um pouco com a sua cruz, para que eu coopere com Ele na reparação e no reino do Seu Coração.

V – O Triplo pecado

Scito et vide quia malum et amarum est reliquisse te Dominum Deum tuum (Jer 2, 19). / (73)

Implete mensuram patrum vestrorum (Mt 23, 32).

Spiritus ubi vult spirat (Jo 3, 8).

Nescio quando et quo auferetur spiritus gratiarum efficacium, specialiumque favorum Dei: et horum enim apud Deum mensura est...

A ingratidão é proporcional às graças recebidas, aos favores, aos privilégios, aos avisos...

Como são mais amargas ao Coração de Jesus, as faltas de certas almas!

VI – Obstáculos à perfeição:

1º Negligência em preparar a oração, distrações;

2º Negligência da preparação especial da Santa Missa - precipitação, habituação...

3º Acção de graças tibia, imperfeita.

4º Ofício Divino protelado, precipitado, distraído;

5º Afeições naturais;

6º Deveres de estado insuficientemente estimados; almas negligenciadas; reformas omissas...

7º Faltas à caridade com juízos temerários e críticas;

8º Insuficiente mortificação habitual...

9º Exames de consciência diários esquecidos, mal feitos.

10º Quanto ao humano, solitudes demasiado naturais e que invadem os exercícios espirituais;

11º Esquecimento demasiado frequente do fim especial da nossa vocação: amor e reparação ao Coração de Jesus.

Imit. 1. IV. C. VIII. N^o2¹⁴⁷

¹⁴⁷ O Cap. VII da Imitação de Cristo tem o título: “De Discussione propriae conscientiae, et emendationis proposito”(do exame de consciência e do propósito de emenda). O n^o 2 é um longo exame de consciência em forma de oração.

VII - O filho pródigo - *Unam petii a / (74) Domino... ut inhabitem in domo Domini omnibus diebus vitae meae* (SI 26, 4)¹⁴⁸

Os vossos filhos pródigos, Senhor, são incontáveis. Quantos homens usam dos bens paternos como se eles fossem sua exclusiva herança! Até na vida religiosa se encontram, e eu mesmo fui muitas vezes do número deles.

Eu deveria e queria reparar e consolar-vos por todas estas infidelidades.

Para isso, é preciso que eu volte inteiramente para vós, para a minha vocação, para o vosso beneplácito; e eu posso fazer isso com confiança, pois a vossa bondade é tão grande! O Vosso Coração está aberto para me receber.

VIII - O Reino de Jesus Cristo

Vós nos exortais, Senhor, a lutar convosco para dilatar o Vosso Reino, e prometeis-nos a recompensa.

Sim, quero-o, quero trabalhar para dilatar o reino do Vosso Coração. Quero-o por vosso amor, mais ainda do que pela recompensa.

Vós sois o Filho do Rei e nós somos escravos rebeldes. Vós apresentastes-vos ao Pai para implorar o nosso perdão. Em vez de Vos sermos gratos, nós vos ferimos, Vos coroámos de espinhos, Vos trespassámos / (75) o Coração. Vós apresentais-nos esse Coração assim ferido, até por amigos, e perguntais-nos se queremos amar e consolar esse Coração, e fazê-lo amar e consolar.

Ecce Venio!

IX - Imitação de Jesus Cristo

1º - É a nova lei acrescentada ao decálogo.

2º - É o fim principal dos mistérios do Senhor: *Exemplum dedit vobis* (Jo 13, 15)¹⁴⁹

3º - É o nosso bem, a nossa esperança, a nossa glória.

4º É o desejo da Igreja e a finalidade da sua acção.

A nossa imitação deve ser séria, constante, afectuosa.

¹⁴⁸ Nt Uma coisa pedi ao Senhor... habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida.

¹⁴⁹ NT: Dei-vos o exemplo

Para mim, é o Coração de Jesus que eu quero e devo especialmente imitar: *Hoc sentite in vobis...* (Fil 2, 5)¹⁵⁰, a Sua vida interior, a Sua vida de Amor, de reparação, de imolação, de abandono à vontade do Seu Pai.

É o que Ele pede de nós todos hoje, de mim particularmente.

Em todos os Seus mistérios, encontro o Seu Coração. Ele é o centro e a vida, como diz S. Paulo com essas palavras: *Hoc sentite in vobis...* (Fil 2, 5).

X – A Encarnação

Nela, tudo é aniquilamento, amor e abandono. *Ecce Venio, Ecce Ancilla.*

Jesus abandona-se ao Pai para ser imolado, / (76) por amor ao Pai e às almas.

Maria abandona-se à vontade divina prevendo todas as humilhações e os sofrimentos que lhe valerão a sua união com a divina Vítima.

Fiat mihi secundum verbum tuum! (Lc 1, 38)

O Senhor pede-me a mim o mesmo abandono para a reparação, para o reino do Seu Coração, para lhe dar sacerdotes segundo o Seu Coração, para Sua consolação. Ele fará avançar a obra em proporção deste abandono, deste amor, deste aniquilamento. Fiat! Fiat!

XI - O nascimento de Cristo

A pobreza, os desprezos, os sofrimentos, eis o ideal do Coração de Jesus Vítima, eis a pedra preciosa, eis o tesouro.

Até agora, eu não compreendi Jesus, nem a reparação, nem a imolação. Quanto era diferente o meu ideal do Seu ideal!

Como eu estou longe do Caminho, da Verdade e da Vida!

Eu estou somente no a-b-c da verdadeira doutrina.

Domine, da mihi intellectum, ut sciam eligere bonum et reprobare malum (Sl 118, 125; Is 7, 15)¹⁵¹.

¹⁵⁰ NT: Isto procurai sentir em vós

¹⁵¹ NT: Senhor, dai-me inteligência para que saiba escolher o bem e reprovar o mal.

Depois de receber tantas graças! de tantas orações feitas! de tantas missas celebradas!... / (77)

XII – A vida escondida do Senhor

Puer autem crescebat (Lc 1, 80; 20, 40)

Jesus manifestava sempre cada vez mais a Maria e a José os segredos da vida de imolação. Tudo os levava a isso: o crescente amor das suas almas para com Deus, a vista das iniquidades do mundo a serem reparadas, a compreensão das Escrituras e dos sacrifícios figurativos.

Em todos os dias, mas especialmente em cada ano pela Páscoa, o Senhor devia repetir o Seu *desiderio desideravi* (Lc 22, 15). Tudo devia convidá-Lo a pensar sempre nos seus excessos, por exemplo: a leitura das Escrituras, os ritos hebraicos, o dia de Sexta-Feira, a hora das três da tarde, a vista dos pecadores, etc...

Desde a idade de 12 anos recebo o Senhor na Santa Eucaristia. Desde o meu sacerdócio, entretenho-me familiarmente com Ele. Que progressos tenho eu feito no Seu espírito?

XIII - Jesus no Templo

Que bela e fervorosa oração! Louvor perfeito, universal, acção de graças, reparação total, súplica suprema.

Tudo aí relembra ainda a Jesus a Sua paixão: as blasfémias dos judeus, os sacrilégios, os lugares, as pessoas, os sacerdotes, os escribas, os fariseus: / (78) *Dolor meus in conspectu meo semper*¹⁵² (Sal 37, 18). *Quae Patris mei sunt*¹⁵³ (Lc 2, 49): nada da natureza; só a vontade do Pai, o sacrifício, a imolação.

Devo dizer com Jesus: Sim, mesmo que toda a terra se levante contra mim, é preciso que eu cumpra tudo o que Deus espera de mim, tudo o que Ele me inspira, toda a minha missão: *quae Patris mei sunt* (Lc 2, 49).

¹⁵² NT: A minha dor está sempre diante de mim.

¹⁵³ NT: As coisas que são de meu Pai.

XIV - Os dois estandartes

Eu não sou esquecido nas recomendações de Lúcifer. Ele vê os meus pontos fracos e assinala-os aos seus satélites.

O Senhor previu tudo. S. João anunciou as graças da hora presente. O Coração de Jesus revelou-se a si mesmo, com o seu amor, os seus sofrimentos, a sua chaga mais sensível – o caminho está traçado: é um caminho de amor, de reparação, de imolação, de zelo apostólico para o povo sagrada, para a nação escolhida.

XV - Resoluções

1º - Preparar, nem que seja por um momento apenas, a meditação. Servir-me para isso das palavras do Senhor - Pensar nisso ao deitar-me, durante as insónias, ao acordar.

2º - Preparar-me para a Santa Missa com algumas reflexões relativas à minha vocação. / (79)

3º - Rezar as horas menores e o terço às 6,15 h, - vésperas e o resto às 1,45 h, no oratório ou na capela - atenção literal.

4º - Deveres de estado: às 9,00 h e às 3,00 h, fazer um exame especial.

5º - Exame particular sobre o fim da minha vocação, alguns momentos antes do meio-dia e à noite.

6º - Mortificação habitual nas pequenas coisas: nada de inútil para a boca.

7º - Suprimir totalmente os afectos naturais; tudo no Senhor e para o Senhor.

8º - Caridade nos juízos e nas palavras; exigi-la dos inferiores.

9º - Quanto aos bens materiais, vigilância e confiança em S. José.

XVI - A Ceia, a Agonia, o Calvário.

Sempre humilhação e amor: amar, sacrificar-se, imolar-se.

O Sacerdote é sempre o preferido, e entre todos S. João. Só ele está no Calvário e lá recebe graças especialíssimas. Ele recebe, duma maneira especial, o Coração de Jesus, a sua Mãe e o dom do amor, mas também a dor, o martírio do amor e da reparação.

Ele é o amigo, porque ama fielmente até ao Calvário: *Nemo tam unanimes* (Cf. Sl 54, 14)¹⁵⁴.

Ó S. João, como é invejável a vossa parte! O que não quereria fazer para partilhá-la!

*Trahe me post te, ut saltem fiam discipulis discipuli quem diligebat Jesus. Amen.*¹⁵⁵

¹⁵⁴ NT: Ninguém tão de alma igual!

¹⁵⁵ NT: Arrasta-me atrás de Ti, para que eu seja pelo menos discípulo do Discípulo que Jesus amava. Ámen!

Índice

Apresentação à edição portuguesa. _____	Erro! Marcador não definido.
Introdução _____	1
Cronologia da vida do Padre Dehon (para este sétimo volume) _____	6
1877 _____	6
1878 _____	6
1879 _____	7
1880 _____	7
1881 _____	7
1877: Sexto ano de vicariato _____	8
Fundação da instituição e da congregação _____	8
Viagem a Roma _____	8
A Obra operária _____	10
Festa de 25 de Janeiro _____	10
Festa de 19 de Abril _____	13
S. Clemente _____	16
Liceu _____	16
Jovens _____	16
Oratório Diocesano _____	17
Pregação _____	18
Estudos e leituras _____	19
Correspondência _____	24
A grande questão _____	26
Motivos pelos quais a Congregação foi fundada _____	35
Primeiros passos: São João _____	38
Organização _____	43
Primeiras sombras _____	45
VII período: S. Quintino-Congregação e Instituição 1877-1893 _____	46
Ano lectivo 1877 - 1878 _____	46
Nota geral _____	46
O retiro _____	47
1ª meditação: “Ad quid venisti...” (Mt. 26, 50). _____	47
IIª meditação _____	48

IIIª Meditação	50
IV Meditação:	51
Vª Meditação:	52
VIª Meditação:	53
VIIª Meditação:	54
VIIIª Meditação	55
IXª Meditação	55
Xª Meditação	57
XIª Meditação:	57
XIIª Meditação	58
XIIIª Meditação:	59
S. João: Começo das aulas	61
Espinhos	61
Devoção	62
Conferência de S. Vicente de Paulo	62
Congregação (da SS.ma Virgem)	65
Meses de devoção	66
Estudos	66
L'Aigle (Águia)	67
Morte dum aluno	68
Capela	70
São Leão	71
Primeira comunhão	71
Correspondência da diocese	73
Os prémios.	77
Ampliações.	81
Obras: Patronato.	81
Casa de família: orfanato.	82
jovens.	83
Vicariato	84
Congresso de Soissons	84
A Obra de Soissons	85
Irmã Maria Inácio	88
Vistas sobre a vida Religiosa e sobre a nossa vocação	96
28 de Junho: os meus votos.	103

A Casa do Sagrado Coração. _____	104
Acontecimentos contemporâneos: Morte do Papa. _____	104
Maio: Avanço das ideias Anti-Religiosas; _____	107
O dia 16 de Maio - Centenário de Voltaire. _____	107
Estudos _____	108
Correspondência _____	115
Ano Lectivo 1878 - 1879 _____	117
S. João: Início das aulas _____	117
O Retiro _____	118
Os nossos mortos _____	118
Cartas da Diocese _____	120
Conferência - Lotaria _____	123
As nossas festas _____	123
Os prémios _____	125
As outras obras - Acontecimentos contemporâneos _____	130
Na Igreja _____	132
A obra do S. Coração _____	132
Irmã Maria de Jesus _____	133
9 de Dez 1878: Sítio! Tenho sede! _____	133
27 de Dez. S. João _____	134
O Consummatum est! - Alusão às provações pelas quais a Obra devia passar. _____	134
10 de Outubro de 1878 - A sua conversão e os seus pesares _____	135
21 Nov. 1878 - Hino de Gratidão a S. José _____	138
12 Dez. 1878 Ecce Venio. (Por ocasião da sua profissão) _____	141
A sua morte _____	144
Apontamentos do livrinho da Irmã _____	145
Ano lectivo 1879 - 1880 _____	150
S. João: reabertura e retiro. _____	150
A peregrinação. _____	150
Mons. Mermillod _____	152
Cartas da Cúria Episcopal: _____	153
As nossas festas _____	155
A Academia no Colégio S. João _____	156
Missas Novas _____	160
Os prémios _____	161

Outras Obras _____	162
Acontecimentos contemporâneos - Roma _____	163
França - O Kulturkampf _____	163
Monsenhor Pie _____	164
A Obra do S. Coração - As cruzes do ano _____	165
As vítimas voluntárias _____	166
O Jardim de José de Arimateia doado na Sexta-feira Santa. _____	167
Vocações _____	167
Luzes de oração _____	168
Cartas episcopais _____	170
O meu retiro: 14-19 Setembro 1880 _____	172
Correspondência _____	182
Ano Lectivo 1880 - 1881 _____	185
S. João – Reabertura _____	185
O Rev. José Marchal _____	185
As nossas festas _____	186
Cartas do Sr. Bispo _____	187
Os prémios _____	188
Alunos _____	188
Obras _____	191
Acontecimentos contemporâneos – Roma _____	191
França _____	192
A Casa do s. Coração. Cruzes e consolações _____	193
Vocações _____	193
Agregados _____	194
S. Medardo _____	196
Cartas do Sr. Bispo _____	196
O meu retiro _____	200
I – Importância deste retiro: todos os cristãos deveriam fazer santamente o seu retiro anual! E os sacerdotes! E os religiosos! E eu, que tenho uma tão grave missão! ... Reparação ao Coração de Jesus pelos retiros omitidos ou mal feitos... _____	200
II – Fim do homem. - O meu próprio fim: louvar e servir a Deus - exactamente, totalmente, atentamente - louvá-lo na paz, na alegria, no fervor - amar e consolar o Coração de Jesus. _____	200
III – O fim das criaturas: ajudar o homem a alcançar o seu fim. _____	201
IV – Conclusão Prática _____	201

V – O Triplo pecado _____	201
VI – Obstáculos à perfeição: _____	202
VII - O filho pródigo - Unam petii a / (74) Domino... ut inhabitem in domo Domini omnibus diebus vitae meae (SI 26, 4) _____	203
VIII - O Reino de Jesus Cristo _____	203
IX - Imitação de Jesus Cristo _____	203
X – A Encarnação _____	204
XI - O nascimento de Cristo _____	204
XII – A vida escondida do Senhor _____	205
XIII - Jesus no Templo _____	205
XIV - Os dois estandartes _____	206
XV - Resoluções _____	206
XVI - A Ceia, a Agonia, o Calvário. _____	206
Índice _____	208